



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**CLAIR DA SILVA TEIXEIRA**

**A ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVOS**  
**NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM O USO DA PLATAFORMA**  
**WEB RAPI10**

**FORTALEZA**  
**2019**

CLAIR DA SILVA TEIXEIRA

A ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVOS NO 9º  
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM O USO DA PLATAFORMA WEB  
RAPI10

Dissertação de Mestrado submetida à  
Coordenação do Curso de Mestrado  
Profissional em Letras, da Universidade  
Federal do Ceará, como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Mônica  
Magalhães Cavalcante

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- T265a Teixeira, Clair da Silva.  
A argumentação em textos dissertativo-argumentativos no 9º ano do ensino fundamental com o uso da plataforma web Rapi10 / Clair da Silva Teixeira. – 2019.  
257 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2019.  
Orientação: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.
1. Argumentação. 2. Textos dissertativo-argumentativos. 3. Tecnologia. I. Título.

CDD 400

---

CLAIR DA SILVA TEIXEIRA

A ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVOS NO 9º  
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM O USO DA PLATAFORMA WEB  
RAPI10

Dissertação de Mestrado submetida à  
Coordenação do Curso de Mestrado  
Profissional em Letras, da Universidade  
Federal do Ceará, como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre.

Aprovado em 29/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Suelene Silva Oliveira  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica de Souza Serafim  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta vitória a minha mãe de coração, Juraci Rodrigues de Freitas Jara (in memoriam), que me educou através da pedagogia do exemplo, representando uma figura humana e aguerrida. Agradeço por ter me concedido a possibilidade de ter acesso a uma formação pessoal e educacional de qualidade, contribuindo para que hoje eu consiga finalizar mais um ciclo da minha vida acadêmica, recebendo o título de Mestre.

Dedico este trabalho aos meus pais biológicos, Emídio de Oliveira Teixeira (in memoriam) e Leci Amélia da Silva Teixeira (in memoriam) por terem me proporcionado a vida e, por um gesto de abdicção, terem me permitido o convívio com outra família, que pôde contribuir com meus estudos e formação humana.

Dedico esta grandiosa vitória ao meu companheiro de jornada, meu amor Marcos Aurélio Viana Lima, por me acompanhar em todos os momentos da vida, dando-me forças para continuar, apesar dos desafios, estendendo a mão amiga sempre que precisei. A você, dedico este trabalho como um gesto de gratidão pela partilha e pela torcida para que eu conseguisse finalizar todos os processos do mestrado.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pai soberano de todo o universo e conhecedor de todas as nossas angústias e sofrimento, trazendo-nos a força necessária para seguir.

À orientadora Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, pela maestria com a qual conduziu todo o processo e, com muita humildade, levou-me ao caminho do conhecimento.

Às professoras Dra. Suelene Silva Oliveira e Dra. Mônica de Souza Serafim, que estiveram presentes tanto na Banca de Qualificação, quanto na Banca da Dissertação - duas educadoras que deram grandes e significativas contribuições para o desenvolvimento do trabalho.

A todos os professores do Profletras, pelos momentos únicos de aprendizado e conhecimentos compartilhados. Cada um de uma forma muito específica, será levado comigo nas boas lembranças desta caminhada acadêmica.

Aos colegas da turma 04 do Profletras da UFC, profissionais seletos que fazem a diferença na educação e que, de uma maneira muito humilde colocaram-se à disposição para o auxílio uns dos outros. Como dizem “Os corredores da UFC não serão mais os mesmos sem vocês”. Gratidão ao Fernando, Cleyton, Cleiton, Daniel, Daniele, Nágela, Lidiane, Camila, Márcia, Simone, Aline, Paula, Claudiane e Vera.

Ao Coordenador Geral da 7ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação - CREDE 07 Canindé, Prof. Me. Paulo Alexandre Sousa Queiroz, a quem sou muito grata por todo o apoio prestado nesta trajetória acadêmica e a quem reconheço e prezo pelos valores pessoais e profissionais.

À tia Julia, Juliana e Juciana pela bondade e maneira carinhosa pela qual me acolheram na instituição e confiaram a mim a responsabilidade de compartilhar de momentos de experiências que serviram sobremaneira para que o projeto tivesse êxito.

Ao educador Carlos Estêvão Bastos Sousa, pela parceria existente na implementação da plataforma *web* Rapi10, ferramenta pedagógica importante para a realização das atividades desenvolvidas nesse trabalho, bem como em diversas instituições de ensino parceiras.

Aos educadores da EEEP José Vidal Alves, externalizo a minha gratidão, pois de uma forma ou outra contribuíram para que eu conseguisse realizar este sonho: tornar-me MESTRE. Reconheço o apoio incontestável dos meus amigos de jornada, educadores de excelência, com os quais eu aprendo a cada dia. Este processo serviu-me para compreender o quão somos pequenos diante do universo de conhecimento e que, por mais difícil que seja a caminhada, esta é minimizada pela força daqueles que nos querem bem.

Sem horas e sem dores  
Respeitável público pagão  
Bem-vindo ao Teatro Mágico  
Sintaxe à vontade  
Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser  
Todo verbo é livre para ser direto e indireto  
Nenhum predicado será prejudicado  
Nem a frase, nem a crase e ponto final!  
Afinal, a má gramática da vida nos põe entre pausas, entre  
vírgulas  
E estar entre vírgulas pode ser aposto  
E eu aposto o oposto: Que vou cativar a todos  
Sendo apenas um sujeito simples  
Um sujeito e sua oração, sua prece  
Que a regência da paz sirva a todos nós  
Cegos ou não  
Que enxerguemos o fato  
De termos acessórios para nossa oração  
Separados ou adjuntos, nominais ou não  
Façamos parte do contexto  
E de todas as capas de edição especial  
Sejamos também a contracapa  
Porque ser a capa e ser contracapa  
É a beleza da contradição  
É negar a si mesmo  
E negar a si mesmo  
Pode ser, também, encontrar-se com Deus  
Com o teu Deus  
Sem horas e sem dores  
Que nesse momento que cada um se encontra aqui agora  
Um possa se encontrar no outro  
Até porque  
Tem horas que a gente se pergunta  
Por que é que não se junta  
Tudo numa coisa só?

Sintaxe à vontade – O Teatro Mágico

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa, intitulado *A argumentação em textos dissertativo-argumentativos no 9º ano do ensino fundamental com o uso da plataforma web Rapi10*, foi desenvolvido no município de Canindé/CE. A problemática que deu origem à pesquisa foi a inquietação como professora de Língua Portuguesa em relação à defasagem apresentada por estudantes da Educação Básica no que tange a aspectos relacionados à argumentação. A carência quanto à argumentação torna-se bastante evidente em função da realização de uma redação do gênero dissertativo-argumentativo durante o processo do Enem, ao término da Educação Básica. O referido exame apresenta 5 competências. Interessam-nos as competências II – que trata da compreensão da proposta e da estrutura da redação, III – que trata da forma como selecionamos, relacionamos, organizamos, e interpretamos informações e fatos em defesa de um ponto de vista, e IV – que trata do uso dos mecanismos linguísticos para a construção do argumento. Para nossa pesquisa, utilizamos como principais referenciais teóricos Perelman e Tyteca (2005), que tratam da Nova Retórica, embasada na retórica de Aristóteles; Adam (2011, 2019), que trata dos conceitos de sequências textuais, e Koch e Elias (2004, 2015a, 2015b, 2015c, 2015d, 2016, 2017a, 2017b e 2017c), que dão um tratamento didático a questões que permeiam a linguística textual. Na metodologia do estudo, foi utilizada a pesquisa-ação como instrumento de realização do trabalho, por entendermos ser o método mais indicado para aprimorar o ensino. Dada a relevância do uso das tecnologias em prol da educação, durante a aplicação das atividades, utilizamos a ferramenta web Rapi10, idealizada pela pesquisadora, com uma turma de 9º ano composta por 18 estudantes. Além de intensificar as produções a partir de uma maior produtividade dada à agilidade na correção e à devolutiva aos estudantes, funciona como apoio pedagógico para o ensino do gênero dissertativo-argumentativo. Além disso, serve de acompanhamento pedagógico por intermédio de gráficos e os relatórios em PDF gerados pelo próprio sistema. O resultado do trabalho apresentou-se bastante significativo, uma vez que, na primeira produção, a média geral das notas foi de 444,39 pontos e, após o trabalho desenvolvido, subiu para 708,61 pontos, sendo evidenciada a melhoria das estratégias argumentativas nas competências II, III e IV, como a presença de uma tese e de argumentos que visavam à sua defesa, uma melhor seleção, organização e hierarquização destes e uma variedade quanto ao uso de mecanismos linguísticos variados.

Palavras-chave: Argumentação - Textos dissertativo-argumentativos - Tecnologia

## ABSTRACT

The work of research, entitled *The argumentation in dissertative-argumentative texts in the 9th grade of elementary school using the Rapi10 web platform*, was developed in the city of Canindé/CE. The problematic that gave rise to the research was the concern as a teacher of Portuguese Language regarding the gap presented by students of Basic Education regarding aspects related to argumentation. The lack of argumentation becomes quite evident due to the accomplishment of an essay of the dissertative-argumentative genre during the Enem process, at the end of Basic Education. This exam has 5 competences. We are interested in competencies II - which deals with understanding the proposal and the structure of the wording, III - which deals with the way we select, relate, organize, and interpret information and facts in defense of a point of view, and IV - which deals with of the use of linguistic mechanisms to construct the argument. For our research, we used as main theoretical references Perelman and Tyteca (2005), who deal with the New Rhetoric, based on Aristotle's rhetoric; Adam (2011, 2019), who deals with the concepts of textual sequences, and Koch and Elias (2004, 2015a, 2015b, 2015c, 2015d, 2016, 2017a, 2017b and 2017c), who give a didactic treatment to questions that permeate the textual linguistics. In the methodology of the study, action research was used as an instrument to perform the work, as we understand it to be the most suitable method to improve teaching. Given the relevance of the use of technologies for education, during the application of the activities, we use a web tool Rapi10, idealized by the researcher, with a 9th grade class consisting of 18 students. In addition to intensifying the productions from a higher productivity due to agility in correction and feedback to students, it works as a pedagogical support for the teaching of the dissertative-argumentative genre. In addition, it serves as a pedagogical accompaniment through graphs and PDF reports generated by the system itself. The result of the work was very significant, since, in the first production, the average grade was 444.39 points and, after the work developed, increased to 708.61 points, evidencing the improvement of the argumentative strategies in the competences II, III and IV, such as the presence of a thesis and arguments aimed at its defense, a better selection, organization and hierarchy of these and a variety regarding the use of diverse linguistic mechanisms.

Keyword: Argumentation – Dissertative-argumentative texts – Technology

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Operadores argumentativos.....	38
Quadro 2 - Estratégias de coesão referencial e sequencial.....	99
Quadro 3 - Contexto histórico das redações do Enem.....	111
Quadro 4 - Matriz de Referência da Competência II.....	115
Quadro 5 - Matriz de Referência da Competência III.....	117
Quadro 6 - Quadro esquemático da coesão referencial e sequencial.....	120
Quadro 7 - Tipos de operadores argumentativos.....	122
Quadro 8 - Diferença entre Classe argumentativa e Escala argumentativa.....	123
Quadro 9 - Funções dos articuladores textuais.....	124
Quadro 10 - Matriz de Referência da Competência IV.....	125
Quadro 11 - Redação diagnóstica (conceitos adequados/inadequados quanto ao assunto tratado).....	148
Quadro 12 - Redação final (conceitos adequados/inadequados quanto ao assunto tratado).....	150
Quadro 13 - Redação diagnóstica (ausência da Tese Inicial).....	152
Quadro 14 - Redação final (exemplos de Tese Inicial).....	152
Quadro 15 - Redação diagnóstica (Ausência das três partes que constituem o texto).....	155
Quadro 16 - Redação final (exemplo de Redação com as três partes que constituem o texto).....	156
Quadro 17 - Argumentos com partes embrionárias.....	157
Quadro 18 - Redação com partes com produção completa.....	158
Quadro 19 - Ausência de repertório sociocultural.....	160
Quadro 20 - Presença de repertório sociocultural.....	160
Quadro 21 - Dificuldade quanto à seleção, relação, organização e interpretação de dados e informações do aluno M.....	163
Quadro 22 - Evolução quanto à seleção, relação, organização e interpretação de dados e informações do aluno M.....	165
Quadro 23 - Recorrência de elementos coesivos.....	167
Quadro 24 - Diversidade de elementos coesivos.....	168
Quadro 25 - Presença de operadores argumentativos.....	168
Quadro 26 - Ausência ou insuficiência de recursos coesivos.....	169
Quadro 27 - Presença de recursos coesivos variados.....	169

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tipos de textos e respectivos procedimentos cognitivos.....	31
Figura 2 - Esquema de uma sequência narrativa .....	35
Figura 3 - Esquema de sequência argumentativa.....	37
Figura 4 - Estruturação Esquemática da Retórica de Aristóteles.....	56
Figura 5 - Esquema das categorias da Teoria da Argumentação no Discurso.....	64
Figura 6 - Tipos de argumentos .....	102
Figura 7 - Etapas da pesquisa-ação.....	105
Figura 8 - Layout do Rapi10: plataforma de correção de redações – página principal .....	128
Figura 9 - Instituições parceiras no uso da ferramenta .....	128
Figura 10 - Socialização a partir de dados das redações do Enem e ambiente para login e senha .....	129
Figura 11 - Passo a passo para logar no sistema.....	129
Figura 12 - Fale conosco (espaço para dúvidas, sugestões e reclamações) .....	130
Figura 13 - Ranking virtual.....	130
Figura 14 - Página principal – página do estudante.....	131
Figura 15 - Propostas de redação .....	131
Figura 16 - Espaço para o envio do arquivo (imagem da redação) .....	132
Figura 17 - Redações postadas.....	132
Figura 18 - Feedback das correções com a nota final .....	132
Figura 19 - Feedback com as devolutivas por competência .....	133
Figura 20 - Discriminação das notas a partir da Matriz de Referência do Enem .....	133
Figura 21 - Sugestões pedagógicas para alunos e professor .....	134
Figura 23 - Ranking das redações.....	135
Figura 24 - Pesquisar redações pelo nome do aluno ou pelo título .....	136
Figura 25 - Relação de redações que já foram corrigidas.....	136
Figura 26 - Devolutiva pedagógica através de relatório de notas em PDF ou gráficos de desempenho.....	136
Figura 27 - Acompanhamento das notas.....	137
Figura 28 - Gráficos de rendimento .....	137
Figura 29 - Ambiente para cadastrar estudantes que irão utilizar a plataforma.....	138
Figura 30 - O ambiente de correção.....	138
Figura 31 - Mensagem de texto .....	139

Figura 32 - Alternativa para grifar o texto .....	139
Figura 33 - Grade de correção .....	140
Figura 34 - As competências.....	140
Figura 35 - Critérios de anulação da redação.....	141
Figura 36 - Ferramentas de correção .....	141
Figura 37 - Quadro Tópico do aluno M.....	164
Figura 38 - Relatório obtido através da plataforma .....	170
Figura 39 - Opções de tipos de gráficos.....	171

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Questionário aplicado com os alunos sobre o uso de uma plataforma web para correção de redação durante a aplicação das atividades da pesquisa.....	127
Gráfico 2 - Dificuldade observada: conceito incorreto dos termos homossexualismo/ homossexualidade/ homofobia.....	148
Gráfico 3 - Diferença média na competência III .....	162
Gráfico 4- Diferença média na competência IV .....	166
Gráfico 5 - Comparativo entre a primeira e última redação .....	172
Gráfico 6 - Comparativo entre a primeira e última redação (continuação) .....	172
Gráfico 7 - Comparativo entre a primeira e última redação (continuação) .....	173

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>2</b>	<b>O TEXTO COMO OBJETO DE ESTUDO</b> .....	28
<b>2.1</b>	<b>Sequências Textuais</b> .....	30
<b>2.1.1</b>	<i>Sequência Argumentativa</i> .....	36
<b>2.2</b>	<b>Construindo o conceito de gênero</b> .....	44
<b>2.2.1</b>	<i>O gênero dissertativo-argumentativo</i> .....	50
<b>3</b>	<b>A RETÓRICA: BREVES PERCURSOS HISTÓRICOS</b> .....	53
<b>3.1</b>	<b>A Nova Retórica</b> .....	58
<b>3.1.1</b>	<i>As Condições para argumentação eficiente: o acordo prévio e os lugares da argumentação</i> .....	61
<b>3.1.2</b>	<i>A arte de argumentar: técnicas argumentativas – os silogismos</i> .....	65
<b>3.1.3</b>	<i>Tipos de maus argumentos: as falácias</i> .....	84
<b>4</b>	<b>A ARGUMENTAÇÃO NA ESCOLA</b> .....	89
<b>4.1</b>	<b>A argumentação no texto dissertativo-argumentativo</b> .....	94
<b>4.2</b>	<b>A Autoria no processo de argumentação</b> .....	100
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	104
<b>5.1</b>	<b>Competências do Enem</b> .....	110
<b>5.1.1</b>	<i>Competência II</i> .....	114
<b>5.1.2</b>	<i>Competência III</i> .....	116
<b>5.1.3</b>	<i>Competência IV</i> .....	118
<b>5.2</b>	<b>As etapas da intervenção</b> .....	126
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	147
<b>6.1</b>	<b>A atividade de sondagem x produção final</b> .....	147
<b>6.1.1</b>	<i>Análise sob o ponto de vista da competência II</i> .....	147
<b>6.1.2</b>	<i>Análise sob o ponto de vista da competência III</i> .....	161
<b>6.1.3</b>	<i>Análise sob o ponto de vista da competência IV</i> .....	166
<b>6.2</b>	<b>Evidências através da plataforma web Rapi10</b> .....	170
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	175
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	180
	<b>ANEXOS</b> .....	184
	<b>APÊNDICES</b> .....	224

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu da inquietação a partir da nossa experiência como professora de língua portuguesa, ao perceber a grande dificuldade e a falta de habilidade apresentadas pelos estudantes nas produções textuais argumentativas. Desta maneira, propõe-se a apresentar um referencial teórico que permita ampliar a compreensão acerca de fatores que colaboram para o bom desenvolvimento de um texto dissertativo-argumentativo, recorrentemente proposto pelas escolas. A proposta desta dissertação é trazer à tona discussões referentes ao que existe sobre o tema a ser investigado: a construção de textos dissertativo-argumentativos, acreditando na importância da associação entre teoria científica e prática pedagógica para o sucesso de um trabalho bem fundamentado e, assim, minimizar as dificuldades encontradas no espaço escolar. Não se limita unicamente a apresentar e elencar itens dentro do contexto da argumentação em textos, mas tem por finalidade refletir sobre a forma como esse assunto pode ser tratado na escola.

Alguns estudos têm contribuído para que haja uma ampliação acerca das discussões que permeiam a argumentação em textos, como Castro (2017) e Melo (2018). Como exemplo, podemos citar o trabalho de Castro (2017), que tratou da construção da argumentação em redações do 9º ano do Ensino Fundamental produzidas no contexto do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp). A indagação inicial surgiu da necessidade de pesquisar como se organizam as sequências textuais argumentativas e como se utilizam os operadores argumentativos na construção de textos dissertativo-argumentativos a partir de trinta textos, selecionados de um conjunto de cem produções.

O nosso trabalho se diferencia do de Castro porque, apesar de trabalhar com alunos do 9º ano do ensino fundamental, visando à argumentação em uma avaliação externa assim como o Enem, o foco do nosso estudo são competências bem específicas quanto à argumentação, que são a II, III e IV. Já a proposta de investigação de Castro diz respeito à utilização de operadores argumentativos em textos.

Já os estudos de Mello (2018) apontaram a necessidade de ensino do texto dissertativo-argumentativo nas escolas brasileiras, investigando a retórica como forma de contribuir para tornar o aluno mais capacitado para a produção escrita desse gênero textual. Este estudo objetivou a elaboração de uma metodologia para o ensino da dissertação, aplicando, com as devidas adaptações, a teoria proposta pela retórica clássica — utilização dos progymnasmata — às circunstâncias atuais.

Apesar da importância desse estudo para o trabalho com a argumentação (retórica) e da sua relevância pedagógica, porque criou uma estratégia pedagógica para sanar os problemas

argumentativos, ele se distancia, no entanto, de nosso trabalho. Embora esse trabalho tenha apresentado a retórica no começo da pesquisa, ele só ataca uma das causas a serem estudadas no processo. Porém, nossa pesquisa é voltada para o Ensino Fundamental e não o Ensino Médio, e também tem uma metodologia diferenciada: a presença de uma plataforma *web* intitulada Rapi10, que foi associada ao trabalho desenvolvido acerca da correção e material pedagógico.

Diante de uma sociedade letrada, o ensino de produção textual deve levar em consideração as competências comunicativas do estudante, o que se torna um grande desafio para a escola. Um dos principais documentos norteadores dos professores de língua portuguesa no Ensino Fundamental são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que apresentam, em seus critérios de avaliação, a necessidade de o professor promover aulas que contemplem a produção de textos escritos que devem levar em consideração, além das características do gênero, a utilização de recursos coesivos básicos, para formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes.

Segundo os PCN para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1998), um dos objetivos do ensino de língua portuguesa para o ensino fundamental na segunda etapa é o planejamento prévio do discurso, a coerência na defesa de pontos de vista e na apresentação de argumentos e o uso de procedimentos de negociação de acordos necessários ou possíveis. Ao nos depararmos com esse objetivo bem definido para as séries finais do ensino fundamental, percebemos o quanto é necessário um trabalho com textos argumentativos, de maneira a possibilitar aos estudantes uma compreensão maior sobre o processo de argumentação e a maneira como as ideias devem estar articuladas no texto.

Em consonância com o documento citado, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2018) é um documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996). A BNCC estabelece conhecimentos, habilidades e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Ela é orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

No ano de 2014, tivemos a aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), que indicou 20 metas de melhoria da qualidade da educação nacional que deveriam nortear políticas públicas no decênio 2014-2024. O PNE (BRASIL, 2014) foi um documento decisivo na

construção da BNCC, pois a mencionava como essencial para o avanço na qualidade da educação, em duas de suas metas; a 2, sobre o Ensino Fundamental e a 3, sobre o Ensino Médio. Assim, é iniciada em 2015 a produção da BNCC. A primeira versão foi publicada em setembro do mesmo ano. Em 2016, iniciou-se o processo de consulta pública que culminou na segunda versão do documento. Em 2017, a BNCC é homologada, tratando da educação infantil e do ensino fundamental, pois a versão para o ensino médio apresentava-se em processo de conclusão.

O documento tem por objetivo discutir e nortear o que é ensinado nas escolas do território nacional, englobando todas as fases da educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e visando à elaboração de um currículo específico, mas que leve em consideração as particularidades metodológicas, sociais e regionais. O currículo desta amplitude precisa estar conectado a diferentes saberes e fazeres que emanam de uma sociedade altamente marcada pelo conhecimento, pela globalização, pelos diferentes usos e produção de conhecimentos demandados pelas novas tecnologias, pela intervenção direta do sujeito na sociedade, pelo respeito às diferenças inerentes aos seres humanos. Desta forma, a BNCC define as 10 competências gerais que precisam ser desenvolvidas ao longo da Educação Básica. Elas estão relacionadas ao desenvolvimento integral do indivíduo, para que este se torne um sujeito social que possa intervir na sociedade, agir de forma autônoma, comunicar seus conhecimentos, suas experiências, suas opiniões, produzir novos conhecimentos utilizando diferentes linguagens, entre outras ações. São 10 as competências gerais da BNCC: 1 - conhecimento; 2 - pensamento científico, crítico e criativo; 3 - repertório cultural; 4 - comunicação; 5 - cultura digital; 6 - trabalho e projeto de vida; 7 - argumentação; 8 - autoconhecimento e autocuidado; 9 - empatia e cooperação e 10 - responsabilidade e cidadania. “Trata-se de uma espécie de referência dos objetivos de aprendizagem de cada uma das etapas de sua formação” (BRASIL, 2018, p 24). Nosso trabalho está diretamente interligado a duas competências gerais da BNCC, uma vez que trata de situações de argumentação (em textos) - competência 07, com o auxílio de ferramenta tecnológica - competências 05.

O texto traz orientações claras sobre o desenvolvimento de competências gerais da disciplina de Língua Portuguesa para o ensino fundamental. Segundo ele, o estudante deverá ser preparado para uma argumentação consciente, sendo baseada em dados, informações que sejam confiáveis, tendo em vista poder negociar e defender ideias para a defesa de um ponto de vista que promova os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, posicionando-se de forma ética em relação ao cuidado de si, dos outros e do planeta.

Mais à frente, a BNCC (BRASIL, 2018) retrata as habilidades esperadas para o final do ensino fundamental na disciplina de Língua Portuguesa, que seriam utilizar na escrita ou

reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre os parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática.

Fazendo referência ao uso de tecnologias, o documento cita que se deve “Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética para comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria” (BRASIL, 2018, p.150). Uma grande parte dos educadores nasceram em época em que as práticas pedagógicas restringiam-se à memorização de fatos e conteúdos, sem a devida socialização e aplicabilidade. No entanto, nossos alunos nasceram *nativos digitais*. Diante disso, a cultura e a produção de conhecimentos estão intimamente ligadas ao mundo digital, portanto, a utilização de tecnologias no âmbito escolar passa a ser bastante significativa, uma vez que o seu uso perpassa todas as áreas do conhecimento, e isso agrega valor ao ensino de produção textual.

Quando se fala em produção textual, sabe-se que uma das abordagens teóricas que mais têm contribuído para o ensino de compreensão e produção de textos é a Linguística Textual. Para essa abordagem, como afirma Koch (2016), o texto passou a ser percebido como um lugar de interação, vindo o interlocutor a ser um sujeito ativo à medida que o texto se desenvolve. Assim, para que um texto seja considerado como texto, existem alguns fatores ou elementos que são responsáveis pela textualidade, tais como informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade, coerência e coesão. A seguir, serão apresentados esses princípios de textualidade, a partir de uma interligação com as 5 competências cobradas na Redação do Enem e que serão melhor apresentadas no decorrer do texto:

- a. Coerência: diz respeito à presença de um sentido harmônico entre os enunciados que formam um texto e é o princípio mais relevante para uma produção textual, sobretudo a de textos dissertativo-argumentativos.
- b. Coesão: é muito importante para a construção da argumentação. A coesão pode estar marcada no cotexto por meio de pronomes, advérbios, conjunções, sinônimos, antônimos etc.
- c. Informatividade: esse princípio de textualização está relacionado ao grau de previsibilidade do texto. Quanto mais previsível, menos informativo. Ao analisar um texto dissertativo-argumentativo, o seu avaliador espera que o aluno saia do senso comum e passe a se beneficiar da visão de mundo para argumentar sobre a situação-problema do tema.

d. Intencionalidade: diz respeito ao desafio do produtor do texto em construir um discurso coerente, capaz de satisfazer os objetivos que têm em mente. A intenção do seu texto é expor a sua tese, argumentar sobre ela no desenvolvimento e concluir com uma proposta de intervenção, no texto dissertativo-argumentativo.

e. Aceitabilidade: refere-se à expectativa do receptor de que o texto que está sendo lido seja útil e relevante.

f. Situacionalidade: o princípio diz respeito à adequação do texto a uma situação e se refere ao conhecimento da situação comunicativa e às suas regras.

g. Intertextualidade: é a relação entre textos, os quais nunca são neutros. Sempre existe a presença de um texto dentro do outro. A intertextualidade pode ser explícita, quando a fonte é mencionada, ou implícita, quando não há menção da fonte. Assim, ao fazer uso do conhecimento enciclopédico, construído ao longo da vida, estaremos fazendo uso da intertextualidade.

Para nós, o que interliga todos esses elementos de textualização é a motivação argumentativa, completamente integrada aos princípios de coerência textual. São frequentes os momentos em que utilizamos argumentações relacionadas com os nossos atos, conhecimentos ou desejos. A construção da argumentação em textos que visam à defesa de uma opinião central, ou tese, requer a utilização de um conhecimento sobre a forma composicional desses textos. A essa forma composicional, Adam (2011) chamou de *sequências textuais*. A sequência textual que nos interessa para a proposta de ensino de textos dissertativo-argumentativos exigidos pelo Enem é a sequência argumentativa. É, então, a sequência textual argumentativa que se configura como a dominante em textos de apreciação crítica e em textos de opinião. Pela importância que assume no desenvolvimento do raciocínio e do discurso estruturados e do espírito crítico nos jovens, e em qualquer cidadão, o texto dissertativo-argumentativo padronizado pelo Enem será o foco do nosso trabalho, haja vista as suas particularidades e as lacunas existentes na produção de textos argumentativos no ensino fundamental.

Decidimos, neste trabalho, preservar a designação de “gênero” dissertativo-argumentativo, tal como é apresentado no guia do candidato do Enem, embora saibamos que a composição “dissertativo-argumentativa” corresponde ao que a Linguística Textual chama de sequência textual argumentativa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A prova de redação exigirá a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade. Na redação, deverá ser defendida uma tese – uma opinião a respeito do tema proposto –, apoiada em argumentos consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. O texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua

Atualmente, o gênero dissertativo-argumentativo tem sido muito trabalhado nas escolas de Ensino Médio pelo fato de ser cobrado no Enem, hoje considerado o principal acesso ao Ensino Superior, sobretudo no ensino público. Pela dimensão que esse exame tem tomado dentro das escolas de nível médio, resolvemos dar um melhor tratamento a esse gênero no 9º ano do ensino fundamental, de maneira a fazer com que os estudantes possam ter acesso cada vez mais cedo a ele. É absolutamente importante que o aluno se aproprie da estrutura desse texto e que aprenda a argumentar para defender um ponto de vista de maneira coerente.

Outro aspecto que nos levou a nos debruçarmos sobre este assunto foi o fato de os livros didáticos do 9º ano tratarem do assunto de uma forma muito reduzida e pouco colaborativa dentro do processo de construção de um texto do gênero dissertativo-argumentativo. Observamos que são poucas as obras que trazem esse gênero para ser tratado no ensino fundamental e, quando o trazem, é de uma forma muito superficial, deixando lacunas dentro do processo de uma proposta que seja efetiva na construção e organização das ideias do ponto de vista argumentativo.

Quando a proposta dissertativo-argumentativa é tratada dentro do livro didático do ensino fundamental, aparece no final do material, cabendo ao professor pouco tempo para trabalhar um gênero tão complexo quanto à estrutura. A nosso ver, este é um dos principais fatores que levam à dificuldade de um estudante de ensino fundamental a desenvolver tais habilidades dadas as circunstâncias do tempo. Assim, acreditamos que quanto antes o estudante tiver acesso a tal gênero, e quanto mais souber lidar com a seleção, hierarquização e organização dos argumentos, maiores serão as suas possibilidades de sucesso em etapas futuras, sobretudo no Enem, que lhe permite o acesso ao ensino público superior.

Cotidianamente nos colocamos em situações em que temos que tomar decisões, defender um ponto de vista, justificar, entre outras situações. No entanto, em condições formais, sejam elas, orais ou escritas, emergem dificuldades, uma vez que estas ações requerem um planejamento e uma habilidade linguística complexa.

No ano de 2017, foi idealizada pela autora deste trabalho, com o apoio de educador da Base Técnica do Eixo Informação e Comunicação de uma escola de ensino médio onde atuam, uma plataforma *web* de correção de redações intitulada *Rapi10*, estruturada para que fosse feita a correção de redações do gênero dissertativo-argumentativo baseada nas 05 competências cobradas no Enem<sup>2</sup>. Esta plataforma foi hospedada na *web* e pode ser encontrada no endereço

---

portuguesa. Deverá, também, elaborar uma proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto que respeite os direitos humanos (INEP, 2018, p. 07).

<sup>2</sup> Competência 01- demonstrar domínio da norma culta formal da língua portuguesa, competência 02- compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa; competência 03- selecionar, relacionar, organizar

eletrônico [eepjosevidalalves.com](http://eepjosevidalalves.com). Além de servir para correção, a plataforma foi criada com o intuito de incentivar os estudantes ao uso das tecnologias em prol da aprendizagem, bem como facilitar as aulas de redação com a presença de aulas pré-elaboradas e colocadas no ambiente virtual, tratando de situações de como construir a estrutura da redação e importantes dicas dentro do processo.

Essa ferramenta foi uma maneira encontrada para que, a partir das aulas de redação de língua portuguesa, houvesse um *feedback* aos estudantes quanto às suas produções textuais. Assim, compete ao estudante, após redigir sobre um tema específico, postar a imagem de sua redação na plataforma de correção. Através da plataforma, o professor de língua portuguesa tem a oportunidade de corrigir a redação, utilizando-se de materiais pedagógicos dentro da própria ferramenta que o ajudem no processo de correção, tais como marcador de texto, balões de fala e a gravação de áudios. Desta maneira, após corrigir as redações a partir das 05 competências, o professor dará uma pontuação que varia de 0 (zero) a 200 (duzentos), conforme estruturado pelas redações feitas no Enem. Ao final da correção, o estudante tem acesso às suas notas por competência, a nota geral, mas também às justificativas individualizadas sobre cada nota.

A ferramenta de correção foi adotada também pela instituição de ensino fundamental em que trabalhamos atualmente e por outras (rede pública e particular) e de ensino médio (jurisdição da 7ª Crede e Colégios de Fortaleza), a partir da socialização dos aspectos positivos quanto à sua utilização, que foi o tempo de correção das redações, uma devolutiva personalizada e a compreensão por parte dos estudantes da proposta dissertativo-argumentativa, bem como a visibilidade quanto às cinco competências que são cobradas nas redações do Enem. Percebeu-se, portanto, que a dimensão que a ferramenta tomou foi em vista da dificuldade que os educadores encontram ao trabalhar com o gênero, dificuldade apresentada nos ensinos fundamental e médio.

Este trabalho, no entanto, será pautado nas competências II (que diz respeito a compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa), na competência III do Enem (que trata de selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista) e da competência IV (que trata de demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a

---

e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista; competência 04- demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação e competência 05- elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos. (INEP, 2018, p.08)

construção da argumentação). Embora o Enem se guie por 05 competências, conforme mencionamos, selecionamos as competências II, III e IV, por elas estarem diretamente associadas a um dos elementos de textualidade a ser tratado durante o desenvolvimento deste projeto, que é a coerência textual, fator associado ao desenvolvimento de textos argumentativamente mais eficazes.

A ferramenta é totalmente estruturada para a correção e elaboração de textos dissertativo-argumentativos. No entanto, é importante salientar que foi aperfeiçoada de modo a contemplar um trabalho ainda mais focado para que dê conta de auxiliar na produção de textos desenvolvidos a partir de técnicas de argumentação, contra-argumentação e conclusão. Assim, foram acrescentados à ferramenta espaços de construção nessas três vertentes citadas acima: argumentação, contra-argumentação e conclusão, baseadas em Koch e Elias (2017c), possibilitando ao aluno programar-se melhor antes de escrever, tanto com relação à estrutura do texto quanto em relação às ideias desenvolvidas nele.

Tendo em vista a necessidade de desenvolvermos um trabalho que consiga proporcionar aos estudantes do 9º ano do ensino fundamental uma maior habilidade ao escrever textos bem elaborados, com argumentações bem estruturadas e levando em consideração, portanto, a coerência, tivemos na plataforma que foi utilizada durante o presente trabalho, acesso às três principais estruturas do texto dissertativo-argumentativo: argumentação, contra-argumentação e conclusão. Foram apresentadas, na plataforma, algumas estratégias que possibilitaram aos estudantes compreender e perceber quais são os elementos que não devem faltar na sua produção textual, bem como estratégias que os façam produzir um texto mais bem elaborado, conforme proposta de Koch e Elias (2017c), o que será melhor detalhado mais à frente no referencial teórico que trata de sequência argumentativa.

Diante do exposto, pensamos em desenvolver habilidades escritas em estudantes de 9º ano, partindo de uma proposta de ensino de produção textual que contemple o uso de estratégias argumentativas no desenvolvimento de uma redação escolar “dissertativo-argumentativa”, para melhorar o desempenho dos alunos na escrita desse gênero. A partir daí, realizar o acompanhamento da aplicação a alunos de 9º ano, com o auxílio de uma ferramenta *web* de ensino de produção textual que desenvolva habilidades de escrita de textos argumentativos. A ferramenta estimula o uso de técnicas argumentativas para introduzir a tese e para desenvolver argumentos favoráveis ao ponto de vista previamente definido. Também orienta quanto à construção de argumentos contrários à tese e ao uso de estratégias de conclusão da redação que confirmem a tese defendida, conforme sugestões de Koch e Elias (2017c), como um recurso que possa auxiliá-los na produção de textos argumentativamente mais eficazes.

A importância desse trabalho se dá pela falta de articulação em produções textuais argumentativas de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental tendo em vista a forma como elas vêm sendo cobradas: focalizando principalmente a gramática em detrimento da coerência do texto. Assim, faz-se necessário um trabalho dirigido, sobretudo com as competências II, III e IV que tratam diretamente da coerência e da argumentação textual. Uma das grandes dificuldades do aluno é a apresentação da tese, que guiará a seleção, hierarquização e organização dos argumentos, os quais serão distribuídos em tópicos. Por isso, uma orientação do professor, acompanhada por uma plataforma *web* que ensine a utilizar técnicas de introdução do tema e da tese é fundamental para o planejamento do texto dissertativo-argumentativo.

A falta de conhecimento quanto à estrutura composicional do gênero dissertativo-argumentativo, assim como o reconhecimento dos aspectos textuais, linguísticos e discursivos desse gênero, poderá contribuir para minimizar as principais dificuldades dos alunos em sua produção textual. É possível comprovar que o ensino de estratégias de desenvolvimento de argumentos favoráveis e contrários à tese, além de estratégias de conclusão, por meio de uma plataforma *web*, pode melhorar bastante o desempenho dos alunos na elaboração de textos dissertativo-argumentativos pautados pelos critérios de avaliação do Enem.

Um fator considerável a ser colocado é a utilização do uso de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem. Nossos alunos fazem parte de uma geração mergulhada em recursos tecnológicos. Compete ao educador fazer bom uso desta habilidade de lidar com a internet e contemplá-la nos recursos metodológicos, haja vista a necessidade de atualização constante e o fato de tornar a aprendizagem mais agradável e significativa.

O desafio para os estudantes do ensino médio de escrever textos com argumentos bem elaborados se dá em virtude da falta de familiaridade com o gênero dissertativo-argumentativo, e essas dificuldades podem ser amenizadas com um trabalho dirigido no ensino fundamental.

Assim sendo, nosso trabalho concentra as suas atividades baseadas nos pressupostos da Linguística Textual (LT) por ver, no texto, o destaque proporcionado a partir do conhecimento sobre a linguagem oriundo de contextos singulares, tomando-o como objeto de análise.

O trabalho apresenta-se organizado em sete capítulos. No capítulo 01 apresentamos o nosso objeto de estudo e o público da pesquisa, traçando um paralelo entre o objetivo e o aporte teórico utilizado. No capítulo 02 tratamos do texto como objeto de estudo, apresentando o conceito de sequências textuais, sobretudo a sequência argumentativa, bem como trazendo o conceito de gênero textual, focando no dissertativo-argumentativo. O capítulo 03 faz um breve apanhado acerca da estrutura e função do Enem, sobretudo as competências II, III e IV, por irem

ao encontro do foco da pesquisa, que é a argumentação. No capítulo 3, são abordados conceitos da nova retórica, esmiuçando conceitos significativos para a pesquisa, como as condições para a argumentação eficiente, os tipos de argumentos e as técnicas argumentativas. O capítulo 4 trata da argumentação na escola, sobretudo no texto dissertativo-argumentativo, e aborda o processo de autoria em textos. No capítulo 5, que trata da metodologia do trabalho, é feita uma abordagem acerca das 3 competências que são foco deste estudo, a II, III e IV, especificando todas as etapas da dissertação, que foram desde a escolha do tema, a sondagem e a sua versão final das redações com o suporte de uma plataforma *web*, a partir das competências II, III e IV. O capítulo 6 trata da análise dos dados, fazendo um paralelo entre a redação diagnóstica e a redação final, apresentando as evidências da melhoria na qualidade das produções com foco nas competências II, III e IV, especificando as atividades que foram sendo feitas para que se chegasse à versão final. Por fim, temos no capítulo 7 a conclusão, que apresenta algumas reflexões e descobertas que foram sendo evidenciadas ao longo da pesquisa.

## 2 O TEXTO COMO OBJETO DE ESTUDO

Já existiram sociedades ágrafas, porém, na atualidade, a escrita está imbricada em todos os processos da vida em sociedade, seja pelo fato de sermos constantemente solicitados a produzir textos escritos, seja pelo fato de sermos solicitados a ler textos escritos. Dessa forma, a escrita foi se tornando ao longo do tempo um produto sócio-histórico-cultural. A Linguística Textual (LT), originou-se na Europa Central e é um ramo da Linguística surgida na década de 60 como a ciência que toma o texto como objeto de estudo. Segundo Adam (2011), Eugenio Coseriu foi o primeiro a utilizar o termo linguística de texto em um artigo publicado em 1955-56, em Berlim, na revista alemã *Romanistisches Jahrbuch* 7. Posterior a isso, o linguista alemão Harald Weinrich introduz nos anos 60, o termo *Textlinguistik* em títulos de trabalhos e na década de 90 ministrou um dos primeiros cursos de Linguística Textual na França.

Já no início da década de 1970, Halliday reitera que a unidade de base da análise linguística não é a palavra nem apenas a frase, mas o texto. No Brasil, a LT foi introduzida em 1978, a partir da tradução do livro de Sigfried J. Schmidt: *Linguística e teoria del texto* e, em 1983, com *Linguística Textual: introdução*, de Leonor Fávero e Ingedore G.V.Koch. A maneira como o texto vem sendo olhado a partir de então, vem mudando, uma vez que passa a não ser mais compreendido como um produto acabado, mas como resultado parcial de dada atividade comunicativa colocada em ação em situações concretas de interação social.

Embora haja hoje uma grande variedade de definições para texto, pois cada corrente teórica propõe sua própria concepção, existe uma característica que todas essas correntes apresentam em comum: um texto é uma unidade *significativa*. Isto quer dizer que a sua função, a conceituação ou a definição de texto está ligada a fazer sentido. Assim se reconhece que as “partes” de um texto se articulam de tal maneira que os sentidos são construídos globalmente, solidariamente em um determinado contexto sociocomunicativo. Trata-se, pois, não de uma mera “soma” de signos, mas de uma arquitetura construída em “camadas” e hierarquias de significações (COROA, 2016, p.52).

A complexidade que envolve a questão apresenta a língua em diferentes focos, observando a escrita com o foco na língua, parte do ponto de vista de que é necessário conhecer as regras gramaticais e possuir um bom vocabulário. Quando o foco é a língua puramente, os trabalhos com a produção textual tendem a ser uma bateria de exercícios trabalhando as normas gramaticais ou a utilização de vocabulários rebuscados. Cabe apenas seguir o que está preconizado nas gramáticas. Para Koch e Elias (2017a, p. 14), “Nessa concepção de sujeito como (pré)determinado pelo sistema, o texto é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificada pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o

conhecimento do código utilizado”. Quando o foco é no leitor, tem-se a escrita como uma representação do pensamento de um sujeito psicológico, individual, dono e controlador de sua vontade e de suas ações. Assim, o texto é visto como um produto decorrente da representação mental do autor, não levando em conta os conhecimentos ou experiências do leitor e a sua interação.

Existe a concepção de que o foco da escrita deve envolver a interação. É sobre esse foco que está pautado este trabalho. Percebe a escrita como uma produção textual, que se realiza na ativação de conhecimentos e na mobilização de várias estratégias. Assim, o produtor pensa no que vai escrever para o seu leitor, escreve, lê o que escreveu, relê e reescreve se assim for necessário, guiado por um princípio interacional.

Essa é a diferença em relação às concepções anteriormente descritas, visto que a escrita não é compreendida em relação apenas à apropriação das regras da língua, nem tampouco ao pensamento e intenções do escritor, mas, sim, em relação à interação escritor-leitor, levando em conta, é verdade, as intenções daquele que faz uso da língua para atingir o seu intento sem, contudo, ignorar que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva desse processo (KOCH; ELIAS, 2017a, p. 34).

A partir dessa concepção interacional (dialógica) da língua, tanto quem escreve quanto para quem se escreve são vistos como autores/construtores sociais que dialogicamente se constroem e são construídos no texto. Sendo assim, Koch e Elias (2017b) apresentam algumas estratégias por parte de quem escreve, baseadas em Beaugrande (1997):

- A ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa;
- A seleção, organização e desenvolvimento das ideias, garantindo a continuidade e progressão do tema;
- A utilização de informações explícitas e implícitas, levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objeto da escrita;
- A revisão da escrita motivada pelo objeto da produção e do nível de interação que se pretende alcançar com o leitor.

O uso da escrita é, portanto, fruto de uma interação, não resultado apenas do uso do código nem somente das intenções do escritor. Partindo dessa ótica, a escola deve desenvolver um trabalho em que o sujeito tem algo a dizer e o faz em relação ao seu interlocutor (leitor) baseado em um objetivo. Basta imaginar para quem escreve, o que escreve, onde escreve, quando escreve. Assim é elaborado o projeto de dizer recorrendo a estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais. A eficiência e eficácia da escrita passam pelo *como dizer*, envolvendo a escolha do gênero textual em virtude das práticas sociais, organização das ideias e ajuste do que está sendo escrito.

Durante o processo de escrita, existe a ativação de conhecimentos armazenados na memória resultantes das atividades que desenvolvemos ao longo de nossas vidas. É ativado o conhecimento linguístico, que diz respeito à ortografia, gramática e léxico da língua baseado nas nossas experiências enquanto sujeitos ativos e, em parte, de forma sistematizada na escola. Sob uma perspectiva interacional, obedecer às normas ortográficas é um recurso que contribui para a construção de uma imagem positiva daquele que escreve. Desse ponto de vista, podemos entender a língua como capaz de trazer consigo, em maior ou menor grau, o prestígio e desprestígio em quem a usa.

O segundo conhecimento é o enciclopédico, em que recorremos constantemente aos conhecimentos presentes na nossa memória, constituída de forma personalizada, pois as vivências também são. Contribuem para isso o que ouvimos falar, o que lemos ou vivenciamos.

O terceiro é conhecido como conhecimento de textos, ou seja, entram em cena os “modelos” que adquirimos ao longo dos anos como o modo de organização, os conteúdos, o estilo, a função, o suporte de veiculação. Esses “modelos” sofrem alterações ao longo do tempo, o que fica explicitado no princípio de “estabilidade relativa” constitutivo dos gêneros, postulado por Bakhtin (2003). Ressalta-se aqui a possibilidade de existência de um texto em outro (chamado de intertextualidade), visto que sempre um texto é produzido em resposta a outro texto.

Por fim, os conhecimentos interacionais baseados em ativação de modelos cognitivos que o produtor possui. É baseado nesse conhecimento que o produtor pode configurar na escrita a sua intenção (o leitor poderá reconhecer o objetivo ou propósitos pretendidos), pode determinar a quantidade de informações necessárias para certa situação comunicativa, seleciona a variante linguística adequada à situação, faz a adequação do gênero textual à situação comunicativa e pode assegurar a compreensão da escrita para conseguir a aceitação do leitor.

## **2.1 Sequências Textuais**

A ideia de sequência textual é trazida por Adam (2011) e tem origem na discussão gerada em torno da questão da tipologia textual. As diferentes tipologias que são apresentadas por diferentes autores baseiam-se em critérios mais internos ou linguísticos e em critérios mais externos ou pragmáticos. Podem, ainda, basear-se na combinação de ambos. Adam defende a ideia de que um texto é sempre um fenômeno muito complexo, portanto, abandona a concepção de tipologias textuais e volta seu olhar na noção de sequência textual, que é uma unidade de análise menor e teoricamente mais manuseável.

Adam (2019) contribui a partir de Marcuschi, que de uma forma bem didática apresenta a diferenciação entre os conceitos de tipos textuais e de gêneros textuais: textos são construtos teóricos definidos por propriedade linguística, formados por sequência linguística ou sequências subjacentes, reagrupam um conjunto limitado de categorias teóricas, as designações teóricas são a narração, a argumentação, a descrição, a injunção e a exposição; enquanto que os gêneros de textos são realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas, são constituídos por textos que cumprem funções comunicativas determinadas, são caracterizadas por um canal, estilo, conteúdo, composição e função, são exemplos a carta, bula de remédio, sermão, cardápio, entre outros.

Foi uma classificação de Werlich (1975) *apud* Adam (2011) que definiu cinco tipos textuais: narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos e instrucionais. A distinção residia na organização cognitiva dos conteúdos e nos processos psicológicos necessários, explicitando o funcionamento dos textos através do estabelecimento de determinadas operações cognitivas inerentes à produção e a compreensão textuais. Esses tipos incluem textos completos de extensão variável, heterogêneos e com uma dominante que vai determinar o tipo textual. No quadro seguinte, sistematizamos os tipos textuais segundo Werlich (1975) *apud* Adam (2011) e os respectivos procedimentos cognitivos subjacentes.

Figura 1 – Tipos de textos e respectivos procedimentos cognitivos

Tipos de texto	Procedimentos cognitivos
Textos narrativos	<ul style="list-style-type: none"> <li>Percepção das ações no tempo</li> </ul> Ações realizadas por uma ou mais entidades, que decorrem num determinado período de tempo
Textos descritivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>Percepção das entidades no espaço</li> </ul> Exemplos: retratos físicos de personagens, caracterização e enumeração de partes de uma casa, paisagem
Textos argumentativos	<ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliação, julgamento e tomada de posição</li> </ul> Exemplos: debates parlamentares entre diferentes bancadas, conversa entre familiares/amigos/colegas sobre uma decisão a tomar
Textos expositivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>Análise e síntese de representações conceptuais</li> </ul> Exemplos: manuais escolares com explicação de diferentes conceitos, como o sistema circulatório
Textos instrucionais	<ul style="list-style-type: none"> <li>Antevisão de comportamentos futuros</li> </ul> Planificação cronológica de eventos Exemplos: receitas culinárias, instruções de montagem de um móvel

Fonte: Werlich (1975) *apud* Adam (2011)

Assim como Werlich (1975) *apud* Adam (2011) assume que os tipos compõem um conjunto de recursos cognitivos responsáveis, em parte, pela produção do texto, mas não leva em

consideração a explicação de Werlich sobre a referência contextual de base e sobre os processos cognitivos implicados na formação desses tipos, pois Adam (2011) entende que os componentes textuais existem em função/decorrência das práticas sociais da linguagem. Assim, a teoria das sequências foi elaborada como uma reação à excessiva generalidade das tipologias de texto.

Entendida como entidade autônoma, dotada de uma organização própria, constituída por macroproposições que, por sua vez, são formadas por proposições, uma sequência textual é a unidade que, sozinha ou, tipicamente, em conjunto com outras sequências textuais, permite a construção de textos. Adam aproxima os quadros teóricos da linguística textual e da análise do discurso francesa, apontando o texto como um objeto circundado e determinado pelo discurso, partindo da enunciação ou das práticas discursivas (onde localiza o gênero, o discurso e o interdiscurso).

Adam (2011) declara que a teoria das sequências textuais representa uma contrapartida em relação à generalidade das tipologias de textos. Os cinco tipos de sequências propostos pelo autor (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal) se constituem em esquemas textuais que foram memorizados e são reconhecidos pelos sujeitos nos processos de produção e recepção de textos.

Para Adam (2011, p. 204), uma sequência textual é:

- uma rede relacional hierárquica: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem;
- uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria, e, portanto, numa relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto).

Essa definição ancora-se na concepção de que a "sequência textual" é um tipo de operação de textualização, uma estrutura composicional de natureza linguística, mas que sofre interferências das práticas discursivas. Delimita o campo da linguística textual como o responsável pelo estudo do modo como os mecanismos de textualização se constituem e se caracterizam. A sequência textual, um desses mecanismos, é vista como um conjunto de proposições psicológicas, como formas linguísticas organizadas que constituem a estrutura composicional de um gênero.

As sequências textuais, por se repetirem em textos orais ou escritos, vão sendo adquiridas pelos ouvintes, leitores ou escreventes, por meio do contato constante com os textos, e tornando-se esquemas memorizados. Adam (2011) procurou construir uma reflexão teórica que agrupasse as orientações formais e enunciativas a respeito do texto.

Tendo por base o conceito trazido por Bakhtin (2003), que propõe duas categorias de gêneros (primários e secundários), Adam (2011) se vale da ideia de estabilidade ao propor que os gêneros primários sejam vistos como tipos nucleares e responsáveis pela estruturação dos gêneros secundários. Nesse sentido, os gêneros primários são concebidos como sequências textuais, ou seja, como componentes textuais que compõem os gêneros secundários. Adam desenvolve a noção de sequências textuais tendo por base a hipótese de existência de unidades mínimas de composição textual, ou seja, protótipos. Estes são modelos abstratos de que os produtores e receptores de textos disporiam, ao mesmo tempo, pela natureza das macroproposições que comportam e pelas modalidades de articulação dessas macroproposições em uma estrutura autônoma.

Adam (2011) defende que todo texto é formado por sequências, esquemas linguísticos básicos que entram na constituição dos diversos gêneros e variam menos em função das circunstâncias sociais. Dessa maneira, compete ao produtor escolher entre as sequências disponíveis a que lhe parecer mais adequada, tendo em vista os parâmetros de situação. O autor propõe inicialmente sete tipos de sequências: narrativa, descritiva, argumentativa, expositivo-explicativa, injuntivo-instrucional, conversacional e poético-autotélica. Posteriormente, reduz esse número para apenas cinco: narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal. Exclui a injuntiva, por considerar que esta é parte da descrição, e a poética, por considerar que o texto poético não é exatamente uma estrutura hierárquica e ordenada por proposições, mas sim o resultado dos ajustes de superfície na base do texto.

Para Adam (2019), a recusa de três abordagens que são globais demais para os fatos discursivos, tratam de trazer clareza quanto à sua teoria:

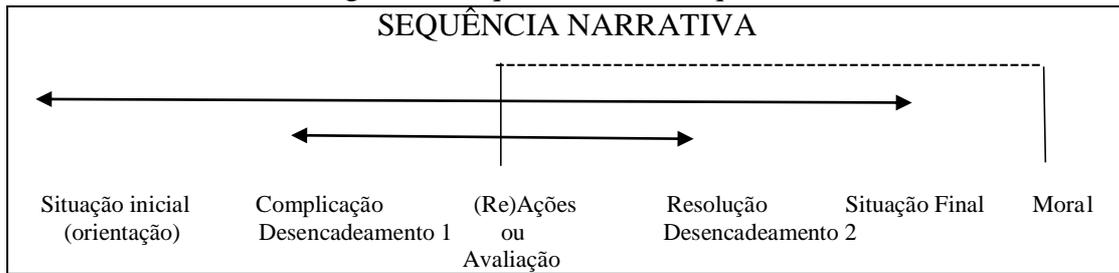
Além dessa interdisciplinaridade arazoada, outra escolha epistemológica guiou estas páginas: a recusa de três abordagens, a meu ver, globais demais dos fatos do discurso. Inicialmente, recusei a hipótese do *todo narrativo* da Semiótica da Escola de Paris. Na perspectiva de Greimas, tudo era narrativo e não se podia mais pensar o que se distingue fábula de uma receita de cozinha ou de uma oração fúnebre. A hipótese do *todo conversacional-dialogal* domina, por necessidade do corpus, os trabalhos centrados nas interações orais. Ela é justa do ponto de vista geral da discursividade, pois não há discurso, mesmo monologal, que não seja, a um certo nível de seu funcionamento, dialógico; mais isso não quer dizer que ele seja dialogal na materialidade de sua textualização. Mas é precisamente a diversidade linguística das formas de textualização que está no centro da presente obra. A hipótese do *todo argumentativo* é justa do ponto de vista da teoria pragmática geral: uma narrativa, uma descrição, uma explicação, possuem uma orientação argumentativa. Como diz Jean Blaize Grize, “Todo discurso pode ser uma argumentação”, mas ele acrescenta: “Tomado em si mesmo [...] um enunciado não é nem argumentativo nem não argumentativo, [...] O caráter argumentativo de um discurso repousa, antes de tudo, sobre a finalidade daquele que o produz” (ADAM, 2019, p. 300).

Lembramos, assim, que Adam (2019) rejeita a utilização do termo “tipos textuais”, visto que o texto é extremamente complexo e heterogêneo e, por isso, não estaria sujeito a tais regularidades linguísticas que essa terminologia sugere, pois remete a essa mesma classificação, mas se refere a um modelo teórico, abstrato de gramática do texto, e deixa entrever-se a ideia de que essa classificação serve para o texto em sua totalidade. Mas é raro encontrar-se um texto totalmente descritivo, ou narrativo, ou explicativo etc. Em geral, podem-se encontrar algumas dessas sequências, concomitantemente, nos textos, o que contribui para que se use o termo sequências textuais, indicando-se que há partes composicionais diversas que entram na organização do texto. Como bem colocado por Bonini (2005), a sequência, embora concebida como um mecanismo cognitivo, é determinada por condições externas, do discurso. Assim, Adam ganha *status* pela sua constante retomada em práticas discursivas. A seguir, apresentaremos brevemente os tipos de sequência tratados por Adam, que são: sequência narrativa, sequência descritiva, sequência explicativa, sequência dialogal. A sequência argumentativa, por ser essencial na construção do nosso trabalho, será melhor apresentada em um subtópico específico.

A sequência narrativa é identificada a partir de 06 características que são:

- a) Sucessão de eventos: delimitação de um evento inserido em uma cadeia de eventos alinhados em ordem temporal. Um fato é sempre a consequência de outro, sendo que o tempo é o elemento principal;
- b) Unidade temática: a ação narrada necessita de unidade. Um dentre os personagens deverá ser o mais importante (sujeito agente);
- c) Predicados transformados: com o desenrolar dos fatos consiste na transformação das características dos personagens (personagem mal vira bom, por exemplo);
- d) Processo: a narrativa deve ter início, meio e fim, apresentando a transformação ao desencadear as ações;
- e) Intriga: conjunto de causas que dão sustentação aos fatos apresentados. Sua ausência leva alguns autores a não considerar certo texto como narrativa;
- f) Moral: reflexão sobre o fato narrado trazido que pode ser a verdadeira razão de se contar determinada história. Pode vir implícita, pois não é a principal parte da sequência narrativa.

Figura 2 - Esquema de uma sequência narrativa



Fonte: Adam (1993, p. 57) *apud* Bonini (2005).

A sequência descritiva é a que não permite tanta autonomia. Sua ocorrência se dá mais facilmente como parte de uma sequência narrativa, principalmente na introdução de espaço e personagens do fato. Esta sequência não apresenta ordem fixa. Adam aponta três partes:

- a) Uma ancoragem (presença de tema-título);
- b) Uma dispersão de propriedades (contendo dois processos básicos - a aspectualização e o estabelecimento de relação);
- c) Uma reformulação (onde se tem uma nova visualização geral do tema).

Nesse tipo de sequência, após ser estabelecido o tema título, haverá uma especificação do mesmo, por meio da *aspectualização* e/ou do *estabelecimento de relação*. Esse processo caracteriza o objeto em seu aspecto físico, dividindo-se em dois subprocessos: relato de propriedades do objeto (qualidades) e o relato de partes do objeto (sinédoque).<sup>3</sup>

O segundo processo, que é o estabelecimento de relação, diz respeito a usar as características de uma parte relatada para compor outra. Assim como o processo anterior, divide-se em dois subprocessos: a situação do objeto no tempo ou no espaço e a assimilação de características.

A terceira sequência é a explicativa, o texto tem por finalidade construir um desenho claro de uma ideia, respondendo à questão *por quê?* ou *como?* Essa sequência se diferencia da argumentativa por não objetivar modificar uma crença, mas transformar uma convicção. As três fases dessa sequência podem ser apresentadas como: levantamento de questionamento, respondê-lo ou resolver o problema, detalhando-o e sumarizar a resposta, avaliando o problema exposto.

A sequência dialogal é a quarta sequência a ser apresentada, está presente na comunicação humana e suas variantes, tais como entrevistas, reportagens, debate etc. Esta sequência tem um aspecto diferente das demais: o diálogo (presença de mais de um interlocutor).

<sup>3</sup> Sinédoque é uma figura de estilo que marca o uso de uma porção do objeto em relação ao todo e vice-versa. Neste caso, a palavra faz referência às relações entre partes do objeto, não necessariamente como recurso de estilo.

A sequência argumentativa, será a quinta sequência e será melhor explicada mais adiante tendo em vista a necessidade de um detalhamento maior por se tratar de um importante embasamento teórico para este trabalho.

### **2.1.1 Sequência Argumentativa**

Uma sequência argumentativa tem por objetivo persuadir o leitor acerca de uma posição. Quanto mais polêmico for o assunto em questão, mais dará margem à abordagem argumentativa. Isso pode ocorrer desde o início, quando se defende uma tese, ou também apresentar os aspectos favoráveis e não favoráveis, posicionando-se apenas na conclusão. Além de dissertar, procura-se formar a opinião do leitor ou a do ouvinte, tentando convencê-lo sobre determinada ideia que consideramos ser verdadeira. Argumentar é, portanto, convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de argumentos em face da evidência e à luz de um raciocínio lógico e consistente.

Argumentar é a construção por um falante de um discurso que visa modificar a visão de outro sobre determinado objeto, alterando, assim, o seu discurso. É construído com base em um já-dito, em um dizer temporariamente anterior (e conhecido pelo interlocutor) que, na sua forma mais característica, aparece implícito.

Consiste na contraposição de enunciados, tendo sua sustentação em operadores argumentativos. Esses operadores são palavras que têm a função de opor um enunciado que está sendo proferido a um já dito, denominado *topos*. A sequência argumentativa constitui-se de forma que um segmento de texto forma um argumento a favor de outro argumento a favor de outro segmento do mesmo texto. Esse segmento pode ser uma oração, um período ou uma sequência de enunciados. O esquema dessa sequência baseia-se em fatos ou dados, sustentação e conclusão. Elas podem demonstrar ou justificar uma tese ou refutar outras teses e argumentos.

Convém trazeremos à tona a diferenciação entre sequência argumentativa e argumentação discursiva, uma vez que, em razão da sua natureza, podem ser confundidas. Para Pinheiro (2017, p. 45)

No que diz respeito especificamente à sequência argumentativa, convém ressaltar que ela não deve ser confundida com argumentação discursiva, isto é, com as intenções do locutor de influenciar seu interlocutor, modificando seu posicionamento, seu comportamento, suas crenças. A sequência argumentativa, pelo contrário, diz respeito a uma forma de composição textual específica, caracterizada por uma estrutura de organização pautada na relação “dado-conclusão”, que visa ancorar ou refutar uma tese. Segundo Adam, essa confusão acontece por ela ser uma operação extremamente utilizada no discurso, podendo até ser confundida também, ou até mesmo relacionada,

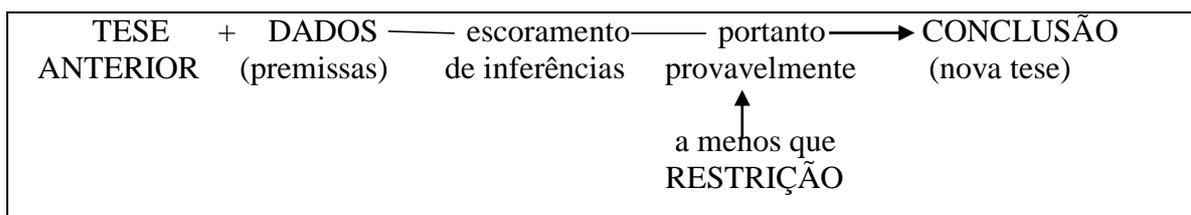
a outras seqüências. Entretanto, a seqüência argumentativa é um tipo de estrutura que apresenta determinadas particularidades prototípicas que a diferenciam das outras. Ao apresentá-la, Adam (2011) ressalta dois movimentos: justificar/refutar uma tese.

Portanto, o que determina a ocorrência de determinada seqüência e sua predominância no plano de texto são as intenções do produtor. Por isso é que dizemos que o plano de texto e as seqüências se organizam em função de uma orientação argumentativa, aspectos relacionados com os objetivos que o produtor deseja alcançar para a sua produção. Adam (2019) faz uma distinção entre o significado de seqüência argumentativa da própria expressão de argumentação. A argumentação pode ser abordada no nível do discurso e da interação social ou no nível da organização pragmática de um texto.

Seqüências argumentativas são aquelas que apresentam uma ordenação ideológica de argumentos e/ou contra-argumentos. Nelas predominam elementos modalizadores, verbos introdutórios de opinião, operadores argumentativos etc.

Assim, para melhor compreensão da seqüência argumentativa, apresentaremos um esquema para melhor elucidá-la:

Figura 3 - Esquema de seqüência argumentativa



Fonte: Adam (1993) *apud* Bonini (2005)

O processo de escrita, muitas vezes, vem acompanhado da dúvida de como se deve iniciar. Escrever exige definição de tema, seleção de ideias, revisão e reescrita delas também. O texto não se apresenta pronto na nossa cabeça para ser transcrito para o papel dessa forma, como nos coloca Koch e Elias (2017a). Caso contrário, iria se tratar de um dom. Mas sabemos que todos temos a capacidade de escrever textos que possam atender aos nossos propósitos. Argumentar é usar de estratégias textuais para defender um ponto de vista. Para tanto, precisa-se conhecer a língua, o mundo e os textos. Para escrever com propriedade, faz-se necessária a leitura, pois é através dela que se consegue a construção, reconstrução e atualização do conhecimento.

A fase inicial da argumentação diz respeito ao projeto de dizer, ter clareza da escrita, dos sujeitos, do conhecimento abordado, das pessoas envolvidas e dos conhecimentos

apresentados. Esses aspectos são de fundamental importância para um modelo textual (gênero textual) adequado à situação. Podemos dizer que a argumentação constitui-se de três fases: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

Koch e Elias (2017a) trazem alguns pressupostos teóricos relevantes ao processo de argumentação. As autoras, parafraseando Charaudeau (2008), defendem que argumentar é uma atividade discursiva que envolve influenciar o interlocutor a partir de argumentos, demandando a organização de ideias e a estruturação do raciocínio em defesa de um ponto de vista. Segundo o autor citado, para a defesa de um ponto de vista, é necessário(a):

- a) uma proposta que provoque em alguém um questionamento quanto a sua legitimidade;
- b) um sujeito que desenvolva um raciocínio para demonstrar a aceitabilidade ou legitimidade quanto a sua proposta;
- c) outro sujeito que seja alvo de sua argumentação.

Deve haver uma relação entre os argumentos apresentados e a conclusão. Nesse sentido, entram em cena alguns elementos linguísticos que podem auxiliar os enunciados em determinadas conclusões, como os operadores ou marcadores argumentativos. Podemos citar os operadores ou marcadores argumentativos (contribuem para a coesão e coerência do texto, visto que orientam a conclusão e a organização do texto) como vistos abaixo:

Quadro 1 - Operadores argumentativos

continua

Operadores que somam argumentos em favor de uma mesma conclusão	E, também, ainda, nem, não só, mas também, tanto, como, além de, além disso
Operadores que indicam o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão	Até, até mesmo, inclusive
Operadores que deixam subentendida a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes	Ao menos, pelo menos, no mínimo
Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias	Mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, embora, ainda que, posto que
Operadores que introduzem uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores	Logo, portanto, por isso, por conseguinte, em decorrência
Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior	Porque, porquanto, já que, pois, visto que, como

Quadro 01- Operadores argumentativos

	conclusão
Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, visando a uma determinada conclusão	Mais (do) que, menos (do) que, tão, quanto
Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas	Ou...ou, quer...quer, seja...seja
Operadores que introduzem no enunciado conteúdos pressupostos	Já, ainda, agora
Operadores que funcionam numa escala orientada para a afirmação de totalidade	Muitíssimo, muito, bastante, pouquíssimo, bem pouco, pouco

Fonte: Elaborado pela autora

Koch e Elias (2017c) mostram que a argumentação é composta por asserção de partida, de chegada e de passagem. A asserção de partida é o dado ou premissa, um fato do qual decorre uma consequência. A asserção de chegada é a conclusão, ou seja, representa o que deve ser aceito em decorrência da asserção de chegada. Por fim, a asserção de passagem se encontra geralmente implícita, argumento com a finalidade de justificar a relação entre a partida e a chegada (conclusão).

Mais à frente, as autoras caracterizam outra estratégia que define uma boa argumentação. Trata-se da seleção lexical, ou seja, a boa escolha vocabular sendo adequada ao propósito de dizer, levando em consideração o enunciador e a situação comunicativa. A escolha de um bom repertório de vocabulário constitui fator essencial ao processo persuasivo.

Dessa forma, argumentar pressupõe fazer uso da intencionalidade e da aceitabilidade; por um lado temos aquele que tenta construir argumentos para convencer e, de outro lado, temos o interlocutor, que tenta ser convencido, que tem a liberdade de considerar ou não a validade dos argumentos, aceitando-os ou refutando-os.

Segundo Santos (2013), uma estratégia a ser considerada no processo de argumentação é a intertextualidade, ou seja, a relação existente entre textos. Introduzido a primeira vez nos anos 60 pela francesa Julia Kristeva, pode ser pensado no sentido amplo (princípio constitutivo de todo e qualquer texto) e sentido restrito (quando há indícios de outros textos já produzidos e que faz parte da memória social dos leitores).

Outra estratégia trazida por Koch e Elias (2017c), para contribuir no processo de argumentação é o uso de referentes, ou seja, aquilo que se vai tratar no qual se vão acrescentando

informações, retomando mais adiante. Essa retomada pode acontecer de diferentes formas: uso de pronomes, elipse, formas nominais. A referenciação por meio de formas nominais, é um dos mais importantes recursos argumentativos que a língua nos oferece. Quando, por exemplo, citamos no texto “[...] o curso *on-line* de idiomas” e mais adiante substituo por simplesmente “Duolingo”, estou fazendo uso da referenciação, uma vez que fiz a retomada de um tema.

Pode-se utilizar da sequenciação como uma das estratégias de progressão textual. Trata-se de procedimentos linguísticos onde se estabelecem, entre segmentos do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que o texto se desenvolve. Koch e Elias (2017b) citam quatro exemplos: a repetição, importante na coesão, uma vez que a repetição na mente do interlocutor é importante do processo de persuasão (recordo... recordo); paralelismo sintático, a repetição de uma mesma estrutura sintática, porém com itens lexicais diferentes (...sem a indústria da moda... sem a indústria da música...); a paráfrase, que consiste na repetição de um conteúdo semântico, é o contrário do paralelismo (isto é, ou seja, ou melhor) e a recorrência de recursos fonológicos como o uso do metro, ritmo, rima (“O poeta é um fingidor. Finge tão completamente...”).

Ao citarem a estratégia de progressão temática, as autoras relatam que o texto se concretiza por dois blocos comunicativos: o tema (aquilo de que se fala) e o rema (o que se diz a respeito do tema). A partir da apresentação dessa estratégia, são apresentadas seis tipos de progressão: progressão com tema constante (são acrescentados a um mesmo tema, diversos remas); progressão com subdivisão de tema (um tema divide-se em vários outros); progressão com subdivisão de rema (quando o rema se divide em vários outros); progressão linear (quando o rema do primeiro enunciado passa a tema do enunciado seguinte); progressão com salto temático (sucessão de novos temas); progressão com recursos retóricos (anteposição do rema e a repetição do tema).

Ao encerrar as sugestões de estratégias que contribuem para o processo de persuasão do interlocutor, fator importante na argumentação, as autoras apresentam os articuladores textuais, que são as marcas responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de qualquer extensão. São também chamados de operadores de discurso ou marcadores discursivos. Os articuladores textuais apresentam diferentes funções dentro do texto, como situar ou ordenar o tempo e o espaço (antes, depois, do lado esquerdo, a primeira vez que); são responsáveis por relações lógico-semânticas – de condicionalidade (caso, desde que, contanto que, a menos que) – de causalidade (como, pois, já que, uma vez que) – mediação ou finalidade (para que, a fim de que) – disjunção ou alternância (um ou outro, mas não os dois, ou seja, os elementos se excluem;

um ou outro, possivelmente ambos, ou seja, os elementos se somam) – temporalidade (assim que, nem bem, quando, mal, antes que, depois que, enquanto, à medida que, conforme, segundo).

Ainda sobre os articuladores textuais, as autoras apresentam exemplos de:

- Articuladores discursivo-argumentativos determinam relações entre dois ou mais enunciados distintos. Podemos citar como as principais relações discursivo-argumentativas, a conjunção ou soma (e, também, não só, mas também, além disso); a disjunção argumentativa (dois atos de fala distintos em que o segundo provoca o leitor para modificar a sua opinião, ou aceitar a opinião expressa no primeiro, como a utilização do “ou”); a contrajunção ou oposição (mas, entretanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo); a explicação ou justificativa (pois, porque, que); a comprovação (tanto que); a conclusão (portanto, logo, por isso, por conseguinte, então); comparação (menos... do que, mais...do que); de generalização (uso da expressão “aliás”); a especificação ou exemplificação (por exemplo, como); de correção ou redefinição (ou seja, isto é, ou melhor).
- Articuladores de organização textual servem para organizar o texto em uma sucessão de fragmentos que se complementam e orientam a interpretação. Sinalizam, na organização espacial do texto, abertura, intermediação e fechamento. Maingueneau (1996) *apud* Koch e Elias (2017b), a partir de um estudo, apresenta os seguintes marcadores com essa função: primeiro, depois, em seguida, enfim, por um lado, em segundo lugar, por último. Também podemos encontrar marcadores discursivos continuadores, como aí, daí, então, agora.
- Articuladores metadiscursivos servem para introduzir comentários. Dependendo da função que exercem, podem ser modalizadores (realmente, evidentemente, logicamente, seguramente, obviamente, absolutamente); delimitadores de domínio (em termos demográficos, do ponto de vista jurídico, matematicamente); formulação textual (em síntese, em suma, resumindo, em acréscimo a, em oposição a, quanto a, em relação a, a respeito de, no que tange a, relativamente, com referência, é interessante lembrar que, voltando para a); evidenciadores da propriedade autorreflexiva da linguagem (digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer, em outras palavras).

A partir do que foi mencionado acima, podemos perceber como existem possibilidades de estratégias argumentativas a serem desenvolvidas ao longo do trabalho com os estudantes, de maneira a contribuir com a coerência do texto, pois esta perpassa as estratégias de

argumentação, uma das propostas de intervenção deste trabalho. Assim, a organização argumentativa mantém forte relação com as estratégias apresentadas para a tessitura do texto.

Seguindo, apresentaremos segundo Koch e Elias (2017c), sugestões de como começar uma argumentação. Podemos ter em mente algumas estratégias como:

- a) Definir o ponto de vista: definir o ponto de vista pode ser visto sob vários ângulos. Como diz o pai da Linguística Moderna, Ferdinand de Saussure, é o ponto de vista que cria o objeto de estudo.

É a definição de uma perspectiva que orienta o início da argumentação no exemplo a seguir: há quem viaja e escreve sobre lugares que visitou, conheceu; há quem não viaja, mas isso não o impede de escrever sobre lugares a que nunca foi. O ponto de vista resolve! (KOCH; ELIAS, 2017c, p.162)

- b) A apresentação dos fatos: é um elemento que pertence à esfera da realidade (na forma de acontecimentos, dados numéricos, narrativa etc.), tomando conhecimento através de leituras, relatos ou do que é apresentado nos meios de comunicação. Assume grande valor no início da argumentação, pois possibilita ancorar a reflexão em algo cuja existência pode ser constatada, valendo, portanto, como prova.
- c) Declaração inicial: é feita uma afirmação ou negação no início e será justificada ou fundamentada em seguida.
- d) Uma boa história: para que haja o bom envolvimento do leitor, é necessário que haja uma boa história, por isso que muitos escritores fazem uso dessa estratégia logo no início da argumentação.
- e) Relação entre textos (intertextualidade): um texto sempre remete a outro. Quanto mais leituras temos, mais isso acontece nas nossas produções.
- f) Lançando perguntas: é evidente na argumentação a importância do saber perguntar. É uma boa estratégia, pois dela partem as respostas que virão em seguida. A pergunta pode ser também antecedida de uma declaração. Existe a possibilidade de a pergunta vir antecedida por sequências narrativas.
- g) Estabelecendo comparações: em várias situações do nosso dia a dia somos obrigados a argumentar e, para isso, fazemos comparações estabelecendo semelhanças ou diferenças para que possamos chegar a uma conclusão.
- h) Apresentando uma definição: na argumentação, utiliza-se a estratégia da definição no início para dar clareza ao leitor sobre o termo em questão, uma vez que tem

uma importância significativa no desenvolvimento do texto; ou enfatizar o que já é sabido.

- i) Inventando uma categorização: é um recurso que pode ser utilizado dentro da argumentação, pois se inventarmos uma categoria, é necessário que se faça a definição para que haja a compreensão. A nova categoria chama a atenção por ser inédita.
- j) Enumerando casos como exemplificação: ao utilizar-se da estratégia da exemplificação para iniciar uma argumentação, tem-se por objetivo rememorar fatos ou acontecimentos, mostrando a relevância do assunto abordado.
- k) Observando a mudança na linha de tempo: é uma estratégia utilizada no início da argumentação por se tratar de uma forma prática de apresentar o desdobramento do assunto ao longo do tempo, e isso serve para ancorar a posição do autor sobre o tema.

Na argumentação, é necessário que, além de expormos fatos, ideias e dados que fundamentem uma colocação, apresentemos também argumentos para sustentá-los. As autoras evidenciam mais adiante algumas das principais estratégias para trabalhar o desenvolvimento de uma argumentação:

- a) Fazendo perguntas e apresentando respostas: na apresentação de um dado assunto através de um panfleto, por exemplo, podemos elencar justificativas através de tópicos, tentando responder a uma pergunta inicial. Em uma próxima etapa, esses tópicos podem ser mais bem esclarecidos, visando justificá-los.
- b) Levantando o problema - apontando solução: essa estratégia diz respeito a não somente levantar problemas, mas aponta para soluções. São empregadas citações diretas e citações indiretas na construção dos argumentos. Citações indiretas como: *“Erik e Andrew propõem que o Estado torne-se acionista em frotas robóticas do futuro. [...] Citações diretas como: “Pode ser necessário redistribuir renda e riqueza em larga escala.” [...] (KOCH; ELIAS, p.189, 2017c).*
- c) Indicando argumentos favoráveis x argumentos contrários: essa estratégia diz respeito a levantar argumentações centradas em um tópico ou assunto controverso para que se faça a tomada de decisão, apresente um ponto de vista. Dessa forma, é apresentado, no mesmo texto, o ponto de vista de detratores e de defensores. Após trazer opiniões favoráveis ou contrárias a certo tema, o autor coloca o seu ponto de vista.

- d) Tecendo comparação: trata-se de utilizar-se da comparação para manifestar pontos próximos ou distantes entre dois elementos e, posteriormente, manifestar a opinião sobre o assunto.
- e) Recorrendo à exemplificação: uma estratégia para convencer o leitor sobre determinada posição é a numeração de exemplos. Estratégia argumentativa de caráter didático que pode contribuir para a defesa de uma tese.

Portanto, foram apresentadas algumas estratégias para desenvolver a argumentação, tais como perguntar-responder, situar o problema-apontar solução, apresentar argumentos favoráveis e contrários para a tomada de decisões, apontar semelhanças e diferenças na construção de um quadro comparativo e exemplificar.

Tão desafiador quanto começar uma história pensando em como apresentar o problema, a posição, os interesses, as ideias é pensar no seu desfecho. Das estratégias para concluir uma argumentação, Koch e Elias (2017c) apresentam:

- a) Elaborando uma síntese: existe um gancho com a introdução, elaborando uma síntese. Podem ser utilizados, nessa estratégia, operadores argumentativos.
- b) Finalizando com a solução para um problema: essa estratégia inicia com a discussão acerca do tema principal. Finaliza com uma clara e objetiva maneira de resolver a questão.
- c) Finalizando com remissão a textos: uma das estratégias que pode ser utilizada na conclusão e que dá uma boa impressão para o leitor é a citação a textos ou autores, sejam estas citações diretas sejam indiretas.
- d) Fazendo uma pergunta retórica: pode-se usar essa estratégia quando a pergunta final não exige resposta, pois serve para reforçar a posição que já havia sido apresentada anteriormente.

Desse modo, podemos entender que, dependendo de como a introdução e o desenvolvimento foram desenvolvidos, a conclusão pode se apresentar em forma de síntese, solução para um problema, remissão a textos ou de uma pergunta retórica. Quando elaboramos um projeto de dizer que pressupõe a defesa de uma tese, ou de um ponto de vista, pensamos em estratégias para compor a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

## **2.2 Construindo o conceito de gênero**

Como já mencionado, a sequência textual é vista como um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizaram como recurso composicional dos vários gêneros. O fato de ser

linguisticamente estável é o que possibilita sua determinação (mais facilmente em relação ao gênero), embora ela também ocorra de modo heterogêneo nas realizações textuais.

A partir de 1995, no Brasil, especialmente no campo da linguística aplicada ao ensino de língua, tem se dado uma grande atenção ao estudo referente às teorias de gênero. Isso se deve, principalmente, aos novos referenciais nacionais de ensino de línguas – os PCN – os quais fazem indicação explícita dos gêneros como objeto de ensino ou destacam a importância de considerar as características dos gêneros na leitura e na produção de textos.

Esse conceito foi incorporado aos PCN e tem sido considerado de grande valia para o ponto de reflexão no quadro de várias teorias de gêneros. A sequência linguística é uma noção pertinente ao debate nas diversas perspectivas do estudo dos gêneros. A diferença fundamental da sequência em relação ao gênero é a sua menor variabilidade. Os gêneros marcam situações sócio-específicas, sendo essencialmente heterogêneos. Já as sequências, como componentes que atravessam todos os gêneros, são relativamente estáveis, logo, mais facilmente delimitáveis em um pequeno conjunto de tipos. Sendo assim, o gênero é tipologicamente heterogêneo, pois pode conter diferentes sequências tipológicas em sua estruturação.

Todos os textos, sejam eles orais, sejam escritos, apesar de suas particularidades, apresentam regularidades, seja no nível dos conteúdos, da escolha de vocabulário, da sua estrutura e organização, seja no que diz respeito aos objetivos que pretendem alcançar. Portanto, e apesar da sua heterogeneidade, é possível agrupar, em determinadas classes, a infinita diversidade dos textos. Ora, quando se quer proceder a uma classificação textual, deparamo-nos com a possibilidade de agrupar textos, através da identificação de propriedades que definem cada conjunto textual. Os gêneros apresentam padrões na sua estrutura composicional (construção composicional, tipo de estruturação e de conclusão do todo), que são as partes que usualmente compõem os textos pertencentes a determinado gênero e a organização modelar dessas partes.

Porém, podemos dizer, seguindo os pressupostos bakhtinianos, que os gêneros são relativamente estáveis, uma vez que, como a vida social muda e as práticas de linguagem se modificam continuamente, esses padrões alteram-se de acordo com as novas possibilidades e necessidades sociais. Por isso, há gêneros que caem em desuso (ex.: telegrama, telex) e gêneros novos que aparecem (ex.: *e-mail*, *WhatsApp*). Por isso, também são inúmeros os gêneros textuais coexistentes numa sociedade, já que são múltiplas as necessidades comunicativas das coletividades humanas.

Segundo Marcuschi (2007, p. 64), a redação escolar se caracteriza por ser uma espécie de “macrogênero” que se interliga às subcategorias “redação endógena ou clássica” (que nasce e circula quase que exclusivamente dentro da escola) e “redação mimética” (que traz para

a sala de aula modelos de gêneros que circulam fora da escola e os toma como objetos de ensino). O autor considera apenas a chamada redação endógena ou clássica, que se manifesta, tradicionalmente, como padrão textual em três modalidades distintas: a descrição, a narração e a dissertação.

Marcuschi (2007) define o gênero, conforme já citado, como sendo práticas sociais comunicativas e funcionais realizadas e desenvolvidas no cotidiano social. Soma-se a esse conceito a teoria de Adam (2011), ao tratar sobre gênero como uma representação social, no entanto, trazendo algumas observações.

Segundo Adam (2011), gêneros textuais são convenções sociais que se encontram em tensão entre dois princípios contraditórios, mas ao mesmo tempo complementares: um *princípio de fechamento*, ligado ao aspecto normativo, à convenção e reprodução do mesmo modelo. Esse princípio define a identidade do produto verbal quanto ao gênero (sendo indispensável para a compreensão entre os falantes; e um *princípio de abertura*, ligado à subversão, à diversidade e à diferença, que abre os gêneros à inovação e à variação (este princípio proporciona a diversidade e a criatividade textuais). Por essa razão, podem surgir gêneros novos que respondem a necessidades sociais criadas, como se pode ver pelo surgimento de novas tecnologias e pelas novas formas, mas também a outros gêneros que caem em desuso.

O conceito de Adam sobre sequência textual foi utilizado como fundamentação teórica para o entendimento sobre os vários gêneros, porque sequência é uma noção concernente ao debate nas diversas perspectivas do estudo dos gêneros. As sequências percorrem todos os gêneros, sendo relativamente mais estáveis e delimitáveis em um pequeno conjunto de tipos.

Construímos ao longo de nossa existência uma competência metagenérica, segundo Koch (2017a). Ela nos dá um norte sobre o que, quem, como escrever e como falar. É essa competência que nos faz produzir textos direcionados a certas situações comunicativas. Esse conceito está diretamente imbricado à concepção de gêneros. Essa competência também é capaz de nos fazer identificar quais as práticas sociais que solicitam determinado gênero, bem como a capacidade de reconhecer se um texto tem a predominância da sequência de caráter narrativo, descritivo, expositivo e/ou argumentativo, conforme já explicitado acima.

Quando se pensa no ensino da língua, o principal objetivo é o trabalho com o texto. Assim, o plano de texto torna-se uma importante estratégia para o ensino da produção escrita. Antes de elaborarmos um texto, faz-se necessário pensarmos para qual finalidade ele estará sendo produzido. Podemos, assim, dizer que o texto é a construção organizada de forma estruturada cuja finalidade é cumprir os propósitos comunicativos do gênero que ele materializa. Todo texto que lemos nos permite extrair um plano, isto é, a maneira como aquele texto foi organizado de

forma a cumprir os propósitos do produtor. Esse pressuposto justifica o fato de estarmos propondo uma ferramenta de ensino de redação que possa ajudar o aluno a planejar adequadamente o seu texto, de modo a torná-lo argumentativamente mais eficaz.

Para Adam (2011), os planos de texto são extremamente importantes para a construção de sentidos, fazendo parte do sistema de conhecimentos dos grupos sociais, assim como os gêneros que circulam nas diversas esferas sociais. Da mesma maneira, os PCN (1998) trazem uma reflexão acerca da prática de produção de textos:

- organização das ideias de acordo com as características textuais de cada gênero;
- utilização de recursos coesivos oferecidos pelo sistema de pontuação e pela introdução de conectivos mais adequados à linguagem escrita, expressões que marcam temporalidade e causalidade, substituições lexicais, manutenção do tempo verbal etc.
- produzir textos escritos considerando características do gênero, utilizando recursos coesivos básicos. Espera-se que o aluno produza textos respeitando as características próprias de cada gênero, no que se refere tanto aos aspectos discursivos quanto às características gráfico-espaciais (paginação), utilizando os recursos coesivos básicos (nexos e pontuação) e apropriados.

Um gênero pode ser caracterizado a partir da presença de uma forma de composição (plano composicional), em que aparecem mais ou menos os mesmos elementos em determinado gênero. Aparecem também o conteúdo temático e o estilo. O conteúdo temático diz respeito ao tema abordado, enquanto que o estilo está atrelado ao tema e ao conteúdo.

Sendo assim, os gêneros podem ser considerados ferramentas na medida em que o locutor age numa situação discursivamente por uma série de parâmetros. A escolha do gênero se dá justamente em função desses parâmetros da situação que guiam a ação. Dessa forma, dominar o gênero consiste em dominar a própria situação discursiva.

A partir dessa ideia, pode-se entender que as diversas práticas da linguagem podem ser relacionadas por meio dos gêneros, pois são vistas como formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais. Os gêneros ligados a essas práticas são ferramentas dentro do processo de aprendizagem, pois fornecem suporte para atividades nas mais diversas situações de comunicação, constituindo, assim, uma referência para os aprendizes.

Oliveira (2016) faz algumas reflexões que caracterizam o texto dissertativo-argumentativo cobrado no Enem como um gênero. Apresenta considerações que levam em conta aspectos externos às redações e aspectos internos. Sobre os aspectos externos, a primeira reflexão é de que o texto ocorre em uma situação sociodiscursiva a partir de um exame que integra uma

redação em Língua Portuguesa e quatro provas objetivas. Os candidatos devem elaborar um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, apresentando um tema de ordem social, cultural, científica ou política. Atende a mesma estrutura de uma redação escolar: introdução, desenvolvimento e conclusão. A autora acrescenta que, no Enem, o candidato deve se posicionar de maneira coerente frente às ideias expostas por ele, atendendo, assim, as características do texto dissertativo-argumentativo. Traz a concepção de que a finalidade de tal produção é verificar produções textuais de estudantes que finalizaram o Ensino Médio, instigando a elaboração de um texto com argumentos e o seu posicionamento.

Para Bazerman (2011) *apud* Oliveira (2016), algumas regularidades trazidas pelo texto auxiliam a caracterizá-lo como gênero: um conjunto de textos representativos de certo gênero, regularidades observáveis na produção e recepção dos textos e também percebidas nos papéis sociais desempenhados por seus produtores e leitores. Com relação aos receptores, a autora cita que essa produção será apreciada pelos corretores da redação do Enem, embora seja possível ser contemplada pela mídia e pesquisadores também. Dessa forma, por ter um receptor, quem escreve a redação tem por objetivo atender as cinco competências aferidas durante a correção, bem como construir argumentos sólidos na perspectiva de convencer o leitor/corretor.

Com relação ao entorno social, a princípio, o texto circula apenas nos limites do exame. Posteriormente, passa pelas mãos da equipe corretora. Após a correção, as redações de excelência circularão nas mídias. Com relação à concepção de gênero como ação social, a autora reflete sobre o fato de ser um texto com ampla ação retórica e que adquire significado tanto na situação sociodiscursiva como no contexto social em que está inserido. Oliveira (2016) diz que a redação do Enem assume um significado, uma vez que uma das finalidades é aferir o conhecimento de estudantes que finalizam a educação básica, além de servir como uma possibilidade de ingresso à universidade. Afirma ainda que a redação assume um papel na ação social, visto que consiste em uma ação significante e pode ser interpretável por meio de regras, atribuindo à locução o fator comunicação entre o locutor e o interlocutor, uma vez que todo texto tem uma finalidade de comunicação.

Com relação ao contexto sócio-histórico da redação do Enem, o candidato precisa estar ciente de diversos acontecimentos pelos quais passa a sociedade (tanto os de cunho político quanto os de cunho social) para utilizar-se de maneira satisfatória na sua argumentação. Desta feita, o contexto sócio-histórico é imprescindível para a argumentação. Na redação do Enem, o locutor cita fatos externos ao texto, bem como recorre a conhecimentos compartilhados entre si e seu interlocutor para apresentar sua tese. Sendo assim, alguns elementos são observados na

produção final: como e onde ele foi produzido, em que situação, quem o produziu, quem irá lê-la, quais os objetivos do locutor e qual a aceitação do interlocutor frente ao discurso produzido.

Oliveira (2016) faz uma abordagem acerca de fatores internos que contribuem para caracterizar a redação do Enem como um gênero à luz de Bakhtin (2003): conteúdo temático, estilo e construção composicional. Oliveira (2016) versa sobre os elementos da enunciação, tema, composição e estilo. O tema pertence a uma situação histórica concreta, de uso real, a partir de um contexto histórico. Sobre a construção composicional, a redação do Enem possui aspectos argumentativos e uma situação atípica, que é a proposta de intervenção. Com relação ao estilo, Oliveira (2016, p. 108) observa recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais do gênero redação do Enem.

Em relação ao aspecto da estrutura composicional, afirma que a redação do Enem apresenta aspectos próximos ao artigo de opinião, mas com características de redação escolar. Embora a autora faça referência ao fato de esta não ser a definição adequada para a redação do Enem, reconhece que está inserida no contexto de um exame, possui o número mínimo e máximo de linhas. Para Oliveira (2016), existe uma estrutura composicional desse texto que constitui um novo gênero, uma vez que há critérios definidos para a construção desse texto e uma matriz de referência que regula o processo de correção do gênero. Outra concepção trazida pela autora é a retórica *apud* Perelman; Olbrechts-Tyteca (2005) a partir das categorias de análise e tipos de acordo e técnicas de argumentação. Sobre os tipos de acordo e técnicas argumentativas, a autora compreende que há uma tendência para a escolha do argumento a ser utilizado no texto conforme o tipo de acordo.

Sá (2018) acrescenta aos conceitos de Oliveira (2016) no intuito de trazer características que comprovem que a redação do Enem é um gênero, apresentando à discussão mais duas concepções: os critérios de correção da redação do Enem (características fixas, rígidas e necessárias apresentadas pelo edital do exame) que os corretores lançam mão no momento de avaliá-los e o papel que a redação do Enem exerce na definição programática da educação básica. Sobre esta última colocação, Sá (2018) traz a reflexão acerca da dimensão que a prova do Enem tomou dentro das discussões sobre educação, haja vista a possibilidade de servir como requisito para o ingresso à universidade, bem como ir ao encontro de diretrizes da educação brasileira que retratam a utilização de gêneros como objeto de ensino para o trabalho com a leitura e a escrita, a exemplo dos PCN (1998).

A partir das concepções, a redação do Enem é um gênero, por Oliveira (2016) e ratificada por Sá (2018), trazendo que cada gênero vai eleger uma ou mais de uma dessas sequências. Como citam Koch e Elias (2017b, p.73):

Assim, por exemplo, num conto ou num romance, vamos encontrar, a par das sequências narrativas, responsáveis pela ação propriamente dita (enredo, trama), sequências descritivas (descrição de situações, ambientes, personagens) e expositivas (intromissões do narrador); peças jurídicas como a petição inicial ou a contestação vão conter, normalmente, sequências narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas; num manual de instruções encontrar-se-ão, pelo menos, sequências injuntivas e descritivas, e assim por diante.

Cabe, portanto, à escola possibilitar ao estudante o domínio do gênero, conhecê-lo na sua integralidade, produzi-lo e, de certa forma, ter a capacidade de transferi-lo para outro gênero; colocar os estudantes em situações de comunicação mais próximas possíveis das verdadeiras para que elas possuam sentido e o estudante possa, de fato, dominá-las.

### ***2.2.1. O gênero dissertativo-argumentativo***

Como já mencionado anteriormente, as reflexões teóricas que foram desenvolvidas principalmente por Bakhtin (2003) compreenderam que a língua é uma forma de ação social e histórica e que todas as práticas sociais comunicativas se realizam por meio de formas verbais relativamente estáveis, que são os gêneros. Assim, sempre que ocorre uma comunicação verbal, oral ou escrita, ela se enquadra em um gênero, não são criações individuais, mas construídas historicamente.

O tipo dissertativo pode tender também à argumentação (tipo dissertativo-argumentativo) quando as ideias são organizadas no sentido de persuadir o leitor e de tentar convencê-lo. Os enunciados (argumentos) atribuem qualidades e informações em relação ao objeto ou fenômeno de que se fala para reforçar uma posição, um ponto de vista. Os argumentos podem ser exemplos, qualidades, depoimentos, citações, fatos, evidências, pequenas narrativas, dados estatísticos, entre outros recursos de convencimento.

Quando se nomeia um texto apenas como dissertativo, estamos eximindo do forte poder de argumentação. Porém, ao classificá-lo como dissertativo-argumentativo, as relações argumentativas são reconhecidas e assim, devem ser explicitadas. O gênero dissertativo-argumentativo retrata normalmente problemas sociais controversos, visando trazer sustentação, refutação e negociação de posicionamento. Ele pode constar em vários tipos de textos, tais como texto de opinião, diálogo argumentativo, carta de leitor, carta de reclamação, carta de solicitação, debate regrado, editorial, discurso de defesa, requerimento, ensaio, resenha crítica.

Nas práticas escolares é mais comum vermos o tipo dissertativo abranger tanto características do tipo expositivo quanto do argumentativo. No entanto, o rótulo dissertativo implica o apagamento dessa distinção. Ou seja, ao nomear um texto apenas como dissertativo, fazemos, aparentemente, o movimento de eximi-lo do forte poder da argumentação. Por outro lado, ao nomeá-lo como dissertativo-argumentativo, as relações argumentativas são reconhecidas e devem ser explicitadas. (COROA, 2008, p. 60).

Quando as interpretações expostas pelo texto dissertativo vão mais além nas intenções e buscam explicitamente convencer o leitor/ouvinte sobre a validade dessas explicações, classifica-se o texto como argumentativo.

Em nossa prática cotidiana da linguagem, é natural o uso de exposição e argumentação em diferentes situações. Um exemplo da utilização desses dois recursos é quando, por exemplo, fazemos uma consulta médica e expomos tudo o que sentimos, a fim de que o profissional avalie a situação e opte pelo melhor tratamento. Ao decidir por um procedimento específico, é comum que ele nos apresente argumentos relevantes de que tal tratamento é o melhor a ser feito: vai curar mais rápido; vai doer menos; vai ser mais barato, entre outros. Assim, argumentar é uma prática cotidiana e que é a qualidade dos argumentos a responsável por convencer o leitor ou o ouvinte a aceitar a tese de quem produz o texto. Em propostas de texto dissertativo-argumentativo, o objetivo é fazer com que o produtor exponha uma situação-problema, apresentando uma tese (opinião) sobre o fato e articulando-a com argumentos fortes e coerentes. Um texto dissertativo-argumentativo pode ser caracterizado sumariamente assim: seu autor propõe uma tese (ou uma hipótese) e a justifica.

São partes essenciais na produção de um texto dissertativo-argumentativo a escolha do ponto de vista, a posterior seleção e avaliação dos argumentos que darão suporte ao posicionamento escolhido e as estratégias argumentativas. Antes de pensar sobre os argumentos, devemos, obviamente, selecionar a nossa posição.

Isso não significa, no entanto, que dissertação e argumentação sejam sinônimos, pois apresentam características próprias. Se a primeira tem como propósito principal expor ou explicar, explicar ou interpretar ideias, a segunda visa a convencer, persuadir ou influenciar o leitor ou ouvinte. Na dissertação, expressamos o que sabemos ou acreditamos saber sobre determinado assunto, externando nossa opinião a respeito do que é ou nos parece ser. Na argumentação, procuramos formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco.

Por termos neste trabalho uma especial atenção à produção textual dissertativo-argumentativa, trataremos a partir de agora de caracterizar a redação do Enem como um gênero

textual a partir de Oliveira (2016). A autora descreve aspectos externos do gênero redação do Enem, tais como:

- a) condições de produção e de recepção da redação;
- b) aspectos do entorno social em que a redação acontece;
- c) concepção de gênero como ação social.

Ao abordar aspectos internos do gênero, a autora aponta as seguintes características:

- a) elementos da enunciação: conteúdo temático, construção composicional e estilo;
- b) papel dos interlocutores, a finalidade da enunciação e a esfera de circulação;
- c) estrutura composicional: o plano de texto e a sequência argumentativa;
- d) concepção retórica: os tipos de acordo e as técnicas de argumentação.

Uma característica de gênero é apresentar a influência de cunho social, econômico, político, artístico e cultural da sociedade. Para Oliveira (2016), o referido gênero tem por finalidade escrever para um público específico (corretores do Enem), bem como estabelecer metas ao escrever (as cinco competências). Sobre o contexto de circulação, a autora o considera, em certa medida, restrito aos limites do exame, ou seja, pode circular entre as mídias, pesquisadores e demais estudiosos sobre o assunto.

No que concerne à concepção de gênero como ação social, Oliveira (2016) defende redação do Enem como um texto tipificado com ampla ação retórica e que adquire significado tanto na situação sociodiscursiva como no contexto social em que está inserida. Por compreendermos que as condições de produção não se restringem às circunstâncias da comunicação imediata, acrescentamos aos aspectos do entorno social descritos pela autora contexto de circulação e de recepção das redações, o contexto sócio-histórico da redação do Enem para compormos o contexto amplo do gênero redação do Enem.

A partir de uma abordagem sobre texto à luz da Linguística Textual, procuramos conceituá-la, trazendo como suporte, a clareza sobre o que seriam gênero textual, tipologia textual e sequência textual, visualizando o texto como objeto de pesquisa. Traremos adiante conceitos que aborarão fundamentos básicos da retórica, as técnicas argumentativas e o uso de argumentos falaciosos viasando uma reflexão sobre os seus usos no dia a dia.

### 3 A RETÓRICA: BREVES PERCURSOS HISTÓRICOS

A retórica pode ser compreendida como a arte de convencer e persuadir, o domínio da lógica informal que estuda a arte de falar com eloquência tendo surgido em Atenas, na Grécia antiga, por volta de 427 a.C., momento em que os atenienses, tendo consolidado na prática os princípios do legislador Sólon, passaram a vivenciar a primeira experiência de democracia da História. A partir desse novo cenário que se consolidava com a ausência do autoritarismo de qualquer espécie, era muito importante que os cidadãos conseguissem dominar a arte de bem falar e de argumentar com as pessoas, fosse em assembleias populares ou em tribunais. Desta feita, vieram de Atenas, sobretudo das colônias gregas da época, mestres itinerantes que tinham competência para ensinar essa arte: os sofistas (sábios, aqueles que professam a sabedoria). Os que mais se destacaram foram Protágoras e Górgias.

Os sofistas, na condição de mestres itinerantes, faziam muitas viagens conhecendo assim diversos usos e costumes, dando-lhes uma visão de mundo que lhes permitia mostrar a seus alunos que uma questão podia admitir diferentes pontos de vista. Propuseram como princípio que muitos dos comportamentos humanos não eram naturais, mas sim criados pela sociedade. Como o “sentimento do pudor”, por exemplo. Enquanto que os atenienses acreditavam que fosse algo natural, os professores de retórica afirmavam, por experiência própria, que, em muitos lugares por onde tinham passado, a exposição de certas partes do corpo e certos hábitos, se vistos em Atenas, causariam uma grande perplexidade.

A retórica trouxe como modo básico de raciocínio a demonstração analítica e argumentação dialética. A demonstração analítica deu origem à lógica formal e, posteriormente, ao pensamento cartesiano de Descartes. Segundo ele, duas premissas básicas A e B, conduzem, necessariamente, a uma conclusão C. A proposição inicial é, portanto, evidente por si mesma, não havendo espaço para o contraditório. Já a argumentação dialética, segundo modo de raciocinar, deu origem à Retórica; esse tipo de raciocínio parte de uma proposição inicial possível (ou admitida como provável), justificada por meio de enunciados aceitáveis ou admissíveis como verdadeiros para se chegar a uma conclusão verossímil. Um exemplo diferenciando do que Aristóteles chama de raciocínio demonstrativo (demonstração analítica) e raciocínio argumentativo (argumentação dialética) seria que se o Mar Mediterrâneo for água, é H<sub>2</sub>O. O Mar Mediterrâneo é água. Logo, é H<sub>2</sub>O. Se os animais não têm deveres, não têm direitos. Os animais não têm deveres. Logo, não têm direitos. No argumento 1, trata-se de verdades estabelecidas, que ninguém põe em causa. Mas a primeira

premissa do argumento 2 é muitíssimo disputável. Até pode ser verdadeira, mas não é uma verdade solidamente estabelecida e amplamente reconhecida como tal. Aristóteles diria que o primeiro é um raciocínio analítico ou demonstrativo e o segundo um raciocínio dialético, ou argumentativo.

Os sofistas (principalmente Protágoras) que antecederam Aristóteles, deram outros usos à retórica até reduzi-la ao aspecto do ornamento vazio, utilizado para mascarar as verdadeiras intenções discursivas, e por muito tempo a própria expressão do termo. Por essa razão, os estudos sobre retórica foram negligenciados e esquecidos pelos teóricos e acadêmicos das mais variadas áreas do conhecimento. Somente na metade do século XX, a retórica foi reabilitada no universo acadêmico quando Perelman e Tyteca (2005) publicaram o *Tratado da argumentação: a nova retórica*, despertando o interesse, primeiro, na área do direito e, posteriormente, na linguística, no marketig, na publicidade e na propaganda. Esse estudo é considerado como o marco fundador da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), cujo pressuposto fundamental diz que quando se trata de argumentar, de influenciar, por meio do discurso, a intensidade de adesão de um auditório a certas teses, já não é possível menosprezar completamente, considerando-as irrelevantes, as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito. Pois toda argumentação visa à adesão do público e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual.

Aristóteles passou a usá-la a serviço do justo e do verdadeiro, ligado à democracia e em particular à necessidade de preparar os cidadãos para uma intervenção ativa no Governo da cidade. Diferentemente dos sofistas, que a utilizavam a serviço da classe dominante, auxiliando nos negócios e na política em troca de recompensa. Ele ficou sendo o responsável por introduzir o ensino de Retórica dentro da Academia Platônica (inicialmente considerada a principal forma de comunicação da sociedade grega – a retórica era antes de tudo o discurso do poder). Preocupou-se em educar o homem para a vida, formando pessoas instruídas, éticas e que fossem livres na forma de pensar e argumentar, tendo a clareza para criticar ideias contrárias às suas. Trabalha de maneira contrária aos sofistas que negavam a existência da verdade, somente a existência de opiniões boas ou más, porém, nunca verdadeiras ou falsas – buscavam passar uma ideologia para a manipulação do povo.

Contrário ao que apresentavam Platão e os sofistas, Aristóteles traz uma proposta de estudo sobre a retórica que não existia um simples objetivo que era a persuasão, e sim da escolha dos meios adequados à persuasão. Assim, ao investigar as causas que levam ao convencimento, reelabora a ciência da retórica e observando a arte do bem falar.

Aristóteles destaca dois elementos importantes na retórica:

- Orador: argumenta em favor de uma tese ou opinião, visando a adesão do auditório através de argumentos que sustentem a sua tese;
- Auditório: é a pessoa ou o conjunto de pessoas que se pretende convencer, levando em consideração os valores e opiniões de um dado auditório. O auditório pode ser individual (dirigido a uma única pessoa), particular (dirigido a um conjunto de pessoas) ou universal (dirigido à humanidade em geral).

Destaca no discurso, basicamente quatro elementos: o *exórdio* (sua função é fazer com que o auditório fique receptivo ao orador), a *enunciação da tese* (momento em que o orador organiza a estrutura do seu discurso), *provas* (que podem ser não artísticas – testemunhas e documentos – e artísticas – argumentos inventados pelo orador, como *ethos*, *pathos* e *logos*) e por fim, o *epílogo* (visa deixar boa impressão no auditório ou retomar os pontos já elencados).

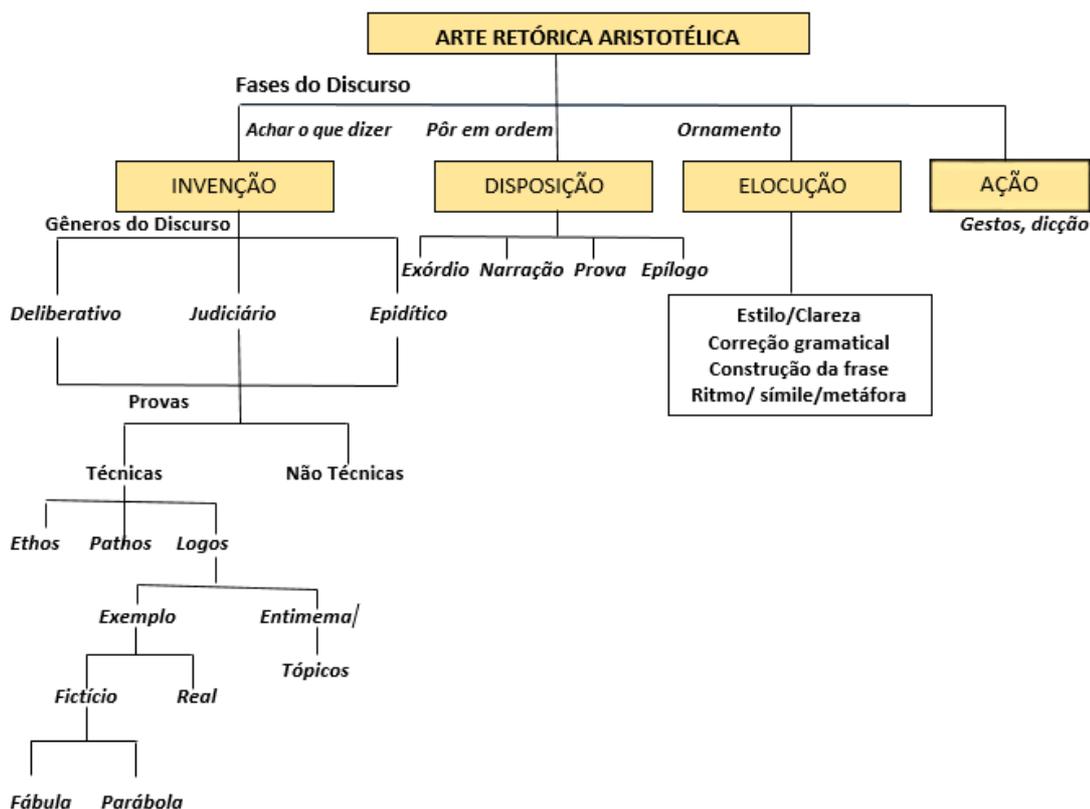
Para Aristóteles, temos três tipos de provas argumentativas no discurso argumentativo, que são:

- *Ethos*: argumentação centrada no caráter do orador, consegue persuadir quando é visto pelo auditório como alguém que inspira confiança através da imagem de uma pessoa prudente e benevolente. É através do discurso que são enaltecidas as qualidades do orador.
- *Pathos*: argumentação centrada no estado emocional do auditório; para ser persuasivo, o orador deve procurar despertar sentimentos e emoções no auditório que sejam favoráveis à tese ou argumentos que defende.
- *Logos*: argumentação centrada no argumento racional; toma-se um conjunto de argumentos organizados de modo a persuadir. Assim, a tese deve ser bem estruturada e clara para que seja bem compreendida. A argumentação mais apropriada, segundo Aristóteles, é a argumentação baseada nos argumentos propriamente ditos (argumentação construída com provas não-artísticas).

Segundo Aristóteles, esses três elementos devem ter uma relação muito estreita para que se manifeste a capacidade de persuasão, ou seja, as emoções (*pathos*) que o discurso (*logos*) do orador desperta no auditório tem um papel importante na imagem que aquele constrói acerca do caráter (*ethos*) do orador.

Abaixo será apresentada a figura que tratará da estruturação esquemática da Retórica de Aristóteles apresentada por Reboul (2004). Faz uma apresentação acerca das fases do discurso: invenção, disposição, elocução e ação.

Figura 4 - Estruturação Esquemática da Retórica de Aristóteles



Fonte: Reboul, (2004, p. 41)

O esquema acima servirá para a compreensão acerca do sistema retórico de Aristóteles, decomposto em quatro partes, melhor explicado por Reboul (2004), sendo:

- **Invenção**: a busca que o orador faz por todos os argumentos e de outros meios de persuasão referentes ao tema de seu discurso (compreender o assunto e reunir todos os argumentos que possam servir). Antes de investir no discurso, deve-se perguntar sobre o que ele irá falar, ou seja, a escolha do gênero do discurso. Assim, podemos escolher entre três gêneros, pois, segundo Aristóteles, existem três tipos de auditório nos quais o discurso deve adaptar-se. Desta forma, temos o gênero *deliberativo* (aconselhar ou dissuadir sobre as questões da cidade); o *epidítico* (censura e na maioria das vezes, louva um homem ou uma categoria de homens) e o *judiciário* (responsável pela acusação ou a defesa). Aristóteles faz menção ao tempo, justificando que o judiciário refere-se ao passado, o deliberativo ao futuro e o epidítico ao presente. Após escolher o gênero do discurso, compete ao orador escolher os três tipos de argumento com o intuito de persuadir: *ethos* e *pathos* (ordem afetiva) e *logos* (ordem racional). É o aspecto dialético da retórica, que Aristóteles retoma

inteiramente do *Tópicos*. Como em tópicos, distingue dois tipos de argumentos: o *entimema* ou silogismo baseado em premissas prováveis (dedutivo); e o *exemplo*, que pelos fatos passados conclui-se os futuros (indutivo). As premissas prováveis dos entimemas são: ou verossimilhança (filho que ama o pai) ou *indícios seguros* (quem amamenta é porque teve um filho), ou *indícios simples* (se existem cinzas é porque queimou). Por fim, precisamos apresentar os lugares ou *topoi* que no sentido lato da palavra, seria como encontrar um argumento. Existem 3 sentidos para o termo, segundo Reboul (2004): o lugar é um argumento pronto que o defensor pode colocar em determinado momento do seu discurso, como usar na defesa o argumento de que teve uma “infância infeliz”, apresentando circunstâncias atenuantes. Porém, no século XVII essa argumentação serviria para a acusação (ser irrecuperável). Assim, temos o *argumento-tipo*, que varia conforme a cultura. Pode ser também um argumento no sentido mais técnico. Não é um argumento-tipo mas sim, um tipo de argumento que pode ganhar conteúdos mais diversos, o lugar *do mais e do menos*, um exemplo seria que quem pode dar mil reais, pode dar cem reais. No terceiro caso, no sentido mais técnico, dos tópicos, o lugar é uma questão típica que nos possibilita encontrar argumentos e contra-argumentos. O lugar é uma questão que permite encontrar argumentos que sirvam à tese, inventar as premissas de uma certa conclusão.

- Disposição: a ordenação dos argumentos que resultará na organização interna do discurso; O exórdio é a parte inicial do discurso e sua função é a conquista do auditório, tornando-o *dócil* (em situação de aprender, assim é necessário fazer uma breve exposição do que vai ser tratado), *atento* (são procedimentos inflamadores) e *benevolente* (momento em que o ethos assume a sua importância).
- Elocução: não refere-se ao discurso oral, mas à redação escrita desse discurso da melhor maneira possível; é a exposição dos fatos referentes à causa, exposição aparentemente expositiva. Precisa ser clara (escolha dos termos e organização das ideias), ser *breve* (eliminando tudo aquilo que seja inútil) e ser *crível* (enunciar o fato com as suas causas)
- Ação: diz respeito ao discurso e tudo que possa implicar, como efeitos de voz, gestos. Conjunto de provas que visa acabar com o argumento dos adversários.

Após elucidar as quatro partes sobre as fases de um discurso, Reboul (2004, p. 44) ressalta que não precisam seguir uma ordem, uma sequência: [...] “pouco importa a ordem cronológica. As quatro partes na realidade são as quatro “tarefas” que devem ser cumpridas pelo orador. Se esse deixar de cumprir alguma delas, seu discurso será vazio, ou desordenado, ou mal escrito ou inaudível.”

### 3.1 A Nova Retórica

Quando se trata de argumentação, percebemos que tem sido abordada por duas principais tendências: a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), principalmente, Oswald Ducrot, tratando do texto como um bloco semântico inscrito e realizado na produção complexa que é o discurso, cuja argumentatividade se dá por meio de certos conectores que orientam o encadeamento dos enunciados e dão sentido ao texto por meio de certas conexões semânticas, resultando na interdependência dos segmentos argumentativos. Do ponto de vista da argumentação, nossa opção teórica é pela Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), onde se encontram, principalmente, Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Olivier Reboul (2004), em que a argumentação é um princípio de qualquer discurso, uma vez que todo texto tem como objetivo influenciar, em alguma medida, seus potenciais leitores. Para esses autores, há técnicas e modos específicos que garantem o sucesso do objetivo comunicativo, e a persuasão acontece.

Chaim Perelman, precursor da Nova Retórica, sua obra mais importante, foi escrita em colaboração com Olbrecht-Tyteca, e chama-se originalmente em francês *La nouvelle rhétorique: Traité de l'argumentation*, cuja primeira edição foi publicada em 1958. Perelman era filósofo belga e trouxe uma reformulação ao pensamento de Aristóteles para situar o raciocínio jurídico, ressaltando a sua natureza argumentativa. Analisou a estrutura da argumentação e conseguiu desenvolver os elementos que a compõe. Sua principal obra foi escrita em conjunto com Lucie Olbrechts-Tyteca, nascida também na Bélgica, foi importante no trabalho de pesquisa e elaboração da nova retórica, trabalhando em parceria com Perelman entre 1948 e 1984. Os autores discutiram o lugar da argumentação na vida moderna (na sociedade, relações públicas, institucionais e também privadas).

Apesar de Amossy (2018) tratar da argumentação no discurso, ela traz importantes contribuições quanto à argumentação e os impactos produzidos por ela no interlocutor.

Se a nova retórica de Perelman, que não estuda os processos languageiros como tais, escapa ao domínio da linguística, ela oferece, contudo, à análise do discurso, um quadro

essencial, na medida em que insiste sobre alguns constituintes essenciais: a importância do auditório, o caráter fundador das premissas, e dos pontos de acordo na interação argumentativa e também os lugares comuns que balizam a argumentação. Enquanto, nas primeiras décadas, os filósofos da linguagem (como Austin) ou os pragmáticos (como Ducrot) não se referem à obra de Perelman, em nossos dias, ao contrário, os linguistas e os analistas do discurso vêm nela, cada vez mais, uma fonte fecunda para a pesquisa linguística.

Perelman prefere utilizar o termo retórica ao vocábulo da dialética, dada a importância que atribui ao auditório (elemento importantíssimo na sua tese), uma vez que toda argumentação objetiva à adesão dos indivíduos.

O objetivo de toda argumentação [...] é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentamento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstração) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN; TYTECA 2005, p. 50)

Assim, o ato de argumentar é essencialmente convencer o outro em que a validade das ideias defendidas é testada ao passo que se tenta persuadir o interlocutor a aceitar a tese proposta. Não significa dizer, no entanto, que o orador renunciará as suas crenças, mas que irá adaptar-se no sentido retórico-argumentativo.

Os autores, baseados na retórica de Aristóteles, descrevem dois tipos de auditório: o universal e o particular. A diferença entre um ou outro diz respeito ao nível de controle de variáveis que o orador possui, elas irão caracterizar, para o orador, o grupo social a que ele se dirige, facilitando a adaptação das proposições argumentativas, e dizem respeito a fatores como o nível social, a faixa etária, o grau de instrução, crenças, e toda informação que possa deixar o auditório mais ou menos homogêneo.

Como já citado, existem três tipos de auditório, conforme Perelman e Tyteca (2005):

- Universal: é formado por cada qual a partir do que sabe de seus semelhantes, de modo a transcender as poucas oposições de que tem consciência. O auditório universal pode ser, portanto, a humanidade inteira ou a população de um país ou um grupo maior como — homens adultos da classe média ou — todas as mulheres etc. Numa argumentação destinada a um auditório universal, considera-se a intencionalidade do orador pressupondo que ele sabe a quem deseja dirigir-se. É evidente que o orador não tem, necessariamente, controle da divulgação de seu discurso, que pode, eventualmente, transcender as

fronteiras a que ele se propôs, justamente por isso a necessidade de adaptar-se para que seus argumentos não sejam voltados contra si.

- Particular: pode ser constituído de uma única pessoa ou de um grupo menor cujas variáveis são mais ou menos homogêneas e conhecidas do orador. Apesar de parecer que argumentar para um auditório particular seja mais fácil, Perelman e Tyteca (2005, p. 34) advertem que

Toda argumentação que visa somente a um auditório particular oferece um inconveniente, o de que o orador, precisamente na medida em que se adapta ao modo de ver de seus ouvintes, arrisca-se a apoiar-se em teses que são estranhas, ou pelo menos francamente opostas, ao que admitem outras pessoas que não aquelas a que, naquele momento, ele se dirige.

Na proposta da nova retórica, os autores trazem a importante distinção entre os termos convencer e persuadir, que na maioria das vezes, são tomados como sinônimos. Perelman e Tyteca (2005, p. 30-31) propõem uma diferença fundamental. Segundo os autores “Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação”. Mais adiante, os autores acrescentam que “[...] Em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir”. Seguem traçando a diferença entre a ação de persuadir e convencer “[...] Propomo-nos chamar persuasiva a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional.” Percebemos, a partir dessa distinção, o jogo entre razão e emoção e a relação entre crer e agir. A rigor, não há discurso exclusivamente racional, já que todo ato de linguagem comporta um componente afetivo-emocional e, por outro lado, há uma diferença entre levar o outro a crer em algo e levar o outro a fazer alguma coisa.

Acerca dos conceitos e diferenciação entre persuadir e convencer, Reboul (2004) nos traz considerações que cabem ser colocadas quanto à oposição razão *versus* emoção. O autor propõe que os discursos orientados com argumentos baseados em condições emocionais são discursos persuasivos, ao passo que discursos com argumentação baseada em condições racionais são discursos convincentes.

Igualmente significativo em relação ao que já foi tratado até aqui, é a questão dos conceitos de *ethos*, *pathos* e *logos*, que são tomados como pressupostos de linguagem, isto é, em toda manifestação linguística esses elementos estão, de um modo ou de outro, presentes. Perelman e Tyteca (2005), embora os considerem como elementos constitutivos da argumentação, mantendo-se fiéis aos princípios da retórica aristotélica: o *ethos* e o *pathos* são

fundamentais na construção do *logos*, ou seja, influenciam no resultado da argumentação, pois são estratégias argumentativas e não apenas pressupostos de linguagem.

Os autores demonstram que uma argumentação eficiente é aquela que preenche a certas condições e segue determinadas técnicas. As condições prévias de que falam os autores são: a) o acordo prévio e b) os lugares da argumentação (ou os lugares, em sentido abstrato, de onde parte o orador); c) as técnicas argumentativas são as estratégias de enunciação que visam ao convencimento. Perelman e Tyteca (2005) apresentam quatro grupos de técnicas argumentativas: (1) os argumentos quase lógicos que podem ser de contradição, por identidade e definição, por analiticidade e tautologia, a regra de justiça, de reciprocidade, argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão e argumentos de comparação; (2) argumentos baseados na estrutura do real, que podem ser as ligações de sucessão e as ligações de coexistência; (3) argumentos que fundam a estrutura do real, que podem ser fundamento pelo caso particular (exemplo, ilustração e do modelo/antimodelo) e o raciocínio pela analogia; e (4) os argumentos por dissociação das noções, que podem ser aparência/validade, meio/fim, individual/universal etc.

### ***3.1.1 As Condições para argumentação eficiente: o acordo prévio e os lugares da argumentação***

O conceito de acordo prévio, são as proposições iniciais da argumentação que devem ser aceitas pelo auditório. Para Perelman e Tyteca (2005, p 73), “[...], esse acordo tem por objeto ora o conteúdo das premissas explícitas, ora as ligações particulares utilizadas, ora a forma de servir-se dessas ligações: do princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes.” Na ausência desse acordo, a argumentação torna-se impraticável. No entanto, mesmo durante o desenvolvimento da argumentação, o acordo entre orador e auditório estabelecido inicialmente pode ser reafirmado ou redefinido.

Há dois tipos de objetos que servem de acordo prévio: o real, que comporta os fatos, as verdades e as presunções, e o preferível, que comporta os valores, as hierarquias e os lugares do preferível. Para Perelman e Tyteca (2005), as premissas baseadas no real são mais propícias ao auditório universal, enquanto as premissas fundamentadas no preferível são melhor orientadas para auditórios particulares.

- Objetos de premissas baseados no real: por um lado, agregam os fatos e as verdades, cujos limites classificatórios são tênues e, por outro lado, as presunções.

a) Os fatos e verdades: os fatos são definidos como dados concretos que se referem a uma realidade objetiva e dependem de sua condição de verificação, no entanto, os autores compreendem que, dependendo da cultura, do lugar geográfico, das crenças e dos valores filosóficos de um grupo, determinados fatos possuem maior ou menor grau de aceitação. “Os fatos que são admitidos podem ser, quer fatos de observação – e esta será, talvez, a fração mais importante das premissas –, quer fatos supostos, convencionais, fatos possíveis ou prováveis” (Perelman; Tyteca 2005, p. 77). As verdades são conjuntos ou sistema inter-relacionados de fatos. “[...] designar-se-ão de preferência com o nome de verdades sistemas mais complexos, relativos a ligações entre fatos, quer se trate de teorias científicas ou de concepções filosóficas ou religiosas que transcendem a experiência”. (Perelman e Tyteca 2005, p. 77). Os pontos de partida da argumentação, dependem quase que exclusivamente do conhecimento que o orador dispõe do auditório, ou seja, o orador precisa estar ciente das concepções defendidas pelo auditório. A argumentação discursiva o mais das vezes, utiliza fatos e verdades (teorias, dados científicos, verdades religiosas, por exemplo) como objetos de acordo distintos, mas entre os quais existem vínculos que permitem a transferência do acordo.

b) As presunções: baseiam-se na ideia de que um enunciado, mesmo que não expressando um fato objetivo da realidade concreta ou uma verdade aceita, refere-se a um dado possível enunciado em condições de verossimilhança. Para Perelman e Tyteca (2005), todos os auditórios admitem presunções. Algumas das presunções mais usuais são

[...] a presunção de que a qualidade de um ato manifesta a da pessoa que o praticou; a presunção de credulidade natural, que faz com que nosso primeiro movimento seja acolher como verdadeiro o que nos dizem e o que é admitido enquanto e na medida em que não tivermos motivo para desconfiar; a presunção de interesse, segundo a qual concluímos que todo enunciado levado ao nosso conhecimento supostamente nos interessa; a presunção referente ao caráter sensato de toda ação humana. (PERELMAN; TYTECA, 2005, p.79)

- Objetos do acordo prévio baseados na estrutura do preferível: nesse grupo se encontram os valores, as hierarquias e os lugares do preferível e são mais indicados para argumentações destinadas a auditórios particulares.

a) Os valores: são crenças e, portanto, possuem um caráter relativo, em geral, dizem respeito àquilo que deve ser objeto de desejo ou de estima e podem ser concretos ou abstratos. Os valores concretos estão vinculados a uma pessoa ou a

um grupo determinado ou, ainda, a um objeto particular; os valores abstratos relacionam-se a algumas noções da cultura ocidental, tais como disciplina, solidariedade, fidelidade, lealdade, etc.

b) As hierarquias: são ligadas aos valores, pois se baseiam em conceitos como a superioridade dos homens sobre os animais ou dos deuses sobre os homens, ou ainda do ser humano sobre a coisa. Hierarquias abstratas podem ser convocadas para estabelecerem acordos prévios, tais como a superioridade do justo sobre o útil ou da causa sobre a consequência.

c) Uma vez estabelecido o acordo prévio, o passo seguinte de qualquer argumentação é determinar o lugar do qual o discurso se desenvolverá, isto é, selecionados os valores, as hierarquias ou os fatos, é preciso fundamentá-los. Na retórica aristotélica, havia dois tipos de lugares: os lugares-comuns e os lugares-específicos. Os lugares-comuns serviam a todo tipo de fundamentação dialética e os lugares-específicos seriam próprios de uma ciência particular ou de uma filosofia. A partir de estudos dos lugares estabelecidos por Aristóteles, Perelman e Tyteca (2005) estabelecem dois lugares principais: os lugares da quantidade e os lugares da qualidade e outros tipos de lugares (lugares da ordem, do existente, da essência e da pessoa), que fundamentam os argumentos selecionados para a argumentação eficiente:

- Os lugares da quantidade: são os lugares comuns que apontam que alguma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas, por exemplo, a escolha da maioria é preferível à escolha da minoria, um bem mais duradouro é preferível a um bem menos duradouro, um produto que serve a muitos é preferível a um produto que serviria somente a alguns, e assim sucessivamente. “Podemos considerar como lugares da quantidade a preferência concedida ao provável sobre o improvável, ao fácil sobre o difícil, ao que há menos risco de nos escapar”. (Perelman e Tyteca, 2005, p. 99).

- Os lugares da qualidade: em oposição aos lugares da quantidade, desprezam o benefício dos números. Fundamentar uma argumentação a partir dos lugares da qualidade é — mostrar que nossa escolha sobre determinado ente ou de um objeto qualquer está associado à maneira como decorre da maneira como concebemos nossas relações com ele, ou seja, podemos valorizar aquilo que é raro e original para contrapor ao múltiplo e corriqueiro.

Lugares como da ordem, do existente, da essência e da pessoa também são examinados por Perelman e Tyteca (2005), embora reconheçam que, de maneira geral, todos

os lugares poderiam ser agrupados nos dois primeiros tipos, e afirmam que examinar esses outros lugares é somente uma especificação dos primeiros.

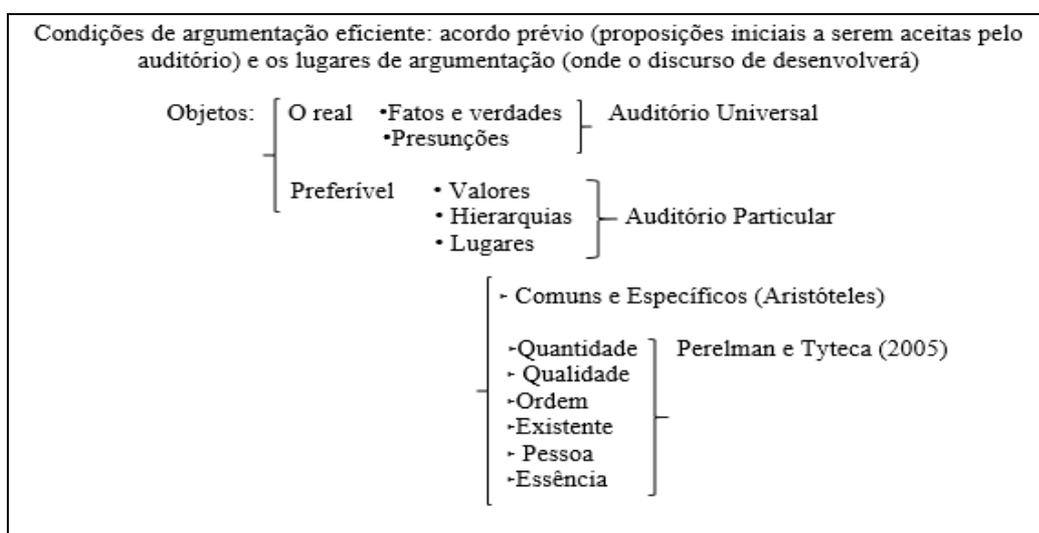
- Os lugares da ordem sustentam que o anterior é superior ao posterior, isto é, as causas são superiores às consequências e os princípios superiores aos objetivos; os fatos são superiores às leis etc.

- Os lugares do existente afirmam a superioridade daquilo que existe em relação ao que é possível, do que é concreto em relação ao que é abstrato; o que é real é superior ao que é eventual e o possível é superior ao que é impossível.

- Os lugares da essência serão construídos a partir de protótipos, ou seja, basear-se-á no elemento que melhor representa a categoria na qual a tese se enquadra, isto coloca em evidência a superioridade de alguns elementos em relação aos demais do grupo categorial a que ele pertence. Isso mostra que os lugares são, em primeira instância, pertencentes aos lugares da ordem, e, estes por sua vez, pertencentes aos lugares da qualidade.

- Os lugares da pessoa fundamentam os argumentos a partir de acordos prévios baseados nos valores, pois afirmam os vínculos entre a pessoa e sua dignidade, mérito, autoridade e autonomia. Isto é, os lugares da pessoa valorizam aquilo que é essencialmente o ser humano, suas qualidades mais importantes e suas características mais desejáveis.

Figura 5 - Esquema das categorias da Teoria da Argumentação no Discurso



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Em relação aos lugares examinados por Perelman e Tyteca (2005), não se mencionam a interação entre eles, a não ser para reconhecer que uns são derivados de outros ou a eles se vinculam. No entanto, é possível afirmar que os discursos argumentativos, em

geral, utilizam mais de um lugar durante o percurso da argumentação, e, muitas das vezes, um lugar pode ser convocado justamente para confirmar argumentos trazidos a partir de um lugar diferente. Assim, defendemos a interação entre os lugares e sua interdependência para deixar a argumentação mais consistente e eficaz.

### ***3.1.2 A arte de argumentar: técnicas argumentativas – os silogismos***

Argumentar é uma arte: a de convencer e persuadir, portanto, convencer é saber gerenciar informação, comprovar, é demonstrar. Etimologicamente, a palavra convencer significa vencer junto com o outro (com + vencer) e não contra o outro, segundo Abreu (2009). Persuadir é saber gerenciar, é falar à emoção do outro. A sua origem está ligada à preposição per, “por meio de” e a Suada, deusa romana da persuasão. Significava “fazer algo por meio do auxílio divino”. Convencer é construir algo no campo das ideias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós; enquanto que persuadir é construir no terreno das emoções, sensibilizando o outro para agir. Um exemplo da diferença entre convencer e persuadir é quando se trata de dar as informações a um fumante sobre os malefícios do cigarro, mesmo assim ele continue fumando, ou seja, mesmo ele estando convicto dos malefícios, ainda assim não consegue abandonar o vício. Houve o convencimento (campo das ideias) mas não a persuasão (campo das emoções). Um outro exemplo seria quando a pessoa vai a uma cartomante persuadida por alguém (embora que racionalmente não tenha indícios para fazê-lo), mas não tenha sido convencida a partir das informações trazidas, ou seja, não foi convencida de que a sua “consulta” valeu à pena.

Argumentar é, em primeiro lugar, convencer, ou seja, vencer junto com o outro, caminhando ao seu lado, utilizando, com ética, as técnicas argumentativas, para remover os obstáculos que impedem o consenso. Argumentar é também saber persuadir, preocupar-se em ver o outro por inteiro, ouvi-lo, entender suas necessidades, sensibilizar-se com seus sonhos e emoções[...] Argumentar é motivar o outro a fazer o que queremos, mas deixando que ele faça isso com autonomia, sabendo que suas ações são frutos de sua própria escolha. Afinal, as pessoas não são máquinas esperando ser programadas. Persuadir é ter certeza de que o outro também ganha com aquilo que ganhamos. É saber falar menos de si e do que se quer, e mais do outro e do que é importante para ele. Argumentar é também saber dosar, “na medida certa”, o trabalho com ideias e emoções. A “medida certa” é gastar mais tempo em persuadir do que em convencer. Uma boa proporção é utilizar trinta por cento do tempo convencendo e setenta por cento persuadindo. Desta forma podemos então compreender que argumentar é a arte de, gerenciando informação, convencer o outro de alguma coisa no plano das ideias e de, gerenciando relação, persuadi-lo, no plano das emoções, a fazer alguma coisa que nós desejamos que ele faça. Para tanto, a primeira condição da argumentação é ter definida uma tese e saber para que tipo de problema essa tese é resposta (ABREU, 2009, p. 42).

Segundo Abreu (2009), existem quatro condições para que haja a argumentação, para defendermos uma tese primeiramente é preciso saber quais são as perguntas que estão em sua origem. Muitas pessoas se queixam que, apesar de suas ideias serem boas, estas não são levadas em consideração. O que se deve perceber é que essas ideias são respostas a perguntas que foram feitas a si mesmas. É preciso primeiro fazer a pergunta ao grupo e quando todos estiverem procurando uma solução, aí é o momento de lançar a ideia. Sobre esta condição, podemos trazer para o contexto da escrita, fazendo alusão ao fato de que todo argumento deve ser claro e estar diretamente associado à tese a ser defendida.

Ter uma “linguagem comum” com o auditório é a segunda condição da argumentação, pois temos de nos adaptar às condições intelectuais e sociais daqueles que nos ouvem. Temos de ter um especial cuidado, por exemplo, para não usar termos técnicos ou pertencentes a uma área muito específica para pessoas que não as conhecem. A argumentação deve ser uma atividade de aproximação e não de exclusão. Dentro do processo de escrita, sobretudo na defesa de um ponto de vista, novamente trazemos a reflexão acerca da clareza dos dados trazidos, bem como da natureza das informações trazidas e sua relevância com os pontos tratados.

O contato positivo com o auditório, com o outro, é a terceira condição da argumentação, diz respeito ao gerenciamento de relações. Outra fonte de contato positivo com o outro é saber ouvi-lo, apesar de a maioria não conseguir desenvolver esta habilidade. A maior parte de nós tem a tendência de falar o tempo todo. É preciso desenvolver a capacidade da audiência empática. Sobre esse ponto, Abreu (2009) ressalta que se faz necessário pensar de forma consciente nas palavras, ao som da voz do outro, pois é através dela que expressamos nossos sentimentos, fazendo-nos enxergar também a postura corporal, expressões faciais, entre outros. Sobre esse aspecto, trazendo para o universo da escrita, criar o vínculo com o auditório diz respeito a estabelecer um entrelaçamento com quem esteja lendo o que escrevemos, de maneira a fazer com que haja uma compreensão e adesão através dos argumentos utilizados para a defesa da tese.

A quarta e última condição para a argumentação, segundo Abreu (2009), e a mais importante delas, é agir de forma ética, ou seja, devemos argumentar com o outro, de forma honesta e transparente para que a argumentação não seja confundida com manipulação. A credibilidade é uma característica imprescindível no processo argumentativo. A credibilidade é transversal à escolha dos argumentos, que sejam claros, pertinentes e de fontes fidedignas. Embora o autor destaque as quatro condições para argumentação sob o ponto de vista

argumentativo na oralidade, conseguimos perceber claramente esses quatro pontos na proposta argumentativa a partir da escrita.

O jogo discursivo para a argumentação é, então, relacionar um determinado ato a uma pessoa. O tipo de argumentação, evidentemente, dependerá da tese que se pretende sustentar, isto é, depende de o orador pretender mostrar o valor da pessoa por seus atos, ou depreciar uma pessoa com base nos seus atos, ou, ainda, desvalorizar um ato a partir da depreciação do agente.

Desta maneira, argumentar é conduzir o interlocutor de forma a acreditar em algo (a tese proposta) por meios discursivos baseados em condições de verossimilhança, da mesma forma que o ato argumentativo exige que sua produção leve em conta as condições sociais nas quais a argumentação estará inserida, como também as condições psíquicas dos envolvidos na discussão – orador e auditório –, de modo que argumentar é, um ato sociocognitivo complexo.

Entende-se por técnicas argumentativas os fundamentos que estabelecem a ligação entre as teses de adesão inicial e a tese principal. Quando queremos defender um ponto de vista para convencer o nosso auditório, não utilizamos de imediato a tese principal, ou seja, o ponto de vista que queremos defender. Utilizamos, primeiramente uma tese preparatória com vistas a convencê-lo. À medida que o auditório concordar com ela, a argumentação ganha maior credibilidade, sendo mais fácil apresentar a tese principal. A tese de adesão inicial é a introdução, será usada no 1º parágrafo da redação. Para encontrar a tese de adesão inicial devemos interrogar o tema da redação, transformar ele numa pergunta. A resposta será a nossa tese de adesão inicial. Ou seja, as respostas para a tese de adesão inicial são os argumentos que serão usados para defender a nossa tese principal.

O discurso argumentativo, assim como todo discurso, é um todo constituído de suas partes e se insere num contexto particular de uma situação social específica cujas condições de sua produção determinam, em parte, o seu efeito e o seu resultado. Perelman e Tyteca (2005) reconhecem os riscos de apresentar separadamente as chamadas técnicas argumentativas sob a ameaça de se perder a articulação existente entre elas. Para que haja uma melhor compreensão sobre o esquema da argumentação, serão apresentadas separadamente as técnicas argumentativas sem, contudo, perder de vista o foco de que essas técnicas se articulam e se relacionam no conjunto que compõe uma argumentação. Como mencionado anteriormente, Perelman e Tyteca (2005) baseiam as técnicas argumentativas em dois conjuntos de base: a associação de noções e a dissociação de noções.

As noções, tais quais expressam os autores, são, na realidade, — seleção visível de uma qualidade que se enfatiza e que deve completar nosso conhecimento do objeto, a argumentação é o discurso que visa à adesão a uma determinada tese, que é o objeto do discurso. Esse objeto possui, evidentemente, defeitos e qualidades. Serão as qualidades que deverão ser enfatizadas, caso se queira defender o objeto ou, serão os defeitos a serem enfatizados, caso se queira depreciá-lo. Assim, as noções nascem da qualificação que o orador faz dos objetos de seu discurso e — essas noções, enquanto seu emprego não suscita dificuldades, apresentam-se igualmente como dados nos quais se crê poder confiar, e nos quais se confia, de fato, eficazmente, servindo ao orador ora como compreensão do objeto da tese, ora como extensão desse objeto, permitindo ao orador construir teorias a partir da interpretação dos dados e do real para conduzir o auditório às possibilidades que as noções permitem elaborar.

Associar noções é, portanto, selecionar dados correlatos e apresentá-los ao auditório como agregadores do sentido que se deseja expressar; por essa estratégia, o orador oferece possibilidades de interpretações dos dados selecionados unindo as qualidades que cada conjunto de dados possui. Por outro lado, dissociar noções é separar o conjunto de qualidades que cada grupo de dados comporta mostrando ao auditório suas individualidades, que devem ser compreendidas e focalizadas.

A associação de noções comporta três grandes técnicas argumentativas, segundo Perelman e Tyteca (2005): os argumentos quase lógicos (argumento de contradição, argumento por identidade e definição, por analiticidade e tautologia, regra de justiça, argumento de reciprocidade, argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão e argumentos de comparação), os argumentos baseados na estrutura do real (as ligações de sucessão, e as ligações de coexistência), e os argumentos que fundam a estrutura do real, nesta categoria estão incluídos (fundamento pelo caso particular -exemplo, ilustração e do modelo/antimodelo e o raciocínio pela analogia).

A dissociação de noções é, em si mesma, uma técnica argumentativa, apresentada por Perelman e Tyteca (2005), cujo fundamento é demonstrar a inexistência da relação entre dados como, por exemplo: aparência/validade, meio/fim, ato/pessoa, individual/universal etc.

Na sequência, apresentaremos o que os autores discutem sobre essas técnicas argumentativas.

1) Argumentos Quase Lógicos: recebem esse nome porque muitas das incompatibilidades não dependem de aspectos puramente formais e sim da natureza das coisas ou das interpretações humanas. Como o próprio nome sugere, a argumentação quase-lógica

caracteriza-se por sua semelhança com os raciocínios da lógica formal. Perelman e Tyteca (2005, p. 219) dizem que “em todo argumento quase-lógico convém pôr em evidência, primeiro, o esquema formal que serve de molde à construção do argumento, depois, as operações de redução que permitem inserir os dados nesse esquema e visam torná-los comparáveis, semelhantes, homogêneos.”

a) **Contradição e incompatibilidade:** Perelman e Tyteca (2005) apresentam o argumento de contradição como o que melhor fundamenta uma contra-argumentação. No entanto, o argumento de contradição é muito utilizado quando o orador, antecipando-se a uma possível réplica, já expõe, ele próprio, as noções convocadas para o seu discurso que poderiam ser tomadas como incompatíveis, justificando-as em seus devidos contextos. Fazendo esse movimento discursivo, o orador, além de neutralizar seu possível combatente, consolida os sentidos de seus enunciados, fortalecendo a possibilidade de adesão à tese proposta.

O argumento de contradição é, em última análise, a melhor mostra da argumentação dialética, pois o que está na raiz do discurso argumentativo é o fundamento democrático de que toda tese proposta pode ser questionada, discutida, debatida e examinada por ângulos diferentes. É a existência do espaço para o exame do contraditório que diferencia os discursos autoritários da argumentação legítima.

Com essa técnica, a pessoa que argumenta visa demonstrar que a tese de adesão inicial, com a qual o auditório previamente concordou, é compatível ou incompatível com a tese principal. Podemos, por exemplo, antes de tentar convencer o Secretário de Transportes de nossa cidade a retirar as lombadas das ruas (tese principal), fazê-lo concordar com a tese de adesão inicial de que, em caso de incêndio ou transporte de doentes, as lombadas prejudicam sensivelmente a locomoção de carros de bombeiro e de ambulâncias, que são obrigados a parar a cada obstáculo, atrasando um socorro que deveria ser imediato. As lombadas são, pois, incompatíveis com o bom funcionamento dos serviços públicos de emergência.

O argumento de contradição é frequentemente aplicado quando o orador deseja combater uma tese que vem sendo desenvolvida. Os enunciados podem ser asserções e suas negações e colocá-los juntos num mesmo sistema argumentativo é considerado uma incompatibilidade. Argumentar pelo contraditório é evidenciar as noções incompatíveis postas num mesmo aparelhamento por um orador. Perelman e Tyteca (2005, p. 222) dizem que, no caso do discurso fundado na contradição, a argumentação se empenhará em mostrar

que as teses combatidas levam a uma incompatibilidade, que nisso se parece com uma contradição, que ela consiste em duas asserções entre as quais cumpre escolher.

A incompatibilidade é resultante de dois princípios básicos: ou é advindo da natureza das coisas tomadas como objeto da tese, e, neste caso, a incompatibilidade é evidente por si mesma, já que os enunciados associam noções que, por natureza, se repelem; ou, por outro lado, resultam da decisão humana. Nesse último caso, a incompatibilidade precisa ser ricamente justificada, pois o grau de formalismo lógico aplicado às noções que somente por decisão humana são incompatíveis diminui drasticamente.

A incompatibilidade não é um princípio universal, isto é, dizer que duas noções são incompatíveis entre si depende da cultura e, em último caso, das circunstâncias nas quais o discurso é produzido, pois “a incompatibilidade é sempre relativa a circunstâncias contingentes, sejam estas constituídas por leis naturais, fatos particulares ou decisões humanas” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p.223).

b) Argumentos por identidade e definição, por analiticidade e tautologia: aqui, o discurso é composto por elementos que constituem o seu objeto. Esses objetos são construídos a partir das noções convocadas para dar a esses objetos materialidade linguístico-discursiva. Argumentar por identidade é relacionar esses vários elementos que constituem o objeto do discurso demonstrando a identificação entre eles. Há dois tipos de identificação que o orador pode propor em seu discurso: a identidade total entre as noções e a identidade parcial dos elementos postos sob análise. Para Perelman e Tyteca (2005, p. 238), “o procedimento mais característico de identificação completa consiste no uso de definições.”

Esses autores afirmam que há quatro tipos de definições que devem ser levadas em conta pelo orador. São elas: as definições normativas, definições descritivas, definições de condensação e definições complexas. As definições estão relacionadas aos sentidos que se pretendem estabelecer com os termos empregados nos enunciados ou a suas fronteiras. O sentido é obra humana, e não a expressão de uma realidade objetiva, o principal perigo que se deve combater é o conflito das subjetividades, resultante da profusão de regras arbitrárias (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 25).

c) Estabelecidas as definições de termos considerados equivalentes entre si, o passo seguinte no procedimento argumentativo é determinar as relações de analiticidade entre eles, que serão estabelecidas a partir do acordo prévio aceito entre orador e auditório, ou entre agente argumentador e argumentatário, que, por convenção, assumirão a possibilidade de as duas noções serem equivalentes entre

si. Isto é, a analiticidade depende do nível de aceitação das definições propostas no discurso argumentativo.

As analiticidades estabelecidas num discurso argumentativo podem trazer à luz certos enunciados considerados por muitos, principalmente entre os semanticistas, como tautologias. Esses últimos teóricos, os defensores da Semântica Formal, dizem que as tautologias são enunciados não portadores de informação, ou enunciados evidentes por si mesmos, que não possuem nenhuma carga informativo-argumentativa. No entanto, Perelman e Tyteca (2005, p. 246) dizem que —quando, numa argumentação não formal, a tautologia parece evidente e voluntária, como nas expressões do tipo 'um tostão é um tostão', 'crianças são crianças', deverá ela ser considerada uma figura e, portanto, possuir força argumentativa. É Reboul (2004, p. 113) quem dedica mais atenção às figuras, considerando-as como argumentos baseados na analiticidade. Para este autor, o estilo é uma importante estratégia argumentativa, pois permite ao orador —expressar-se de modo livre e codificado. [...] “Livre porque não somos obrigados a recorrer a ele para comunicarmos [...] e codificado porque cada figura constitui uma estrutura conhecida, repetível, transmissível.”.

d) Regra de Justiça: A regra de justiça fundamenta-se no tratamento idêntico a seres e situações integradas em uma mesma categoria. Um filho pode protestar, caso o pai se recuse a contribuir no pagamento da faculdade, dizendo que acha isso injusto, pois seus dois irmãos mais velhos tiveram seus cursos superiores pagos por ele. Os critérios de classificação podem atender a níveis distintos de objetivos a depender da área na qual se contextualiza a classificação, porém, no geral, as entidades do mundo são colocadas numa determinada categoria a partir de suas semelhanças. É o critério de semelhanças compartilhadas que fundamenta o argumento da regra de justiça.

e) Argumentos de reciprocidade: Perelman e Tyteca (2005, p. 250) orientam que a aplicação do argumento de reciprocidade visa aplicar o mesmo tratamento a duas situações correspondentes. A identificação das situações, necessária para que seja aplicável a regra de justiça, é aqui indireta, no sentido de que requer a intervenção da noção de simetria. Perelman e Tyteca (2005, p. 251) ainda explicam que os argumentos de reciprocidade também podem resultar da transposição dos pontos de vista, transposição essa que permite reconhecer, através de sua simetria, a identificação de certas situações.

f) Argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão: A transitividade é, por definição, etimológica, um processo de transferência de certas propriedades de

uma entidade A para uma entidade B. Em termos lógicos, a transitividade mobiliza três entidades, pois —é uma propriedade formal de certas relações, que permite passar da afirmação de que existe a mesma relação entre os termos A e B, e entre os termos B e C, à conclusão de que ela existe entre os termos A e C: As relações de igualdade, de superioridade, de inclusão, de ascendência são relações transitivas.

O silogismo clássico é fundamentado nas relações de transitividade e de inclusão, pois consiste no esquema entre três entidades, duas proposições, das quais a afirmação da segunda estará contida na noção proposta na primeira, e as duas afirmações juntas conduzem à conclusão. Ou seja, a relação entre a proposição A e a proposição B demonstra a relação entre a proposição A e a conclusão C. Já as relações de superioridade indicam que, se A é superior a B, mas B é superior a C, logo A é superior a C. As relações de inclusão afirmam que, se A contém B e B contém C, logo A contém C. Por fim, as relações de ascendência irão propor que, se A é anterior a B e B é anterior a C, logo A é anterior a C.

g) As outras estruturas argumentativas relacionadas com a transitividade dizem respeito à inclusão (da parte no todo) e a divisão (do todo em partes). Perelman e Tyteca (2005, p. 262) explicam que - a relação de inclusão ocasiona dois grupos de argumentos que há interesse em distinguir: os que se limitam a demonstrar essa inclusão das partes num todo e os que demonstram a divisão do todo em suas partes e as relações daí resultantes; o movimento argumentativo que cabe ao orador realizar após proceder à inclusão ou à divisão consiste em tratar os argumentos daí resultantes - como iguais.

A divisão do objeto de argumentação em partes é um procedimento que oferece ao agente argumentador a possibilidade de apresentar sua tese a partir do princípio da analiticidade, fornecendo ao auditório uma perspectiva ampla e dinâmica, o que pode levá-lo mais rapidamente à adesão, pois o argumento por divisão está na base do dilema, forma de argumento em que se examinam duas hipóteses para concluir que, seja qual for a escolhida, chega-se a uma opinião, a uma conduta, de mesmo alcance.

h) Argumentos de comparação: toda argumentação requer que o orador coloque em confronto realidades diferentes, comparando-as. A comparação é, assim, um importante componente do ato argumentativo, seja para tratar de qualidades de igualdade entre os objetos cotejados, seja para demonstrar a qualidade de desigualdade entre eles. A comparação tem o benefício de mediar duas noções, com frequência uma abstrata e uma concreta, auxiliando o orador a construir,

discursivamente, a imagem que pretende fazer o auditório aderir, e geralmente são associadas às figuras retóricas, para conferir ao argumento maior impacto discursivo. Contudo, é também comum em atos argumentativos que duas noções, ambas concretas, ou ambas abstratas, sejam comparadas entre si para melhor cotejo. Perelman e Tyteca (2005, p. 275) assim se pronunciam:

As comparações podem dar-se por oposição (o pesado e o leve), por ordenamento (o que é mais pesado que), por ordenação quantitativa (no caso, a passagem por meio de unidades de peso). Quando se trata de noções tomadas de empréstimo ao uso comum, os critérios são geralmente complexos: a decomposição de uma noção, tal qual a operam os estatísticos [...] constitui um esforço para levar em conta os diversos elementos mensuráveis.

As combinações diversas que podem ser realizadas a partir de comparações podem, por exemplo, atribuir qualidades ao objeto discursivo em questão com base em sua comparação com elementos tidos como desejáveis para o auditório e, inversamente, o objeto da argumentação pode ser desqualificado a partir de sua comparação com elementos que o auditório despreza. Esse procedimento, apesar de legítimo do ponto de vista argumentativo, coloca o agente argumentador em situação periclitante, já que este precisa conhecer os valores aceitos e defendidos pelo auditório antes de aplicar a estratégia, o que nos leva a crer que este procedimento é mais propício quando se trata de um auditório particular, a menos que, em se tratando de um auditório universal, o orador coloque em funcionamento os valores que são universalmente aceitos ou desprezados.

i) Retorsão: Retorsão é a réplica que é feita, utilizando os próprios argumentos do interlocutor. Um exemplo seria o fato de, no dia seguinte em que entrou em vigor, no ano de 1998, o novo Código Nacional de Trânsito, as mídias televisivas mostravam donos de carros antigos comprando nas lojas de acessórios, cintos de segurança com três pontos, além de apoiadores de cabeça para os bancos traseiros, visando cumprir um artigo do código que estabelecia a necessidade desses equipamentos em todos os veículos em circulação no país. No entanto, pouco depois, um jurista apareceu na mesma emissora de televisão, afirmando que não havia a necessidade daquele procedimento, uma vez que no mesmo código, em outro artigo, desautorizava as mudanças das características originais de fabricação dos veículos, ou seja, o próprio código que exigia adaptações, em outro artigo, tinha um texto proibitivo.

j) Ridículo: Uma argumentação é ridícula quando entra em conflito com uma afirmação aceita, sem a devida justificativa. O argumento do ridículo caracteriza-se por criar uma situação irônica, ao se adotar, de forma provisória, um argumento

do outro, extraindo dele todas as conclusões, por mais extravagantes que sejam.

Um exemplo, de autoria de Clóvis Rossi, publicado no jornal Folha de S. Paulo:

Cai o Palace 2 e os culpados são as vítimas, se se pudesse levar a sério a afirmação de seu construtor, o deputado Sérgio Naya, de que ouviu falar que algum morador do prédio estava construindo irregularmente uma piscina, em clara insinuação de que fora essa a causa do desabamento. São Paulo quase some sob as águas de março e os culpados são, de novo, as vítimas. Se não fosse o tal do povo sujar as ruas, os bueiros não teriam ficado entupidos e não teria, em consequência, havido alagamentos. É o que alega a laboriosa Prefeitura de São Paulo, gestão Celso Pitta [...] (ROSSI, 1998, s/p).

1) Definições: Para entender o uso das definições como técnicas argumentativas, é preciso, antes de mais nada, conceituá-las. As definições podem ser: lógicas, expressivas, normativas e etimológicas.

- Definições Lógicas

Para definirmos uma janela, podemos começar: janela é uma abertura na parede. Porém, se ficarmos somente nisso, não teremos uma definição porque uma porta também é uma abertura na parede. Temos que acrescentar diferenças entre essa abertura e outras possíveis. Podemos dizer: janela é uma abertura na parede em uma altura superior ao solo. No entanto, um orifício feito com uma broca pode ser também uma abertura na parede em uma altura superior ao solo. Devemos dizer, finalmente, que uma janela é uma abertura ampla numa parede, em uma altura superior ao solo, com a finalidade de iluminação e ventilação.

- Definições Expressivas

A definição expressiva não tem o compromisso com a lógica. Depende de um ponto de vista. Um arquiteto pode, por exemplo, definir janela como uma oportunidade para contemplar o verde. Outro exemplo, pode ser dado a partir de Millor Fernandes que criou uma definição de família, satirizando a falta de comunicação, dizendo que família é um conjunto de pessoas que têm a chave de uma mesma casa.

- Definições Normativas

Estas indicam o sentido que se quer dar a uma palavra em um determinado discurso e dependem de um acordo feito com o auditório. Um médico poderá dizer, por exemplo que para efeito legal de transplante de órgãos, deve-se considerar a morte do paciente como o desaparecimento completo da atividade elétrica cerebral.

- Definições Etimológicas

As definições etimológicas são fundamentadas na origem das palavras, como exemplo, o que já foi apresentado anteriormente, que a origem da palavra convencer significa vencer junto com o outro, pois é formada pela preposição com mais o verbo vencer. Se fosse vencer o outro ou contra o outro, deveria ser contravencer.

2) Argumentos Baseados na Estrutura do Real possuem como superestrutura o seguinte esquema de raciocínio: há os dados A e B, que possuem entre si uma determinada ligação, seja de sucessão, seja de coexistência; o exame da relação existente nessa ligação promove (ou não) a adesão à conclusão C. Se os argumentos quase-lógicos se valem de estruturas argumentativas formais, os argumentos baseados na estrutura do real —valem-se delas para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se deseja promover [...], o essencial é que eles pareçam suficientemente garantidos para permitir o desenvolvimento da argumentação (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 297).

Em outras palavras, a argumentação fundada em argumentos baseados na estrutura do real, parte de noções que o orador sabe que o auditório admite como verdades ou como presunções para, com base nelas, promover a adesão ao objeto (noção) que ele pretende promover. O princípio de solidariedade por meio do qual esses argumentos tornam-se eficazes serve para que o agente argumentador consiga transpor possíveis resistências que o auditório possa manifestar em relação à tese apresentada. Vale mencionar que a expressão 'baseados na estrutura do real' não comporta nenhuma discussão filosófica, metafísica, psicanalítica ou ontológica. Isto é, não é interesse da TAD oferecer uma descrição objetiva do real. Por 'real' entenderemos a maneira pela qual as opiniões, de maneira geral, se apresentam, podendo, inclusive, essas opiniões serem tomadas como fatos ou como verdades ou ainda como presunções. As estruturas argumentativas abrigadas sob essa técnica são: a) as ligações de sucessão, que englobam o vínculo causal (relação causa e efeito, meios e fins), o argumento pragmático, o argumento do desperdício e o argumento da direção, e b) as ligações de coexistência, que englobam a relação entre a pessoa e seus atos e o argumento de autoridade.

a) As ligações de *sucessão*: Entre as ligações de sucessão consideradas como argumentos, a mais importante são as ligações que estabelecem vínculos causais entre dois objetos ou duas situações. O vínculo causal pretende, a princípio, explicar a existência de um objeto por meio de um outro objeto que lhe é ascendente, mas também pode servir para demonstrar que uma dada situação é ou foi determinada por uma situação anterior, e, ainda, o vínculo causal serve ao orador para antecipar os efeitos causados por uma determinada situação.

O importante para o agente argumentador é perceber que, na argumentação por ligações de sucessão, o princípio norteador do discurso deve ser a demonstração do como e do porquê entre os elementos cotejados, pois o vínculo causal é, antes de tudo o mais, um postulado universal, já que o princípio da causalidade repousa na noção de que todo acontecimento tem uma causa e, portanto, —a busca da causa corresponde, em outras

circunstâncias, à do efeito. A argumentação se desenvolve, nesse caso, de uma forma análoga: o acontecimento garante certas consequências; algumas consequências previstas, se elas se realizam, contribuem para provar a existência de um fato que as condiciona (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 302).

Nesse caso, a utilização do vínculo causal entre elementos discursivos transforma a causa enunciada em apresentação de dados concretos ou provas ou, ainda, fatos, e possuem força argumentativa quase que inegável, ao passo que as consequências serão tratadas como verdades ou presunções.

O vínculo causal pode ser objeto argumentativo a partir de dois movimentos discursivos: no primeiro movimento, temos a análise que parte da causa em direção aos efeitos, demonstrando, por exemplo, como uma norma social pode ser desvalorizada por ter sua origem numa tradição social já em desuso; ou seja, o agente argumentador desvaloriza a causa para conseguir a adesão à tese de que seus efeitos devem ser, igualmente, desvalorizados.

No segundo movimento, a análise segue a direção inversa. Nesse caso, a análise parte dos efeitos em direção à causa. Esse tipo de estrutura argumentativa caracteriza o argumento pragmático que pretende apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis [...]. “O argumento pragmático parece desenvolver-se sem grande dificuldade, pois a transferência para a causa, do valor das consequências, ocorre mesmo sem ser pretendido” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 303).

O fundamental nesse tipo de argumentação é que ele expressa sempre juízos de valor e, como tal, varia conforme variem os auditórios para os quais se argumenta. Além disso, o argumento pragmático apresenta-se como uma passagem de alguma coisa por meio de suas consequências, isto é, além de considerar o argumento em si, o orador precisa mobilizar as noções de divisão da parte no todo para garantir a eficácia do argumento.

As ligações de sucessão também colocam em causa a relação entre os fins e os meios, e como as relações examinadas anteriormente, as noções de fins e meio também são juízos de valor. Na maioria das vezes, as argumentações tentam justificar os meios com base na qualificação dos fins, isto é, os objetivos a serem alcançados, a depender do nível de valoração a eles atribuídos por um auditório pode constituir uma excelente estratégia discursiva para fazer valer a tese.

Uma questão interessante sobre as ligações de sucessão – tanto as relações estabelecidas pelo vínculo causal, como as relações entre fins e meios – é destacada por Perelman e Tyteca (2005, p. 317), quando mostram que o próprio discurso pode tornar-se, como sabemos, objeto de reflexão. Pode ser tratado como fato gerador de consequências,

como consequência, como meio, como fim. As reflexões do ouvinte a propósito disso não deixarão de modificar, às vezes fortemente, o efeito que o discurso produz. E, de uma maneira mais precisa, a hipótese de que qualquer ato intelectual deve ter uma boa razão de ser, de que ele constitui um meio para alcançar um fim.

Ainda como parte das ligações de sucessão, temos o chamado argumento do desperdício. Essa noção sustenta que, uma vez que uma determinada ação foi iniciada, que esforços já foram investidos, que já se assumiram os sacrifícios, que renúncias já foram feitas, é preciso dar continuidade à ação em curso, pois os prejuízos advindos de seu abandono seriam ainda maiores. Estabelece-se assim uma relação de ascendência entre dois objetos: o início da ação e sua realização total; valorizando o caminho já trilhado, o orador vence a resistência do auditório em continuar com a ação em curso.

Na mesma linha da noção do desperdício, encontra-se o argumento da direção, que pode assumir diversas facetas, associando noções distintas, a depender da tese que o orador defende. Em sentido amplo, o argumento da direção —consiste, essencialmente, no alerta contra o uso do procedimento das etapas [...]; implica, de um lado, a existência de uma série de etapas direcionadas a certo objetivo, o mais das vezes temido, e, de outro, a dificuldade, se não a impossibilidade, de deter-se, uma vez que se toma o caminho que leva a ele (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 321; 324). O movimento discursivo realizado é o de mostrar ao auditório que uma vez tomada uma direção não se pode deter-se. Não se trata de argumentar a partir da noção de desperdício, cuja decisão de seguir adiante seria uma escolha livre; ao contrário, o orador esforça-se para demonstrar ao auditório que, transposta uma determinada etapa, a etapa seguinte lhe será solidária e ainda mais onerosa.

Esse tipo de argumento pode ser demonstrado a partir do argumento da propagação, no qual o orador alerta o auditório que determinados fenômenos podem ser propagados, seja por força da natureza, seja por mecanismos de ordem social, e sua propagação é, em última análise, nociva. A noção de propagação pode ser ainda empregada para fundamentar o argumento da vulgarização e o argumento da consolidação. No primeiro caso, o esforço argumentativo é no sentido de demonstrar como a propagação de um ato ou de uma situação torna comum algo que tenha valor justamente por ser raro, isto é, o agente argumentador alerta o auditório para os efeitos nocivos que a propagação pode causar. É esse tipo de argumento que causa o efeito impactante de adágios populares como - o segredo é a alma do negócio. No segundo caso, o movimento é inverso. O argumento da consolidação demonstra como repetições tornam os atos ou situações regras de conduta, isto é, como é possível consolidar uma ideia a partir de sua consagração pelo uso popular.

Do mesmo modo, o orador pode demonstrar ao auditório como dois pontos de vista podem ser nocivos, se admitidos como válidos para uma determinada situação a partir do argumento do contágio. Nesse caso, é preciso que o orador tome como ponto de referência um primeiro ponto de vista estigmatizado como um mal pelo auditório e demonstrar que o segundo ponto de vista segue a mesma direção do primeiro.

Cabe mencionar, mais uma vez, que o que confere o caráter eficaz do discurso argumentativo é a combinação entre os vários tipos de argumentos disponíveis ao orador, cada um empregado em seu momento apropriado. Sua seleção dependerá, sobretudo, dos dados de que dispõe o orador para fazer valer sua tese, cada tipo de dado empregado na argumentação é mais propício a ser cotejado na discussão por uma técnica argumentativa diferente.

b) As ligações de *coexistência*: As ligações de coexistência, assim como as ligações de sucessão, unem duas realidades. A distinção entre esses tipos de ligações consiste no fato de que, enquanto na noção de sucessão o orador coteja realidades de mesmo nível, na noção de coexistência o orador põe em causa realidades de níveis desiguais, sendo que uma das realidades, a que serve de base para a argumentação, é mais fundamental ou mais explicativa que a realidade com a qual o orador pretende estabelecer a relação. Segundo Perelman e Tyteca (2005), a mais importante ligação de coexistência que pode ser convocada para fundamentar argumentações é a ligação da pessoa e seus atos. Esses autores reconhecem que as duas noções, tanto a de pessoa como a de ato, variam bastante conforme a época e a cultura na qual são consideradas. Para os autores, na argumentação, a pessoa, considerada suporte de uma série de qualidades, autora de uma série de atos e de juízos, objeto de uma série de apreciações, é um ser duradouro a cuja volta se agrupa toda uma série de fenômenos aos quais ela dá coesão e significado. Mas, como sujeito livre, a pessoa possui essa espontaneidade de ser persuadida e de resistir à persuasão (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 336).

3) Argumentos Fundamentados na Estrutura do Real estão ligados a uma descrição objetiva dos fatos, mas a pontos de vista, ou seja, a opiniões relativas a ele. Têm o seguinte esquema de raciocínio: o exame do dado X promove (ou não) a adesão à conclusão C. São dois tipos: a fundamentação argumentativa pelo caso particular e o raciocínio pela analogia. Os principais argumentos baseados na estrutura do real são:

- Fundamento pelo caso particular (exemplo, ilustração e modelo/antimodelo). Argumentar pelo caso particular é mobilizar discursivamente a noção de

precedente. Perelman e Tyteca (2005) analisam o valor do argumento fundamentado no caso particular sob duas perspectivas: a das ciências e a do direito. Em ciências, os casos particulares são tratados, quer como exemplos que devem levar à formulação de uma lei ou à determinação de uma estrutura, quer como amostras, ou seja, ilustração de uma lei ou de uma estrutura reconhecidas. Em direito, invocar o precedente significa tratá-lo como um exemplo que fundamenta uma regra, nova pelo menos sob alguns aspectos. Por outro lado, uma disposição jurídica é com frequência encarada como um exemplo de princípios gerais, reconhecíveis a partir dessa disposição (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 400).

O raciocínio pelo *caso particular* estabelece, assim, o princípio da indução, por meio do qual com base em dados particulares chega-se a uma conclusão geral. A intenção do orador, nesse caso, é estabelecer um parâmetro que lhe permita fazer generalizações a partir do exame de certos dados. O argumento do *exemplo* é, no mais das vezes, utilizado ao lado dos demais argumentos disponíveis, para conferir à argumentação maior força retórica. No entanto, Perelman e Tyteca (2005) mostram que algumas questões devem ser observadas para que este tipo de argumento não se torne vazio de conteúdo argumentativo. A argumentação pelo exemplo acontece quando propomos a imitação das ações de outras pessoas célebres, membros de nossa família, pessoas que conhecemos em nosso dia a dia, cuja conduta admiramos. Temos como exemplo o caso da tese principal de que as pessoas de mais de cinquenta anos ainda podem realizar grandes coisas em suas vidas, utilizando como tese de adesão inicial o exemplo de Júlio César que, depois dos cinquenta anos, venceu os gauleses, derrotou Pompeu e tornou-se governador absoluto em Roma.

A primeira dessas questões apontadas pelos autores diz respeito à seleção dos exemplos que serão considerados casos da mesma regra. Essa preocupação tem razão de ser porque, por um lado, os critérios de seleção de casos tomados como exemplificação precisam ficar claros e, por outro lado, porque a argumentação pelo exemplo coloca o agente argumentador diante de uma aparente tautologia, pois a regra fornece os critérios através dos quais os exemplos serão selecionados na mesma medida em que somente a seleção e a apresentação dos exemplos permitem a formulação da regra.

A argumentação pelo modelo é uma variação da argumentação pelo exemplo. Aqui no Brasil, falamos em Oswaldo Cruz, Santos Dumont, mas também em Albert Einstein, uma vez que podemos dizer a um garoto que ele não deve intimidar-se de ter problemas em

matemática (tese principal), pois até mesmo Einstein tinha problemas em matemática (tese de adesão inicial).

A argumentação pelo antimodelo fala naquilo que devemos evitar. Um caso comum é o do pai alcoólatra que raramente terá filhos alcoólatras. O horror ao antimodelo é tamanho que, muitas vezes, os filhos de alcoólatras acabam nunca provando em bebidas alcoólicas.

Perelman e Tyteca (2005) propõem que, para resolver o problema, o orador renuncie à possibilidade de generalização a partir de casos particulares e argumente pelo exemplo em favor de uma conclusão particular, ou seja, — é o que se chama a argumentação do particular para o particular (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 401). Outro tipo de argumento pelo caso particular é o da *ilustração*. Tecnicamente, o que difere o exemplo da ilustração é que, enquanto o exemplo é empregado para fornecer os elementos necessários à formulação de uma regra, a ilustração serve ao orador para reforçar a adesão do auditório a uma regra já admitida ou aceita. Enquanto o exemplo define e caracteriza, a ilustração esclarece e determina, pois — a ilustração visa aumentar a presença, concretizando uma regra abstrata por meio de um caso particular, [pois] é comum a tendência de nela ver uma imagem (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 410). O caso particular ainda fundamenta o argumento do *modelo* e o argumento do *antimodelo*. Nos dois casos, a noção que entra em funcionamento é a de conduta, ou seja, um determinado comportamento serve como justificativa para a imitação da conduta descrita.

Quando se trata do argumento do modelo, temos uma argumentação de cunho defensivo, pois o modelo é aquilo que deve ser seguido; por sua vez, o argumento do antimodelo segue a direção inversa, isto é, a argumentação tende a ser acusatória, pois pressupõe-se que o orador utiliza o antimodelo para condenar determinada conduta. Independente disso, é preciso pontuar que esses argumentos põem em comparação o valor da pessoa tomada como ponto de referência na argumentação, mobilizando, assim, a noção de prestígio de uma pessoa ou de um grupo para valorizar ou desprezar seus atos.

O argumento pragmático é a relação de dois acontecimentos sucessivos por meio de um vínculo causal. O mais comum, entretanto, é a transferência de valor de uma consequência, para a sua causa, como ocorreu uma semana após a implantação do Novo Código Nacional de Trânsito, em 1998, momento em que os jornais divulgaram uma estatística que comprovava um decréscimo de acidentes com vítimas da ordem de 56%. Essa estatística serviu de tese de adesão inicial para a tese principal: a de que o novo Código era

uma coisa muito boa. Para que o argumento pragmático funcione é preciso que o auditório concorde com o valor da consequência.

Por fim, o argumento do desperdício consiste em dizer que, uma vez iniciado um trabalho, é preciso ir até o fim para não perder o tempo e o investimento. O exemplo seria de um pai que quer retirar do filho a ideia de abandonar um curso superior em andamento.

- O raciocínio pela analogia: A estrutura da analogia põe em funcionamento a série identidade-semelhança-analogia. Quando queremos argumentar pela analogia, utilizamos como tese de adesão inicial um fato que tenha uma relação analógica com a tese principal. Pode-se citar como exemplo o caso do médico baiano Elsimar Coutinho que utiliza a argumentação pela analogia, em um livro chamado *Menstruação, a Sangria Inútil*, defendendo a tese (principal) de que as mulheres devem evitar a menstruação, tomando uma medicação que iniba a ovulação. Porém, ao ser questionado se isso não seria interromper uma coisa natural, diz ele que nem tudo aquilo que é natural é bom. Um terremoto, por exemplo, é uma coisa natural e não é bom, assim como a enchente e uma infecção por bactérias. Perelman e Tyteca (2005) refletem sobre o caráter frágil da argumentação pela analogia considerando tanto o modo como ela foi aplicada na filosofia quanto sua aplicação no empirismo. Não obstante, em direito, os autores dizem que —seu valor argumentativo será posto em evidência com maior clareza se encararmos a analogia como uma similitude de estruturas. Para Perelman e Tyteca, 2005, p. 424), a analogia consiste na similitude entre quatro termos, cuja estrutura consiste em afirmar que A está para B, assim como C está para D.

Contudo, parece-nos mais produtivo, do ponto de vista discursivo, analisar a analogia como um processo de transferência no qual o valor atribuído a um dado X é, por semelhança, atribuído ao dado Y conduzindo à conclusão de que, se se aceita o dado X, o dado Y será, consecutivamente, aceito. Tecnicamente, Perelman e Tyteca (2005, p. 424-425) afirmam que na estrutura das analogias se acomodam dois termos básicos que eles chamam de tema e foro:

Propomos chamar de tema o conjunto dos termos A e B, sobre os quais repousa a conclusão [...] e chamar de foro o conjunto dos termos C e D, que servem para estribar o raciocínio [...]. Normalmente, o foro é mais bem conhecido que o tema cuja estrutura ele deve esclarecer, ou estabelecer o valor, seja valor de conjunto, seja valor respectivo dos termos. Como exemplo, esses autores apresentam a seguinte passagem retirada de Aristóteles: - Assim como os olhos dos morcegos são ofuscados pela luz do dia, a inteligência de nossa alma é

ofuscada pelas coisas mais naturalmente evidentes. No exemplo, o tema são os termos - inteligência da alma e - evidência e o foro - olhos dos morcegos e - luz do dia, a analogia se estabelece a partir do princípio de similitude entre os quatro termos básicos que compõem o enunciado.

Fica patente a relação entre a analogia e as figuras retóricas, considerando, principalmente, a metáfora e a metonímia, isto é, o argumento pela analogia é construído com base na mesma estrutura das figuras ou, melhor dizendo, o argumento pela analogia deve, necessariamente, ser conjugado às figuras retóricas para que seja mantido seu impacto argumentativo. Nesse aspecto, Perelman e Tyteca (2005) fazem uma série de considerações a respeito da metáfora e de seu uso a partir da analogia sem, contudo, considerá-la um mecanismo realmente argumentativo legando-lhe o valor tão-somente de adorno para a analogia porque, para esses autores o essencial, numa analogia, é a confrontação do tema com o foro; ela não implica, em absoluto, que haja uma relação prévia entre os termos de um e de outro. Mas, quando existe uma relação entre A e C, entre B e D, a analogia se presta a desenvolvimentos em todos os sentidos e que são um dos aspectos de uma analogia rica (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 429).

A argumentação pela analogia pressupõe o acordo prévio entre orador e auditório de reconhecer mutuamente a relação existente entre os termos, caso contrário seu valor argumentativo se perde e, conseqüentemente, a figura construída a partir da analogia realmente ganha o estatuto de puro adorno retórico. As estruturas argumentativas discutidas até aqui são, todas, baseadas na associação de noções; a seguir, discutiremos os tipos de argumentos abrigados sobre a dissociação de noções e sua implicação para o discurso retórico-argumentativo.

4) Dissociação das Noções: As três primeiras superestruturas argumentativas discutidas e os tipos de argumentos sob elas abrigados consistiam em mostrar serem solidárias duas noções que, a princípio, poderiam ser tomadas como independentes. O processo argumentativo estabelecido é justamente demonstrar ao auditório que as duas noções em causa possuem um vínculo, uma relação e, por isso, conduzem a uma conclusão, qual seja, a tese defendida pelo orador.

Inversamente, o movimento discursivo para construir uma argumentação pode basear-se no processo de o orador separar duas noções cuja relação já é aceita pelo auditório. Esse processo que inverte a estrutura do raciocínio até agora examinada é denominado por Perelman e Tyteca (2005) como dissociação de noções.

Os autores chamam a atenção, inicialmente, para o fato de haver uma diferença entre a ruptura de ligação e a dissociação de noções. Para eles, antes de iniciar a argumentação com base nesses processos, o orador precisa verificar se tratará as noções que pretende cotejar como - naturais ou - artificiais; - essenciais ou - acidentais. Essa distinção é que fornecerá a orientação discursiva da argumentação, pois na dissociação de noções mostrar-se-á, notadamente, que uma ligação que fora considerada aceita, que fora presumida ou desejada, não existe, porque nada permite constatar ou justificar a influência que certos fenômenos examinados teriam sobre aqueles que estão em causa e porque, em consequência, é irrelevante levar-se em consideração os primeiros (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 467).

Já a técnica de ruptura de ligação consiste em - afirmar que são indevidamente associados elementos que deveriam ficar separados e independentes (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 468). Dito de outro modo, se o objetivo do orador é demonstrar que associações nocionais consideradas - naturais ou - essenciais são realizadas de modo arbitrário e forçoso, deverá orientar a argumentação no sentido da dissociação das noções. Por outro lado, se o auditório considera as noções associadas como - artificiais ou - acidentais, será mais vantajoso para o orador, do ponto de vista argumentativo, orientar seu discurso no sentido de realizar a ruptura da ligação, analisando as noções associadas de modo independente.

Assim, enquanto na ruptura das ligações cabe ao orador apenas apartar a relação pressuposta entre os termos colocados em causa, na dissociação das noções o orador precisará modificar a estrutura na qual os termos repousam. Necessariamente, dissociar noções é estabelecer, discursivamente, relações hierárquicas. Isso porque, para Perelman e Tyteca (2005), as noções são sempre pares filosóficos cuja estrutura consiste em analisar dois termos específicos, porém correlatos, isto é, o termo I remete ao termo II.

O termo I corresponde ao que é aparente, ao que se apresenta em primeiro lugar, ao atual, ao imediato, ao que é conhecido diretamente. O termo II, na medida em que se distingue dele, só é compreendido em relação ao termo I; é o resultado de uma dissociação, operada no seio do termo I, visando eliminar as incompatibilidades que podem surgir entre aspectos desse último. O termo II fornece um critério, uma norma que permite distinguir o que é válido do que não é, entre os aspectos do termo I [...]. Com relação ao termo I, o termo II será, a um só tempo, normativo e explicativo. Por ocasião da dissociação, ele permitirá valorizar ou desqualificar determinados aspectos sob os quais se apresenta o termo I; permitirá distinguir, entre as aparências cujo estatuto é equívoco, as que não passam de aparência das que representam o real (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 473).

Em sua exposição, esses autores apresentam como principais pares colocados em análise: aparência/realidade, meio/fim, consequência/fato, ato/pessoa, acidental/essencial, ocasião/causa, relativo/absoluto, subjetivo/objetivo, multiplicidade/unidade, normal/norma, individual/universal, particular/geral, teoria/prática, linguagem/pensamento e letra/espírito. Desses pares, Perelman e Tyteca (2005) consideram como protótipo o par aparência/realidade e analisam a dissociação entre os dois como modelo para o discurso argumentativo baseado nessa técnica. Ao dissociar as duas noções em causa, cabe ao orador fornecer ao auditório os critérios que são utilizados para afirmar sua separação, porque auditório, ora em introduzir dissociações criadas, ora em apresentar a um auditório dissociações aceitas por outros auditórios, ora em lembrar uma dissociação que se presume ter sido esquecida pelo auditório. [...] O empenho argumentativo visa, com muita frequência, não à rejeição de pares estabelecidos, mas à sua inversão (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 484; 485).

Perelman e Tyteca (2005) mostram que no discurso algumas expressões servem para indicar a presença do termo I e sua diferença do termo II, assim como, para os autores, existem certos enunciados característicos da dissociação das noções. Por exemplo, o par aparência/realidade é mobilizado no discurso não apenas por meio da inserção de introduções referenciais substantivas que remetam, imediatamente, às noções, mas também por meio de adjetivos como - aparente e - real, bem como por meio dos advérbios derivados: - aparentemente e - realmente e seus correlatos semânticos. Se o termo II indica aquilo que é mais real, concreto, autêntico e verdadeiro, o uso do artigo definido e dos demonstrativos (como em - a solução, - este mundo) apresentam a predisposição discursiva de apresentá-lo na linearidade enunciativa.

### ***3.1.3 Tipos de maus argumentos: as falácias***

Quando utilizamos argumentos com erros ou incorreções, estamos fazendo uso das falácias. “Muitas delas são tão tentadores e, portanto, tão comuns que até têm nomes próprios. Isto pode fazê-las parecer um tópico novo e separado, mas, na verdade, dizer que algo é uma falácia é apenas outra forma de dizer que uma das regras dos bons argumentos foi violado”. (WESTON, p. 67, 1996). O autor fala que existem duas grandes falácias:

- a mais comum é tirarmos conclusões a partir de dados ou informações insuficientes, generalizando, como crer que existe uma força poderosa no Triângulo das Bermudas porque embarcações desapareceram nas suas proximidades;

- a outra falácia mais comum advém de ignorar alternativas. Exemplo seria dizer que a comida X faz mal se consumida com a comida Y baseado no fato de um dia ter consumido as duas juntas e ter passado mal. Na verdade, pode-se ter passado mal não pela mistura das comidas, mas pelo fato de uma delas não estar em boas condições ou ter sido mal armazenada, causando prejuízos à saúde.

As falácias são raciocínios falsos ou errados ainda que aparentem ser verdadeiros. O termo “falácia” deriva da palavra latina fallere que significa enganar. Na Retórica, a falácia é um raciocínio argumentativo fraco e pode ser facilmente confundida com argumentos fortes. A falácia é um argumento, porém, é um argumento logicamente inconsistente (ex: “Podemos ir embora. Se até agora ninguém apareceu não é agora que vai chegar”), sem fundamento (ex: “Os últimos ataques terroristas foram perpetrados por radicais islâmicos. Logo, todos os muçulmanos são terroristas”) ou inválidos (ex: “Se é verdade para ti, para mim tem de ser mentira. Somos pessoas tão diferentes”). Do ponto de vista lógico, as falácias provam conclusões independentes da verdade das premissas (REBOUL, 2004, p. 103).

As falácias podem ser constituídas de duas formas: com a intenção de enganar usando a persuasão, sem estar preocupado com os fatos verdadeiros, mas sim no produto final. Nesse caso, estamos falando dos sofismas utilizados, por exemplo, pelos sofistas – filósofos que se utilizavam da arte da retórica para persuadir (já tratado no início do capítulo 3) e os paralogismos - que não conseguem transmitir um argumento com bases sólidas, porém, de uma maneira não intencional, como acontece com os sofismas. Alguns exemplos de falácias, muitas vezes presentes na nossa vida em sociedade sem que percebamos, são:

a) Falácias Indutivas - Falácia da Generalização Precipitada

Quando uma generalização se baseia num número limitado de casos. Por exemplo, concluir que as bebidas alcoólicas são prejudiciais porque um familiar morreu em função do abuso de álcool;

b) Falácias indutivas *Post Hoc* (depois disso, por causa disso) ou Falácia da Falsa Causa

Trata-se de um argumento segundo o qual apenas a sequência de um fato nos faz concluir que o primeiro é causa do segundo. O exemplo seguinte é um caso extremo desta falácia: “As pessoas que se curaram da gripe não deixaram de beber água. Logo, beber água cura a gripe.”

c) Argumentos por Analogia

Atribui uma propriedade a um acontecimento ou objeto por ter verificado em algum objeto ou acontecimento semelhante. Como este gato é muito semelhante ao gato do João, também deve morder sem razão aparente. Neste argumento, usam-se as semelhanças entre o gato de João e o gato sob observação para

justificar a atribuição ao segundo da propriedade de «morder sem razão aparente», já verificada no primeiro.

d) Argumento de Apelo à Autoridade

Declara-se que a conclusão é verdadeira pelo fato de uma pessoa ou organização tidas por autoridades no assunto a declararem verdadeira. Exemplos: A quantidade de pessoas morando nas ruas aumentou consideravelmente, segundo o IBGE.

e) Falso dilema ou falsa dicotomia

É dado um limitado número de opções (na maioria dos casos apenas duas), quando de fato há mais. O falso dilema é um uso ilegítimo do operador "ou". Exemplo: Reduz-te ao silêncio ou aceita a condição pela qual a mulher é tratada. (Porque uma pessoa tem o direito de denunciar o que entender.)

f) Derrapagem ou bola de neve

Premissas apenas prováveis são enunciadas como se fossem certas, escondendo assim o fato de que a conclusão é necessariamente menos provável do que cada uma das suas premissas. Na verdade, a probabilidade de uma série de acontecimentos é sempre menor do que a probabilidade de cada acontecimento. Exemplo: Se experimentares o cigarro uma vez, bastará para tornar-te um dependente.

g) Falácia da composição

Atribui ao todo propriedades que apenas dizem respeito às partes. Exemplo: Os professores da área de linguagens daquela escola são muito bons. Logo, todos os professores daquela escola são muito bons.

i) Falácia da divisão

Consiste em atribuir a uma das partes, propriedades que apenas dizem respeito ao todo. Exemplo: A Toyota produz bons carros. O meu carro é Toyota. Logo, o meu carro é muito bom.

i) Petição de princípio ou argumento circular

Um argumento circular consiste em pretender provar uma conclusão tendo, como premissa, a própria conclusão. “A escola X oferece o melhor ensino. Sabemos que oferece o melhor ensino tendo em vista os resultados obtidos. Obviamente tem os melhores resultados porque tem professores que ganham muito bem e ganham muito bem porque oferecem o melhor ensino. ”

j) Apelo à ignorância (*Ad Ignorantiam*).

Esta falácia ocorre quando se argumenta que uma proposição é verdadeira porque não foi provada que é falsa ou falsa porque não foi provado que é verdadeira. Exemplos: Extraterrestres não existem porque ninguém conseguiu provar a sua existência. Os extraterrestres existem. Ninguém provou o contrário.

k) Contra a Pessoa (*Ad Hominem*)

Ataca-se a pessoa que apresentou um argumento e não o argumento que foi apresentado. As formas mais comuns é o ataque ao carácter da pessoa. Ex: O argumento apresentado por tal pessoa, não pode ser levada em consideração porque já apresentou uma situação agressiva em dada circunstância, portanto, não é passível de crédito.

l) Pergunta Complexa.

Dois tópicos sem relação, ou de relação duvidosa, são conjugados e tratados como uma única proposição. Pretende-se que o auditório aceite ou rejeite ambas quando, uma pode ser aceitável e a outra não. Trata-se de um uso abusivo do operador "e". Exemplos: Apoias a liberdade e o direito de andar armado? Já deixaste de fazer vendas ilegais? (São duas questões: já cometeste ilegalidades? Já te deixaste disso?)

m) Apelo à força (*Ad Baculum*)

O auditório é informado das consequências desagradáveis que se seguirão à discordância com o autor. Exemplos: É melhor admitires que deves votar em tal candidato ou sofrerás sérias consequências.

n) Apelo à piedade (*Ad Misericordiam*)

Apela-se ao sentimento de piedade para se conseguir a aprovação de uma conclusão. Pede-se a aprovação do auditório na base do estado lastimoso do Autor. Exemplos: Como pode dizer que eu reprovoo? Durante todo o processo estive enfrentando sérios desafios em relação à minha saúde.

o) Apelo ao Povo (*Ad Populum*).

Com esta falácia, sustenta-se que uma proposição é verdadeira por ser aceite como verdadeira por algum setor representativo da população. Esta falácia é, por vezes, chamada "Apelo à emoção" porque os apelos emocionais pretendem atingir, muitas vezes, a população como um todo. Exemplos: Quer se tornar popular? Então compre este tênis e será consagrada.

p) Espantalho ou Boneco de Palha.

O argumentador, em vez de atacar o melhor argumento do seu opositor, ataca um argumento diferente, mais fraco ou tendenciosamente interpretado. Infelizmente é uma das "técnicas" de argumentação mais usadas. Exemplo: Se nós temos grau de parentesco com os macacos, porque muitos deles não estão se transformando em homens?

Nossa intenção nesse capítulo não foi simplesmente a de fazer uma listagem acerca de quais seriam argumentos bons ou ruins, mas o de contribuir para a reflexão acerca da utilização de diferentes argumentos que estejam a serviço de diferentes propósitos, conhecer a natureza da retórica para compreender melhor o uso da argumentação desde tempos mais remotos e, conseqüentemente, a sua implicância para a vida em sociedade. Precisamos compreender de que maneira estes argumentos, que fazem parte do nosso dia a dia, são tratados (ou não) no contexto escolar por entendermos que a escola é o primeiro ambiente formal em que as estratégias argumentativas são colocadas em prática, do discurso à escrita.

#### 4 A ARGUMENTAÇÃO NA ESCOLA

Tentamos traçar no decorrer dos capítulos, concepções importantes sobre o processo de argumentação, sobretudo à luz da Nova Retórica de Perelman e Tyteca (2005) para que pudéssemos fazer uma análise sobre o tratamento dado à argumentação nas escolas (principal espaço de construção de conceitos fundamentais à vida em sociedade). Assim, na análise das redações escolares, interessam-nos, sobretudo, algumas categorias como orador, auditório e finalidade. Conforme já apresentado anteriormente, os autores apresentam três tipos de auditório: o universal: constituído por toda a humanidade; o auditório particular: constituído unicamente pelo interlocutor a quem o orador se dirige e por fim, o próprio sujeito que fala. Assim, levando-se em consideração as condições de produção da redação escolar, o orador é o próprio aluno (cujo ponto de vista e argumentos sobre um determinado assunto se deseja conhecer e avaliar). Esse se dirige a um auditório particular, que é, na maioria das vezes, constituído unicamente pelo professor em sala de aula ou dependendo do trabalho pedagógico desenvolvido, aos seus pares. Cumpre a uma finalidade predominantemente avaliativa. No contexto do próprio Enem, entende-se orador como o próprio candidato que está se submetendo ao exame, a auditório é exclusivamente a banca de correção da redação e a sua finalidade é classificatória dentro do exame.

Retornando à figura dos sofistas, podemos afirmar que fazem parte da primeira imagem de pedagogos que podemos ter, pelo seu trabalho em relação ao ensino. Tinham a função de preparar os jovens para o exercício da vida política, a exemplo do desempenho satisfatório nas assembleias de cidadãos. Os sofistas utilizavam-se da relatividade das verdades, o que contrariava os pensamentos socráticos e platônicos. Essa forma de abordagem, consistia em deixar o interlocutor sem réplica, visando vencer através de uma falsa aparência lógica: os sofismas. Assim, os sofistas buscavam fazer com que acreditassem nas suas colocações, sem que procurassem com a verdade, na busca do consenso de todos. Aristóteles se opunha a essa forma de abordagem, refutando-a.

Conforme Oliveira (2016), no século XX houve uma retomada significativa à retórica a partir de um movimento chamado “virada retórica”, tendo na retórica a retomada enquanto objeto de estudo por parte de alguns teóricos, dentre os quais podemos citar Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, nossa escolha para o embasamento teórico deste trabalho. Para esses autores, não existe o verdadeiro ou o falso no plano argumentativo, a força dos argumentos é que conduzirá o auditório para uma ou outra tese. Esse trabalho de pesquisa resultou, como já mencionado, em uma obra intitulada a Nova Retórica, tão importante para

os trabalhos a serem desenvolvidos acerca da argumentação, eis a importância da retomada desses conceitos na vertente escolar, embora a obra não se preocupe diretamente com ela, traz conceitos que ressignificam o trabalho do professor.

A partir da análise de textos dissertativo-argumentativos, tanto os do Enem quanto os que são produzidos no contexto escolar, percebe-se a lacuna existente no âmbito da argumentação. Esta requer prender a atenção dos seus interlocutores, como explicita (Perelman; Tyteca, 2005, p. 20). “[...] prender o interesse de um público diferente, condição indispensável para o andamento de qualquer argumentação”. Segundo eles, os lugares formam um arsenal indispensável para quem quer persuadir alguém. Sabemos quão relevantes são os lugares, ou tópicos, e da grande contribuição que eles podem dar àqueles que buscam argumentos. Uma questão apresenta-se quando os tópicos não são bem estruturados: o lugar-comum que torna uma redação consideravelmente fraca do ponto de vista argumentativo quanto a substituir uma reflexão.

Sobre essa temática, pauta-se nosso trabalho acerca da reflexão sobre a argumentação na escola, percebendo-a como um processo para que se tenha uma redação bem estruturada argumentativamente. Por esse motivo, traz uma proposta de intervenção em textos de estudantes de ensino fundamental, visando mostrar que é possível e relevante o trabalho com esse gênero já desde o ensino fundamental, haja vista a necessidade latente acerca do tema. O trabalho sistematizado e reflexivo sobre a produção textual, desconstruindo a concepção da escrita para a “correção do professor”. Assim, requer um trabalho que dê um tratamento diferenciado tanto ao conteúdo (debruçando-se sobre o assunto a ser abordado) quanto à forma (o modo como esse texto será construído). Para que o estudante possa desenvolver a sua capacidade argumentativa, acreditamos ser necessário ao professor respaldar-se em conhecimentos advindos da nova retórica, como já tratados nos tópicos acima, visando a um “amadurecimento argumentativo” na defesa de uma tese apresentada.

Vale salientar que a importância sobre o ato de argumentar tratado nesse texto, não diz respeito unicamente à argumentação na vertente das produções textuais. O processo de interação humana exige constantemente o convencimento ou a adesão de um ponto de vista, não se trata, portanto, de um aglomerado de informações, mas o tratamento dado a essas informações.

Sobre a escolha do tema a ser tratado em sala de aula, é relevante que o professor aborde os polêmicos para que a abordagem seja variada e os estudantes tenham a possibilidade de se colocar frente à tese, vindo a defendê-la com argumentos relevantes, propiciando diferenciações quanto à abordagem entre os alunos e até mesmo diferenciação quanto ao

posicionamento. Ainda sobre essa abordagem, Charaudeau (2008) coloca que uma proposta sobre o mundo deve provocar um questionamento em alguém quanto à sua legitimidade.

Um sujeito que se engaje em relação a esse questionamento (convicção) e desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade (quer seja própria ou universal), quer se trate de uma simples aceitabilidade ou de uma legitimidade (quanto a essas propostas) (CHARAUDEAU, 2008, p. 205).

A partir desses pressupostos, vê-se que a argumentação adquire lugar de destaque, uma vez que esta trata de uma ação sobre o mundo, repleta de intencionalidades, o que deve ser trazido para a produção textual de uma forma consciente. Assim, Charaudeau (2008) constitui a tríade da argumentação: um sujeito que argumenta, uma proposta sobre o mundo e o sujeito-alvo, assumindo assim um compromisso com a teoria da nova retórica, de Perelman e Tyteca (2005).

Se a perspectiva da redação dissertativo-argumentativa, como já tratado, é persuadir o que Charaudeau (2008) assumiu chamar de sujeito-alvo, tem-se aí a preocupação de expandir o conhecimento desse sujeito argumentante, tornando-o apto a planejar-se diante dos conhecimentos da proposta temática a ser escrita, pois esse dizer intencional deve ser organizado de modo a influenciar positivamente esse leitor.

As práticas envolvendo o trabalho com a argumentação nas escolas devem recorrer não à negação das problematizações, mas o acolhimento às questões trazidas dos diferentes auditórios. Observa-se que vivemos em uma sociedade em que cada vez mais se nega a disposição para ouvir o outro, considerando as suas experiências e peculiaridades. Essas questões permeiam o perfil de um esfriamento entre as relações, um certo isolamento, o que acarreta malefícios para a dinâmica escolar, pois esta retrata, à sua maneira, a reprodução de ações sociais.

Outro ponto a ser abordado em relação ao trabalho com a argumentação nas escolas diz respeito às diferentes vozes existentes, o que pelo menos em tese propicia diferentes discussões a partir de diferentes visões. No entanto, estamos muito acostumados a uma polarização que não permite um espaço adequado à argumentação, fator esse que nos faz refletir acerca da importância de trabalhos diversificados que possibilitem as discussões e fomentem a abordagem argumentativa. Embora não tenhamos nos currículos uma área do conhecimento específica que trabalhe a retórica, ela deve se fazer presente, mesmo que de uma forma diluída, entre as disciplinas escolares. A importância dos autores Perelman e Tyteca (2005) no trabalho educacional se dá pelo fato de os autores não citarem em sua obra os termos concordância, aceitação ou mesmo tolerância, eles utilizam-se do termo acordo. Assim, condições favoráveis para que o processo argumentativo se desenvolva, dentre eles,

compete a “disposição para ouvir”, o que pode ser favorecido através de estratégias pedagógicas, que vão desde o tão conhecido júri simulado, debates, exposição oral de trabalhos e a redação propriamente dita.

É muito usual situações argumentativas no dia a dia, sem que ao menos possamos perceber, ao contrário do que se imagina (situações argumentativas formais como sessões legislativas, ocasiões solenes ou em tribunais). A utilização do argumento faz parte dos recursos midiáticos, tais como televisão, rádio, jornais sejam esses impressos ou online, também em blogs, editoriais, propagandas. A argumentação na esfera pública, com o uso de apoio, ataque e contra-ataque são campos frutíferos do trabalho pedagógico. Nesse sentido, é importante que os estudantes possam observar as controvérsias contidas na materialidade dos discursos para que construam a sua própria tese acerca de determinado assunto.

Ressaltamos os desafios quanto ao trabalho com argumentação nas escolas, haja vista a grande quantidade de elementos visuais, se comparados à época de Aristóteles. A publicidade e marketing sobrecarregam seus argumentos a partir de recursos visuais se sobrepondo à mensagem escrita. Estamos mais inclinados a receber um conceito pronto e especialmente tratado para atender a determinado público ou intenção. Alguns argumentos utilizados em diferentes contextos podem estar pautados no “espetáculo”, criticado por Aristóteles, através de recursos visuais. Não queremos sustentar a tese de que os recursos visuais não sejam propícios para o contexto da argumentação, contudo, urge um trabalho sobre os elementos de persuasão contidos nesses materiais de maneira a fazer com que os estudantes tenham um senso crítico mais aguçado a ponto de refletir na qualidade das produções textuais.

A respeito da influência dos recursos midiáticos na contemporaneidade quanto à retórica, Mateus (2018, p. 158), destaca que

Actualmente, a Retórica é também, e sem sombra de dúvidas, uma Retórica Mediatizada, isto é, uma técnica da persuasão que não se limita à oratória nem ao orador frente ao seu auditório, mas que engloba a persuasão realizada (e potenciada) por intermédio dos Media. [...] Dada a centralidade em todos os processos comunicacionais, os meios de comunicação tornaram-se também parte integrante do desenvolvimento moderno da persuasão, pelo que a apreciação contemporânea da Retórica é indissociável da mediatização.

Mais adiante o autor esclarece que a relevância do estudo das interações persuasivas existentes no meio midiático se dá pela abrangência que existe tendo em vista se tratar de um meio de comunicação de massa. Assim, pelo fato de reconhecidamente a educação tratar-se de um processo não neutro, sabe-se que a ideologia vem associada ao conhecimento. Desta forma, compete à escola desenvolver um trabalho com muita

responsabilidade, tendo em vista o seu papel como agente propulsor de reflexões através da formação de um aluno crítico.

Outro ponto a ser abordado é sobre o rápido avanço de possibilidades tecnológicas que forçou os professores a reavaliarem o papel e o impacto das diferentes tecnologias de escrita sobre o poder do argumento. A informação rápida e a confiabilidade da fonte de pesquisa, levando-se em consideração a autoria, são condições que devem ser levadas em consideração quanto ao universo da internet. Desta maneira, a chamada “retórica visual” pode trazer benefícios. Sendo utilizada como uma importante ferramenta para a avaliação dos mecanismos implicados na dimensão da retórica (*ethos* - orador, aquele que está por trás de determinada mensagem; o *logos* - argumentos, percebendo de que maneira ou quais recursos são utilizados a fim de persuadir e por fim, o *pathos* - auditório, a quem se destina determinada mensagem). Pelo fato de estarmos constantemente envolvidos com uma certa “poluição visual” e “sobrecarga de informações” advindas das mídias, muitas vezes o contexto implícito passa despercebido. Para isso, requer um trabalho focado, chamando a atenção, sobretudo para as três dimensões da retórica e constante exercício de percepção, desenvolvendo a capacidade de processar informações, percebendo a forma sutil como conteúdos podem estar sendo tratados de uma forma persuasiva e visando contribuir para uma argumentação mais estruturada e consciente, pois precisamos aprender mais sobre a retórica para que possamos nos proteger dela.

Essa linha de trabalho nos remete às discussões feitas pelo educador e filósofo Paulo Freire (2013), ao tratar da Pedagogia do Oprimido<sup>4</sup>, obra que traz um espaço bastante significativo na linha da retórica, uma vez que, segundo ele, a educação é um ato político e, como tal, deve tratar de assuntos que contribuam para o desenvolvimento da criticidade do sujeito enquanto ser ativo na sociedade. Ao invés de se concentrar em interações dialéticas abstratas de ideias, valores e conceitos, Paulo Freire pede um maior foco sobre “temas geradores”, o ponto principal que fundamenta a discussão abstrata. Assim como Paulo Freire fazia, os educadores (*ethos*) devem fomentar discussões do contexto atual (*logos*) e que sejam recheadas de significados para os estudantes (*pathos*). As contribuições de Paulo Freire têm diante das características de suas obras, dão nome à chamada retórica da libertação e certamente, contribuem significativamente para as aulas sobre retórica, uma vez que muitos

---

<sup>4</sup> Paulo Reglus Neves Freire foi professor titular da Universidade de São Paulo (USP), tendo um reconhecido trabalho realizado em prol da educação brasileira, com obras que retrataram uma pedagogia que deveria libertar, a emancipação através do conhecimento. Foi militante do setor de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

dos espaços para discussão estão situados em situações corriqueiras, com situações retóricas reais, viabilizando espaços propícios aos diálogos.

Os sistemas educacionais frequentemente ignoram a natureza da escrita, e os alunos sofrem com o resultado de modelos redutores. Se realmente existe a intenção de incentivar os estudantes a encontrarem e utilizarem ferramentas de persuasão mais eficazes, o conhecimento da retórica adequada a uma disciplina específica deveria ser um dos fundamentos das disciplinas básicas.

#### **4.1 A argumentação no texto dissertativo-argumentativo**

Argumentar é uma prática cotidiana, presente em vários momentos do nosso dia a dia, em diferentes situações. Porém, a qualidade dessa argumentação diz respeito a convencer o leitor ou o ouvinte a aceitar a tese de quem a produziu. No texto dissertativo-argumentativo, fica em evidência a capacidade do produtor de expor uma situação-problema, apresentando uma tese (opinião) sobre o fato e articulando-a com argumentos coerentes e significativos. Precisa-se, portanto, ressaltar que o texto dissertativo-argumentativo necessita ter dois elementos fundamentais que são a exposição teórica (situar o leitor a respeito do tema) e a existência de força persuasiva (capacidade de influenciar o leitor). Sobre o primeiro elemento, faz-se necessário levar em consideração o grau da reflexão feito pelo participante. Para que isso aconteça, a exposição precisa apresentar os fatos, servindo para situar o problema em uma determinada esfera (temporal, geográfica, humana, entre outros). Assim, a profundidade da discussão teórica precisa ser relevada pelo conhecimento sobre o tema que o participante oferece no texto, mas esse conhecimento não pode ser algo completamente desconhecido do leitor.

Sobre o segundo elemento, que é a persuasão, o produtor apresentará uma ideia e lançará mão de um raciocínio capaz de comprová-la. Na persuasão, além da qualidade dos argumentos, é imprescindível que o produtor use conectivos que articulem os argumentos. Um bom indicativo para a percepção quanto à avaliação da persuasão, é notar se o produtor conseguiu extrair dos textos motivadores informações de maneira correta e, depois, se soube articulá-las com a tese defendida no texto. Quanto mais o produtor abrir mão da utilização de argumentos não presentes em textos motivadores, maior será o seu conceito quanto a argumentos relevantes e persuasivos.

Segundo Cantarin (2016), do ponto de vista textual, a primeira coisa a se fazer ao situar o leitor a respeito do tema, ocorreria por vezes através da contextualização histórica do

problema, até chegar aos dias atuais; ou fazer o caminho do geral ao específico, mostrando o tema de uma forma mais abrangente até chegar a questões específicas.

Como já relacionado em trechos anteriores, a argumentação tem por finalidade trazer clareza ao leitor, convencendo-o sobre o sentido que se constrói. Assim, a articulação das ideias utilizadas é fundamental. Segundo Coroa (2016), fenômenos, conceitos ou ideias são chamadas de tese. Esta sustenta-se como verdadeira quando ancorada em argumentos que permitem uma continuidade de sentido que levem a uma constatação. Para validar um argumento, muitas vezes relações lógicas para demonstrar a verdade daquilo que diz, como as de causa e consequência e as de condição, a exemplo de “por causa disso” ou “afim de que”. Outra estratégia é a utilização de casos particulares, a partir de generalizações.

Para que não haja o comprometimento quanto à coerência textual, requer “pistas textuais” que tratem o argumento de maneira clara e sem equívocos. Para isso, a escolha da argumentação, o ponto de partida seja respeitado ao longo da tessitura textual. Essas relações lógicas não se dão somente com a retomada da ideia apresentada na tese, mas também com a inclusão de novos referentes ao longo do texto.

Outra importante estratégia argumentativa diz respeito à negação de possíveis ou hipotéticas constatações revela-se uma produtiva estratégia argumentativa se empregada juntamente com a afirmação das comprovações. Nem só pela via da afirmação ou só pela negação se constrói um argumento eficaz.

De uma maneira geral, o texto dissertativo-argumentativo tem um autor que propõe uma tese (ou uma hipótese) e se debruça sobre o texto com o propósito de justificá-la. Ao colocar-se no texto a partir de uma tese, que é o resumo de uma posição (uma teoria ou ideologia, por exemplo), o autor deve encontrar argumentos suficientes para convencer o leitor ao longo do texto, que a sua tese apresentada inicialmente é verdadeira.

Existem dois tipos de tese:

- a) Científica: os argumentos que sustentam a tese vêm de uma comprovação ou estudo científico;
- b) Ideológica: os argumentos podem expressar uma crença como a religiosa, jurídica, política, entre outros).

Segundo Possenti (2016, p.105), “[...] outra divisão importante no que se refere aos argumentos diz respeito a eles serem factuais, até mesmo numéricos ou estatísticos (quantitativos) ou a serem “abstratos” (expressando valores, isto é, ideologias).” Uma observação importante feita pelo autor, diz respeito à questão de argumentos quantitativos, uma vez que, mesmo sendo uma tese de natureza ideológica, faz-se necessária a apresentação

de dados e valores de maneira a tornar o argumento convincente. Já os argumentos qualitativos, são explicações baseadas na crença de que tais argumentos são verdadeiros, como verdades propostas por pensadores e que se tornaram correntes ao longo da experiência popular, como provérbios, por exemplo.

Os argumentos de autoridade (normalmente de tipo ideológico), ou seja, uma afirmação de um intelectual pode funcionar como um argumento em defesa de uma tese. Da mesma forma acontece com argumentos que utilizam a Bíblia ou a Constituição para embasar os argumentos. Outra observação acerca de argumentos de natureza ideológica, dizem respeito ao posicionamento frente a algumas situações, como o caso das cotas, por exemplo, em que uma pessoa pode ser a favor ou contra a situação das cotas nas universidades e, a partir da sua visão, construir o seu argumento contrário ou favorável. Neste tipo de argumentação, é comum defender atacando, ou seja, tentar enfraquecer os argumentos que não condizem com a forma de pensar de quem está produzindo o texto.

Como dito anteriormente, nosso trabalho propõe-se a fazer uma análise em torno do processo de argumentação em textos dissertativo-argumentativos sob a ótica do Enem, para estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Assim, nos debruçamos nas competências II, III e IV do referido exame por serem as que tratam diretamente do assunto proposto por este trabalho. Desta forma, podemos observar o aspecto estrutural do texto a partir do que é cobrado na Matriz de Referência do Enem na competência II, observando a presença de algumas fases, tais como a tese inicial, os dados ou argumentos utilizados, a garantia ou conhecimentos implícitos que apoiam e complementam os argumentos, as inferências que dizem respeito à ligação que se consegue fazer ao relacionar os dados à conclusão e o ponto de vista central. Na competência III, observa-se aspectos relacionados à ordem pragmático-retórica, ou seja, o autor do texto deve se valer de técnicas argumentativas para tornar mais persuasivas as informações e opiniões acrescidas (usar definições, comparações, técnicas de inclusão de partes num todo, cálculos de probabilidade, exemplos, ilustrações, analogias, entre outros). A partir dessas estruturas, deve-se observar que para um texto ser considerado de excelência argumentativa, deverá apresentar coerência textual. Cavalcante (2016b, p. 130) afirma que “Assim sendo, enquanto parte da Competência II envolve a análise do aspecto composicional do texto argumentativo, a III envolve todas as estratégias usadas pelo participante com a finalidade de persuadir o leitor”.

Para Cavalcante (2016b), o desafio da competência III para o corretor, é identificar a tese central, ou conclusão nova tese, ou ponto de vista principal do texto. Não necessariamente a opinião central defendida pelo produtor do texto precisa estar logo no início

do texto. Pode haver a tese inicial que consiste num comentário geral para apenas introduzir o tópico central do texto. Este é o tema em torno do qual a redação irá se desenvolver. A tese é individual, assim como a escolha de dados que irão ratificá-la. Os argumentos selecionados, podem se apoiar em conhecimento enciclopédicos, linguísticos e interacionais, além de convenções sociais, por exemplo. Faz-se necessário a comprovação do raciocínio apresentado para defender a tese, pois corre o risco de serem desconexos ou até mesmo irrelevantes para a defesa de um ponto de vista.

Outro ponto importante a ser tratado quando se fala em argumentação, diz respeito ao implícito, ou seja, um enunciado que não é expressamente formulado, devendo ser descoberto pelo leitor. Segundo Possenti (2016), ainda sobre o implícito, foi desenvolvida por Ducrot e Anscombre na década de 1970, uma teoria chamada de *semântica argumentativa*. Essa teoria diz que o sentido de um enunciado não se limita a sua interpretação literal, mas com a direção para a qual ele aponta. Como exemplo, podemos dizer que, quando uma pessoa diz “tem um pouco de bebida”, pode significar que tem pouquíssima bebida e precisam providenciar mais, ou pode significar que ainda tem o suficiente. A partir desta teoria, podemos perceber o quanto o domínio chamado coerência textual está entrelaçado ao implícito. Por exemplo, se uma pessoa relata no texto que há “pouca esperança” de que as coisas melhorem, certamente o restante do texto não poderá partir para uma argumentação positiva sobre o fato.

Sobre a teoria da semântica argumentativa, o caso mais analisado por Ducrot foi a conjunção “mas”, pois esta serviu tanto para mostrar a sua tese argumentativa quanto para exemplificar sobre o valor do implícito. Um exemplo bastante significativo utilizando-se desta conjunção é quando se diz “a casa é grande, mas é cara”. Isto significa dizer que apesar de ser uma casa boa, ela apresenta-se não favorável a compra pelo seu valor. A primeira oração é descartada e a segunda passa a ser a dominante. Se invertermos a posição das orações “é cara, mas é grande”, altera o sentido e a compra passa a ser favorável.

Ducrot *apud* Possenti (2016) apresenta a teoria dos *topoi* (lugares), ou seja, crenças ou verdades amplamente aceitas. Conforme explicita Neveu (2008, p. 46) “[...] lugares comuns argumentativos destinados a definir o caminho a ser seguido para passar de um argumento a uma conclusão”. Um exemplo para elucidar a compreensão diz respeito ao fato de se oferecer um vinho a um amigo e este responder “obrigado, mas está muito quente”, isto é, a resposta traz um *tópos*, ou seja, um lugar-comum de que vinho é uma bebida de estações mais frias. Ao contrariar o lugar-comum, pode-se ter problemas de interpretação de enunciados, ou em relação a representações de ordem cultural ou ideológica.

Dentre as teorias de Ducrot e Ascombe *apud* Possenti (2016), uma delas é conhecida como teoria dos blocos semânticos, ou seja, consiste em perceber no primeiro enunciado ou palavra, um bloco com a sequência. Exemplo: “rico, portanto feliz”. Assim, existem duas sequências possíveis: uma normativa (segue a cultura dominante e que usa normalmente o conector “portanto”) e uma transgressiva (que a contraria, usa normalmente “mas” ou “mesmo assim”).

Nos estudos sobre argumentação, como já tratado, o conteúdo implícito tem posição de destaque. A esse destaque podem também ser atreladas as figuras retóricas, que são uma ferramenta de persuasão. Uma vez não sendo conhecedor dos conceitos da retórica argumentativa, o produtor de texto normalmente fará uso naturalmente para construí-lo. O uso das figuras de retórica pode dizer muito sobre aspectos socioculturais de quem as usam. Assim, o texto dissertativo-argumentativo que faz um bom uso das figuras retóricas está imbuído de fatores lógicos, fatores psicológicos e fatores sociológicos, que influenciam de uma certa forma, a direção argumentativa dos sujeitos.

No caso das figuras retóricas, diante de seu uso na argumentação, entendemos que as suas marcas implícitas estão amparadas em dois vieses: o reforço de um *ethos* e a criação de um *pathos*, entre o locutor e o interlocutor. O *ethos* se refere ao caráter assumido pelo locutor para chamar a atenção e angariar a confiança do interlocutor. Nessa tarefa são utilizados conceitos, citações, exemplos, comparações, estatísticas etc.; já o *pathos* está ligado às tendências, aos desejos, às emoções do interlocutor, que poderão aparecer nas ideias trazidas tanto no senso comum quanto de um saber coletivo. A dinâmica textual operaria entre esses dois elementos, variando conforme a necessidade de o locutor persuadir o interlocutor e de acordo com os elementos de “prova” que tenha disponíveis (ANDRADE, 2016, p. 144).

O uso das figuras de retórica é proporcional à qualidade da escrita, desta forma, juntamente com estas, existe a estruturação tipológica e temática, o bom uso da competência gramatical e uma clareza no posicionamento crítico, concorrem para a construção de marcas autorais.

No processo de seleção de argumentos, deve-se contemplar aqueles que a sustentam, verificando se estes argumentos estão trabalhando a favor da defesa do ponto de vista adotado. Quanto à previsibilidade, por exemplo, pode enfraquecer o esquema argumentativo, sobretudo se estiver aliado ao senso comum. Sobre o uso de citações no texto, não devem ser confundidas com o repertório sociocultural produtivo. O que vai ser considerado é a articulação destas informações com o restante do parágrafo e do texto.

Koch (2016) faz referência a um dos princípios da textualidade, que é a coesão, tratado por Beugrand e Dressler. Dois princípios centrados no texto: coerência e coesão; e princípios centrados nos usuários (a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade e

a aceitabilidade). A coesão, segundo os autores citados, é formada por um grupo de mecanismos cuja função é auxiliar na construção de sentidos entre enunciados ou partes do enunciado, como por exemplo: oposição ou contraste (mas, mesmo); finalidade ou meta (para); consequência (foi assim que, em); localização temporal (até que); explicação ou justificativa (porque); adição de argumentos ou ideias (e). Através destes mecanismos, vai se apresentando a tessitura do texto, denominada de coesão textual.

A partir do estudo sobre coesão textual, apresentaram-se algumas subdivisões para facilitar melhor a compreensão, que são a *coesão referencial*, a *coesão sequencial* e a *progressão temática*. Como nos coloca Elias (2016, p. 176), no princípio a linguística textual trazia a coesão textual como a forma pela qual poderíamos remeter um elemento linguístico a outros elementos no interior de um texto. Assim, temos a anáfora, que faz um movimento retrospectivo, remetendo a um referente anterior. Um exemplo seria “O apaixonado é incapaz se declarar, *ele* se denuncia”. (Carpinejar, 2010 *apud* Elias, 2016) O pronome *ele* retoma o referente que veio antes dele: “o apaixonado”; e a catáfora, que faz um movimento prospectivo e que remete a um referente que lhe era subsequente. Temos como exemplo: “*Eles* eram pequenos, grandes ou enormes. *Alguns* corriam animados, *outros* – mais tímidos - deitavam no chão. Todos eram *cães de raça* e estavam fantasiados para desfilar em um ... shopping.” (Machado, 2014 *apud* Elias, 2016). Os pronomes *eles*, *alguns* e *outros* remetem ao referente que vem depois: cães de raça. Assim, temos uma catáfora.

Quadro 2 - Estratégias de coesão referencial e sequencial

Estratégias de coesão referencial	Estratégias de coesão sequencial
Uso de elementos de ordem gramatical: pronomes, numerais, artigos, advérbios locativos, etc; Uso de elementos de ordem lexical: repetição de item lexical; sinônimos ou quase sinônimos, expressões nominais definidas, nominalizações, nomes genéricos, etc; Uso de elipse (substituição por zero).	Com reiteração de formas linguísticas: repetição, paralelismo, paráfrase; Sem reiteração de formas linguísticas: - progressão temática (com tema constante, com temas variados, com progressão do tema de forma linear, etc; - encadeamento (por justaposição e por conexão).

Fonte: Elias (2016)

Os elementos que contribuem para a *coesão referencial* são os pronomes, os numerais, os artigos, advérbios locativos, repetição total ou parcial de um mesmo item lexical, sinônimos ou quase sinônimos, nomes genéricos, expressões ou grupos nominais definidos, nominalização.

A *coesão sequencial* diz respeito a procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos, sequências textuais) diversos tipos de relações semânticas ou pragmática-discursivas, à medida que faz o texto progredir. Pode ocorrer com *a repetição de termos*, *o paralelismo* (recorrência de estruturas sintáticas) e com *a paráfrase* (recorrência de conteúdos semânticos).

Já a *progressão temática* diz respeito ao modo como se encadeiam os *temas* (aquilo que se fala) e os *remas* (o que se diz sobre o tema). Existem alguns tipos de progressão temática, conforme Koch (2004), que são progressão temática com tema constante, progressão temática com divisão do tema, progressão temática linear e o encadeamento.

Assim, foram apresentadas algumas estratégias de coesão textual, sequencial ou referencial que são utilizadas para estabelecer a conexão entre as partes do texto.

#### **4.2 A Autoria no processo de argumentação**

Dentre vários aspectos a serem avaliados em um texto, um dos mais significativos diz respeito a sua originalidade. Em relação a essa, pode-se pensar em sua originalidade a partir do binômio forma-conteúdo, ou seja, com um enfoque no *como se diz* (forma: diferente em relação à sintaxe ou aos gêneros); um enfoque no *que se diz* (conteúdo: abordagem de temas inovadores).

Porém, pode-se valorizar a originalidade através da combinação de forma e conteúdo, uma vez que o modo como os elementos ligados à forma auxiliam no arranjo das informações ou imagens para a construção de uma argumentação pode ser o mais eficiente de se determinar essa originalidade.

A busca dessa originalidade permeia o conceito de autoria, pois reconhece-se a presença de um sujeito por trás do contexto, constituindo-se, portanto, os indícios de autoria. Ao se fazer a avaliação crítica do texto, torna-se condição *sine qua non*, procurar por indícios de originalidade. Portanto, uma vez que o uso abusivo de uma determinada informação pode tornar o que já foi original, algo “*clichê*”, momento em que se torna difícil encontrar a marca de quem escreveu, ou seja, a autoria.

Em textos escolares, a avaliação discursiva passa para o primeiro plano, assim, ao procurar por indícios de autoria na redação, visa-se encontrar a marca pessoal do sujeito por trás do discurso. Autor e texto estão de tal forma imbricados, que acabam sendo partes do mesmo tecido discursivo. Os indícios de autoria são encontrados quando indicam a reflexão

de um sujeito, que confronta as suas experiências com o tema em discussão. Podemos citar, por exemplo, a presença de uma pergunta, uma vez que constrói no texto um diálogo, tornando a argumentação mais original. Outro exemplo é a autoconsciência, quando por exemplo, sabe que está recorrendo a argumentos óbvios e deixa isso claro no texto.

Nas redações escolares, o ponto crucial quando se trata de autoria, é sem dúvida alguma, a consciência da escrita. Para se chegar à autoria, é necessária a combinação entre forma e conteúdo – um projeto de texto, passando pela escolha de ideias, de palavras e como tudo se organiza no texto, visando assim provocar uma reação no leitor. Vale ressaltar, no entanto, que só temos um autor se tivermos uma obra cuja autoria foi atribuída a ele. Assim, além de ter um conjunto de textos atribuídos a ele, faz-se necessário que este assuma a responsabilidade político/social sobre o que está escrevendo.

Segundo Ducrot (1997 *apud* COSTA, 2016, p.94):

[...] quando falamos, expressamos ao mesmo tempo conteúdos explícitos e conteúdos implícitos. Essas decisões estão no âmago da autoria. São consideradas conteúdos implícitos aquelas informações que não podem ou não devem ser ditas[...] i) tabus sociais; ii) necessidade do falante em não assumir a responsabilidade pelo que foi dito; iii) o direito de dizer um discurso não pertencer ao falante; iv) as circunstâncias não permitirem que se diga algo; e v) o fato de que o falante não quer dizer.

Pode-se dizer que a língua nos permite transmitir algo sem efetivamente dizê-lo. Um desses modos implícitos de expressão é a pressuposição. Austin (1990 *apud* COSTA, 2016, p.94), defende a ideia que a pressuposição seja uma condição de emprego do próprio enunciado, uma vez que este é formado de itens identificadores que auxiliam na função informativa, fazendo com que o destinatário evoque conhecimentos de mundo, ou conhecimentos que o falante pressupõe compartilhar com a sua audiência. Ainda sobre pressuposição, o autor coloca que a pressuposição, partiu da ideia que todo enunciado, por apresentar um significado, pode ser submetido às condições de verdade. O problema para Austin (1990 *apud* COSTA, 2016, p. 95) encontra-se no tratamento reducionista que se dá ao conteúdo, limitando-o à condição de verdadeiro ou falso.

Para Possenti (2002), autor é o sujeito capaz de expor as suas particularidades no discurso, extrapolando os aspectos formais e as regras que condicionam o texto. A autoria está onde o autor imprime a sua marca, ou seja, os “indícios de autoria”, estando presente no discurso, e não no texto ou na gramática.

A lógica e a retórica são duas teorias da argumentação. Assim, o argumento mais típico é o silogismo, que se compõe de duas premissas (em geral suas) e conclusão. As premissas demonstram a conclusão. Como exemplo temos: *Todos os homens são mortais.*

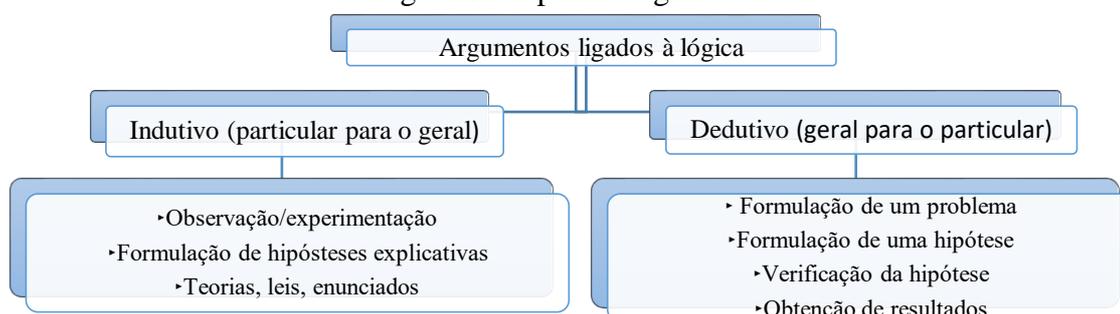
*João é homem.* (premissas) *Logo, João é mortal.* (conclusão). Sabemos que os três enunciados são verdadeiros, mas o que importa no uso de silogismos é a relação entre os enunciados. Outro exemplo sobre o uso de silogismo, é a utilização de uma premissa implícita: *Se ele é humano, então pode errar.* Premissa implícita: *todos os homens podem errar.* A esse tipo de silogismo, chamamos de *entimema*, muito utilizado na retórica.

Ainda sobre argumentos ligados à lógica, temos os argumentos dedutivos ou silogismos (aqueles que vão do geral para o particular) e argumentos indutivos (aqueles que vão do particular para o geral). Um exemplo de argumento dedutivo seria: “*Se todos os corpos caem, melhor segurar esta garrafa senão ela cai*” ou um exemplo mais conhecido: “*Todos os homens são mortais. Sócrates é um homem. Portanto, Sócrates é mortal...*” A conclusão (“Sócrates é mortal”) é derivada das duas premissas (“Todos os homens são mortais” e “Sócrates é um homem”), aplicando a lei da lógica de predicados chamada *instanciação universal*. No entanto, em ambos ocorrem a inferência, pois que os termos dados (corpos, garrafa e caem- primeiro argumento) e mortal, homem e Sócrates – segundo argumento), possuem uma relação de extensão entre si que vai do maior termo, passando pelo médio (através do qual há mediação) e chegando, por fim, ao termo menor.

No raciocínio indutivo, as premissas fornecem um forte apoio à conclusão, mas a verdade da conclusão não é garantida, porque este tipo de raciocínio não usa leis universais (tais como as leis da lógica) para chegar à conclusão, como no exemplo: “*Tenho visto muitos cisnes e eles eram todos brancos. Portanto, todos os cisnes são brancos*”. Neste caso, o raciocínio é correto porque a premissa apoia a conclusão, mas a conclusão é falsa, uma vez que existem cisnes negros. O raciocínio indutivo começa com uma ou mais premissas e tenta generalizar a partir delas o que é verdade em alguns casos, o que é provável que seja verdade em geral. Veja outro exemplo: “*O ferro conduz eletricidade; o ouro conduz eletricidade; o chumbo conduz eletricidade; Logo, todo metal conduz eletricidade.*”

Esses dois tipos de argumentos tornam-se recorrentes de uma forma mais trabalhada, dentro dos textos dissertativo-argumentativos.

Figura 6 - Tipos de argumentos



Fonte: Elaborado pela autora

A dinâmica da produção de um texto, não para na escolha dos argumentos, deve envolver e convencer o leitor, lançar mão de elementos coesivos e apresentar clareza nas ideias tornando dessa forma, o texto mais persuasivo.

## 5 METODOLOGIA

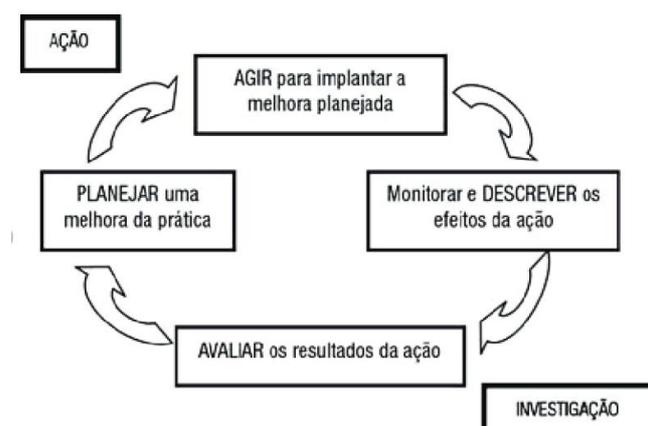
Neste capítulo apresentaremos os procedimentos que nos permitiram realizar a escolha metodológica: aqui se encontram descritos os critérios de constituição do *corpus*, a escolha teórica e posteriormente, os procedimentos quanto à aplicação das atividades, que foram desde a etapa da sondagem até a intervenção para que pudéssemos analisar os resultados, fazendo uma avaliação da redação final - o desempenho quanto às competências II, III e IV das redações dissertativo-argumentativas - foco deste trabalho.

Para o seu desenvolvimento, elegemos uma escola de ensino fundamental no município de Canindé-Ceará, uma sala de 9º ano composta por 18 estudantes, sendo 07 meninos e 11 meninas. A escolha desse ano se deu pelo fato de ser a última série do ensino fundamental e pretendermos averiguar o nível de argumentação aí existente por percebermos as lacunas existentes nesse nível de aprendizagem. A instituição foi fundada no ano de 2001, contendo atualmente um núcleo gestor constituído por uma diretora e uma coordenadora, 09 professores, dois auxiliares de serviço e 270 estudantes, distribuídos entre 1º e 9º anos do ensino fundamental.

A primeira etapa da pesquisa foi a apresentação à diretora da escola quanto ao trabalho que seria desenvolvido, uma vez que, apesar de oferecer a aula de redação na sua grade curricular, não havia trabalhado o gênero dissertativo-argumentativo até o momento da pesquisa. Foram apresentadas as etapas que iriam desde a escolha do tema com os próprios estudantes, a produção inicial, o material utilizado, bem como a ferramenta web intitulada Rapi10 em que os alunos iriam fazer pesquisas, postar a redação e ter o feedback como incentivo ao uso das tecnologias como aliada ao processo de ensino e aprendizagem. Salientamos que tal ferramenta web não havia sido utilizada no ensino fundamental até o presente momento.

Entendemos que para dar conta dos objetivos dessa pesquisa, que são desenvolver habilidades escritas em estudantes do 9º ano do ensino fundamental, partindo de uma proposta de ensino de produção de textos dissertativo-argumentativos que contemple estratégias argumentativas e que melhore a escrita, sobretudo no gênero textual em questão, o método da pesquisa-ação é o mais relevante tendo em vista ser um instrumento, a nosso ver mais adequado como estratégia de desenvolvimento de professores e pesquisadores a fim de que possam utilizar suas pesquisas para aprimorar o seu ensino tendo como resultado o aprendizado de seus alunos (TRIPP, 2005, p. 445). Esse tipo de metodologia, como vemos no diagrama a seguir, apresenta-se em forma de ciclo em quatro fases.

Figura 7 - Etapas da pesquisa-ação



Fonte: Tripp (2005, p. 446).

De acordo com Tripp (2005, p. 446), na investigação-ação [...] “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no decorrer do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação”. A pesquisa constitui-se de três etapas básicas: a sondagem (produção inicial), a intervenção (oficinas de redação) e produção final (avaliação). As etapas foram distribuídas em 13 encontros, sendo que em cada encontro tínhamos duas aulas de 50 minutos.

(1) Sondagem (identificação sobre o conhecimento prévio do uso da argumentação em textos dissertativo-argumentativos – foco da pesquisa).

A sondagem diz respeito à etapa inicial que visa fazer um levantamento diagnóstico acerca da dificuldade dos estudantes na apresentação de argumentos válidos e bem articulados, dentro de uma produção textual. Consistiu em um levantamento diagnóstico das dificuldades apresentadas pelos alunos na compreensão e no uso de elementos responsáveis por uma boa argumentação em textos. Assim, foi solicitado que os estudantes escrevessem, sem interferência da pesquisadora, sobre o assunto escolhido por eles, com o tema “*A homofobia na sociedade atual*”. A ausência de interferência foi proposital para que fossem avaliados o repertório sobre o assunto tratado, bem como a existência/ausência de estratégias argumentativas apresentadas pelos estudantes.

(2) Intervenção (ação direta com vistas à resolução dos problemas encontrados na etapa anterior, com aplicação de atividades direcionadas para a melhoria do processo argumentativo nos textos, com ênfase nas competências II, III e IV cobradas nas redações do Enem e que, a nosso ver, lidam diretamente com a proposta argumentativa – foco deste trabalho).

A intervenção, segunda etapa, consistiu em uma série de atividades estruturadas, com vistas a, pelo menos, amenizar as dificuldades detectadas na atividade de sondagem (redação diagnóstica). Para a etapa da intervenção, foi utilizada a plataforma *web* Rapi10 de correção de redações, idealizada pela pesquisadora. A escolha desta plataforma durante a aplicação das intervenções se deu pelo seu uso nas instituições de ensino médio e havia o desejo de perceber a sua aplicabilidade e eficiência também no ensino fundamental. Os estudantes são instigados a utilizá-la também em estudos domiciliares uma vez que as atividades e materiais desta pesquisa encontram-se disponíveis na plataforma, além de os estudantes realizarem a escrita de produções e postarem para a correção, se assim desejarem. O uso das tecnologias associado às práticas de sala de aula é um dos critérios da metodologia deste trabalho. Na plataforma encontram-se exercícios semiestruturados e variados, que vão desde a identificação da tese, posteriormente o uso dos argumentos que sustentam ou refutam a tese, a proposta de intervenção, a adequação quanto ao uso de conectivos. Essa sequência de atividades segue um grau de complexidade que foi aumentando gradativamente conforme os alunos iam compreendendo o uso desses recursos. Assim, as atividades propostas foram:

- aplicação de questionário quanto ao desejo de trabalhar com uma plataforma de correção de redações;
- escrita livre;
- tempestade de ideias;
- apresentação de textos motivadores;
- estrutura do gênero e apresentação das competências;
- identificação do tema, tese e construção do quadro tópico;
- como indiciar uma argumentação;
- como desenvolver uma argumentação;
- o uso dos conectivos;
- como concluir uma argumentação;
- a proposta de intervenção;
- análise da produção por seus pares;
- análise própria e reescrita da redação.

(3) Avaliação (verificação da eficiência ou não das ações executadas a partir da redação diagnóstica e produção final).

O processo de avaliação partiu da reestruturação de textos feitos pelos alunos a partir da avaliação da sua própria escrita com o uso da redação diagnóstica e a avaliação de seus pares. No que diz respeito às aulas de produção textual, além do uso social da escrita,

faz-se necessário destacar a importância de diferentes tipos de correção feitas pelo professor. Serafini (1987) fala sobre três tendências de correção do texto: indicativa, resolutiva e classificatória. Através da correção indicativa, segundo a autora, o professor marca na margem do texto do aluno frases e períodos que não apresentam claramente as ideias do autor e outros erros, como os ortográficos ou os lexicais, limitando-se à identificação do erro e alterando muito pouco a produção textual.

Na correção resolutiva, o professor corrige todos os erros do aluno, reescrevendo palavras, frases e períodos inteiros, conforme afirma Serafini (1987), o que requer bastante tempo do professor ao refletir sobre e reformular as ideias expressas ou as que o escritor quis expressar.

Para a autora, nenhuma dessas formas respeita os princípios básicos de uma eficaz correção, principalmente a primeira, porque não expressa claramente o erro do aluno, sendo, portanto, ambígua; marca todos os erros no texto e não os classifica precisamente, o que pode dificultar a releitura e reescrita do texto.

Para Serafini (1987), a correção classificatória, ao contrário da indicativa e da resolutiva, aponta os erros de forma precisa, permitindo que eles sejam reagrupados e recatalogados, mas sem dar sugestões de correção do erro, proporcionando ao aluno um posicionamento de reconstrução e autorreflexão sobre o texto produzido, de modo que o escritor tenha a autonomia respeitada pelo professor, que poderá continuar avaliando gradativamente o progresso do texto, porém, sem se sobrepor ao estilo e ideias originais do autor. Para esse tipo de correção, adotamos na própria plataforma o mecanismo de correção em que o professor tem a oportunidade de grifar, com cores variadas, os diferentes desvios existentes, tanto de natureza sintático-semântica ou até mesmo de argumentação, além de “balões de fala” específicos para a correção de cada competência.

Um modo que também pode ser bastante eficiente na correção de textos é a correção entre colegas, como parte do processo de evolução do texto de cada aluno, até que se resulte na sua versão final. Serafini (1987) faz referência a Lacque (1977), trazendo três motivos para fundamentar a correção coletiva realizada pelos alunos: “Eles são muito melhores juízes que produtores de texto; a correção feita pelos colegas é um excelente estímulo à escrita; essa correção permite um diálogo que é inevitavelmente muito limitado na relação aluno-professor”. Por esse motivo, recorreremos à prática da escrita como um processo, apresentando a possibilidade de a redação ser corrigida pelo seu autor, por seu par e, posteriormente, pelo próprio educador.

Não podemos pensar um indivíduo que seja competente discursivamente sem pensar a importância do seu desempenho crítico-social. Se o estudo, a escrita, a reutilização e as reescritas do texto, seja ele qual for, não estiverem associados às constantes reconstruções sociais que o estudante precisa fazer desse texto no seu dia a dia, pode-se afirmar que no processo de ensino da língua encontram-se lacunas a serem preenchidas.

A avaliação dos benefícios de todas as etapas do processo se deu a partir da análise da redação diagnóstica (sem interferência da pesquisadora) com a análise da produção final, a partir de oficinas sobre o gênero dissertativo-argumentativo (com ênfase em atividades que contemplassem as competências II, III e IV). O intuito da realização de todas as atividades elencadas acima e melhor detalhadas no subtópico à frente foi o de despertar nos estudantes do 9º ano do ensino fundamental sobre como melhorar a organização de um texto dissertativo-argumentativo a partir da organização hierárquica das ideias e os elementos que contribuem à adesão da tese apresentada. Assim, pudemos partir da compreensão do que os alunos já sabiam em relação à abordagem argumentativa em textos para que pudesse, a partir das atividades propostas, repensar a sua escrita com vistas a melhorá-la.

Assim, pudemos comprovar a eficiência de uma abordagem de ensino que trabalha a argumentação em prol da escrita. Para esse tipo de atividade, servimo-nos das ideias presentes em vários autores, no entanto, damos destaque para Perelman e Tyteca (2005) que constituíram o principal arcabouço teórico desse trabalho cujo assunto trata de uma proposta de intervenção em textos dissertativo-argumentativos em uma turma do 9º ano do ensino fundamental. O trabalho dos autores intitulado *A Nova Retórica reativa abordagens sobre a Retórica de Aristóteles*, contribuindo sobremaneira para a sua contextualização nos dias atuais. Retomam conceitos importantes como o *ethos*, *pathos* e *logos* (elementos constituintes dos discursos). Para esta pesquisa, com olhos voltados principalmente ao *logos* e seus constituintes para uma argumentação mais fundamentada de modo a contribuir para um projeto de texto a ser desenvolvido por estudantes do 9º ano do ensino fundamental que estão tendo contato pela primeira vez com o gênero dissertativo-argumentativo e as bases que devem ser fundamentadas em argumentos válidos, diversificados e encadeados, conforme as competências II, III e IV cobradas na redação do Enem. Para desenvolver este trabalho, outras importantes autoras foram Koch e Elias (2016), uma vez que as autoras dão um tratamento didático às teorias acima citadas, pois em várias obras tratam da argumentação de uma maneira clara e com sugestões de atividades pedagógicas propícias à aplicação de conceitos.

A nosso ver, a depender das situações de ensino, as atividades envolvendo a argumentação – infelizmente, pouco utilizadas nas aulas de língua portuguesa – são

fundamentais no processo de aquisição de habilidades argumentativas. Em síntese, em linhas gerais, temos como questão central deste estudo identificar o nível de argumentação em textos, nesse caso, dissertativo-argumentativos, e o tipo de abordagem que contribui, efetivamente, para o desenvolvimento e/ou aprimoramento de habilidades de escrita relacionadas à argumentação com o uso de elementos linguísticos articuladores de relações discursivas e o uso diversificado de recursos argumentativos. Como hipótese básica, adotamos a ideia de que uma abordagem de ensino, ao mesmo tempo, produtiva e reflexiva, contribua, efetivamente, para o desenvolvimento e/ou aprimoramento dessas habilidades já no ensino fundamental de maneira a contribuir para que estudantes do ensino médio consigam escrever textos com o uso de argumentos mais bem elaborados e válidos para persuadir o leitor na adesão à tese apresentada. Essas questões se desdobram de acordo com as etapas da pesquisa.

Na sondagem, questionamos: que dificuldades relacionadas ao uso produtivo de estratégias argumentativas os estudantes apresentam? Os sujeitos da pesquisa fazem uso de elementos linguísticos que proporcionam a coesão? Conseguem apresentar argumentos favoráveis à defesa da tese? O uso de uma plataforma *web* contribuiria para a melhoria da compreensão e das especificidades do texto dissertativo-argumentativo? Hipotetizamos que: os alunos sujeitos da pesquisa revelam dificuldades quanto às estratégias argumentativas, escolha de argumentos, explicitação e uso de elementos linguísticos que favorecem à coesão textual e contribuem para a argumentação (uso dos conectivos), devido à falta de atividades que favoreçam essa compreensão e por esse motivo, entendemos que estudantes do ensino médio não conseguem desenvolver, muitas vezes, textos bem elaborados argumentativamente.

Na intervenção, questionamos que tipos de atividades contribuem, efetivamente, para o desenvolvimento das habilidades argumentativas na escrita relacionadas ao uso de elementos que contribuam para a defesa da tese apresentada. Assim, buscamos realizar atividades específicas para a compreensão das etapas de elaboração de um texto dissertativo-argumentativo, com foco nas três competências responsáveis pelo processo de argumentação do referido gênero: II, III e IV. Hipotetizamos que atividades de natureza produtiva (exercícios estruturais) e reflexiva (atividades propostas de análise a partir de sua produção textual diagnóstica e a produção final, sua e de seu colega), com orientação teórica presentes em Koch e Elias, contribuem, efetivamente, para o desenvolvimento de habilidades argumentativas eficazes quanto à defesa de um ponto de vista (tese). Nessa etapa, nossa atenção esteve voltada para a elaboração e aplicação de tais atividades, pensando na inserção da tecnologia como uma ferramenta que contribuiria para as atividades a serem desenvolvidas.

No processo de avaliação, questionamos se as atividades elaboradas e aplicadas na etapa de intervenção com o uso de uma ferramenta tecnológica contribuíram, efetivamente, para o desenvolvimento das habilidades argumentativas em textos dissertativo-argumentativos, sobretudo nas competências II, III e IV que estão diretamente relacionadas ao processo de argumentação do texto e foco deste trabalho. Hipotetizamos que sim, e nos voltamos para a aplicação da redação diagnóstica, comparando-a com o desempenho dos alunos na produção final, a partir de sua reescrita e correção colaborativa (entre pares).

### **5.1 Competências do Enem**

O Exame Nacional do Ensino Médio faz parte das políticas públicas voltadas à educação. Desde a sua primeira versão, em 1998, vem tomando dimensões cada vez maiores, tanto com relação à ampliação do público participante, quanto da sua própria dinâmica de aplicação. Esse exame está vinculado à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) e ao Plano Nacional de Educação (PNE Nº 10.172/2001). Quando foi criado, em 28 de maio de 1998, tinha por objetivo servir de instrumento de aferição para as competências e habilidades desenvolvidas ao longo do ensino médio. Assim, foi criada a Matriz de Referência pautada em uma prova objetiva e uma redação, baseada em cinco competências: domínio da linguagem, compreensão de fenômenos, capacidade de enfrentar situações-problemas, construção de argumentações e elaboração de propostas.

No ano posterior à sua primeira aplicação, a matriz passou a ser utilizada também como modalidade de acesso ao ensino superior. Em 2009, passou por uma reformulação, vindo a ampliar o quantitativo de questões e a utilização da prova em substituição ao antigo vestibular. Essa nova roupagem dada ao exame proporcionou um maior acesso do contingente oriundo de escolas públicas, haja vista a implantação de novas políticas de inserção à universidade como programas como o SISU<sup>5</sup> e ProUni<sup>6</sup>.

Podemos perceber, a partir de dados existentes na tabela abaixo, que o Enem passou a ter proporções cada vez maiores desde a sua implantação no ano de 1998. Uma importante reflexão acerca dos dados apresentados diz respeito ao quantitativo de inscritos em detrimento à quantidade de redações de excelência e redações anuladas, ou seja, apesar de

---

<sup>5</sup> SISU - Sistema de Seleção Unificada (Sistema associado ao governo que oferece vagas em universidades públicas para estudantes que tenham participado do Enem)

<sup>6</sup> ProUni – Programa Universidade para todos (Possibilidade de concorrer a uma vaga na universidade particular através de bolsas de estudo parcial ou integral)

aumentar a quantidade de inscritos, o quantitativo de redações nulas vem aumentando e com nota mil vem diminuindo com o passar dos anos. Na sua primeira versão, em 1998, teve mais de 157 mil inscritos; a última edição, em 2018, teve 5,5 milhões de inscritos. Abaixo foram socializados dados do Enem desde 2013 aos dias atuais, embora o exame aconteça desde 1998, não existem dados anteriores a essa data, para que se possa perceber como o quantitativo de redações nota 1000 (redações de excelência) vem diminuindo a cada ano que passa:

Quadro 3 - Contexto histórico das redações do Enem

Ano	Tema	Nota 1000	Anuladas	Inscritos
2013	Efeitos da Lei Seca	481	106.742	7,17 milhões
2014	Publicidade infantil em questão no Brasil	250	529.374	9,5 milhões
2015	A perspectiva da violência contra a mulher na sociedade brasileira	104	53.032	8,4 milhões
2016	Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil	77	84.236	9,2 milhões
2017	Desafios para a formação educacional do surdo no Brasil	53	309.157	6,1 milhões
2018	Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet	55	112.559	5,5 milhões

Fonte: Disponível em: <[www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com)>. Acesso em 11 jun 2018.

As informações presentes nessa tabela nos fazem refletir acerca do trabalho feito nas instituições escolares com relação às produções textuais dissertativo-argumentativas, gênero cobrado no Enem. A forma como elas podem contribuir para amenizar essa situação nos traz algumas reflexões acerca da importância do trabalho a ser desenvolvido através desta proposta de intervenção no ensino fundamental. A redação do Enem tem se apresentado como um novo paradigma de concepção do gênero redação escolar, impactando diretamente os modos de conceber o ensino da produção e da recepção textual e a avaliação dos textos produzidos pelos alunos, ao longo da jornada escolar.

Existem alguns critérios que podem levar à anulação da redação:

- Fuga total ao tema;
- Não obediência à estrutura dissertativo-argumentativa;
- Extensão de até 07 (sete) linhas;
- Apenas cópia integral de textos motivadores e/ou proposta de redação e/ou textos motivadores apresentados no Caderno de Questões;
- Impropérios, desenhos e outras formas propositais de anulação;

- Parte deliberadamente desconectada do tema proposto;
- Assinatura, nome apelido ou rubrica fora do local devidamente designado para a assinatura do participante;
- Texto integralmente em língua estrangeira;
- Folha de redação em branco.

A Matriz de Referência do Enem (Brasil, 2015) traz bem definidas cinco competências que devem ser levadas em consideração pelo corretor na hora de corrigir a redação do gênero dissertativo-argumentativo, o que deve ser considerado, a nosso ver, no processo de correção das produções do referido gênero dentro do espaço escolar. As cinco competências são:

Competência 01- Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa;

Competência 02- Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para desenvolver, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa;

Competência 03- Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista;

Competência 04- Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação;

Competência 05- Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Cada uma dessas cinco competências recebe uma nota que varia de 0 (zero) à 200 (duzentos), perfazendo uma nota máxima de 1000 (mil) pontos, avaliada conforme uma grade específica de correção estruturada a partir da Matriz de Referência que será socializada mais à frente.

Uma vez que nossa pesquisa tratará de aspectos relacionados a estratégias argumentativas para construção e elaboração de argumentos favoráveis ao ponto de vista, contrários à tese, e a conclusão que confirme a tese, este trabalho abordará, sobretudo, as Competências II, III e IV. Podemos apontar que a competência II analisa o aspecto composicional do texto argumentativo; já a competência III utiliza-se das estratégias utilizadas para um ponto de vista persuasivo e por fim, a competência IV aborda aspectos relacionados à coesão textual. Assim, ao utilizar recursos argumentativos com o objetivo de tornar mais persuasivas as informações e opiniões sobre o tema, as duas competências se aproximam.

Segundo Cavalcante (2016b), um dos aspectos a serem observados durante a redação do Enem é a capacidade de desenvolver um texto bem argumentado, princípio este avaliado a partir de dois aspectos estreitamente relacionados: um composicional (estrutural), cobrado na Competência II da Matriz de Referência para Redação; outro configuracional (pragmático-retórico), cobrado na Competência III. A autora acrescenta que, em ambos os aspectos da argumentação, o texto, evidentemente, precisa ter coerência, uma vez que todo texto só terá bom desenvolvimento argumentativo se for coerente.

A autora trata a noção de coerência em sentido amplo, e não apenas restrita às conexões internas, abstraídas das relações semânticas na materialidade do texto. A coerência é um princípio de interpretabilidade e supõe relações sociodiscursivas de produção e de uso, ultrapassando os significados das formas da língua e de suas ligações lógico-semânticas. Mais adiante a autora cita que

A coerência tem, pois, um duplo funcionamento: é uma totalidade na qual todos os elementos formais e funcionais atuam num sistema de relações interdependentes para constituírem uma unidade pragmática de comunicação; e constitui ainda, ou principalmente, uma relação contextual com a situação em que o texto foi produzido. Não cabe à Competência III avaliar a coerência, embora dela não possa prescindir. (CAVALCANTE, 2016b, p. 129).

Sá (2018) faz uma compilação sobre o assunto coerência, trazendo uma breve explicação sobre o pensamento de alguns autores acerca da coerência. Segundo a autora, para van Dijk e Kintsch (1983), a coerência é uma estratégia na tentativa de dar sentido ao texto. Mais adiante a autora menciona que para van Dijk (1977), o processamento cognitivo de um texto se baseia em diferentes estratégias que se tornam hipóteses operacionais eficientes. Para Charolles (1978), um texto pode ser incoerente para uma dada situação comunicativa, mas não para outras, considerando o propósito comunicativo. O texto deve ser analisado no contexto em que foi produzido. O princípio da textualidade, defendido por Beugrande e Dressler (1981), apresenta a coerência como um desses princípios, uma vez que estabelece relações de sentido do texto, sendo compreendida como um momento de compreensão e produção. É vista como um conjunto de características que fazem com que um texto se torne um texto e não um emaranhado de frases. Os autores acrescentam ainda que, dos princípios da textualidade, dois deles são centrados no texto: coesão e a coerência. A Linguística Textual, no entanto, percebe hoje em dia que essa separação é inoperante, uma vez que todas elas se inter-relacionam.

### **5.1.1 Competência II**

Na competência II, o candidato deverá compreender a proposta da redação e empregar conceitos de várias áreas do conhecimento. Assim, deve apresentar dois aspectos: a compreensão da proposta e a tipologia textual. Sobre o primeiro ponto, deve, além de compreender o tema, apresentar argumentos em defesa de um ponto de vista, empregando o conhecimento de várias áreas, mostrando estar atualizado. Sobre o segundo ponto, o texto dissertativo-argumentativo em prosa vai além da exposição de ideias, precisa apresentar uma tese.

Deve ser a partir da abordagem do tema e da adequação à tipologia textual que as outras competências passam a se organizar, ou seja, o não cumprimento a esses dois fatores pode levar à anulação da redação: fuga ao tema e não atendimento ao tipo textual.

Analisar se a redação se enquadra no desenvolvimento composicional argumentativo implica dizer que deve ter a seguinte estrutura de raciocínio (não na mesma ordem ou em todas as fases):

- tese inicial;
- dados (argumentos);
- garantia (conhecimentos implícitos que apoiam e complementam os argumentos);
- inferências (ligações implícitas que permitem relacionar os dados à conclusão);
- conclusão nova tese (ponto de vista central).

O ensino do texto, da forma como vem sendo desenvolvido ao longo das séries iniciais do ensino fundamental, de maneira fragmentada, não conduz o estudante a ter a possibilidade de dialogar com o texto, pois não leva em consideração a função social da língua, bem como os pressupostos sociais em que o estudante está inserido, vindo a fazer do processo de escrita uma funcionalidade social. Dessa forma, negligencia-se ao estudante o direito de desenvolver habilidades que o levem a produzir textos complexos e com qualidade na produção e coesão textuais. Transforma-se numa explicitação sobre o gênero e, fora isso, a apresentação das regras gramaticais como sendo o único ponto relevante dentro de uma produção textual. Assim, muitos estudantes chegam ao Ensino Médio sem uma noção aprofundada dos critérios que levam ao processo de construção de sequências textuais argumentativas, sobretudo no gênero dissertativo-argumentativo. Por isso é que são observadas muitas inadequações, reveladoras da má utilização de estratégias textual-

discursivas. O contexto escolar tem nos apresentado a necessidade de novos enfoques metodológicos para as aulas de produção escrita.

Como procuramos nos reportar ao longo deste trabalho, a questão da argumentação e estruturação de textos dissertativo-argumentativos ainda no ensino fundamental contribui sobremaneira dentro de um processo sociodiscursivo que favorece a produção e a compreensão dos sentidos do texto, haja vista a intensa necessidade de utilizar-se dos recursos de argumentação na nossa vida em sociedade. O diferencial para o processo de elaboração de textos nos gêneros dissertativo-argumentativos é um trabalho mais estruturado por parte do professor, que contemple as etapas de elaboração de um texto nesse gênero, que seriam a apresentação do problema, opinião, os argumentos e conclusão a partir da estrutura que seria introdução, desenvolvimento e conclusão.

Faz-se necessário aos envolvidos no processo textual de elaboração, reelaboração e compreensão de textos no âmbito escolar: professores e alunos que compreendam e possam identificar a melhor maneira de utilizar-se dele com o propósito argumentativo e de coesão textual.

Destaca-se, no entanto, a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema, uma vez que não se esgotam as possibilidades de uso e redimensionamento do que envolve a sequência argumentativa e seus propósitos a partir da apresentação de textos mais bem elaborados e que tragam elementos que contemplem o gênero dissertativo-argumentativo, dado o grau de dificuldade a ser desenvolvido em turmas do ensino fundamental.

A seguir, apresentamos o quadro referente à Matriz de Referência da Competência II, a escala e sua respectiva discriminação (notas que variam de 40 pontos à 200 pontos):

Quadro 4 - Matriz de Referência da Competência II

continua

COMPETÊNCIA II	
Compreender a proposta de redação e aplicar conceito das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa	
1	Apresenta o assunto, tangenciando o tema, ou demonstra domínio precário do texto dissertativo-argumentativo, com traços constantes de outros tipos textuais
2	Desenvolve o tema recorrendo à cópia de trechos dos textos motivadores ou apresenta domínio insuficiente do texto dissertativo-argumentativo, não atendendo à estrutura com proposição, argumentação e conclusão
3	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão
4	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão

5	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo, e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo.
---	---

Fonte: Cartilha do participante (INEP, 2018, p. 16)

É importante destacar que, ao avaliar a competência II, deve-se observar o tema (definido a partir da frase temática apresentada), a tangência ao tema (textos que abordam de forma superficial o tema), as partes chamadas de embrionárias (quando a introdução, desenvolvimento ou conclusão são muito curtas). A presença de partes embrionárias impede que o texto produzido seja avaliado em níveis mais altos. Um dos elementos importantes para o texto dissertativo-argumentativo, sobretudo para a avaliação da competência II, diz respeito ao uso do repertório sociocultural, ou seja, o uso de fatos, experiências, citações, conhecimentos que se coloquem à disposição da argumentação. Para que se possa atingir uma nota elevada nesta competência, é necessário que se observe a origem do repertório e a sua pertinência ao assunto tratado. Caso o repertório seja legítimo e pertinente, o próximo passo seria a verificação se o repertório é improdutivo (não está associado à discussão) ou se é produtivo (quando o repertório está associado à discussão).

### **5.1.2 Competência III**

Enquanto que a segunda competência envolve a análise do aspecto composicional do texto argumentativo, a terceira envolve todas as estratégias usadas pelo participante com a finalidade de persuadir o leitor, ou seja, tentar induzir o interlocutor para um dado posicionamento, buscando engajá-lo em determinado ponto de vista sobre o mundo.

Na competência III, o candidato deverá mostrar habilidades como selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista. Receberá nota máxima se apresentar informações em virtude do tema proposto, configurando autoria. Essa competência engloba quatro habilidades indicadas como fundamentais para o desenvolvimento de argumentos consistentes: a habilidade de selecionar (trazer informações pertinentes a diversas áreas do conhecimento, deixando claro aos corretores se os argumentos são válidos a partir de repertório autoral ou retirado de textos motivadores); a habilidade de relacionar (diz respeito à hierarquização e interpretação de informações); a habilidade de organizar (como o candidato organiza informações e argumentos, dividindo-os em informações mais importantes e secundárias) e a habilidade de

interpretar (observa-se o contexto das informações levando em consideração a defesa de um ponto de vista).

Esses elementos acima citados constituem o projeto de texto, importante para a construção de sentido, para a coerência textual. A qualidade desse projeto constitui foco da avaliação da competência III. Sá (2018) traz uma importante consideração acerca da teoria da coerência:

Julgamos pertinente esclarecer que a coerência apresenta como um “fator de coerência” pelos pesquisadores, é, na verdade, a própria razão de ser de um texto, e todos os demais princípios são subservientes a ela. Nesse sentido, consideramos tudo aquilo que eles chamam de textualidade como aspectos que colaboram para a (re)construção da coerência.

Abaixo, socializamos a grade de avaliação da Competência III constante na Matriz de Referência do Enem:

Quadro 5 - Matriz de Referência da Competência III

COMPETÊNCIA III	
Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista	
0	Apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista.
1	Apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista.
2	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista.
3	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista.
4	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista.
5	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista.

Fonte: INEP (2018, p. 19)

Em função da correção da competência III, algumas informações devem ser levadas em consideração. Conforme a Cartilha do Participante (2018, p.21), o participante do Enem deve:

[...]selecionar argumentos que sustentem a sua tese e encadeá-los, de modo que cada parágrafo apresente informações novas, coerentes com o que foi apresentado anteriormente, sem repetições ou saltos temáticos, e que essas ideias sejam desenvolvidas de modo a justificar, para o leitor, o ponto de vista escolhido.

Desta maneira, deve-se levar em consideração se a produção textual apresenta informações, dados e opiniões de forma descontextualizada, com um aglomerado de palavras que não se relacionam entre si e sem defesa de um ponto de vista. Caso isso ocorra, podemos afirmar que se trata de um texto sem direção. O contrário, um texto com direção, caracteriza-se como sendo aquele em que as ideias se comunicam e é perceptível uma direção em defesa de um ponto de vista.

O projeto de texto diz respeito a um planejamento prévio da escrita, ou seja, um esquema em que fica visível a organização dos argumentos existentes no texto. Podemos definir projeto de texto como um trajeto que levará à defesa de um ponto de vista. Faz-se necessário que seja estratégico em defesa do ponto de vista.

Outro aspecto significativo na avaliação da competência III diz respeito à autoria, que consiste em uma abordagem estratégica a partir do projeto de texto, utilizando-se de argumentos pertinentes para cumpri-lo. Complementar à essa definição, pode-se dizer que a autoria do texto, torna-se evidente quando o texto se explica por si só, sem levar em consideração somente o conhecimento exterior ou o conhecimento advindo de textos motivadores.

### ***5.1.3 Competência IV***

Na competência IV, como mencionado, o candidato deverá demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação, isso se dá a partir do uso de recursos coesivos para articular os enunciados de um texto. Esta competência é a responsável pela coesão textual que deve se dar por marcas linguísticas que ajudam a chegar a uma completa compreensão do texto, ou seja, atua na superfície textual. Desta forma, a coesão é tão somente uma das condições para que a coerência se estabeleça, porque diz respeito à articulação entre construções sintático semânticas e unidades tópicas do texto.

Esta competência auxilia o estudante, a partir do uso de elementos linguísticos, avançar na formulação de argumentos ao fazer uso adequado e diversificado destes elementos, sobretudo de operadores argumentativos. Seguindo a grade específica de, que está ancorada na Matriz de Referência para a Redação do Enem, vale ressaltar que existem várias formas de realizar a coesão, porém, serão ressaltadas aquelas que contribuem para o funcionamento do texto dissertativo-argumentativo: o foco deste trabalho.

Quando tratamos da competência IV, alguns elementos ganham visibilidade e merecem melhor detalhamento para o processo de avaliação:

- Repertório coesivo: diz respeito ao conjunto de recursos coesivos que são lançados em função da escrita do texto. Deve-se observar a qualidade dos elementos coesivos e sua relevância para a progressão da argumentação; a qualidade do emprego do repertório coesivo se dá, em um texto dissertativo-argumentativo, pela presença dos elementos coesivos dentro e entre parágrafos, observação se estes elementos se repetem e se estão mobilizados de maneira adequada dentro do texto;
- Inadequação coesiva: esta expressão diz respeito ao uso equivocado do elemento coesivo, pois embora presente no texto, não consegue fazer a ligação de conexões eficientes. Assim, para que seja avaliado quanto à adequação ou inadequação, compete àquele que irá avaliar o texto, perceber se tais elementos contribuem para a orientação argumentativa dentro daquilo que se propõe a dizer;
- Coesão intraparágrafo e interparágrafo: a coesão intraparágrafo diz respeito à presença de elementos linguísticos dentro dos parágrafos. A coesão interparágrafo, diz respeito à presença de elementos coesivos entre os parágrafos. Para uma maior pontuação nessa competência, é importante a presença, no texto, dessas duas formas de coesão;
- A repetição: diz respeito à recorrência do mesmo elemento coesivo. Faz-se necessária a observação quanto à contribuição desse elemento repetido para a articulação da argumentação;
- Monobloco: As produções escritas em forma de monobloco, prejudicam sobremaneira o uso de elementos coesivos, uma vez que prejudicam a paragrafação.

Para que o domínio da competência IV seja observado, faz-se necessária a utilização de uma gama de elementos coesivos. Observa-se que o uso de alguns mecanismos linguísticos para promover a coesão, tais como a repetição de elementos, são bem-vindos em produções poéticas, no entanto, esse mecanismo não é bem-vindo no texto dissertativo-argumentativo. Desta forma, destacam-se dois principais tipos de coesão:

- a) Coesão referencial: retoma elementos já mencionados ou introduz aqueles que ainda serão mencionados (como os pronomes, por exemplo);

- b) Coesão sequencial: são procedimentos linguísticos em que se estabelecem diversos tipos de interdependência semântica e/ou pragmática entre enunciados.

Quadro 6 - Quadro esquemático da coesão referencial e sequencial

continua

1. Coesão referencial	1.1 Por uso de formas gramaticais	1.1.1 Substituição por pró-formas Ex.: <i>Jovens profissionais surdos ingressaram no mercado de trabalho. <b>Eles</b> encontraram muitas dificuldades.</i>	Pronomes, verbos e advérbios
		1.1.2. Definitivação Ex.: <i>A educação brasileira tem mostrado alguns indicadores positivos. <b>Um</b> é o gradativo aumento do curso de Libras nas escolas.</i>	Artigos definidos e indefinidos
		1.1.3 Elipse Ex.: <i>Os alunos da etnia ticuna escreveram textos sobre sua língua, e os <math>\varnothing</math> da etnia terena, <math>\varnothing</math> sobre as histórias de seus avós.</i>	Posição “vazia”
		1.1.4 Numerais Ex.: <i>Há várias sobre o problema da incitação à violência pelos discursos de ódio. Duas dizem respeito à escola e à família.</i>	Números cardinais, ordinais, fracionais...
	1.2. Por uso de formas lexicais	1.2.1 Relação de sinonímia Ex.: <i>A importância do respeito às religiões de origem africana foi lembrada pela aluna. A <b>estudante</b> queria fazer valer seu direito constitucional à prática religiosa.</i>	Sinônimos
		1.2.2 Relação de hiperonímia Ex.: <i>Aquela jovem sabe falar várias línguas. O <b>guarani</b> é sua favorita.</i>	Hiperônimos e hipônimos
		1.2.3 Nomes genéricos Ex.: <i>Algumas pessoas entrevistadas acreditam não existir feminicídio. A <b>hipótese</b> não tem fundamento nos estudos antropológicos e sociológicos, segundo o pesquisador da área.</i>	Substantivos e adjetivos que produzem relações de sinonímia
		1.2.4 Nominalizações Ex.: <i>Os alunos se manifestaram protestando contra o escândalo de corrupção que envolvia o desvio de verba da merenda escolar. A <b>manifestação</b> chamou a atenção da mídia e das autoridades, e instaurou-se uma investigação.</i>	Nomes deverbais, substantivos abstratos

2. Coesão Sequencial	2.1 Sequenciação parafrásica	2.1.1 Mesmos termos Ex.: (...) <i>um galo/ que apanhe o grito de um galo antes/ e o lance a outro;</i>	Repetição de termos (comum na poesia)
		2.1.2 Mesma estrutura sintática Ex.: <i>A voz da minha bisavó/ ecoou criança/ nos porões do navio. A voz da minha mãe/ ecoou baixinho revolta/ no fundo das cozinhas alheias.</i>	Repetição da estrutura sintática
		2.1.3 Mesmo conteúdo semântico Ex.: <i>A chamada abolição da escravatura, que encerrou o regime escravagista explícito no Brasil, aconteceu há pouco tempo em escala histórica, isto é, há 130 anos.</i>	Repetição do conteúdo semântico
		2.1.4 Mesmos recursos fonológicos Ex.: <i>Quando chegar o momento/esse meu sofrimento(...)</i> <i>Todo esse amor reprimido/esse grito contido (...)</i>	Repetição de recursos fonológicos (comuns na poesia)
	2.2 Sequenciação frástica	2.2.1 Manutenção temática Ex.: <i>A culinária nordestina tem despertado a atenção de chefs internacionais. O arroz com capote piauiense já pode ser encontrado em mesas francesas. O acarajé baiano faz sucesso no Japão. A peixada maranhense conquistou o paladar dos argentinos.</i>	Termos do mesmo campo lexical
		2.2.2 Encadeamento por justaposição Ex.: (...) <i>sem contar o aumento da desigualdade social não só no Brasil, mas também em outros países da América do Sul. Fazendo um balanço de todos os agravantes que foram discutidos sobre essa importante questão, a solução mais plausível é (...)</i>	Orações subordinadas (principalmente adverbiais e adjetivas)
		2.2.3 Encadeamento por conexão Ex.: <i>De acordo com a manchete, dois rapazes forma impedidos de permanecer no shopping porque andavam de mãos dadas. Em decorrência disso, depois de expulsos, eles se dirigiram à delegacia e denunciaram essa violação de seus direitos civis.</i>	Operadores argumentativos

Fonte: INEP (2018, p. 24)

Segundo Elias (2016, p.110), a língua possui um leque variado de elementos que nos permitem orientar os nossos enunciados para determinadas conclusões: são *os operadores argumentativos, os articuladores textuais e expressões nominais referenciais e a orientação argumentativa*. A adequação ao uso que os elos semânticos criados sejam corretamente estabelecidos e a diversidade quanto ao uso garante a utilização de diferentes estratégias argumentativas.

Operadores argumentativos: Charaudeau (2008) traz a ideia do encadeamento lógico que casa com as contribuições de Koch (2016) que foram desenvolvidas a partir da análise de conectores (estabelece conexão entre os enunciados, que estão desenvolvidas à luz da Teoria da Argumentação na Língua - TAL), de Oswald Ducrot, em que os conectores passaram a ser vistos como uma palavra de ligação e orientação, ou seja, que articula informações e argumentos de um texto, em detrimento dos encadeamentos dos enunciados. Os chamados articuladores argumentativos, são chamados por Koch (2016) de operadores argumentativos, sendo responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação discursiva (expressão advinda de Oswald Ducrot), fazem parte do repertório da língua e tem por função orientar os enunciados que introduzem para determinadas conclusões, pois afetam a interpretação da sentença. São partes importantes de estratégia retórica. Ter domínio sobre o uso dos operadores argumentativos significa fazer valer pontos de vista para defender teses e articular argumentos. Nessa perspectiva, cabe falarmos da existência das *classes argumentativas* (designam o conjunto de elementos que apontam para uma mesma conclusão) e da *escala argumentativa* (quando dois ou mais enunciados de uma classe argumentativa se apresentarem em gradação de força no sentido de uma mesma conclusão).

Um dos principais elementos de coesão, diz respeito ao uso produtivo dos operadores argumentativos (variedade e empregabilidade). Para Koch e Elias (2016, p.76), operadores argumentativos “são responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando o texto e determinando a orientação argumentativa”. Dado a sua relevância dentro do processo de coesão textual, trataremos dos operadores argumentativos delimitados em um quadro específico:

Quadro 7 - Tipos de operadores argumentativos

continua

Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão	E, também, nem(e não), não só...mas também, tanto...como, além de, além disso
Operadores que indicam o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão	Até, até mesmo, inclusive
Operadores que indicam o argumentos para a negação	Nem, nem mesmo
Operadores que deixam subentendida a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes	Ao menos, pelo menos, no mínimo
Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias	Mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, embora, ainda que, posto que, apesar de(que)

conclusão

Operadores que introduzem uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores	Logo, portanto, pois, por isso, por conseguinte, em decorrência
Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior	Porque, porquanto, já que, pois, que, visto que, como
Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, visando a uma determinada conclusão	Mais...(do) que, menos...(do) que...quanto
Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas	Ou...ou, quer...quer, seja...seja
Operadores que introduzem no enunciado conteúdos pressupostos	Já, ainda, agora
Operadores que funcionam numa escala orientada para a afirmação da totalidade (um pouco, quase) ou para a negação da totalidade (pouco, apenas)	Tudo, muitíssimo, bastante, um pouco, nada, pouquíssimo, bem pouco, pouco

Fonte: Koch; Elias (2017, p.64 a 76)

Abaixo apresentaremos a diferença existente entre classe argumentativa (força no sentido de uma mesma conclusão, argumentos com o mesmo propósito para levar o interlocutor a uma dada conclusão) e a escala argumentativa (vários enunciados que converge para a mesma direção, embora apresentando uma hierarquia).

Quadro 8 - Diferença entre Classe argumentativa e Escala argumentativa

Classe argumentativa	Escala argumentativa
<p>“A história é a bola da vez”</p> <p>Argumento 1- As grandes livrarias destinam algumas das melhores estantes e balcões a livros de História.</p> <p>Argumento 2- Romances históricos estão entre os best-sellers no mundo todo.</p> <p>Argumento 3- Revistas destinadas à História, sejam científicas ou de divulgação, têm cada vez mais sucesso.</p>	<p>“A roupa é um elemento que nos define”.</p> <p>Argumento 1- Diz aos outros quem somos.</p> <p>Argumento 2- Diz aos outros o que queremos.</p> <p>Argumento 3- Diz aos outros o que gostaríamos de ser.</p>

Fonte: Koch; Elias (2016).

A retomada do enunciado, partindo do exemplo da escala argumentativa, poderia ter ficado da seguinte forma: A roupa é um elemento que nos define. *Não apenas* diz aos outros quem somos, *como também* o que queremos e *até (mesmo, ainda)*, o que gostaríamos de ser. Percebemos que os três exemplos convergem para a mesma conclusão, no entanto, é possível percebermos uma gradação: que parte do argumento mais fraco para o mais forte.

Para que pudéssemos argumentar, utilizando a escala argumentativa, foi necessário o uso dos operadores argumentativos.

a) Articuladores textuais: podem também ser chamados de *operadores de discurso* ou *marcadores discursivos*. São marcas responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de diferentes níveis: períodos, parágrafos, sequências textuais ou partes inteiras do texto.

Esses elementos podem assumir várias funções:

Quadro 9 - Funções dos articuladores textuais

Ordenação no tempo e no espaço	Antes, depois, em seguida, a seguir, de frente de, além, mais além, do lado direito, do lado esquerdo, a primeira vez que, a última vez que, muito tempo depois, etc
Relação lógico-semânticas	Condicionalidade- se, caso, desde que, contanto que, a menos que, a não ser que; Causalidade- porque, como, pois, porquanto, já que, uma vez que, dado que, visto que; Finalidade- para que, a fim de que; Alternância- ou; Temporalidade- quando, mal, assim que, nem bem, logo que, antes que, depois que, enquanto, à medida que, à proporção que; Conformidade- como, conforme, consoante, segundo; Modo- sem que
Discursivo-argumentativos	Conjunção/Soma- e, também, não só... mas também..., tanto...como, além de, ainda, nem; Disjunção argumentativa- ou; Contração/oposição- porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, embora, apesar de; Explicação/justificativa- pois, que, porque; Comprovação- tanto que; Conclusão- logo, portanto, por isso, então, por conseguinte; Comparação- tão...que, mais...que, menos...que; Generalização/extensão- aliás; Especificação/exemplificação- como, por exemplo; Correção/redefinição- ou seja, isto é, ou melhor
Organização textual	Primeiro (amente), depois, em seguida, enfim, por um lado, às vezes, em primeiro lugar, por último;
Metadiscursivos	Modalizadores: -certeza: realmente, evidentemente, certamente, logicamente, absolutamente, etc; -obrigatoriedade/ necessidade: obrigatoriamente, necessariamente, etc; -avaliação de eventos e ações: felizmente, lamentavelmente, etc; Delimitadores de domínio: em termos de..., do ponto de vista..., etc; Formuladores textuais: -papéis de segmento textual em relação a anteriores: em síntese, em suma, resumindo, em acréscimo a, em oposição a, para terminar, etc; -introdução do tópico: quanto a, em relação a, no que diz respeito a, a respeito de, no que tange a, no que concerne a, com referência a, etc; -interrupção ou reintrodução do tópico: é bom lembrar que, voltando ao assunto, etc;

	Evidenciadores da propriedade autorreflexível da linguagem: digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer, vamos dizer assim, em outras palavras, etc;
--	--

Fonte: Koch; Elias (2017, p. 51).

Expressões referenciais e orientação argumentativa: tem o poder de orientar o interlocutor no sentido de determinadas conclusões. Assim, a referenciação por meio de formas nominais é o recurso argumentativo mais importante oferecido pela língua. Um exemplo de expressões referenciais estaria desta forma: Até a rainha Elizabeth escreveu um tributo a Ricardo 3º. Ele já não é considerado como “*o venenoso sapo de costas encurvadas*” que Shakespeare famosamente descreve em sua peça. Isso agora é encarado como manobra de propaganda dos Tudors. E tampouco é visto como *o verdugo dos dois jovens príncipes encarcerados na Torre de Londres*. E não é mais considerado como *rei que tentou fugir do campo de batalha oferecendo “meu reino por um cavalo”* (MAXWELL, 2015 *apud* ELIAS, 2016). As expressões “*o venenoso sapo de costas encurvadas*”, *o verdugo dos dois jovens príncipes encarcerados na Torre de Londres* e como *rei que tentou fugir do campo de batalha oferecendo “meu reino por um cavalo”*, são consideradas expressões referenciais porque retomam o referente Ricardo 3º.

Mediante o que foi explicitado, cabe a apresentação da grade de correção da Competência IV para que se possa compreender como se dá o processo, quais elementos são observados, bem como a escala de notas:

Quadro 10 - Matriz de Referência da Competência IV

COMPETÊNCIA IV	
Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação	
0	Não articula as informações.
1	Articula as partes do texto de forma precária.
2	Articula as partes do texto de forma insuficiente, com muitas inadequações, e apresenta repertório limitado de recursos coesivos.
3	Articula as partes do texto de forma mediana, com inadequações, e apresenta repertório pouco diversificado de recursos coesivos.
4	Articula as partes do texto, com poucas inadequações, e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
5	Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.

Fonte: INEP (2018, p. 36).

Os níveis variam de 0 (zero) à 5 (cinco), distribuídos em notas que valem, respectivamente, 0, 40, 80, 120, 160 e 200 pontos. A avaliação desta competência se dá na

forma como as ideias do texto são articuladas. A isso, dá-se o nome de coesão, que se dá através da maneira como os elementos textuais estão interligados entre si, exatamente o que é avaliado na competência IV.

Após a apresentação das características específicas de cada competência, trataremos em seguida de todas as etapas da pesquisa que levaram em consideração as competências II, III e IV, motivo pelo qual discutimos cada uma delas antes das intervenções feitas.

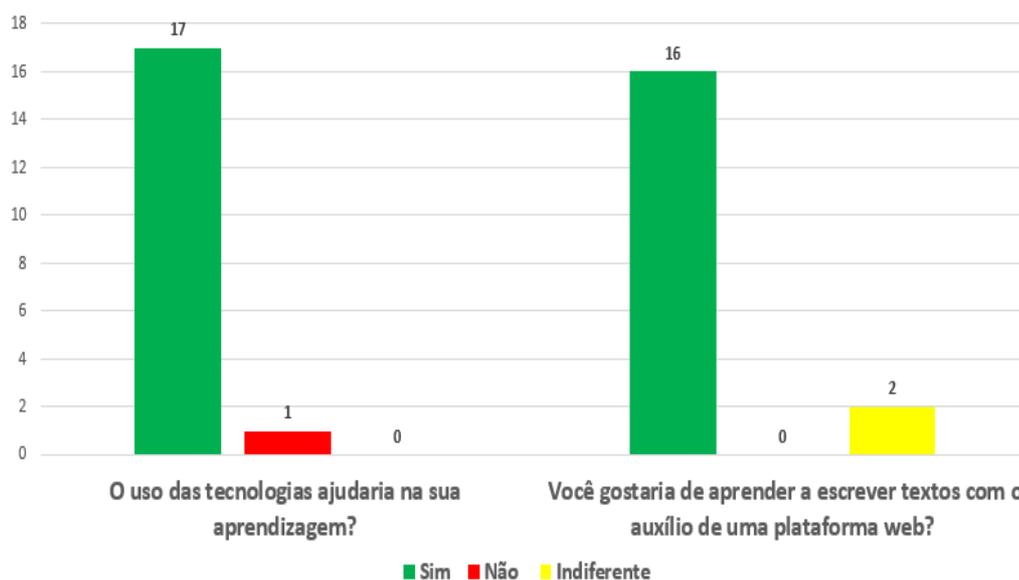
## 5.2 As etapas da intervenção

Este trabalho foi desenvolvido em 13 encontros, com duas aulas, perfazendo um total de 26 aulas assim distribuídas:

- *1º encontro - em 08/08/2018 – sondagem inicial*

Ocorreu a aplicação de um questionário contendo 02 perguntas que serviriam de base para a decisão quanto ao uso da ferramenta web intitulada Rapi10, já utilizada pela autora em escola de Ensino Médio, com parcerias de uso em outras instituições, também de Ensino Médio (estaduais e federal). Os resultados obtidos foram tabulados e serão apresentados no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Questionário aplicado com os alunos sobre o uso de uma plataforma web para correção de redação durante a aplicação das atividades da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

As perguntas contempladas foram:

1- *O uso das tecnologias ajudaria na sua aprendizagem?*

*Sim ( ) Não ( ) Indiferente ( )*

Para esta pergunta, 17 estudantes responderam sim, 01 respondeu que não ajudaria e não tivemos nenhum aluno respondendo que era indiferente.

2- *Você gostaria de aprender a escrever textos com o auxílio de uma plataforma web?*

*Sim ( ) Não ( ) Indiferente ( )*

Para esta pergunta, tivemos 16 alunos respondendo que sim, nenhum deles dizendo que a plataforma não contribuiria com o processo de aprendizagem de escrita de textos, mas tivemos 02 alunos respondendo que seria indiferente usá-la.

- *2º encontro - 15/08/2018-, apresentação à turma sobre o projeto (suas etapas e objetivos), apresentação da plataforma web Rapi10 e escolha do tema.*

No dia 15 de agosto, deu-se início à pesquisa na turma de 9º ano. Foi socializado com os estudantes que seria desenvolvido um trabalho de pesquisa até o mês de dezembro e que para que a pesquisa feita, teríamos que fazer algumas atividades no decorrer das aulas de redação, visando a melhoria da escrita dos estudantes. Socializamos sobre o contexto do que é dissertar e o que é argumentar, partindo dos conhecimentos trazidos por eles a partir de uma indagação inicial: “Vocês sabem o que é dissertar? Sabem o que é argumentar?” A partir das respostas trazidas, fomos dando início ao trabalho, explicando que, a partir daquele momento, iriam aprender a escrever um texto que unisse essas duas ações: dissertar e argumentar. Exemplificamos que esse texto é produzido em uma avaliação externa chamada Enem, que tem por objetivo averiguar como os estudantes que concluem a Educação Básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) estão saindo com o arcabouço teórico e fazendo uso social deste. Colocamos também sobre a importância que este exame tem atualmente por ser uma das principais portas de entrada para as universidades.

Após essa conversa introdutória, explicamos que a cada dia, teríamos uma atividade diferente que iria contribuir para a produção final. Teríamos a primeira produção textual sem a intervenção da pesquisadora e após esse processo, esse mesmo texto sofreria alterações de maneira a melhorá-lo, até chegarmos na versão final. Para isso, nas aulas utilizaríamos uma ferramenta de correção de textos dissertativo-argumentativos em que poderiam fazer pesquisas, atividades, postar a redação e tê-las corrigidas, tudo no mesmo ambiente. Aproveitamos a oportunidade para entrar no ambiente e mostrar que existia a área do professor e a área dos estudantes, cada um teria o seu login e a sua senha para poder fazer as postagens. Os estudantes perguntaram se poderia postar redações que não fossem somente

da pesquisa, uma vez que se sentiram entusiasmados pela possibilidade do uso de tal ferramenta. A pesquisadora respondeu afirmativamente, mas esclareceu que o trabalho que se propõe para a pesquisa seria somente a produção inicial e a produção final, de um tema escolhido por eles.

Figura 8 - Layout do Rapi10: plataforma de correção de redações – página principal



Fonte: Plataforma Rapi10.

Qualquer pessoa que visitar a plataforma web Rapi10 através do endereço eletrônico [eepjosevidalalves.com](http://eepjosevidalalves.com), poderá ter acesso à página principal da plataforma. No entanto, para fazer uso, requer parceria com a instituição de ensino interessada em utilizá-la. Para isso, basta entrar em contato através do FALE CONOSCO e deixar uma mensagem que haverá a visita da autora da plataforma para apresentação e assinatura do TERMO DE USO, caso deseje utilizá-la.

Figura 9 - Instituições parceiras no uso da ferramenta



Fonte: Plataforma Rapi10.

A partir da assinatura do TERMO DE USO, a instituição parceira passa a ceder a logomarca da instituição para que seja divulgada na página principal da plataforma.

Figura 10 - Socialização a partir de dados das redações do Enem e ambiente para login e senha

The screenshot displays the Rapi10 platform interface. At the top, there is a navigation menu with links: INÍCIO, ENTRAR, PASSO A PASSO, FALE CONOSCO, EQUIPE, and E-MAIL. The main content is divided into two sections: 'DADOS DO ENEM' and 'ENTRAR NO SISTEMA'.

**DADOS DO ENEM**

Ano	Tema	Nota 1000	Anuladas	Inscritos
2013	Efeitos da Lei Seca	481	106.742	7,17 milhões
2014	Publicidade infantil em questão no Brasil	250	529.374	9,5 milhões
2015	A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira	104	53.032	8,4 milhões
2016	Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil	77	84.236	9,2 milhões
2017	Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil	53	309.157	6,1 milhões
2018	Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet	55	112.559	5,5 milhões

**ENTRAR NO SISTEMA**

Usuário:

Senha:

Aluno:

**LOGIN**

Fonte: Plataforma Rapi10.

Ainda na página principal, existe uma socialização quanto aos dados do Enem, de 2013 até a última edição, visando trazer uma reflexão quanto à importância do trabalho com textos dissertativo-argumentativos, haja vista a grande quantidade de redações que estão sendo anuladas em comparação às redações nota 1000. Ao lado, após o efetivo cadastro na plataforma, quem deseja utilizá-lo, deverá colocar o login e senha, além de clicar na opção “Aluno” ou “Professor”.

Figura 11 - Passo a passo para logar no sistema

### PASSO A PASSO

Como utilizar a plataforma.

- 
**LOGIN NO SISTEMA**  
 Entre com suas credenciais de acesso.
- 
**FOTO DA REDAÇÃO**  
 Faça upload da imagem de sua redação na posição vertical ao sistema.
- 
**CORREÇÃO**  
 As suas redações somente poderão ser visualizadas e corrigidas pelos professores da sua escola.
- 
**DISPONIBILIDADE DA NOTA**  
 Após a correção, a sua nota, a imagem da redação e a devolutiva pedagógica estarão disponíveis para consulta.

Fonte: Plataforma Rapi10.

Existe um espaço intitulado PASSO A PASSO que visa explicar aos seus usuários quanto ao uso da plataforma, desde a entrada no ambiente até a postagem da redação e posterior correção com feedback do professor.

Figura 12 - Fale conosco (espaço para dúvidas, sugestões e reclamações)



The image shows a contact form titled 'FALE CONOSCO' on the RAPI10 platform. The RAPI10 logo is on the left. The form has four input fields: 'Nome:', 'E-mail:', 'Telefone:', and 'Mensagem:'. Below the 'Mensagem:' field is a green button labeled 'ENVIAR'.

Fonte: Plataforma Rapi10.

Caso exista a necessidade de qualquer usuário ou visitante que se sinta interessado em fazer uso ou conhecê-la melhor, basta entrar em contato com o FALE CONOSCO, espaço existente na página principal, onde o interessado deixará seus contatos e a mensagem que pode ser uma dúvida, sugestão ou reclamação.

Figura 13 - Ranking virtual



Fonte: Plataforma Rapi10

No ambiente virtual, existe O RANKING DAS REDAÇÕES com o nome dos três estudantes com notas mais elevadas. As três primeiras colocações fazem alusão às medalhas de ouro, prata e bronze. Ao clicar na imagem da medalha, aparece o “verso” com a nota acompanhada do tema. À medida que as redações vão sendo corrigidas, os nomes podem ser

alterados, caso haja notas mais altas. Esta é uma estratégia de incentivo à produção e de reconhecimento aos alunos.

Figura 14 - Página principal – página do estudante



Fonte: Plataforma Rapi10.

Após ser cadastrado no ambiente pelo próprio professor, o estudante tem acesso ao seu ambiente.

Figura 15 - Propostas de redação



Fonte: Plataforma Rapi10.

Além de os estudantes terem o trabalho dirigido em sala de aula quanto à produção de textos com determinado tema, a ferramenta oferece PROPOSTAS DE REDAÇÃO com

textos motivadores para que o aluno possa ficar à vontade para escrever, escolhendo algum assunto disponível na plataforma.

Figura 16 - Espaço para o envio do arquivo (imagem da redação)

**03. ENVIAR REDAÇÃO**  
**ATENÇÃO!** ENVIE IMAGENS NO PADRÃO JPG OU PNG.  
 SELECIONE A FOTO NA VERTICAL PARA A CORREÇÃO DA REDAÇÃO.  
 CLIQUE (AQUI) PARA O DOWNLOAD DA FOLHA DE REDAÇÃO .

Título da Redação

Procurar...

Enviar

Fonte: Plataforma Rapi10.

No ambiente do aluno, existe um espaço chamado ENVIAR REDAÇÃO. Basta o aluno procurar o arquivo (fotografia da sua redação), anexar e enviar para a correção, digitando o título da redação para facilitar a sua correção e posterior devolutiva através do nome do arquivo.

Figura 17 - Redações postadas

Nº	Título	Aluno	Nota
1	A homofobia na sociedade atual	[Redacted]	480
2	A homofobia na sociedade atual 2	[Redacted]	600

Fonte: Plataforma Rapi10.

É apresentado ao estudante um resumo das redações postadas, constando o título e a nota, caso a mesma já tenha sido corrigida. Caso ainda não, no lugar da nota aparecerá “Aguardando correção”. Se a redação já tiver sido corrigida, o estudante pode clicar na imagem da lupa para poder ter o retorno com as devidas observações feitas pelo professor.

Figura 18 - Feedback das correções com a nota final

Gravar áudio

Redação 113 de 255

COMPETÊNCIA I  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA II  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA III  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA IV  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA V  
0 40 80 120 160 200

NULLA

tre, afetando a fauna e a flora, mas é de conhecimento geral que o homem é o principal causador de transformações no meio ambiente. As mudanças causadas, em sua maioria, trazem riscos para a saúde e a segurança da população, comprometendo sua qualidade de vida.

Desde a Revolução Industrial, houve um aumento significativo das atividades que impactam o meio, consequentemente, aqueles que nele habitam. Isso se deve, em parte, aos séculos XVIII e XIX, o avanço tecnológico trouxe muitas inovações, mas, em contrapartida, desenvolveu também podem ser citados pontos como o aumento da produção de ar, devido à fumaça solada de indústrias e automóveis, o aumento no consumo de bens materiais, produzindo uma maior quantidade de lixo, e a separação das áreas urbanas.

A interferência humana na natureza pode trazer consequências tanto para as pessoas como para a própria área explorada. Em 2013, por exemplo, o rompimento de uma barragem em Mariana causou grandes e irreparáveis danos na vida dos moradores e na vegetação local. Também é possível mencionar o caso recente que ocorreu em Brumadinho, em janeiro de 2019, quando outra barragem

Fonte: Plataforma Rapi10.

Ao clicar na lupa para ter acesso às observações feitas pelo professor, o aluno terá acesso a dois tipos de devolutiva. Em uma delas o aluno terá acesso à nota da sua redação, a sua imagem, as notas por competência e um áudio com as observações feitas pelo professor.

Figura 19 - Feedback com as devolutivas por competência

OBSERVAÇÕES DO CORRETOR	
<b>Competência 1:</b>	Cuidado com acentos: gênero, também, família, própria, homofóbicas. Cuidado com a escrita: homossexuais, aversão, harmoniosas. Cuidado com a separação de sílabas: a-ver-são, ho-mo-fo-bi-a. Observe o uso das vírgulas.
<b>Competência 2:</b>	Você deve apresentar o tema (assunto), sem fugir dele. Lembrando que deve usar argumentos para "convencer" o leitor das suas ideias. Deve trazer dados, pesquisas que comprovem o que está falando. São avaliadas as 3 partes: introdução, argumentação e conclusão. Não deve se colocar diretamente. Palavras como "eu acho, na minha opinião" devem ser evitadas. Sabemos que a homofobia é um problema. Mas porque é um problema e como pode ser resolvido.
<b>Competência 3:</b>	Não trouxe nenhuma informação adicional ao seu texto, utilizou-se somente do senso comum. Embora seus argumentos não fugissem ao tema, não trouxe informações adicionais ao texto para ajudar a defender o seu ponto de vista.
<b>Competência 4:</b>	Ao reler o seu texto, vai observar que repete muito as mesmas palavras. Procure variar o vocabulário. Para que o texto flua melhor, precisa usar diferentes expressões. Até mesmo porque nesse gênero textual, a repetição de palavras empobrece o texto. Um exemplo seriam palavras como: então, assim, portanto, mas, porém, portanto, concluindo, entre outros.
<b>Competência 5:</b>	Por ser um problema, precisa apresentar ações voltadas para o combate à homofobia, propondo uma intervenção (quem vai fazer, o que vai ser feito, como vai ser feito, para quê precisa ser feito e detalhar melhor um desses elementos).

Fonte: Plataforma Rapi10.

A partir da correção da sua redação, o estudante terá também, ao clicar na lupa em VERIFICAR REDAÇÕES ENVIADAS, o feedback individual por competência, conforme a sua necessidade e de acordo com cada produção textual, no ambiente chamado OBSERVAÇÕES DO CORRETOR.

Figura 20 - Discriminação das notas a partir da Matriz de Referência do Enem

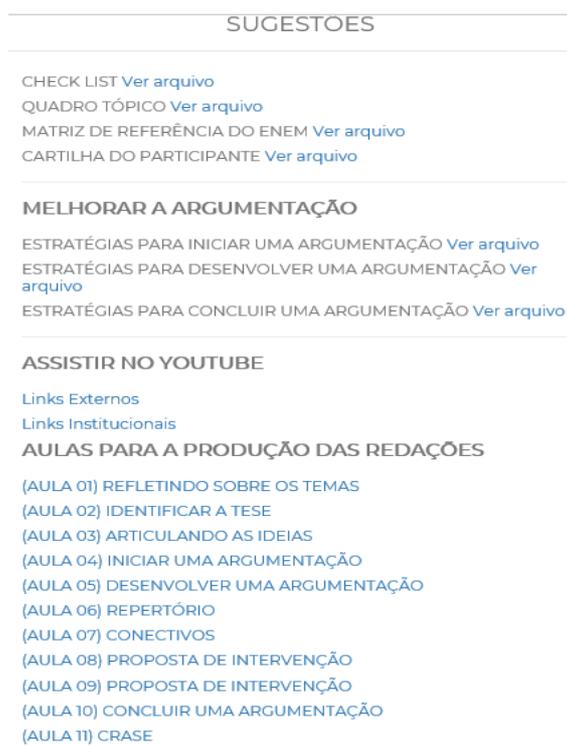
DEVOLUTIVA PEDAGÓGICA		
Competência	Pontos	Devolutiva
1	80	Demonstra domínio insuficiente da modalidade escrita formal da língua portuguesa, com muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
2	120	Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.
3	80	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista.
4	80	Articula as partes do texto de forma insuficiente, com muitas inadequações, e apresenta repertório limitado de recursos coesivos.
5	0	Não apresenta proposta de intervenção ou apresenta proposta não relacionada ao tema ou ao assunto.
Total: 360 pontos		

Fonte: Plataforma Rapi10.

O terceiro aspecto quanto ao feedback diz respeito a um ambiente chamado DEVOLUTIVA PEDAGÓGICA. Trata-se de uma explicação quanto à nota em cada competência, conforme a grade de correção do Enem. Ressalto que essas três estratégias de devolução (retorno através das correções feitas na própria imagem e o áudio, as observações

do corretor e a devolutiva pedagógica) constam na mesma página, bastando descer a barra de rolagem.

Figura 21 - Sugestões pedagógicas para alunos e professor



Fonte: Plataforma Rapi10.

Na parte superior da página, existe uma opção chamada SUGESTÕES. Nesse espaço, estão disponíveis alguns recursos que visam auxiliar o estudante nas produções textuais. Todos esses materiais disponíveis na plataforma estão nos anexos desse trabalho. Temos o CHECK LIST (breve explicação acerca do que é cobrado em cada competência, com alguns lembretes de pontos importantes), o QUADRO TÓPICO (uma estratégia utilizada para auxiliar a organização das ideias e hierarquizá-las para a construção do texto). Apresenta dois documentos que visam elucidar sobre o processo de escrita de textos dissertativo-argumentativos: MATRIZ DE REFERÊNCIA DO ENEM e a CARTILHA DO PARTICIPANTE. Por se tratarem de instrumentais institucionais (INEP), consideramos importante anexar à plataforma para eventuais consultas. Trazemos estratégias de iniciar, desenvolver e concluir uma redação, a partir dos pressupostos trazidos por Koch e Elias (2017). A plataforma apresenta links externos e links institucionais, ligados ao Youtube®. Nos VÍDEOS EXTERNOS, apresentamos links que podem contribuir para o processo de escrita do texto dissertativo, pois trazem, por exemplo, vídeos sobre as cinco competências, sobre as características do texto dissertativo-argumentativos, como iniciar, desenvolver e concluir uma argumentação, o uso da vírgula e crase (uma grande dificuldade apresentada

pelos alunos) e o uso dos conectivos. Os VÍDEOS INTERNOS foram feitos por educadoras, pensando em contemplar uma das instituições parceiras que tem alunos surdos, por esse motivo, apresentam as cinco competências interpretadas em Língua Brasileira de Sinais-Libras. Temos em seguida as aulas para a produção das redações. A plataforma apresenta 11 aulas em PDF, disponíveis tanto no ambiente do professor quanto no ambiente do aluno (estas aulas serão melhor explicitadas mais adiante, em função da abordagem quanto à dinâmica de cada encontro).

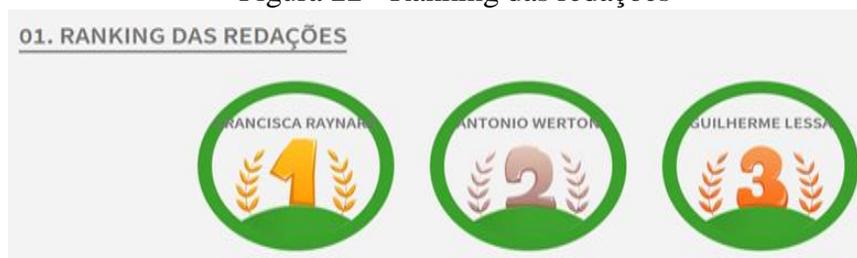
Figura 22: Página principal do ambiente do professor



Fonte: Plataforma Rapi10.

Ao logar no sistema com a senha e login específicos, o professor será direcionado à sua página. Salientamos que por questão de ética, cada educador, bem como cada estudante possui uma senha específica. Desta forma, nenhum educador e nenhum aluno conseguem entrar em uma área que não seja a sua.

Figura 22 - Ranking das redações



Fonte: Plataforma Rapi10.

Da mesma forma como na área do estudante, aparece na página do professor, O RANKING DAS REDAÇÕES com o nome dos três estudantes com notas mais elevadas nas redações.

Figura 23 - Pesquisar redações pelo nome do aluno ou pelo título



**02. PESQUISAR REDAÇÕES**

Digite o que deseja pesquisar

Pesquisar por  Aluno  Título da Redação

Pesquisar

Fonte: Plataforma Rapi10.

No espaço PESQUISAR REDAÇÕES o professor tem a oportunidade de procurar uma determinada redação, ou pelo nome do aluno ou pelo título da redação. Caso não tenha a informação completa, basta colocar uma palavra-chave para a pesquisa.

Figura 24 - Relação de redações que já foram corrigidas



**03. REDAÇÕES CORRIGIDAS**

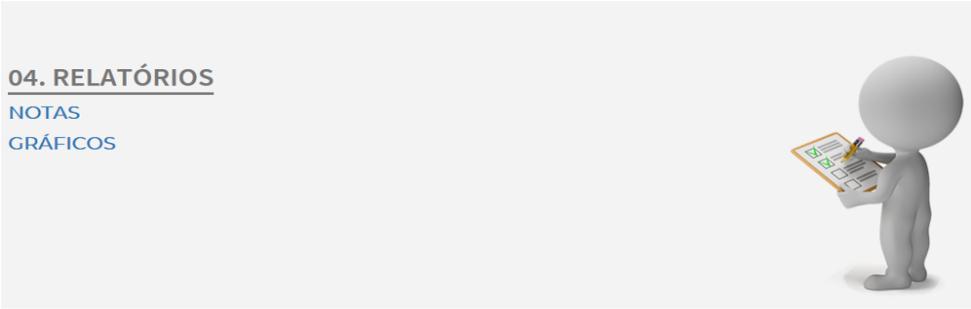
Nº	Título	Aluno	Nota
1	A homofobia na sociedade atual	[Redacted]	480
2	A homofobia na sociedade atual	[Redacted]	400
3	A homofobia na sociedade atual	[Redacted]	360
4	A homofobia na sociedade atual 2	[Redacted]	560
5	A homofobia na sociedade atual 2	[Redacted]	760

Próxima ->

Fonte: Plataforma Rapi10.

Este espaço é destinado ao acompanhamento de todas as redações já corrigidas pelo professor. Ele tem a oportunidade de verificar os temas abordados por determinado aluno, visualizando a lista de uma forma organizada, uma vez que ela está disponível em ordem alfabética. Existe a possibilidade de rever a correção feita, bastando clicar na imagem da lupa ao lado da nota.

Figura 25 - Devolutiva pedagógica através de relatório de notas em PDF ou gráficos de desempenho



**04. RELATÓRIOS**

NOTAS

GRÁFICOS

Fonte: Plataforma Rapi10.

Este ambiente dispõe de duas opções para o acompanhamento quanto ao desempenho e desenvolvimento dos alunos através de notas e através de gráficos.

Figura 26 - Acompanhamento das notas

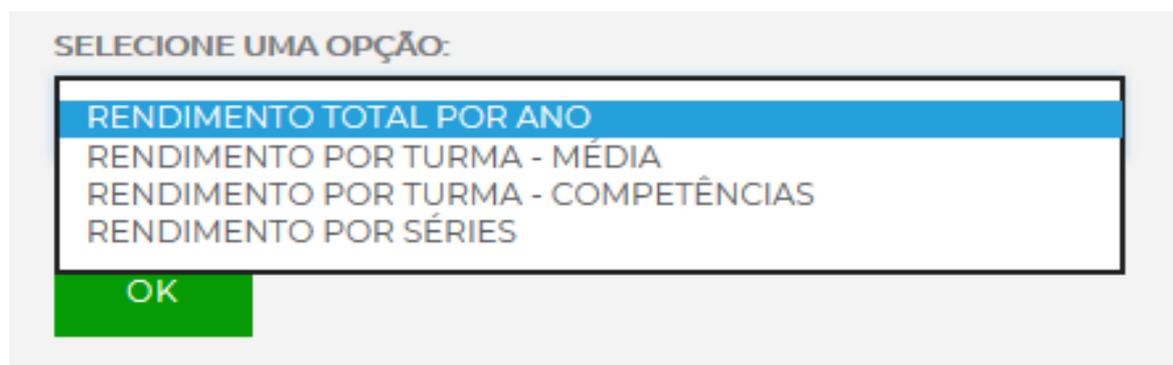


Relatório de redações									
Data	Serie	Tema	Professor	C1	C2	C3	C4	C5	Nota
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	160	120	120	40	560
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	160	160	80	80	600

Fonte: Plataforma Rapi10

Nesse instrumental, constam algumas informações tais como o nome dos estudantes (foi suprimida da imagem por questão de ética), a data em que foi feita a correção, a qual série o aluno pertence, qual foi o tema abordado, quem foi o professor que fez a correção (uma vez que sai um arquivo em PDF geral com todas as correções feitas na plataforma até o momento em que o arquivo foi gerado), e por fim, as notas por competência, além da nota geral.

Figura 27 - Gráficos de rendimento



Fonte: Plataforma Rapi10

Esta é uma oportunidade de acompanhamento quanto ao desempenho, uma vez que o professor pode gerar gráficos de desempenho por: rendimento total por ano, rendimento por turma-média, rendimento por turma-competências e o rendimento por séries.

Figura 28 - Ambiente para cadastrar estudantes que irão utilizar a plataforma

**05. CADASTRAR DISCENTE**

Nome completo

Matrícula

Senha

Série

Turma

Salvar

RAPI10 2017 - 2019 © Linguagens e Códigos & Eixo Comunicação e Informação

Fonte: Plataforma Rapi10

No final da página do professor, tem o espaço específico para o cadastro dos alunos que irão utilizar a plataforma. Nesse local, o professor deve colocar o nome completo do aluno, o seu número de matrícula, a senha, a série e a turma. No ambiente do professor também existe o espaço SUGESTÕES com as mesmas aulas existentes no ambiente do aluno.

Figura 29 - O ambiente de correção

Gravar áudio

Redação 34 de 64

COMPETÊNCIA I

0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA II

0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA III

0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA IV

0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA V

0 40 80 120 160 200

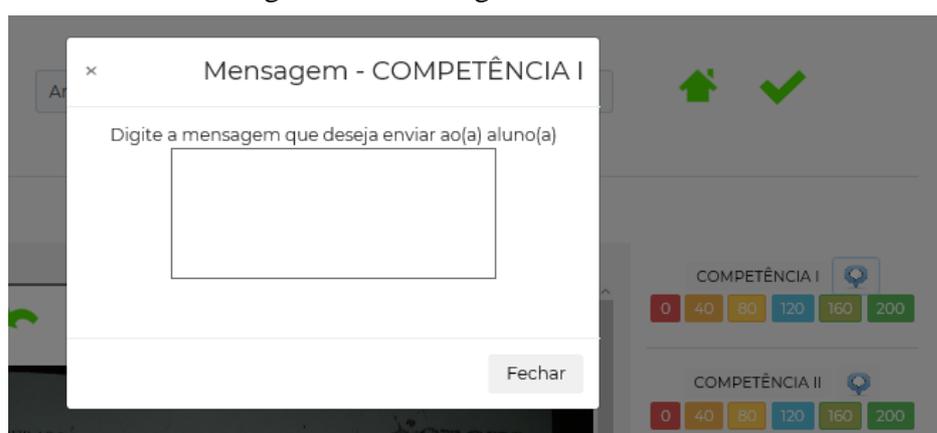
NULA

RAPI10 2017 - 2019 © Linguagens e Códigos & Eixo Comunicação e Informação

Fonte: Plataforma Rapi10.

Na parte superior da página do professor, existe a opção CORRIGIR REDAÇÃO. Ao clicar nessa aba, abre uma lista com todas as turmas cadastradas na plataforma (que corresponde à escola em que atua) para que faça a opção de corrigir as redações de uma turma específica ou a correção aleatória. Feita essa escolha, o professor é redirecionado à página de correção. Aparece a imagem da redação, na parte superior o nome do estudante e o tema no qual escreveu. À medida em que vai colocando a nota, o espaço destinado a ela vai alterando. Existe um ícone com uma casa, caso o professor não queira mais corrigir e pretenda sair da página e um ícone que salva a correção e apresenta outra redação a ser corrigida.

Figura 30 - Mensagem de texto



Fonte: Plataforma Rapi10.

Quando o professor está corrigindo as redações, caso perceba a necessidade de deixar observações quanto a cada uma das competências, pode deixar uma mensagem de texto, bastando para isso clicar em um balão de fala localizado acima das notas que abrirá uma caixa de texto.

Figura 31 - Alternativa para grifar o texto

Fonte: Plataforma Rapi10.

Esta imagem evidencia a possibilidade de o professor grifar os desvios gramaticais de modo a tornar evidente ao aluno qual seria a sua necessidade de observar mais para não cometer os mesmos ou novos erros.

Figura 32 - Grade de correção

Redação 44 de 47

COMPETÊNCIA I  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA II  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA III  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA IV  
0 40 80 120 160 200

01 A Hemofilia é um problema bem antigo, que tem  
02 hou muita força nos dias atuais, não exatamente em  
03 palavras como Hemofilia, mas que seria hem  
04 fílica? Ela é um erro de não acentuação de di  
05 ssesse, onde se deveria ser a palavra hemo  
06 fílica.  
07 Esse problema acontece em vários aspectos co

Fonte: Plataforma Rapi10.

A plataforma *web* Rapi10 tem uma funcionalidade específica que é a de informar ao seu usuário sobre as justificativas para cada nota, baseadas na Matriz do Enem bastando colocar o cursor sobre ele e abrirá uma explicação quanto à nota.

Figura 33 - As competências

Estudante: JÚLIA SILVA LEIS FERREIRA

Tema: A

Nota: [ícone de casa] [ícone de checkmark]

Gravar áudio

COMPETÊNCIA I

Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.

- Convenções da escrita: acentuação, ortografia, separação silábica, uso do hífen e uso de letras maiúsculas e minúsculas.
- Gramaticais: concordância verbal e nominal, flexão de nomes e verbos, pontuação, regência verbal e nominal e colocação pronominal.
- Escolha de registro: adequação à modalidade formal, isto é, ausência de uso de registro informal e/ou de marcas de oralidade.
- Escolha vocabular: emprego de vocabulário preciso, o que significa que as palavras selecionadas são usadas em seu sentido correto e apropriadas para o texto.

Fechar

COMPETÊNCIA I  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA II  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA III  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA IV  
0 40 80 120 160 200

COMPETÊNCIA V  
0 40 80 120 160 200

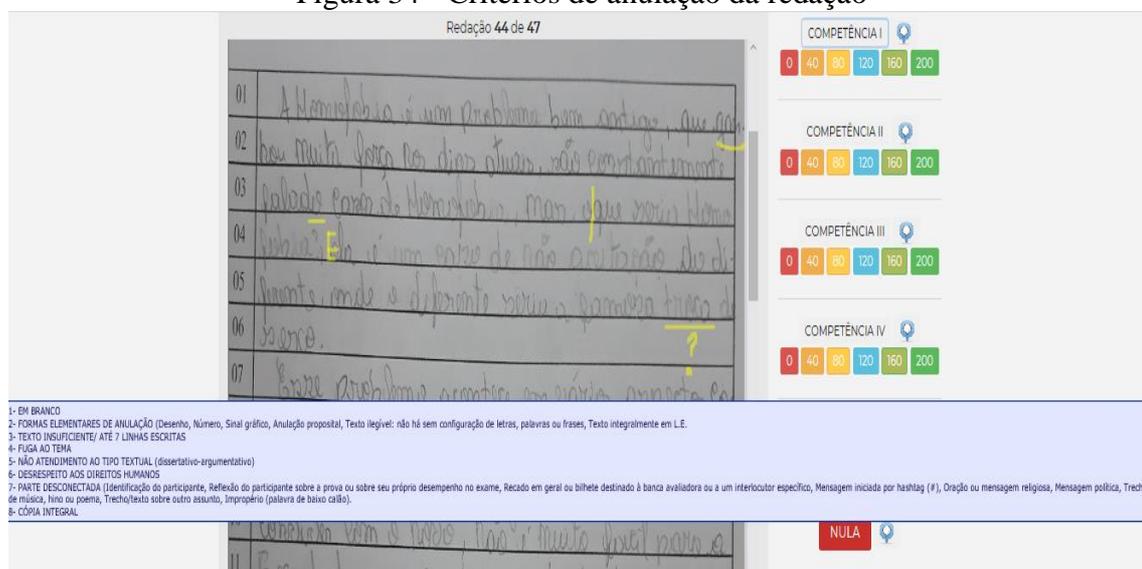
NULA

RAPI10 2017 - 2019 © Linguagens e Códigos & Eixo Comunicação e Informação

Fonte: Plataforma Rapi10.

No momento da correção, o professor tem a possibilidade de, ao colocar o cursor em cima de determinada competência, a ferramenta apresentar-lhe uma transcrição da justificativa para tal nota, baseado na Matriz de Referência do Enem.

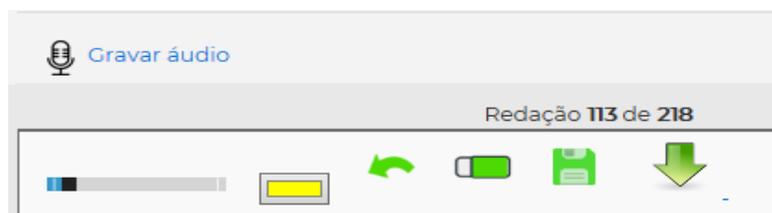
Figura 34 - Critérios de anulação da redação



Fonte: Plataforma Rapi10.

Da mesma forma, o professor tem a oportunidade de colocar o cursor sobre a palavra NULA e terá as opções de anulação, conforme a Matriz de Referência do Enem.

Figura 35 - Ferramentas de correção



Fonte: Plataforma Rapi10

Existe a possibilidade de o professor deixar um áudio fazendo observações quanto aos desvios cometidos pelo estudante na sua produção. Além do áudio, caso o professor queira, pode utilizar-se de um marca-texto para grifar alguma palavra ou expressão, chamando a atenção do aluno; para isso poderá escolher a espessura do traço bem como a sua cor. Caso tenha se deparado com algum equívoco quanto à correção, basta clicar na imagem da borracha para desfazer a última marcação. Caso o estudante tenha postado a redação e sua imagem não tenha ficado muito nítida, basta clicar na seta para baixá-la e esta será redirecionada para uma nova página, com a imagem ampliada.

Após mostrar todos os ambientes da ferramenta para os estudantes, com o uso do Datashow e do notebook, demos início à escolha do tema. Os estudantes ficaram à vontade para elencarem assuntos que gostariam de escrever. Uma vez que o mesmo tema seria debatido durante os meses de pesquisa, seria conveniente que os mesmos escolhessem o tema que se sentissem mais à vontade e que achassem mais interessante. Assim, foram apontados os temas suicídio, o uso de drogas entre os jovens, trabalho infantil, a posse de armas, a homofobia e a problemática do lixo. Essa última foi apontada por ser uma situação que envolve o problema do armazenamento e descarte final no município de Canindé. De todos os temas apontados, os que receberam maior votação foi homofobia e suicídio. Perguntamos se todos se sentiam à vontade de falar sobre esses dois temas por entendermos serem bastante polêmicos e envolverem questões bastante delicadas. Uma das estudantes aproveitou a oportunidade, colocando contra a abordagem do tema suicídio por não se sentir bem ao abordá-lo, alegando ter tido uma situação particular. Assim, a pesquisadora descartou o tema suicídio e perguntou se gostariam de acrescentar algum dos temas citados para a votação. Todos foram unânimes em escolher o tema homofobia. Assim, a pesquisadora finalizou o primeiro encontro após duas aulas de 50 minutos, onde fez a apresentação da proposta do seu trabalho, apresentou a ferramenta *web* que seria usada na pesquisa e fez a escolha do assunto.

No 3º encontro - 22/08/2018 -, foi o dia da escrita livre, nesta data foram reservadas as duas aulas para que os estudantes fizessem a primeira redação, sem que houvesse a intervenção da pesquisadora. Não foram abordados previamente sobre o assunto homofobia nem sobre a estrutura do texto dissertativo-argumentativos (as produções constam em anexo)

- *No 4º encontro - 05/09/2018-, apresentou-se atividades envolvendo a abordagem sobre o assunto “homofobia”.*

Nessa aula, primeiramente foi feita uma “tempestade de ideias”, visando observar o conhecimento que os estudantes traziam acerca do assunto. A distinção entre algumas palavras que fazem parte do repertório do assunto a ser tratado, tais como: homossexual, fobia, homofobia, LGBT, diversidade de gênero, casais homoafetivos, entre outros. Após essa fase, os estudantes foram divididos em grupos com 08 textos motivadores no total (anexo 01), sendo que cada grupo ficou com dois textos: grupo 1 – textos I e II, grupo 2- textos III e IV, grupo 3- textos V e VI e grupo 4- textos VII e VII. Assim, cada grupo ficou com dois textos para discutir, sendo que um deles é constituído somente de texto e o outro é formado em grande parte por imagens. Essa perspectiva visava trabalhar o significado que as imagens têm diante do contexto abordado. Aproveitamos o momento para esclarecer que, durante o Enem,

os candidatos terão também textos motivadores que auxiliarão na escrita, sem que o candidato faça uso na íntegra ou transcreva suas partes para a folha de redação. Após esse momento de integração em equipe, os mesmos textos motivadores foram projetados no Datashow e as equipes deveriam fazer uma socialização sobre os dados contidos nos textos, momento que foi assessorado pela pesquisadora. Posteriormente, os textos formaram um mural na sala de aula.

- *5º encontro - 12/09/2018 – levou-se uma aula sobre a estrutura do gênero dissertativo-argumentativo e as 05 competências cobradas no Enem.*

Esta aula foi o momento em que os estudantes tiveram acesso ao gênero textual em questão. Desta maneira, foram abordadas a estrutura textual e as 05 competências que são cobradas no Enem. Essa aula está disponível no Rapi10 (aula nº 1.1) e consta no apêndice 01. Primeiramente foi mostrada a estrutura do gênero (com início, desenvolvimento e conclusão e as características de cada uma dessas partes). Em seguida, foram apresentadas as 05 competências do Enem, embora saibamos da importância das 05, no decorrer desse trabalho nos debruçaremos sobre as competências II, III e IV. As competências foram apresentadas através do CHECK LIST (material do Rapi10), consta no apêndice 02. Após a socialização da estrutura do gênero e das 5 competências, foram distribuídas aleatoriamente tarjetas para serem fixadas no mural da sala, para que se fizesse um “mapa mental” com um resumo do que foi abordado no dia.

- *6º encontro: 19/09/2018 - Compreendendo ASSUNTO, TEMA e TESE (Quadro tópico).*

Neste encontro, os estudantes refletiram sobre o conceito de assunto e tema e a sua abordagem na redação. Compreenderam, por exemplo, que assunto é diferente de tema, ou seja, o assunto é a generalização, enquanto o tema é mais específico. Por exemplo, a proposta deste trabalho traz para que os estudantes do 9º ano de uma escola de ensino fundamental tratem sobre o assunto homofobia, delimitando em um tema ainda mais específico que é: “*A homofobia na sociedade atual*”. Para esse objetivo de diferenciar tema e assunto, foi solicitado aos estudantes que, dentre o que foi apresentado por eles como proposta para a escrita, no segundo encontro, colocassem exemplos comprovando que compreenderam a diferença entre tema e assunto, utilizou-se do material contido no Rapi10 (aula nº 02), consta no apêndice 4 que apresenta todos os temas sugeridos como proposta de redação pelo Enem, de 1998 a 2018, para que identificassem o tema e o assunto.

Não apresentaram nenhuma dificuldade quanto a essa atividade, desta forma, partimos para a etapa de identificação da tese no texto. Para isso, utilizamo-nos da aula nº 02

que consta no Rapi10 e consta no apêndice 04. Apresenta uma breve explicação acerca do que é o tema, baseada na Cartilha do Participante do Enem, 2018. A atividade apresenta uma redação nota mil de edições passadas, estando a tese grifada com uma cor diferente. Na fase seguinte, o estudante é convidado a procurar e destacar a tese em uma outra redação nota mil que consta na atividade de número 2 da mesma aula.

Para que os estudantes pudessem organizar as ideias de maneira a melhorar a reescrita, foi mostrada a aula nº 03 - Quadro Tópico (apêndice 05). Cabe aqui esclarecer o conceito de tópico discursivo como importante elemento na organização tópica, ou seja, a organização que contribui para a construção da estrutura do pensamento que culmina em um texto coerente na perspectiva da organização discursiva. O quadro tópico constitui, então, uma estratégia de hierarquização importante na construção do texto. “Para evitar confusão, podemos denominar aos fragmentos de nível mais baixo de segmentos tópicos; um conjunto de segmentos tópicos formará um *subtópico*; diversos *subtópicos* constituirão um *quadro tópico*; havendo mais de um *tópico* superior que englobe vários *tópicos*, ter-se-á um *supertópico*”. (KOCH, p. 82, 2015a). Os estudantes foram incentivados a fazerem um quadro tópico, levando em consideração a sua primeira produção, mas considerando as alterações que farão na proposta, tendo em vista os conhecimentos adquiridos até o presente momento (conceito de competências e esclarecimento sobre cada uma delas, concepção sobre assunto, tema e tese, bem como repertório adquirido a partir dos textos motivadores e das discussões realizadas). Porém, devido à falta de tempo de concluírem a atividade em sala, foi solicitado que os mesmos concluíssem o quadro tópico em casa e apresentassem no próximo encontro. A análise dos mais significativos quadro-tópicos para este projeto, será melhor apresentado do próximo subtópico, todos constarão no anexo 01. No dia 03/10/2018 - Festa de São Francisco, em Canindé (durante uma semana não existem atividades escolares devido aos festejos do padroeiro da cidade).

- *7º encontro: 10/10/2018- Estratégias para iniciar uma argumentação*

O conteúdo para esta aula foi baixado do Rapi10, aula nº 04 (anexo 02), retirado da obra de KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e Argumentar*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017. Nesta aula, são apresentados 10 tipos diferentes de exemplos de como iniciar uma argumentação, baseado nas autoras, que são: *definindo o ponto de vista, apresentando fatos, fazendo uma declaração inicial dos fatos, contando uma história, estabelecendo relações entre os textos (intertextualidade), lançando perguntas, fazendo comparações, apresentando uma definição, inventando uma categorização, enumerando casos como exemplificação e observando a mudança na linha do tempo*.

- 8º encontro: 17/10/2018- *Estratégias para desenvolver a argumentação*

Essas duas aulas ficaram reservadas para a apresentação aos estudantes quanto ao tipo de argumentação. Essa aula corresponde à aula nº05, presente no Rapi10. Consta no anexo 03 desse trabalho, retirado da obra de KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e Argumentar*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017. São apresentados 06 tipos diferentes de exemplos de como desenvolver uma argumentação: *fazendo pergunta e apresentando resposta, levantando o problema – apontando a solução, indicando argumentos favoráveis x argumentos contrários, tecendo comparação e por fim, recorrendo à exemplificação*.

- 9º encontro: 24/10/2018- *O uso dos conectivos*

Nesta data foram utilizadas duas aulas para que os estudantes tivessem contato com diferentes conectivos para que percebessem a sua importância dentro do processo de encadeamento de ideias. Para isso, utilizamos a aula nº 07 que consta no Rapi10 (anexo 04). Como já vimos, os conectivos são estruturas linguísticas que têm por função também ressaltar a força argumentativa dos enunciados e o sentido para o qual apontam. Podem indicar relação de causa, consequência, conclusão, oposição, finalidade, soma de ideias, entre outros. A atividade apresentava os diferentes conectivos e seus usos, atividades de lacunas e, posteriormente, de identificação nos textos.

- 10º encontro: 07/11/2018- *Estratégias para concluir a argumentação*

Nestas duas aulas, foram apresentadas aos estudantes 04 estratégias de como concluir uma argumentação, através da aula nº 10, que consta no Rapi10 (anexo 05). Salientamos que essas estratégias foram retiradas da obra de KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e Argumentar*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017. As estratégias apresentadas são: *elaborando uma síntese, finalizando com uma solução para o problema, finalizando com remissão a textos e por fim, fazendo uma pergunta retórica*.

- 11º encontro: 14/11/2018- *Proposta de Intervenção*

Um dos critérios avaliados no Enem, embora não seja o foco da nossa pesquisa, mas por tratar-se de um gênero textual específico cobrado em uma determinada avaliação externa, como é o caso do Enem, trouxemos uma aula que tratou sobre aspectos pertinentes à competência V, que lida diretamente com a proposta de intervenção, conforme a Cartilha do Participante (2018). Desta forma, utilizamos as aulas nº 08 e 09 presentes no Rapi10 e que constam nos anexos 06 e 07. A aula nº 08 traz dois textos que atingiram a nota mil no Enem de edições passadas, juntamente com um quadro contendo 5 elementos a serem preenchidos: *o que pode ser feito? quem fará? como fará? para que fará? E a presença de um*

*detalhamento*. A aula nº 09 apresenta dois textos que foram nota mil no Enem de edições passadas, porém estão grifados com cores diferentes para destacar cada um dos 05 elementos citados acima. Logo abaixo, existe um terceiro texto nota mil em branco para que os estudantes destaquem esses elementos.

- *12º encontro: 21/11/2018- Processo final de reescrita*

Levando em consideração a produção inicial e todas as atividades desenvolvidas até aqui, desde as discussões às atividades aula após aula com estudo orientado, os estudantes são convidados a fazer a reescrita do seu texto, relendo o texto original e pensando em toda a caminhada e em todos os esclarecimentos que tiveram até este momento. À medida que os estudantes iam desenvolvendo as atividades propostas e exercícios constantes no Rapi10, iam guardando o material para pesquisas futuras, construindo assim o seu portfólio (pasta com atividades arquivadas). Foram feitas algumas indagações para orientar a reescrita: *Vocês conseguem identificar o tema da proposta no primeiro parágrafo? Qual a tese apresentada por vocês? No decorrer do texto, essa tese apresentada ela é retomada? Conseguem identificar os conectivos no texto? Fizeram uso do repertório diversificado (textos motivadores, pesquisas, teóricos...)? Conseguem perceber no texto de vocês o início (tema e tese), o desenvolvimento (argumentos) e a conclusão (proposta de intervenção)? Na proposta de intervenção conseguem identificar todos os elementos: o que vai ser feito/ quem vai fazer/ como vai fazer/ para que deve ser feito/ e o detalhamento?*

Após essas reflexões e baseados no portfólio montado por eles com todas as atividades de apoio realizadas até aqui, foram estimulados a observar a primeira produção e reescrevê-la de maneira a melhorar os argumentos ali colocados, fazendo uso de um repertório maior.

- *13º encontro- 05/12/2018: Reescrita compartilhada*

Esta atividade consistiu em fazer uma reflexão com seus pares, ou seja, os estudantes sentaram-se em duplas onde cada um fez a leitura da produção de seu colega e fez apontamentos sobre o que poderia ser melhorado. Partindo das colocações dos colegas e das suas próprias reflexões, os estudantes foram convidados a fazer uma última leitura da sua produção, tendo mais uma oportunidade de fazer alterações antes da entrega da versão final. Assim, constam em anexo todas as produções desenvolvidas pelos estudantes (redação diagnóstica e redação final). Por serem 18 estudantes que participaram da pesquisa e pelo fato de cada um ter feito duas produções, foram anexadas à mesma página, as duas produções de cada aluno (cada um deles foi identificado por uma letra do alfabeto – de A até a letra S (anexos 08 a 25).

## **6 ANÁLISE DOS DADOS**

Esta etapa da pesquisa é fundamental para analisarmos fatores associados à produção diagnóstica e seu desenvolvimento até a produção final. Esta análise nos traz um referencial com subsídios capazes de contribuir para a percepção quanto à eficácia de sua aplicação, bem como a necessidade de um trabalho voltado à argumentação.

### **6.1 A atividade de sondagem x produção final**

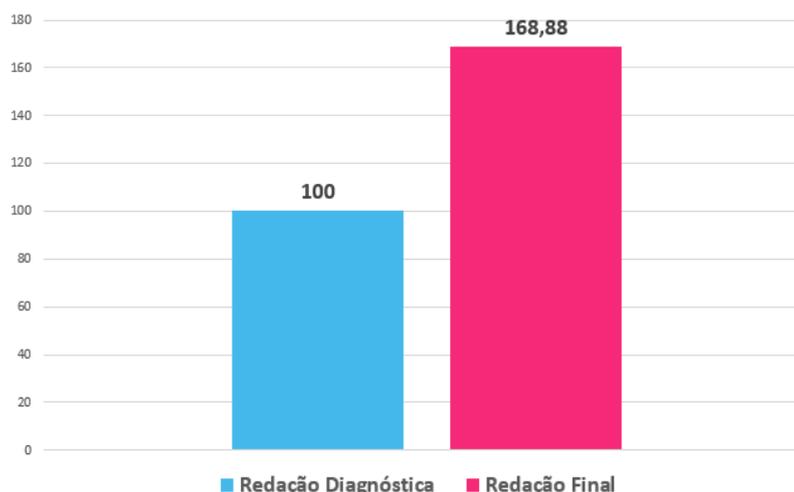
A atividade de sondagem nos trouxe fortes elementos que nos direcionaram sobre quais aspectos deveríamos focar para atender ao objetivo de melhorar a argumentação em textos dissertativo-argumentativos de estudantes do 9º ano do ensino fundamental e de que maneira este trabalho deveria ser desenvolvido. Tivemos 36 redações para análise -18 redações diagnósticas e, posteriormente, 18 redações finais.

Apresentaremos abaixo um quadro com as principais dificuldades encontradas pelos estudantes na produção inicial, com alguns exemplos transcritos das redações diagnósticas, e das redações finais como critério de comparação quanto ao desempenho destas, sendo preservada a forma de escrita do estudante, apresentando o percurso realizado por ele. Salientamos que os exemplos são somente uma amostragem de tudo o que foi tratado, porém, sem condições de serem apresentadas as 36 redações (18 redações diagnósticas e 18 redações finais), dada a sua extensão. Ao longo do processo, à medida que as atividades iam sendo realizadas, os estudantes iam construindo um portfólio com todas as atividades para que servissem de suporte na reescrita da produção final. Ressaltamos que os grifos são da pesquisadora e os fatores observados e aqui elencados dizem respeito ao objeto de pesquisa: competências II, III, IV.

#### ***6.1.1 Análise sob o ponto de vista da competência II***

COMPETÊNCIA II: Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa. Nessa competência, os estudantes saíram da média geral de 100 pontos para 168,88 pontos após o trabalho desenvolvido pela pesquisadora.

Gráfico 2 - Dificuldade observada: conceito incorreto dos termos homossexualismo/ homossexualidade/ homofobia



Fonte: A autora

Conseguimos perceber em algumas produções diagnósticas, alguns conceitos equivocados quanto à homofobia, assunto que seria tratado ao longo das oficinas de redação, bem como ao próprio conceito de homossexualidade. O conceito correto do termo é extremamente necessário para o desenvolvimento de argumentos em defesa de um ponto de vista.

#### 6.1.1.1 Análise de redações diagnósticas

Quadro 11 - Redação diagnóstica (conceitos adequados/inadequados quanto ao assunto tratado)

*“A homofobia é um problema bem antigo, que ganhou muita força nos dias atuais, são constantemente falado casos de homofobia, mas, o que seria homofobia?, ela é um caso de não aceitação do diferente, onde o diferente seria a famosa troca de sexo”.* - grifo da autora (aluna H)

Fonte: Dados da pesquisa

Percebemos que os estudantes elegeram o tema homofobia por acharem conveniente abordar algo tão discutido nos dias atuais, mas ainda recheado de preconceito, segundo eles. No entanto, em alguns casos, na própria conceituação, observamos desconhecimento ou até preconceito, como, por exemplo, expressões presentes no texto da aluna H “o diferente seria a famosa troca de sexo”, referindo-se ao conceito de homossexualidade. Desta maneira, compreendemos que a desinformação por vezes pode

acarretar maus argumentos, pois eles dependerão dos conceitos pré-definidos sobre um determinado assunto. Embora saibamos que essas concepções são cunhadas historicamente e transmitidas por gerações, um trabalho de esclarecimento quanto ao real significado dos termos, isentos de preconceito, são essenciais para o desenvolvimento do tema proposto: a homofobia nos dias atuais.

Para a superação desse problema, foram desenvolvidas algumas estratégias que puderam contribuir para a clareza quanto ao uso adequado de termos e para a reflexão quanto a conceitos equivocados. Desta forma, para que houvesse evolução, as atividades foram desenvolvidas na 4ª aula (05/09/18), momento em que a pesquisadora fez com os estudantes uma tempestade de ideias, solicitando que dissessem as expressões que viessem à cabeça naquele momento, em torno do tema em questão. As observações foram anotadas na lousa, sem intervenção nenhuma.

A segunda etapa foi a distribuição de textos motivadores às equipes, sendo que cada uma delas recebeu 2 textos para que se fizesse o debate. Os 08 textos motivadores, como constam no anexo 01, trazem várias informações a partir de dados seguros e instituições de respaldo na área em que atuam. A equipe 01 ficou com o texto I (trata da forma como a homofobia é percebida no mundo) e o texto II (quantitativo de homossexuais mortos em curtos períodos de tempo); a equipe 2 ficou com os textos III (leitura e interpretação de uma tirinha que trata do preconceito velado) e texto IV (trata do posicionamento de alguns deputados quanto à votação da criminalização da homofobia); A equipe 3 ficou com os textos motivadores V (significado e origem da palavra homofobia) e VI (uma tirinha que traz um levantamento quanto à porcentagem de alguns dados sobre homofobia no contexto escolar); a última equipe, a de número 4, ficou com os textos motivadores VII (diferentes contextos nos quais a homofobia é tratada: contexto familiar e contexto escolar) e VIII (um infográfico sobre a forma como a homofobia é vista no Brasil).

Após a leitura e discussão nas equipes, cada uma delas foi convidada a ir à frente da turma, expor os textos através do datashow e explanar sobre as impressões surgidas a partir dos textos. Após a apresentação da última equipe, a pesquisadora retomou as informações que foram colocadas na lousa, indagando: *“Depois que vocês tiveram acesso a todas essas informações, a ideia e expressões que constam aqui, devem permanecer ou não fazem mais sentido serem utilizadas?”*

A primeira impressão quanto à comparação feita entre o que foi citado e as reflexões feitas nos grupos fez com que os mesmos percebessem o quanto estavam equivocados em relação a alguns termos, mas sobretudo fê-los perceber que determinadas

ideias e expressões quanto aos homossexuais fazem parte de um contexto histórico que não diz mais respeito ao atual e que trazem consigo arraigados valores que emergem nas discussões ou no processo de escrita.

No mural da sala de aula, estavam sendo expostos todos os materiais apresentados nas aulas ao longo dos meses de trabalho, a exemplo dos textos motivadores. Acrescentamos ainda que, ao término das atividades, cada estudante recebeu uma versão dos textos motivadores para compor o portfólio individual, o que foi recorrente em todas as atividades do projeto e ajudou sobremaneira na evolução das redações a partir do que estava sendo tratado: competências II, III e IV.

#### 6.1.1.2 Análise da redação final

##### Quadro 12 - Redação final (conceitos adequados/inadequados quanto ao assunto tratado)

*“A homofobia não é um problema tão antigo, ela não era tão comum na sociedade, mas que essa forma de preconceito ganhou força nos dias atuais. O mundo está tão acostumado com a mesmice que não consegue ou tem dificuldade de aceitar o novo, e para lidar com isso as pessoas que sofrem com isso **tem a comunidade LGBT.**” – grifo da autora (aluna H)*

Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto às colocações acima destacadas, percebemos a presença de algumas expressões mais adequadas depois do trabalho desenvolvido com textos motivacionais. A presença da sigla LGBT como o reconhecimento de uma estrutura organizada em prol da defesa dos direitos dos homossexuais, como no recorte do aluno H, apontando como um suporte às pessoas que sofrem com a homofobia, reportando-se à homofobia como “essa forma de preconceito”, diferentemente do que aconteceu na redação diagnóstica, em que o estudante

As discussões feitas na atividade da tempestade de ideias somada aos textos motivadores que, como vimos, trataram do termo homofobia a partir de vários aspectos e utilizando-se de vários recursos textuais: gráficos, tirinhas, infográficos e outros, foram imprescindíveis para a mudança de postura e colocações quanto ao que estava sendo retratado.

#### 6.1.1.3 Dificuldade observada: ausência da Tese Inicial

Conforme a Cartilha do Participante do Enem (2018, p. 09), “Nessa redação, você deverá defender uma tese – uma opinião a respeito do tema proposto –, apoiada em argumentos consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade

textual”. Ou seja, deve posicionar-se em relação ao tema proposto, que para este projeto foi “A homofobia nos dias atuais”.

Para a compreensão dos conceitos de tema e tese, tão relevantes dentro de um texto dissertativo-argumentativo visando a defesa de um ponto de vista, contribuíram as atividades desenvolvidas no dia 12/09/18, aula nº 1.1 do Rapi10 (apêndice 01), que trata da estrutura deste tipo de texto. Apresenta de uma forma bem clara e objetiva um quadro com o conceito de tema e tese, e a orientação sobre como o aluno/candidato, após demonstrar total entendimento sobre o tema abordado, defenda a sua tese, utilizando argumentos válidos, apresentando uma proposta de intervenção para a problemática colocada. Após esse processo, os estudantes foram solicitados a resolverem uma atividade presente na mesma aula, que seria a de identificar, a partir de um texto que foi nota 1000 no Enem, a estrutura acima elencada: tema, tese, argumentos válidos e proposta de intervenção. Esta folha também passou a compor o portfólio de cada estudante.

Contribuíram para a evolução da observação quanto à diferença entre tema e tese, as aulas nº 01 e 02 do Rapi10 (apêndices 03 e 04), desenvolvidas no dia 19/10/2018. A aula número 01 faz uma apresentação de todos os temas abordados no Enem desde 1998, chamando a atenção para os problemas já abordados, solicitando aos estudantes que, de maneira oral, respondam à indagação da professora: Qual o assunto abordado em determinado ano? Qual o tema? Esta atividade visou fazer com que ficasse bem explícita a diferença entre tema e assunto. Posteriormente, foi solicitado que apresentassem alguns assuntos que eles imaginassem que poderia aparecer: meio ambiente, a falta de água, a violência nas escolas e drogas foram os mais citados.

No mesmo dia, foi entregue a aula que trata sobre a diferenciação entre tema e tese de uma forma bem específica (aula 02). Nesse exercício o estudante era convidado a fazer a leitura de dois textos: no primeiro estava destacada a tese que o candidato apresentou na redação. A professora instigou os estudantes a perceber de que forma aquela tese era defendida no corpo do texto. O segundo exercício trazia outra redação nota 1000 no Enem, e o estudante deveria identificar a tese no texto e os argumentos usados para defendê-la. No final da aula, os estudantes deram a sua impressão quanto à tese apresentada, em ampla discussão.

Outro material trabalhado durante a execução do projeto foi a aula nº 04, presente na plataforma Rapi10 (apêndice 06), que trata de como iniciar uma argumentação, material este estruturado a partir de Koch e Elias (2017). Esta aula foi realizada no dia 10/10/18. No material, são apresentadas 11 formas de iniciar uma argumentação: definindo o ponto de vista, apresentando fatos, fazendo uma declaração inicial, contando uma história, estabelecendo a

relação entre textos, lançando pergunta(s), estabelecendo comparações, apresentando uma definição, inventando uma categorização, enumerando casos como exemplificação e observando a mudança na linha de tempo. Chamamos a atenção, no entanto, para a primeira opção: definindo um ponto de vista. Por ser uma obra sobre argumentação, ela traz vários exemplos de como iniciar uma argumentação, porém, por ser um trabalho voltado para textos dissertativo-argumentativos, elegemos focar na opção de definir um ponto de vista pelo fato de ser esta a perspectiva do gênero textual em questão e, para definir um ponto de vista, é necessária a apresentação de uma tese. Todos estes materiais, no final da aula, passaram a compor o portfólio dos alunos.

A seguir, apresentaremos alguns recortes acerca desse contexto.

#### 6.1.1.4 Análise da redação diagnóstica

Quadro 13 - Redação diagnóstica (ausência da Tese Inicial)

*“A homofobia é algo que inegavelmente vem sendo propagada nos últimos anos, mesmo a maioria das pessoas percebendo que usar termos chulos como “viadinho”, “gayzão” ou até mesmo “mulherzinha”, é algo muito homofóbico mesmo sem a intenção de ofender os LGBT.”(aluno F)*

Fonte: Dados da Pesquisa

Consegue-se perceber, no recorte acima apresentado, a ausência de uma tese que possa justificar os argumentos que se seguem. Ou seja, o estudante não consegue colocar o seu ponto de vista sobre o assunto abordado. Está apenas fazendo constatações. Não apresenta uma tese para elencar argumentos posteriores de modo a defendê-la.

#### 6.1.1.5 Análise da redação final

Quadro 14 - Redação final (exemplos de Tese Inicial)

*“Atualmente a homofobia tem se propagado muito, pois, **esta classe LGBTQ+ está tentando ocupar seu devido lugar na sociedade**, ao mesmo tempo que as pessoas que cresceram com a mente fechada para as “coisas novas” **estão criando algo chamado conservadorismo ou masculinidade tóxica** (referente a um pensamento preconceituoso e machista na maioria das vezes, na qual senti-se inferior ao praticar determinadas ações por achar coisas de “mulherzinha” ou até mesmo de “gays”). – grifo da autora (aluno F)*

Fonte: Dados da Pesquisa

Percebemos nesse recorte acima, exemplos em que o estudante conseguiu colocar-se quanto ao tema abordado, apresentando a tese inicial que iria servir de suporte para as argumentações que viriam em seguida. O estudante consegue fazer um contraponto apresentando que, de um lado, *“esta classe LGBTQ+ está tentando ocupar seu devido lugar na sociedade, ao mesmo tempo que as pessoas que cresceram com a mente fechada para as “coisas novas” estão criando algo chamado conservadorismo ou masculinidade tóxica”*, Esses exemplos trazem a essência do que será abordado em seguida, compreendendo a linha de argumentação que será apresentada, ou seja, o posicionamento quanto ao tema proposto.

As aulas sobre a diferenciação entre tema e tese, sobretudo a identificação dentro do texto, fizeram com que os estudantes passassem a compreender melhor o que seria a tese e a sua função para o processo de argumentação. Em se tratando de um texto dissertativo-argumentativo que visa à apresentação de uma tese e à defesa de um ponto de vista, ele requer do estudante identificar e vivenciar este processo para a construção de textos com argumentos mais efetivos para a defesa do seu ponto de vista.

#### *6.1.1.6 Dificuldade observada: ausência das três partes que constituem o texto*

Conforme referência ao texto dissertativo-argumentativo constante na Cartilha do Participante do Enem (2018), os textos devem apresentar as três partes definidas: proposição, argumentação e conclusão. Para essa questão, as aulas que contribuíram, minimizando esse aspecto da ausência das três partes são a aula nº 1.1, apêndice 01, feita no dia 12/09/18, como já citada, que trata sobre a apresentação das três partes que constituem a estrutura de um texto dissertativo-argumentativo, com o exercício para identificá-las.

A aula nº 05 (apêndice 07) foi desenvolvida no dia 17/10/18 e tratou de estratégias para desenvolver a argumentação, a partir de Koch e Elias (2017). Esta aula, presente na plataforma Rapi10, apresenta 04 exemplos de como desenvolver a argumentação: fazendo perguntas e apresentando respostas, levantando um problema-apontando uma solução, indicando argumentos favoráveis x argumentos contrários, tecendo comparação e recorrendo à exemplificação. Foi feita uma observação quanto a esses exemplos: por ser uma proposta voltada a textos dissertativo-argumentativos, todos eles podem ser usados para validar os argumentos expostos, no entanto, deve-se tomar cuidado quanto à qualidade dos argumentos (argumentos legitimados pelo repertório sociocultural).

A aula de nº 10 (apêndice 09) presente na plataforma Rapi10, tratou de sugestões de como concluir uma argumentação, também baseadas em Koch e Elias (2017), aula

realizada em 07/11/18. São apresentados 3 exemplos de como concluir a argumentação: elaborando uma síntese, finalizando com uma solução para o problema, finalizando com remissão a textos, fazendo uma pergunta retórica. Após a exposição do material aos alunos, foi explanado que o tipo de texto trabalhado requer a presença de uma proposta de intervenção e que, embora alguns elementos possam estar em outros parágrafos, concentram-se, na maioria das vezes, na conclusão.

Tivemos uma aula com o check list (apêndice 02) também no dia 12/09/18, que apresentou, em forma de grade, o que é considerado na avaliação das redações estilo Enem, para que se tenha a clareza de verificar alguns aspectos antes de finalizar a redação. Além de apresentar todas as competências de forma detalhada, orienta sobre a estrutura do texto, com a presença da proposição, argumentação e conclusão. Assim, foram distribuídas tarjetas com as seguintes palavras-base: introdução, desenvolvimento e conclusão. Nas tarjetas em branco apareceram palavras como: tema, tese, argumentos válidos, repertório, proposta de intervenção, além das perguntas o quê? quem? como? para quê? Após esse momento, os estudantes levantaram-se e montaram um esquema no mural.

Como um reforço ao explicitado na intervenção, apesar de não ser o nosso foco da pesquisa por estar presente na competência V, entendemos ser significativa a sua explicação detalhada, tendo em vista fazer parte da estrutura do texto dissertativo-argumentativo. Assim, no dia 14/11/18, trabalhamos as aulas 08 e 09 presentes na plataforma Rapi10 (apêndice 10 e 11). Na primeira atividade, existem dois textos nota 1000 no Enem e, abaixo, um quadro com os 5 elementos que devem estar presentes na proposta de intervenção: quem? o quê? como? para quê? e detalhamento para que o aluno complete, a partir do texto, essas informações. A segunda atividade apresenta um texto nota 1000 no Enem, onde aparecem grifados, cada uma de uma cor diferente, os cinco elementos constantes na proposta de intervenção.

Após apresentar o *check list* para cada estudante para que, depois do estudo, fizesse parte do seu portfólio, foram entregues por equipe algumas tarjetas com palavras-chave e outras tarjetas em branco para que o estudante discutisse e, posteriormente, fosse montado um esquema, identificado pelos alunos como mapa mental, sobre a estrutura do texto dissertativo-argumentativo, incluindo as três partes já citadas.

Abaixo, houve a transcrição na íntegra do texto do aluno D nas duas versões (redação diagnóstica e redação final).

## 6.1.1.7 Análise da redação diagnóstica

Quadro 15 - Redação diagnóstica (Ausência das três partes que constituem o texto)

*“A homofobia é um tema muito citado na sociedade atual, mas mesmo o nível de aceitação atual ser consideravelmente maior ao de décadas passadas, essa escala é uma média geral, uma vez que o conservadorismo social ainda é muito forte e para pessoas de 25 ou mais anos é difícil acompanhar essa mudança, onde muitos são conservadores, mas quais são seus argumentos.*

*Para entender essa questão temos que saber o que é conservadorismo basicamente ele dita um padrão de sociedade, família ou estilo de vida de uma pessoa, e porque o homossexualismo não é muito bem aceito nesse padrão? Por que ele diverge em um de seu pilares o heterossexualismo, tido para adotar o modelo de familia padrão, ou seja um homem e uma mulher, dai surgem os conflitos, discriminação e preconceito.*

*É realmente um empasse, muito devido ao fato de que não poderíamos falar para um conservador que ele está errado, por que biologicamente falando ele está praticamente certo.*

*Sendo a razão de sua certeza sua argumentação rival onde naturalmente um casal homossexual não reproduz mas a biologia é capaz de no futuro com o avanço científico mudar isso”. (aluno D)*

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebemos neste texto acima que o estudante não apresentou as três partes constituintes do texto dissertativo-argumentativo, que são a proposição, a argumentação e a conclusão. As suas argumentações são apresentadas de forma embrionária, além de suprimir a conclusão. *“É realmente um empasse, muito devido ao fato de que não poderíamos falar para um conservador que ele está errado, por que biologicamente falando ele está praticamente certo.”* (aluno D). Percebemos nesse recorte que o aluno não finaliza o pensamento, ele só faz uma afirmação, mas, em seguida, não a explica. Quando diz *“por que biologicamente ele não está”*, não justifica a sua colocação com argumentos válidos. Ou seja, esta parte constitui uma parte do seu desenvolvimento, mas não constitui um desenvolvimento bem produzido, com a sua peculiaridade que é a colocação de argumentos válidos em defesa de um ponto de vista. Para finalizar, o texto não apresenta uma conclusão *“Sendo a razão de sua certeza sua argumentação rival onde naturalmente um casal homossexual não reproduz mas a biologia é capaz de no futuro com o avanço científico mudar isso”* (aluno D). O estudante não faz um fechamento do que ele vinha tratando, assim, a conclusão passa a ser inócua, não apresentando uma proposta de intervenção.

## 6.1.1.8 Análise da redação final

Quadro 16 - Redação final (exemplo de Redação com as três partes que constituem o texto)

*“A homofobia é um tema muito disertado na sociedade atual, mesmo assim os casos de homofobia persistem no Brasil, o que por sua vez é um problema já que varias pessoas podem sofrer agressões físicas ou verbais, para além de viver com o receio de ser julgado pelas outras pessoas, o mesmo já causou a morte de pessoas como Alan Turning que na época estava em meio a WWII, onde mesmo ele tendo feito inúmeras conquistas à Guerra foi condenado a castração química.*

*Ver então que a homofobia afeta de forma direta ou indireta a todos; ainda no contexto de Alan Turng, se o mesmo não tivesse contribuido com progresso tecnocientífico a qual ele fez parte a Alemanha Nazista poderia de ter ganhado, mesmo tendo ele contribuído através do desenvolvimento de uma copia da encriptadora alemã Enigima para qual permitio decifrar todos os codicos encriptografados pela mesma, ele foi a mando do governo inglês condenado por sua sexualidade.*

*No Brasil à muito ocorre casos de pessoas que cometem suicidio mediante a agressões sofridas, ou mesmo se isolam do resto da sociedade, onde por não haver uma lei que criminalize a homofobia es que ocorre que muitos não são punidos, o que tem por consequencia, que os mesmos não medem as causas de suas ações, levando a mais homofobia; varios são os fatores que levam a esses casos, como por exemplo a religião em especial a muçulmana que lidera ranking de homofobia.*

*Mediante a esses fatos, percebesse que o estado venha a intervir diretamente nessa questão, com leis, a qual até já existe o projeto restando ser aprovado pelo congresso; através de palestras de concientização apoidas pelo poder de lei, implementada a população brasileira, espera-se diminuir os casos de homofobia, mas os primeiros resultados serem a longo prazo e quem sabe será reduzido a zero.”*  
(aluno D)

Fonte: Dados da pesquisa.

No texto final, o mesmo aluno já apresenta uma evolução quanto as três partes do texto dissertativo-argumentativo bem definidas. No primeiro parágrafo, visualizamos a presença da socialização dos problemas existentes acerca do assunto e a explicação de por que é um problema, que foi retomado ao longo do texto. *“A homofobia é um tema muito disertado na sociedade atual, mesmo assim os casos de homofobia persistem no Brasil, o que por sua vez é um problema já que varias pessoas podem sofrer agressões físicas ou verbais, para além de viver com o receio de ser julgado pelas outras pessoas...[...].”*

Após essa introdução, o estudante traz o exemplo de uma pessoa que, embora tivesse sido importante para a sociedade, foi morta pela sua condição sexual. Depois de contextualizar um caso acontecido na Alemanha nazista, reportou-se à condição no Brasil, onde, por não existir uma lei que criminalize a homofobia, isso é um fato recorrente.

Por fim, consegue elaborar uma proposta de intervenção, com alguns elementos visíveis: quem? *estado*; o quê? *venha a intervir diretamente nessa questão, com leis*; como? *através de palestras de conscientização apoiadas pelo poder de lei, implementada a população brasileira*; para quê? *espera-se diminuir os casos de homofobia*.

A partir destas observações, pudemos constatar o quanto o estudante cresceu da primeira para a segunda produção, preocupando-se, inclusive, com uma proposta de intervenção que ainda não existia na primeira versão, mostrando, assim, o desconhecimento quanto às partes de um texto dissertativo-argumentativo, questões estas sanadas a partir das atividades acima citadas.

Dificuldade observada: Argumentos com partes embrionárias. Podemos considerar como parte embrionária no texto dissertativo-argumentativo quando uma das partes (a introdução, argumentação ou a conclusão) são muito curtas devido a sua pouca produção.

#### 6.1.1.9 Análise da redação diagnóstica

##### Quadro 17 - argumentos com partes embrionárias

*“Vivemos uma sociedade homofóbica, onde o que não era e ainda não é levado é que ser gay não é uma opção sexual muito menos uma doença, muitas vezes estar em uma orientação sexual de forma biológica, ou até mesmo cultural.” (aluna E).*

Fonte: Dados da pesquisa

Diferente do problema já citado, que foi a ausência de uma das partes, esta problemática envolve a presença de todas as três partes, no entanto, são pouco desenvolvidas, ou embrionárias. No exemplo, as colocações chegam a ser tão vagas que interferem na compreensão sobre o que está sendo dito, pois as duas primeiras colocações são muito pertinentes ao tema *“Vivemos numa sociedade homofóbica[...] ser gay não é uma opção sexual muito menos uma doença”*. Porém, a continuidade do argumento foi tão embrionário que não permitiu a compreensão completa ou a interligação com o que já foi dito: *“muitas vezes estar em uma orientação sexual de forma biológica, ou até mesmo cultural.”*

Foi realizada, no dia 19/09/18, uma atividade que foi bastante significativa: o quadro tópico (aula 03, apêndice 05). Trata-se de uma estratégia de organização dos sentidos, que contribui para a distribuição das ideias entre os parágrafos, fazendo com que sejam

visualizados pelo aluno os possíveis argumentos de maneira a defender o ponto de vista de forma completa.

Este exercício presente no Rapi10 traz dois textos que foram nota 1000 no Enem e estimula os estudantes a perceberem o tópico central e os subtópicos. Em seguida, existe o mesmo texto, mas distribuído com palavras-chave, mostrando a forma como os argumentos foram distribuídos de maneira a contemplar as três partes: proposição, argumentação e conclusão.

Os estudantes receberam a primeira versão da sua própria redação, receberam folhas em branco e foram convidados a olhar novamente para o mural, na parte das tarjetas com a organização feita por eles, mas também para as partes que deve conter cada estrutura do texto dissertativo-argumentativo. Posteriormente, foram solicitados a fazer a leitura do seu próprio texto e agora, de mão de todo material que compõe o seu portfólio, repensar a sua redação, fazendo um quadro tópico de como as suas ideias deveriam estar apresentadas no texto de maneira a, além de conter as três partes, apresentar-se de forma completa e não mais embrionária.

Somada a esta atividade, podemos citar que contribuiu também para fazer com que o estudante percebesse a diferença de um texto com partes embrionárias a aula 1.1 (trabalhada no dia 12/09) e aqui já explanada, que tratava da estrutura do texto dissertativo-argumentativo. A partir do momento em que o estudante passa a ter a plena consciência da estrutura de um texto dissertativo-argumentativo, suas partes passam a ter uma abordagem mais completa.

#### 6.1.1.10 Análise da redação final

##### Quadro 18 - Redação com partes com produção completa

*“O que deve ser levado em consideração é que ser gay nunca foi, nem é uma opção sexual, muito menos uma doença e que é por esse mal entendido que o homossexual é colocado em um nível de inferioridade. Na obra cinematográfica “Her” a protagonista tenta uma aceitação pessoal por ter gostos homossexuais sendo rejeitado por grande parte da sociedade, gerando nele grande insegurança.” (aluna E)*

Fonte: Dados da pesquisa

Percebe-se, utilizando-se de texto do mesmo estudante, uma evolução quanto a argumentos com partes embrionárias. Deixam de ser meras colocações e/ou frases soltas e desconexas para tornarem-se argumentos mais bem elaborados, com uma direção.

No exemplo apresentado, a aluna E, na primeira produção, tem uma dificuldade de concluir a sua ideia, comprometendo a compreensão, como já citado. No entanto, já na segunda produção, ela mantém o argumento que “*que ser gay nunca foi, nem é uma opção sexual, muito menos uma doença*”, afirmação verdadeira e coerente com o propósito do texto. Complementa com uso de repertório legitimado, fazendo alusão à obra cinematográfica “Her”, bem como fazendo referência ao personagem que é homossexual e que, devido à rejeição da sociedade, acaba ficando inseguro. Este argumento, além de apresentar-se melhor estruturado, fazendo uso de um repertório sociocultural, contrapõe-se ao argumento da primeira produção, que, por estar colocado de uma forma embrionária, interfere na compreensão.

#### *6.1.1.11 Dificuldade encontrada: ausência de repertório sociocultural*

A presença de um repertório sociocultural garante as notas mais elevadas na competência II, uma vez que qualquer informação, fato, citação ou experiência que contribua para que se torne um argumento que sustente a tese apresentada em torno da discussão proposta, demonstra domínio nesta competência.

Foi solicitado que elencassem tudo o que já haviam visto ou associado ao assunto em questão, desde fatos históricos, a filmes, personagens de livros etc. Este levantamento se deu para que compreendessem que o chamado repertório sociocultural nada mais é do que os conhecimentos adquiridos por eles ao longo dos anos.

Assim, para dar conta desse aspecto da competência II, utilizamos o *check list* (apêndice 02), tratado no dia 12/09/18. Esta atividade foi muito colaborativa dentro do processo, uma vez que, ao tratar da competência II, faz algumas reflexões acerca do uso de argumentos limitados a afirmações pessoais e sem qualquer fundamentação teórica. Faz orientações sobre o procedimento negativo quanto à cópia de textos motivadores. Faz a indicação para que se use argumentos legitimados por diferentes áreas do conhecimento, o que caracteriza o uso do repertório sociocultural. No entanto, esclarece que o uso deste repertório deve estar organizado de modo a contribuir para a defesa da tese.

Contribuiu também, para esse aspecto, a própria atividade do quadro tópico, (aula 03, presente no apêndice 05). Como já citado anteriormente, trata-se de uma estratégia de organização das ideias, que colaboram para um projeto de texto e, desta maneira, para a organização dos argumentos, com a clareza da necessidade do uso do repertório sociocultural.

## 6.1.1.12 Análise da redação diagnóstica

Quadro 19 - Ausência de repertório sociocultural

*“Homossexualidade e assuntos referentes à ideologia de gênero geram bastante polêmica. Atualmente, mesmo que já estejam em pleno século XXI, ainda é comum acordar com milhares de notícias à respeito de novos casos de homofobia que abrangem desde expulsão até bárbaros assassinatos, casos estes que dividem toda uma população há os que apoiam estas praticas violentas e também que repudie com todas as forças.*

*No Brasil a vida de um homossexual pode ser muito arriscada nosso pais possui o título de nação que mais mata e violenteia a população LGBTQ+, isso é alarmante se pararmos para pensar que estamos à frente de países onde reina a violência, como a India, o que derruba um argumento muito comum, que isso ocorreria pelo fato do Brasil ter uma população muito grande já que a India possui mais de 1 bilhão de habitantes, enquanto aqui pouco mais de 200 milhões.” (Aluno B).*

Fonte: Dados da pesquisa.

No exemplo acima, não conseguimos perceber a existência de um repertório sociocultural. Por vezes, uma tentativa de argumentação baseada no senso comum. Um exemplo é o apresentado a seguir: *“A homossexualidade não é uma invenção do século XXI, desde da época da pré-história há indícios em relação afetivas entre pessoas do mesmo sexo, mas como estamos no século “liberal” está causa está sendo cada vez mais debatida.”* (aluno A). O aluno coloca que a homossexualidade se apresenta desde a pré-história, mas não apresenta uma fonte confiável de onde vem a informação. Percebemos, então, que pertence ao senso comum, não sendo muito produtiva dentro do aspecto da qualidade do argumento. Outra informação que o texto traz nessa mesma perspectiva é *“[...] nosso pais possui o título de nação que mais mata e violenteia a população LGBTQ+[...]”*. Mais adiante, o aluno completa que *“[...] a India possui mais de 1 bilhão de habitantes, enquanto aqui pouco mais de 200 milhões”*. Como percebemos, os dois argumentos são oriundos de dados, mas não estão respaldados por nenhuma fonte com credibilidade.

## 6.1.1.13 Análise da redação final

Quadro 20 - Presença de repertório sociocultural

continua

*“Durante a Segunda Guerra Mundial, era comum que homossexuais fossem presos e levados às câmaras de gás do então regime nazista. Não foi somente no passado que houveram intensas perseguições a essa menoria, apesar dos esforços dos educadores em tentar, de alguma forma, amenizar este problema [...]*

*A alguns anos atrás o mundo se surpreendeu por um **ataque terrorista a uma boate gay nos Estados Unidos**, o atirador, **um extremista islã**, religião que prega forte perseguição aos homossexuais, a mérito de comparação, a relação entre pessoas do mesmo sexo é **criminalizada na maior parte dos países árabes**, alguns chegam a adotar pena de morte como medida preventiva. Tãmanha perseguição, faz com que **as taxas de suicídio entre LGBT's** seja absurdamente alta, nos Estados Unidos, por exemplo, mais de 60% quem tentam tirar sua própria vida são homossexuais.[...]*

***No Brasil**, a homofobia ainda não é considerada crime, fato que torna nosso país palco de inúmeros eventos de extremo preconceito. **Segundo o grupo Gay da Bahia, em 2013 houveram pelo menos 312 assassinatos de pessoas homossexuais, o que equivale cerca de 1 morte a cada 28 horas**". (aluno B)*

Fonte: Dados da pesquisa

A partir do recorte da redação diagnóstica e final do aluno B, conseguimos observar, de forma muito intensa, a presença de uma grande quantidade de variedade quanto ao repertório sociocultural da primeira para a segunda produção. O aluno B contextualizou o ocorrido durante o regime nazista em que os homossexuais eram presos e mortos, além de citar um ocorrido em uma boate gay nos EUA. O aluno faz uma caminhada pela história, apontando situações ocorridas desde a época da Segunda Guerra Mundial, contextualizando com o ocorrido nos dias atuais, a exemplo do incidente ocorrido em uma boate gay nos Estados Unidos. Apresenta a homofobia retratada em diferentes lugares: Estados Unidos, países árabes e Brasil. Cita informações de um grupo gay sobre a morte destes no nosso país. Trouxe argumentos de diferentes áreas do conhecimento: história- Segunda Guerra Mundial, regime nazista, extremistas islâmicos; informações estatísticas - “*em 2013 houveram pelo menos 312 assassinatos de pessoas homossexuais, o que equivale a cerca de 1 morte a cada 28 horas*”, dados trazidos pelo grupo Gay da Bahia (fonte com credibilidade).

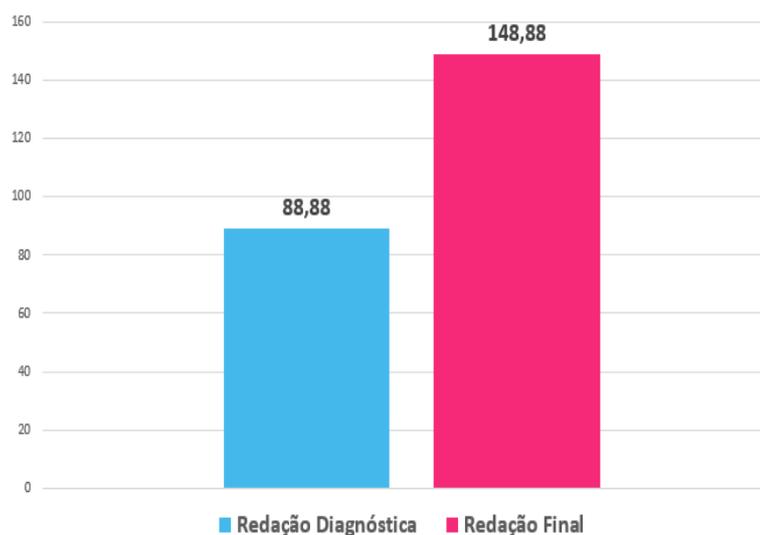
À medida que o tempo foi passando, os alunos foram percebendo que, para que se tenha uma boa proposta de argumentação, faz-se necessário dispor de subsídios retirados de dados, obras literárias, contextos histórico-filosóficos, entre outras informações que advenham de fontes seguras e que estas sejam pertinentes, contribuindo para a defesa do ponto de vista.

### **6.1.2 Análise sob o ponto de vista da competência III**

COMPETÊNCIA III: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista. Nesta competência pudemos

observar um grande crescimento quanto à nota da primeira para a segunda versão. A média da turma na primeira redação foi de 88,88, chegando a 148,88 pontos na segunda produção.

Gráfico 3 - Diferença média na competência III



Fonte: Dados da pesquisa.

Para uma seleção, relação, organização e interpretação de dados e informações a serem inseridos nos textos, foi feito o quadro tópico onde cada aluno, de posse da sua redação diagnóstica, repensou sobre a distribuição dos dados argumentativos ao longo do texto. Estaremos fazendo uma análise da redação diagnóstica, com o quadro tópico e a redação final de um dos alunos.

Dificuldade observada: Dificuldade quanto à seleção, relação, organização e interpretação de dados e informações.

Estudantes não conseguem fazer o uso adequado de fatos e informação dentro do texto, às vezes, usando-os de forma equivocada ou escolhendo algum que não contribua para sustentar a tese.

Para a melhoria desta competência, uma atividade bastante significativa, trazendo relevantes resultados para a competência III, foi o quadro tópico (já explicitado anteriormente, apêndice 03). É necessário que o aluno saiba selecionar, relacionar, organizar e interpretar dados e informações. A escolha dos argumentos, bem como a sua distribuição no texto para a construção de um texto coerente e produtivo em defesa de um ponto de vista, é uma atividade bastante complexa e requer que o estudante, trazendo vários dados sobre determinado assunto, saiba distribuí-los e interligá-los ao longo do texto. Portanto, faz-se necessário um planejamento prévio para que a redação consiga o seu propósito: argumentar sobre determinado assunto, apresentando uma tese e defendendo-a no decorrer do texto.

Outra atividade desenvolvida para melhorar a competência III, foi o *Check List* (apêndice 02). Na competência III, o material traz uma observação importante acerca da progressão textual e que tenha uma direção que seja passível de ser observada durante a leitura da redação.

#### 6.1.2.1 Análise da redação diagnóstica

Quadro 21 - Dificuldade quanto à seleção, relação, organização e interpretação de dados e informações do aluno M

*“Hoje em dia o número de homossexuais vem aumentando e junto a isso vem o crescimento dos homofóbicos, ou seja, aqueles que são contra as pessoas que se sentem atraídas pelo mesmo sexo. A homofobia é um grande problema na sociedade, tão grande que chega a causar mortes de jovens, na maioria dos casos.*

*Durante muito tempo tinha-se apenas uma visão de casal, aquele formado por um homem e uma mulher, quando o índice de homossexualidade foi crescendo se tornou difícil a compreensão da sociedade a essa situação, principalmente os pais que são os que tem que dar apoio aos filhos no momento. Com isso, muitos jovens ficam com medo de assumir a sua homossexualidade e de ser criticado por alguém ou que seus pais não os entendam e os expulsem de casa.*

*A melhor solução para esse problema é deixar de lado nossas diferenças, deixar de lado os fatos que nos impedem de viver em harmonia com o próximo, isso nos tornaria cidadãos melhores.”. (aluno M)*

Fonte: dados da pesquisa.

Quanto à análise do seu primeiro texto, percebe-se que a estudante apresentou fatos e opiniões que estão de acordo com o tema proposto, no entanto, muito presos a argumentos do seu próprio repertório, sem fazer uso diversificado de informações, fatos em defesa de um ponto de vista.

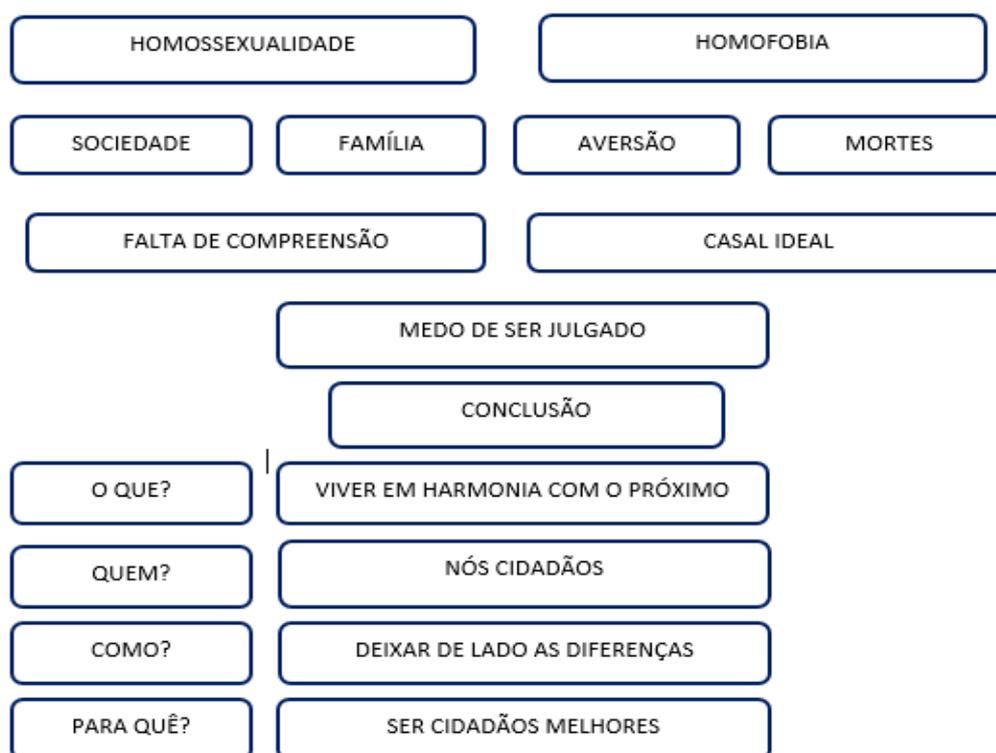
Basicamente, os seus argumentos giram em torno da concepção de que um casal é formado por um homem e uma mulher e do respeito aos pais e da preocupação em relação à sua opinião. Percebe-se que não houve uma expansão quanto ao encadeamento das ideias, com crescimento progressivo.

A organização dos argumentos é avaliada na competência III, que diz respeito à hierarquização dos argumentos, ou seja, organizá-los de maneira que trate dos argumentos primários e, em seguida, os argumentos secundários. Ao compararmos o argumento utilizado no primeiro parágrafo que diz “Hoje em dia o número de homossexuais vem aumentando e junto a isso vem o crescimento dos homofóbicos[...]”. Mais adiante a aluna retrata a mesma condição já colocada por ela no texto: “[...] aquele formado por um homem e uma mulher, quando o índice de homossexualidade foi crescendo[...]”. No entanto, retrata o crescimento

dos homofóbicos e, posteriormente, dos homossexuais. Pensamos que a organização desse argumento poderia ter tomado uma outra ordem para melhorar a compreensão do leitor.

Em relação à interpretação das informações e fatos, os argumentos devem ser contextualizados, principalmente em relação ao seu ponto de vista, procurando ir além da reprodução de textos motivadores ou do senso comum. Percebemos que a estudante não interpreta informações e as contextualiza.

Figura 36 - Quadro Tópico do aluno M



Fonte: Elaborado pelo estudante M

Com a produção textual diagnóstica finalizada, uma das próximas etapas diz respeito à construção de um quadro tópico. Essa é uma estratégia para que possamos compreender o “caminho das ideias” de modo a organizá-las e hierarquizá-las. Conseguimos perceber, a partir da construção do quadro tópico, a organização das ideias, ou seja, as palavras-chave para essa produção chamam-se homossexualidade e homossexual. Ou seja, para haver homossexualidade, faz-se necessário haver um homossexual.

O termo homossexualidade é abordado como a base, elencando dois aspectos onde a homossexualidade passa a ser abordada no contexto da sociedade e familiar e para essa instituição, falta a compreensão. Por outro lado, quanto à abordagem da homofobia, retrata a aversão e, muitas vezes, a morte que culmina em um argumento secundário: o de casal ideal.

Para esses argumentos elencados, conseguimos perder a clareza quanto ao medo de ser julgado. Mais adiante, apresenta a proposta de intervenção. Constam 5 perguntas para a intervenção que são: o quê? quem? como? para quê? e o detalhamento, embora a sua proposta de intervenção tenha sido muito superficial e não contribua para uma conclusão efetiva.

#### 6.1.2.2 Análise da redação final

##### Quadro 22 - Evolução quanto à seleção, relação, organização e interpretação de dados e informações do aluno M

*“A homofobia é a aversão as pessoas que se sentem atraídas por outras do mesmo sexo. Na atualidade, o número de homossexuais vem crescendo e junto a um número de homofóbicos também. A homofobia é um grande problema que chega a causar mortes de jovens na maioria dos casos.*

*Durante muito tempo, a sociedade tinha apenas uma visão de casal, um casal ideal, aquele formado por um homem e uma mulher. Ser homossexual é crime em mais de 70 países, a homofobia já provocou pelo menos 216 assassinatos em janeiro até setembro do ano de 2015, de acordo com o levantamento do Grupo Gay da Bahia. Com o índice de homossexualidade aumentando, se tornou difícil a compreensão de partes da sociedade, devido a isso, os jovens tem medo de assumir e ser julgado. Na França, a chance de um homossexual acabar com a própria vida é treze vezes maior que um heterossexual.*

*A opressão contra os homossexuais não quer dizer somente a violência, mas também a reivindicação de seus direitos. Em junho do ano de 2015, a Suprema Corte do Estados Unidos aprovou a união civil homossexual, o que é um grande avanço já que os EUA é uma grande potência e influencia outros países.*

*Sendo assim, medidas devem ser tomadas, o Poder Legislativo deveria aprovar o Projeto de Lei 122 de 2006, assim criminalizando a homofobia, palestras com psicólogos e nós também devemos fazer a nossa parte compreendendo e respeitando. Só assim o país estará assegurado da homofobia.” (aluno M)*

Fonte: Dados da pesquisa.

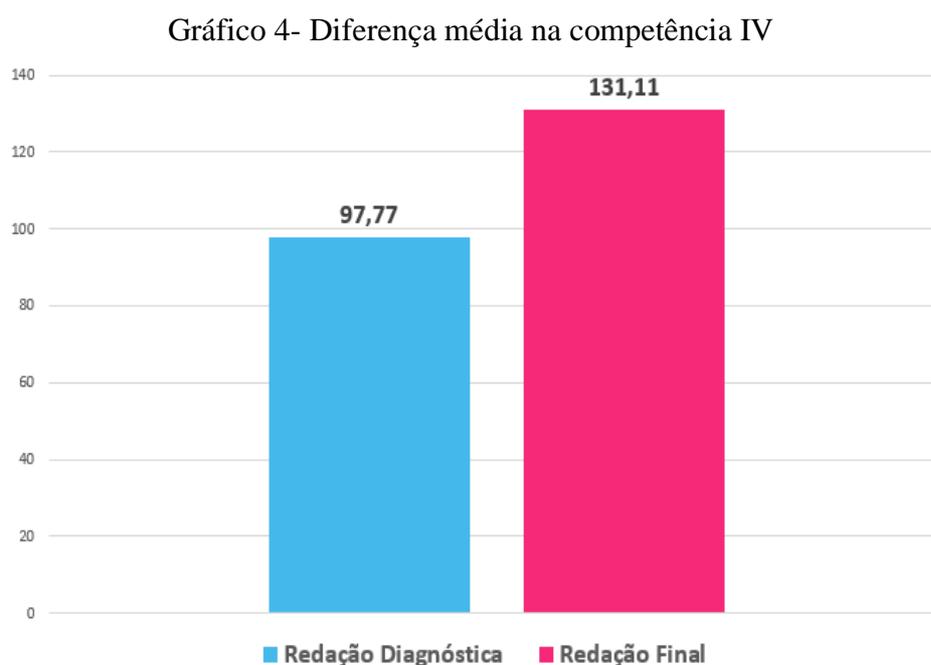
Conseguimos perceber uma grande diferença entre a produção inicial e a final. As informações do quadro tópico estão contidas na versão final, o que mostra o quanto essa atividade contribuiu para a melhoria da seleção, relação, organização e interpretação de informações, cobrado na competência III.

Como consta no quadro tópico, o que se apresenta no texto na versão final, o estudante fez uma introdução trazendo o significado de expressões como homossexual e homofobia. Posteriormente, como trazido pelas palavras-chave, o estudante aborda concepções quanto à sociedade e à família, fazendo referência à aversão que algumas pessoas parecem apresentar, causando a morte de homossexuais. Em relação à proposta de intervenção, comparando a construída na atividade do quadro tópico para a versão final, houve

o aprimoramento dos elementos da intervenção, pois a atividade contribui, como percebemos, para a reflexão quanto aos elementos escolhidos e colocados no texto.

### 6.1.3 Análise sob o ponto de vista da competência IV

COMPETÊNCIA IV: Demonstra conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação. Nesta competência, a média geral na primeira produção foi de 97,77 pontos, subindo para 113,11 pontos na segunda produção.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Nesta competência, como vimos, o aluno terá que demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos que são necessários para que haja a construção da argumentação, ou seja, como faz uso dos recursos coesivos para articular os enunciados do texto.

Em todas as dificuldades encontradas nessa competência, foram usadas duas atividades. O *check list* (apêndice 02), apresentando a competência 04, com vários exemplos de operadores argumentativos e suas funções dentro do texto. O apêndice 08, aula nº 07 foi trabalhado no dia 24/10/18. Esta aula presente no Rapi10 traz um exercício comprovando que não basta ter operadores argumentativos dentro do texto para que o estudante seja bem avaliado na competência IV. É necessário que ele saiba utilizá-los adequadamente. Para isso, existe um exercício com o mesmo contexto, em que o estudante deve escolher a melhor

palavra para completar o sentido de uma frase. O segundo exercício apresenta um texto-cloze (com lacunas) para que o estudante complete, sem opção de palavras. Ao final, foi feita a leitura por um estudante e a percepção se alguém escolheu uma palavra que desse outro sentido. O terceiro exercício apresenta uma redação nota 1000 do Enem para que o estudante circule os conectivos que encontrar. Salientamos que esta atividade também foi colocada dentro do portfólio do estudante.

Dificuldade observada: Repetição de palavras. A recorrência de mesmo elemento coesivo na produção textual irá empobrecê-la, em alguns casos, tornando-a cansativa e sem fluidez. Embora saibamos que o texto dissertativo-argumentativo é relativamente curto, esse recurso pode ser utilizado. O problema apresenta-se quando não é bem empregado ou se torna muito recorrente. Podem existir situações em que as palavras sejam repetidas de forma proposital, para marcar uma ideia, ou porque não há palavras que as substituam em determinado contexto. Mas, de uma maneira geral, a repetição de palavras dentro do texto dissertativo-argumentativo deve ser evitada, quando possível.

#### 6.1.3.1 Análise da produção diagnóstica

##### Quadro 23 - Recorrência de elementos coesivos

*“Muitos até tentam fingir que são “héteros” com medo de serem julgados ou debochados pela sociedade, muitos não demonstram serem “LGBT”, justamente por conta da sociedade que vivem criticando achando que estão corretos, pois na verdade eles só acham mesmo que estão sendo corretos (grifos da autora)”.* (aluno C)

Fonte: Dados da pesquisa

Na produção do aluno C, percebemos o quanto é recorrente, no mesmo período, a repetição de palavras, tornando o texto um tanto quanto cansativo. As expressões “muitos”, “sociedade” e “corretos” aparecem repetidas em um pequeno período. O aluno poderia ter diversificado as palavras, ao invés de repeti-las. Compreende-se que a ausência de conectivos entre as frases faz com que se torne uma leitura travada, sem a fluidez desejada. A partir das atividades desenvolvidas, foi solicitado aos alunos que reescrevessem a redação, e percebemos uma grande diferença entre a primeira e segunda produções.

## 6.1.3.2 Análise da produção final

## Quadro 24 - Diversidade de elementos coesivos

*“O Estados Unidos é um dos poucos países que apoia os homossexuais, ocorrendo então até casamentos gays. Esse país tem uma maior potência, onde muitos outros países tentam se espelhar nele (grifos da autora)”.* (aluno C)

Fonte: Dados da pesquisa

No recorte pertencente ao mesmo aluno apresentado na versão inicial, nota-se que apresentou recursos coesivos com mais variedade. A exemplo, podemos citar a substituição da palavra “Estados Unidos” pelas palavras “países” e “esse país” e “nele”. Já a palavra “homossexuais” foi substituída pela palavra “gay”. Percebemos a partir do segundo recorte o quanto a variação em relação a elementos de coesão é importante para a fluidez do texto, tornando a leitura mais clara e com menos truncamentos.

## Quadro 25 - Presença de operadores argumentativos

*“A homofobia na sociedade é um assunto muito discutido nos dias atuais, a sociedade é muito rigorosa. A orientação sexual deve ser de livre escolha, portanto, deve ser aceita. Porém, existe um conflito dentro da sociedade, alguns pensam quando nasce homem, tem que morrer homem. Mas algumas pessoas não pensam assim e com isso acaba ocorrendo esses conflitos.”*- grifos da autora (aluno Q)

*“Com isso, constatamos que as crianças irão ver isso como uma situação de normalidade. A influência política está piorando, pois mais de 70 países a homossexualidade é considerada crime e em mais de 6 deles é considerado pena de morte de acordo com a Unesco é claro”* - grifos da autora (aluno S)

*“Atualmente, segundo o jornal G1 a cada 19 horas no Brasil, um homossexual é morto ou comete suicídio por conta da sua orientação sexual. Nesse sentido, algo deve ser feito para alterar essa situação, logo, devem ser criadas políticas públicas para assegurar e proteger essa comunidade contra a homofobia.”*- grifos da autora (aluno A)

*“Desde os séculos passados que o número de pessoas que se revelam homossexuais vem crescendo, e, junto com isso é cada vez mais comum as ocorrências de homofobia na sociedade atual, seja por redes sociais, ou em escolas, lugares públicos, até mesmo no ambiente familiar. Contudo, esse é um dos grandes problemas no nosso cotidiano, o fato das pessoas não respeitarem e/ou aceitarem o próximo.*

*[...]Hodiernamente, a homofobia ainda não é considerada crime, entretanto, em alguns países ser homossexual pode te levar até mesmo a condenação de morte”*- grifos da autora (aluno R)

*“Atualmente, a homofobia tem se propagado muito, pois, esta classe LGBTQ+ está tentando ocupar seu devido lugar na sociedade, ao mesmo tempo que as pessoas que cresceram com a mente fechada para as “coisas novas” estão criando algo chamado conservadorismo ou masculinidade tóxica[...]*” - grifos da autora (aluno F)

Fonte: Dados da pesquisa

Com a atividade relatada sobre os conectivos, realizada a partir da plataforma Rapi10, os textos passaram a apresentar também uma variedade quanto ao uso de operadores argumentativos, tais como grifados acima: “*portanto*”, “*porém*”, “*mas*”, “*com isso*”, “*contudo*”, “*pois*”, “*entretanto*”, entre outros.

Dificuldade observada: Insuficiência de recursos coesivos. Como já tratado, os recursos coesivos são de suma importância para que haja uma fluidez no texto. A sua ausência ou insuficiência traz prejuízos a sua qualidade.

#### 6.1.3.3 Análise da produção diagnóstica

Quadro 26 - Ausência ou insuficiência de recursos coesivos

*“Sendo a razão de sua certeza sua argumentação rival onde naturalmente um casal homossexual não reproduz mas a biologia é capaz de no futuro com o avanço científico talvez mudar isso.”* (aluno D)

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebemos, a partir do recorte do texto do aluno D, que a única expressão utilizada por ele para evitar a repetição foi a palavra “isso”, referindo-se à incapacidade de um casal homossexual se reproduzir. No entanto, no corpo do texto, existe a palavra “sua” duas vezes. Por estarem colocadas de uma maneira não produtiva dentro do texto, isso interfere na sua compreensão.

#### 6.1.3.4 Análise da produção final

Quadro 27 - Presença de recursos coesivos variados

*“Ver então que a homofobia afeta de forma direta ou indireta a todos, ainda no contexto de **Alan Turing**, se **o mesmo** não tivesse contribuído com progresso tecnológico a qual **ele** faz parte a Alemanha Nazista poderia de ter ganhado, mesmo tendo **ele** contribuído através do desenvolvimento de **uma cópia da encriptadora** alemã. **Enigma** para qual permitio decifrar todos os códigos encriptografados pela **mesma**, **ele** foi a mando do governo inglês condenado por **sua** sexualidade”* - grifos da autora (aluno D)

Fonte: Dados da pesquisa

Fazendo a análise de um trecho da redação do mesmo aluno, já na versão final, percebemos a grande diferença quanto ao uso de recursos coesivos, como, por exemplo: “*Alan Turing – o mesmo – ele - sua*”; quanto às palavras “*uma cópia da encriptadora – enigma – mesma*”. Este aluno teve um avanço muito significativo, e, de uma maneira particular, na competência IV, compreendendo a necessidade de variar a presença de palavras que favoreçam a coesão.

## 6.2 Evidências através da plataforma *web* Rapi10

Paralela às ações envolvendo estratégias para argumentação que já foram aqui evidenciadas, utilizamos a plataforma *web* Rapi10 para desenvolver nosso trabalho, com o uso de materiais de pesquisa no próprio ambiente, tanto no ambiente do estudante quanto do professor, bem como ferramentas para correção (ambiente do professor) e recursos para feedback (ambiente do aluno). A primeira versão da redação foi corrigida através da plataforma, a partir do momento que cada estudante logou o sistema para poder entrar. Esta atividade, além de facilitar o processo de correção e retorno mais rápido ao aluno, incentivou a fazer uso de ferramenta tecnológica para acessar os materiais lá expostos. Salientamos que, para a realização deste projeto, foram utilizados apenas alguns dos materiais existentes. No entanto, existe mais material a ser consultado, a exemplo dos vídeos institucionais e externos. Após a primeira postagem no sistema, o estudante permaneceu com a folha de redação consigo, juntamente com o portfólio que foi construído ao longo das etapas da pesquisa, com o arquivamento de todo o material utilizado. Este material serviu de subsídio para a reescrita ao final de todo o processo.

Após a reescrita, os alunos foram divididos em duplas de maneira com que cada um lesse a redação do seu colega e pudesse contribuir dando sugestões de melhoria. Após essa etapa, os estudantes eram convidados a fazer as alterações, caso existissem e novamente postar a segunda versão na plataforma Rapi10, para que fosse corrigida no sistema, contribuindo também para gerar os gráficos que ajudaram na análise dos resultados. Uma das possibilidades de acompanharmos o rendimento individual e das turmas envolvidas é através da apresentação de relatório geral e de gráficos de acompanhamento. Quanto a isso, iremos compartilhar os resultados que constam na plataforma, sendo possível traçar um paralelo entre a redação diagnóstica e a redação final.

Figura 37 - Relatório obtido através da plataforma

**RAPI10**

continua

Relatório de redações									
Data	Serie	Tema	Professor	C1	C2	C3	C4	C5	Nota
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	160	120	120	40	560
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	160	160	80	80	600
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	80	80	80	40	400
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	120	120	120	80	560
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	200	160	120	120	720
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	120	80	120	40	480
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	120	120	120	120	600
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	80	80	80	80	440
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	160	160	160	160	40	680
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	80	80	80	80	0	320
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	200	160	160	160	800

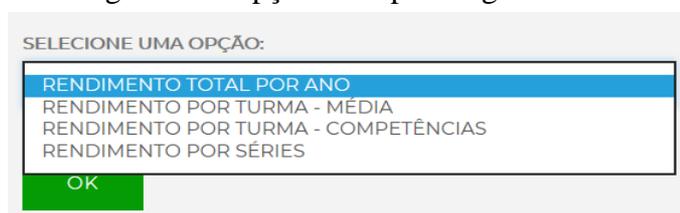
conclusão

30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	80	80	80	80	80	400
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	80	120	120	120	120	560
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	120	80	120	80	520
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	160	120	120	120	120	640
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	80	80	40	80	80	360
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	160	120	120	120	640
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	80	80	80	0	360
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	160	200	160	120	120	760
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	120	120	120	120	600
15/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	160	120	120	120	640
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	80	80	80	80	40	360
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	200	160	160	160	800
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	80	80	120	80	480
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	120	120	120	80	560
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	160	200	200	160	200	920
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	80	80	120	0	400
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	200	160	120	200	800
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	120	120	80	40	480
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	200	160	120	120	720
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	120	80	80	120	0	400
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	160	200	160	160	120	800
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	80	120	80	80	40	400
14/01/2019	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual 2	Clair	120	160	120	120	160	680
30/10/2018	9º ano - EF	A homofobia na sociedade atual	Clair	80	80	80	80	40	360

Fonte: Plataforma Rapi10.

No relatório acima, constam as notas das 36 redações – 18 produções diagnósticas e mais 18 redações finais. O relatório é constituído por 6 colunas: o nome do estudante (foi suprimido por questão de ética), a data de correção, a série a qual o aluno pertence, o título da redação, o nome do professor corretor, a nota por competência. A primeira linha corresponde à redação diagnóstica e a segunda linha, corresponde à segunda produção. Através desse relatório de notas, podemos perceber que houve um aumento na nota da primeira para a segunda versão.

Figura 38 - Opções de tipos de gráficos

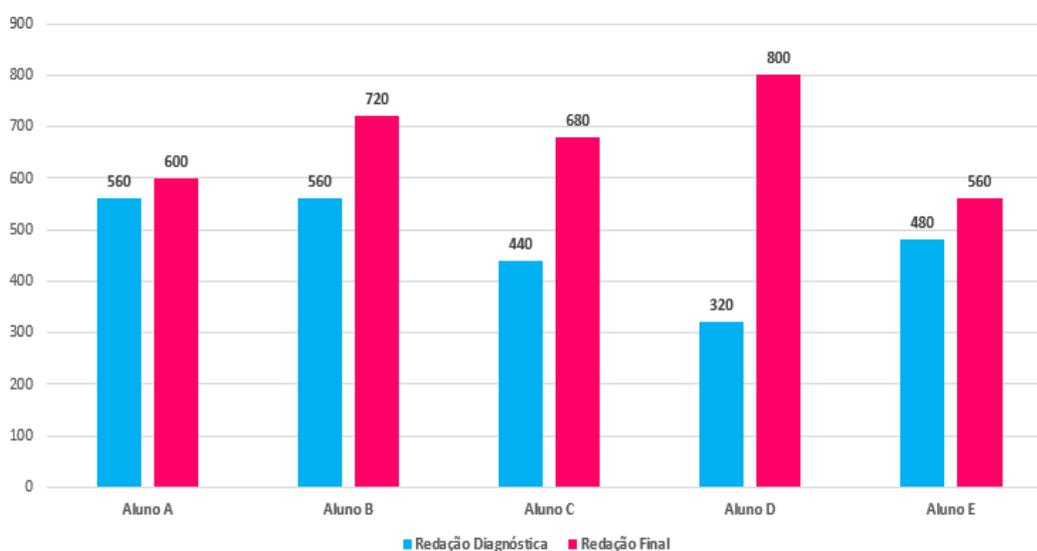


Fonte: Plataforma Rapi10.

Existe a opção de escolha sobre o tipo de gráfico que se queira consultar: rendimento total por ano, rendimento total por turma - média, rendimento por turma-competências e o rendimento por séries.

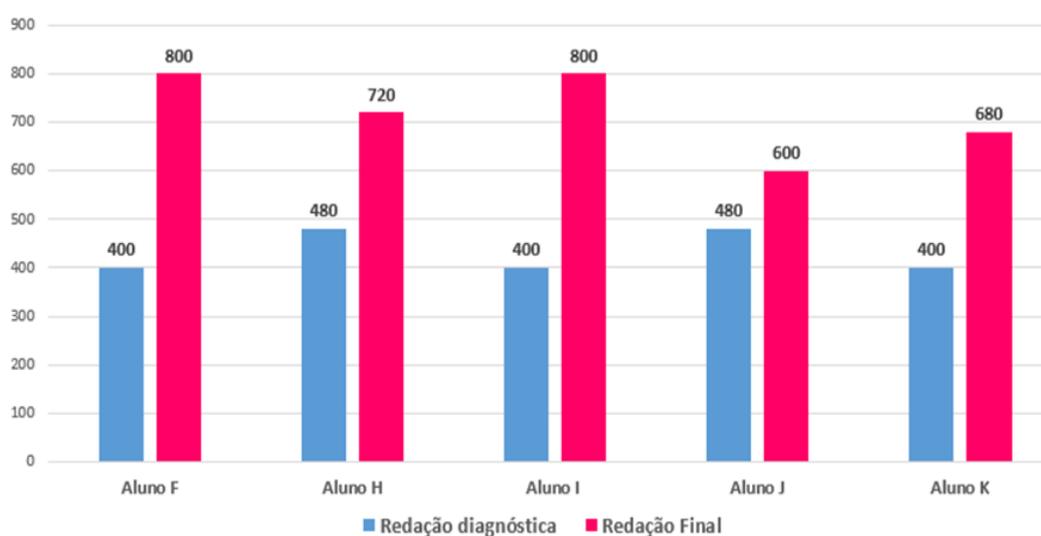
Abaixo apresentaremos gráficos produzidos pela própria autora acerca do desempenho de cada estudante, traçando uma comparação entre a primeira produção e a segunda produção, baseada na correção feita a partir da plataforma *web*. Ressaltamos que cada estudante é representado por uma letra do alfabeto. Como já citado, participaram da pesquisa, 18 estudantes.

Gráfico 5 - Comparativo entre a primeira e última redação



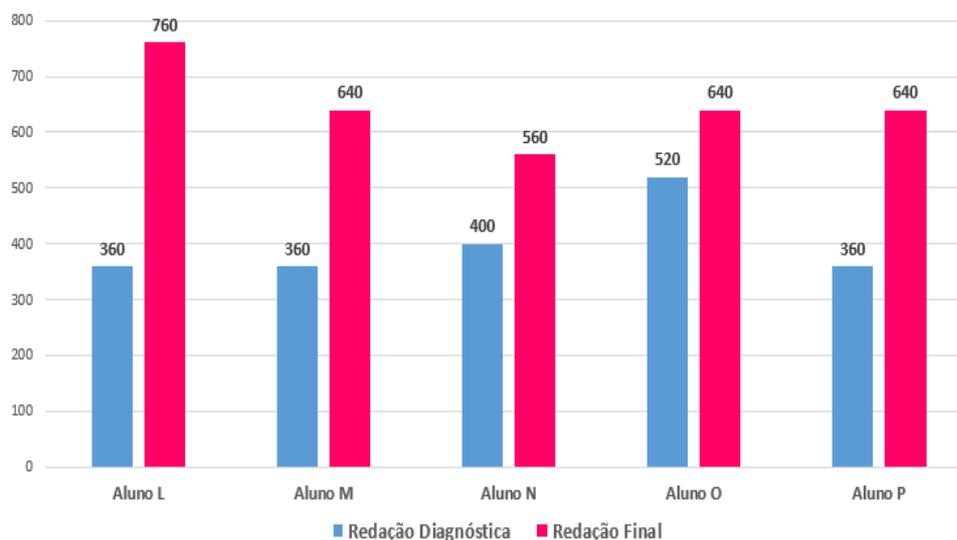
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 6 - Comparativo entre a primeira e última redação (continuação)



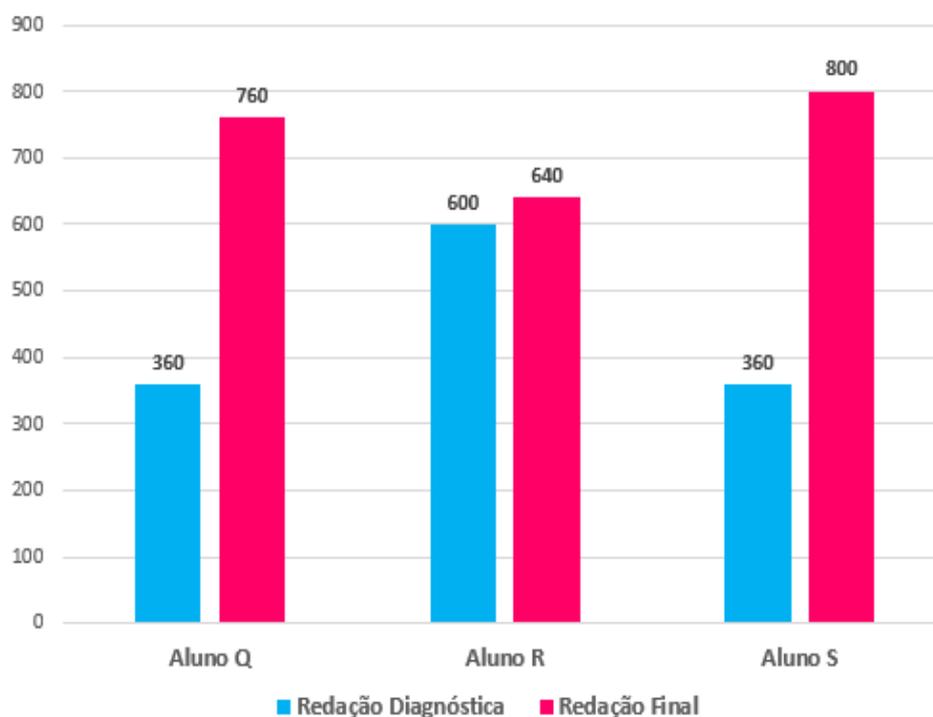
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 7 - Comparativo entre a primeira e última redação (continuação)



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 08: Comparativo entre a primeira e última redação (continuação)



Fonte: Elaborado pela autora.

Durante a aplicação do projeto, pudemos dizer que a principal dificuldade encontrada para o seu desenvolvimento foi o fato de os alunos desconhecerem o gênero dissertativo-argumentativo. Vale salientar que o livro didático traz um breve comentário acerca desse gênero textual e que, por si só, não daria conta das especificidades a serem

trabalhadas. Assim, as oficinas de redação ao longo do segundo semestre trouxeram a possibilidade de os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental se apropriarem mais das suas características e melhorarem a sua produção textual, a partir do uso de estratégias argumentativas, como comprovado acima, a partir da socialização de alguns recortes das produções dos estudantes, bem como a partir de gráficos e relatórios gerados pelo próprio sistema, assim como gráficos e quadro produzidos pela autora.

## 7 CONCLUSÃO

Percebemos, a partir deste trabalho, que a produção textual é imprescindível ao desenvolvimento da competência discursiva do indivíduo, competência essa que está inter-relacionada à compreensão leitora, essencial à aprendizagem da escrita. Pode-se afirmar que o processo educativo, na sua totalidade, é perpassado pela construção e pelo fortalecimento da competência discursiva do aluno.

São vários os elementos que se interligam e confluem para que o estudante se torne um indivíduo competente linguisticamente, em especial como escritor. Fatores externos e internos à instituição de ensino e a constante interação prática e ideológica entre o aluno, o professor, a gestão escolar e os demais sujeitos que formam a escola são essenciais à construção e desenvolvimento do aluno competente linguisticamente. Esse desenvolvimento precisa ser intensificado dentro e fora da sala de aula, através da imprescindível e profícua interação que deve existir entre aluno, aprendizagem, professor, ensino, leituras, escritas e práticas sociais diversas.

Os resultados da pesquisa ora apresentados foram considerados pela autora muito satisfatórios, tendo em vista o público em que a pesquisa foi realizada: 18 estudantes de uma escola de ensino fundamental do município de Canindé/CE, apesar de os estudantes não terem tido acesso anteriormente ao gênero em questão: dissertativo-argumentativo. Partimos da constatação de que é preciso melhorar o ensino da produção de textos em geral, e da argumentação, em particular. A partir da inquietação inicial que dizia respeito à carência ou inabilidade para o uso da argumentação, evidenciados no Ensino Médio por conta do trabalho com o referido gênero, haja vista ser cobrado no Enem como um dos requisitos para o ingresso à universidade, hipotetizou-se que, a partir de um trabalho dirigido com estratégias argumentativas focadas, sobretudo nas competências II, III e IV do Enem, os estudantes fossem capazes de melhorar as produções textuais no ensino fundamental, com vistas à produção de redações melhor elaboradas no Ensino Médio, ampliando as possibilidades de ingresso ao nível superior por alunos de escolas públicas, possibilitando a equidade nos processos.

Para isso, procurou-se utilizar a pesquisa-ação por ser considerada a que mais se adequa à proposta do trabalho, por ser uma estratégia que visa debruçar-se sobre uma problemática existente, no caso, na área da educação, promovendo melhorias na qualidade do ensino e da aprendizagem. Como estratégia metodológica foi utilizada uma ferramenta web de correção de redações idealizada pela autora, que proporciona, através de propostas de aulas

estruturadas, um trabalho visando a melhoria da produção textual do gênero dissertativo-argumentativo. A proposta a partir do uso da ferramenta Rapi10 vai ao encontro do que preconiza a BNCC quanto ao uso das tecnologias para o fomento à pesquisa e consequentemente, maior qualidade na escrita.

Na prática, muitos alunos que estão no Ensino Médio ou que já o concluíram têm sérios problemas na produção textual, o que a nosso ver, são desproporcionais ao nível de escolaridade alcançado. Assim, pudemos perceber que a abordagem retórica pode oferecer suporte significativo para o aluno desenvolver a sua habilidade argumentativa. Nesse contexto, deve-se pensar no protagonismo discente e na responsabilidade enquanto educador da área de linguagens, quanto ao trabalho a ser feito na sala de aula de modo a superar lacunas no contexto da argumentação em textos.

Uma vez que a proposta da Redação do Enem é elaborada de forma a possibilitar que, a partir de uma situação-problema e de subsídios oferecidos, os candidatos realizem uma reflexão escrita sobre um tema de ordem política, social ou cultural, produzindo um texto dissertativo-argumentativo, esse texto será avaliado a partir das cinco competências expressas na Matriz de Referência. Para a pesquisa, interessou-nos somente as que dizem respeito à argumentação: II - Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa. III - Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista. IV - Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação. A competência I e V não fizeram parte do escopo da pesquisa.

Percebe-se que os estudantes devem não somente conhecer os problemas de cunho social, político ou cultural, mas fazer uso do repertório sociocultural adquirido por ele ao longo dos anos. O problema reside justamente nessa situação: algumas escolas não preparam os estudantes para serem atores atuantes e reflexivos sobre o seu entorno. Atividades que são desenvolvidas acerca de resoluções de problemas característicos de dada comunidade não são trabalhados em paralelo a um ato reflexivo sobre as situações que podem causar determinada condição social ou ambiental e, o que se pode fazer de fato para solucioná-lo, pensando em quais seriam os agentes responsáveis por cada ação. Desta maneira os estudantes não apresentariam tantas dificuldades para argumentar sobre uma problemática com vistas a defender uma tese, sugerindo uma proposta de intervenção. A argumentação está diretamente implicada nesse processo.

A esfera escolar ainda não se deu conta da necessidade de trabalhar a argumentação já no Ensino Fundamental e, portanto, no Ensino Médio não se consegue implantar uma cultura de estratégias argumentativas no trabalho quanto à produção textual. Situações como estas são percebidas de forma muito clara nos resultados das redações do Enem: estudantes não sabem fazer uso do repertório sociocultural, sem conseguir organizar, hierarquizar informações, selecionando-as de forma a colaborar para a defesa da tese. Estão habituados à passividade diante de problemas de ordem social, política e cultural, que, por vezes, apresentam a dificuldade em explicitar uma tese, um posicionamento.

Diante do exposto, e por acreditarmos na produção textual como um processo, afirmamos, a partir dos resultados obtidos, que é necessário haver um trabalho sistematizado de ensino do processo de escrita no ensino fundamental, envolvendo tanto o conteúdo sobre o qual se deseja escrever quanto ao modo como o texto será construído. Os livros didáticos são muito superficiais quanto a textos que se utilizem da argumentação, a exemplo do dissertativo-argumentativo.

Por sabermos da importância da interdisciplinaridade no ensino, entende-se que as disciplinas de ciências humanas tratam de assuntos polêmicos de uma forma passiva, ressaltando que esse aspecto também se reflete na escrita. Portanto, o contexto da argumentação no discurso é essencial para que se consiga desenvolver o pensamento crítico, posicionar-se diante aos fatos mencionados para que se possa sair do senso comum, a fim de proporcionar maior reflexão, ampliar o repertório, pois só assim, o aluno saberá fazer uso das informações, selecionando-as, relacionando-as, organizando-as e interpretando-as de uma maneira mais consciente e eficaz, além de fazer uso de uma diversidade de mecanismos que possam contribuir para a construção da argumentação.

Para que esse trabalho fosse desenvolvido, fomos buscar respaldo teórico em Perelman e Tyteca (2005) que nos trouxeram importantes contribuições acerca da retórica. Compreendemos que a argumentação tem como objeto o estudo das técnicas discursivas cuja finalidade é ganhar ou reforçar a adesão às teses nas quais se está defendendo. Nesse contexto, temos o orador (aquele que apresenta um discurso) um auditório (aqueles a que visa a argumentação) e uma finalidade (a adesão a uma tese). Traçando um paralelo com o contexto escolar, temos: orador (aluno), auditório (professor ou colegas no caso de escrita compartilhada) e a finalidade (obter êxito na sua produção textual, sendo capaz de convencer o “auditório” quanto às suas teses). No contexto escolar, é necessário que o professor trabalhe com temas polêmicos de modo que o estudante exercite a sua capacidade argumentativa e seja

ofertado contextos de argumentação em textos, o que nem sempre acontece, seja pelos educadores ou pelos materiais didáticos.

Embora tenhamos orientações explícitas nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998) para o Ensino Fundamental sobre a língua portuguesa, um dos documentos precursores quanto à organização de orientações da argumentação na escrita, além da BNCC (2018) – na sua competência geral de número 7, essas não se concretizam na prática. Temos associado a isso uma metodologia quanto à produção textual que vai na contramão do uso social da escrita, uma vez que não se percebe um trabalho que desenvolva o senso crítico de maneira a contribuir para que os estudantes possam ser capazes de se posicionar diante de situações polêmicas. Sabemos que o gênero dissertativo-argumentativo contribui para essas questões, uma vez que instiga a pensar sobre um problema de ordem social, defendendo uma tese, articulando argumentos em favor dela trazidos de um repertório social variado e produtivo e, por fim, apresentando uma proposta de intervenção, fazendo uso de mecanismos linguísticos que contribuem para a construção da argumentação.

Ainda sobre as orientações dos PCN (1998) e a BNCC (2018), outra reflexão trazida a partir deste trabalho diz respeito ao uso das tecnologias em favor do processo de ensino e aprendizagem. Embora que mais antigo, os PCN (1998) já orientam sobre o uso de diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos. O que é ratificado pela BNCC (2018) na sua competência geral de número 5, que trata do uso das tecnologias na educação, utilizando-as de forma crítica, significativa, reflexiva e ética, produzindo conhecimentos e resolvendo problemas.

Por fim, este trabalho deixa a reflexão quanto à proposta do ensino de produção textual nas escolas, sobretudo os que tratam de conceitos que permeiam a argumentação (principal estratégia utilizada na vida em sociedade quando se trata de convencer ou persuadir alguém a partir de uma tese defendida). Os resultados apresentados por esse projeto confirmam que um trabalho proposto no ensino fundamental que trate de estratégias argumentativas eficazes contribuem para que o estudante desse nível de ensino possa ingressar no ensino médio com maior propriedade no processo de escrita, proporcionando-lhe êxito no processo de produção textual, sobretudo com o gênero dissertativo-argumentativo e, conseqüentemente, maiores possibilidades de ingressar no nível superior a partir da nota do Enem, haja vista a redação ter um peso bastante significativo na pontuação final, proporcionando, assim, acesso a estudantes de escolas públicas no nível superior.

Além disso, o uso de tecnologias em sala de aula apresentou-se eficaz no processo de aprendizagem, uma vez que trouxe uma série de benefícios para os alunos, como o aumento

da atenção ao que é ensinado, o estímulo à interação nas atividades escolares e o aumento da motivação para participar mais ativamente do processo de aprendizagem. O uso das tecnologias teve um papel fundamental, pois a cultura digital já faz parte do dia a dia dos estudantes, desta feita, é salutar utilizá-la como aliada nos processos escolares. O uso da plataforma *web* Rapi10, utilizada como metodologia no nosso trabalho de pesquisa, foi primordial para que a pesquisa tivesse êxito. Embora fosse um suporte para o trabalho pedagógico desenvolvido, a sua estrutura baseada no gênero dissertativo-argumentativo contribuiu sobremaneira para o resultado final do trabalho, haja vista a sua contribuição no campo da correção por parte do professor e no campo da pesquisa, uma vez apresentar-se com material variado quanto ao assunto em questão: a argumentação em textos dissertativo-argumentativos.

O desenvolvimento desta pesquisa nos trouxe a inquietação quanto a necessidade de um trabalho voltado à escolha e identificação de argumentos válidos, a partir da análise e classificação de argumentos não verdadeiros ou que não contribuem para a defesa de um ponto de vista pela sua própria natureza. O trabalho com as falácias no discurso e meios midiáticos e a forma como ela se materializa no texto torna-se significativo e faz com que haja a necessidade de um olhar para essa problemática, que, pela sua amplitude, requer desenvolvimento em pesquisa futura. Conseguimos perceber, a partir desta pesquisa, que os estudantes são envolvidos todo o tempo por falácias e não conseguem identificá-las, usando do senso comum quando solicitado a argumentar, empobrecendo assim, o seu texto. Esta foi uma lacuna existente e que esta pesquisa não conseguiu dar conta dada a sua amplitude, sinalizando, assim, a necessidade de uma continuidade em pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antonio Soares. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção.** 13ª ed. Ateliê Editorial, 2009.

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos.** 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. **Textos: tipos e protótipos.** Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante... [et al]. São Paulo: Contexto, 2019.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no Discurso.** São Paulo: Contexto, 2018.

ANDRADE, Luiz Eduardo da Silva. **A construção do argumento com figuras retóricas em textos dissertativo-argumentativos.** In.: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche. (org). **Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores.** Brasília: Cebraspe, 2016.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer.** In.: Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores. INEP. Garcez, Lucília Helena do Carmo; Corrêa, Vilma Reche, 2016.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BONINI, Adair. **A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam.** In: MEURER, J. L. et. al. *Gêneros, Teorias, Métodos, Debates.* São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.005. **Plano Nacional de Educação.** Brasília, DF: MEC, 2014

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em 20 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Matriz de Referência do Enem.** Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2012/matriz\\_referencia\\_enem.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/matriz_referencia_enem.pdf). Acesso em 20 dez. 2018.

CANTARIN, Marcio Matiassi. **A análise do texto dissertativo-argumentativo.** In.: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche. (org). **Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores.** Brasília: Cebraspe, 2016.

CASTRO, Alesandra do Vale. **A construção da argumentação em redações do 9º ano do Ensino Fundamental: uma análise de provas do Saresp 2014.** 2017. 123 f. Dissertação

(Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2016a.

\_\_\_\_\_. A argumentação persuasiva. In.: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche. (org). **Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores**. Brasília: Cebraspe, 2016b.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coord. da trad. São Paulo: Contexto, 2008.

COROA, Maria Luiza Monteiro Sales. **Coerência Textual** – Unidade 18 – Estilística, Coerência e Coesão. Programa de Gestão da Aprendizagem Escolar – GESTAR II. DIPRO/ FNDE/ MEC. 2008.

CORRÊA, Ângela Maria da Silva; MACHADO, Ida Lúcia. São Paulo: Contexto, 2008.

CRUZ, Layane Mayara Dantas da. et. al. **Argumentação, Matriz do Enem e livro didático de LP: encontros ou desencontros?** Universidade Federal da Paraíba, 2015.

DUCROT, Oswald. **O princípio da semântica geral: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1997.

ELIAS, Vanda Maria. **Texto e estratégias de coesão referencial e sequencial**. In.: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche. (org). **Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores**. Brasília: Cebraspe, 2016.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 2013

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche. (org). **Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores**. Brasília: Cebraspe, 2016.

INEP. **Redação no ENEM 2018: cartilha do participante**. Brasília, 2018. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/guia\\_participante/2018/manual\\_de\\_redacao\\_do\\_enem\\_2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2018/manual_de_redacao_do_enem_2018.pdf)>. Acesso em 14 nov 2018.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 18º ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2015a.

\_\_\_\_\_. **A Inter-ação pela linguagem**. 11ª ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015b.

\_\_\_\_\_. **O Texto e a construção dos sentidos**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015c.

\_\_\_\_\_. **A Coesão Textual**. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça, ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017a.

\_\_\_\_\_. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3ª ed, 12ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017b.

\_\_\_\_\_. **Escrever e argumentar**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017c.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. 3ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MARCUSCHI, Beth. Redação escolar: breves notas sobre um gênero. In: SANTOS, Carmi Ferraz.; MENDONÇA, Marcia.; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. (org.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MATEUS, Samuel. **Introdução à Retórica do Séc. XXI**. Universidade da Beira Rio. Portugal, Covilhã, 2018.

MELLO, Helia Coelho. **Progymnasmata - Um Presente dos Gregos: exercícios retóricos para o ensino do texto dissertativo-argumentativo**. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, UENF, Campo do Goytacazes, Rio de Janeiro, 2018.

NEVEU, Franck. **Dicionário de Ciências da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Flávia Cristina Candido de. **Um Estudo Sobre A Caracterização do Gênero Redação do Enem**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, Fortaleza/CE, 2016.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PINHEIRO, Clemilton Lopes; CORTEZ, Joilza Xavier. Teorias da argumentação na prova de redação do ENEM. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.20, n.1, p. 61-80, jan./jun. 2017.

POSSENTI, Sírio. **Indícios de autoria**. Perspectiva, Florianópolis, V.20, jan/jun 2002.

\_\_\_\_\_. **Argumentar**. In: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche. (org). **Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores**. Brasília: Cebraspe, 2016.

ROSSI, C. A culpa é sua. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 07 mar. 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz07039804.htm>>. Acesso em 14 nov. 2019.

SÁ, Kleiane Bezerra de. **Coerência e articulação tópica: uma análise a partir de redações do Enem**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2018.

SANTOS, Leonor Werneck. et. al. **Análise e produção de textos**. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos?** 7ª. ed. São Paulo: Globo, 1987.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

WESTON, Antony. **A arte de argumentar**. Gradiva Publicações Ltda. Lisboa, 1996.

## ANEXOS

## Anexo 01- Textos motivadores

**TEXTO I****A HOMOFOBIA NO MUNDO**

Ser homossexual é crime em mais de 70 países. Em – pelo menos – seis, passível de pena de morte

**CANADÁ**

Homossexuais de 15 a 34 anos têm de quatro a sete vezes mais riscos de cometer suicídio do que os heterossexuais da mesma faixa etária

**ESTADOS UNIDOS**

**80%** dos estudantes homossexuais, bissexuais e transexuais sofrem "grave isolamento social"

**53%** ouvem comentários homofóbicos por parte de professores ou da administração da escola

**28%** deixam a escola antes de obter o diploma (a evasão entre os heterossexuais é de 11%)

**19%** são vítimas de agressão física na escola

Em 40 Estados, professores podem ser demitidos por serem LGBT

Mais de **60%** dos adolescentes que tentam suicídio são homossexuais

**REINO UNIDO**

Um de cada três gays e uma de cada quatro lésbicas já foram vítimas de, pelo menos, um ataque violento. Mais de 70% foram agredidos verbalmente e em público

**FRANÇA**

De cada três pessoas que tentam suicídio, uma é homossexual. A chance de um homossexual acabar com a própria vida no País é treze vezes maior do que de um heterossexual



**NIGÉRIA, MAURITÂNIA, ARÁBIA SAUDITA, SUDÃO, IRÃ E IÊMEN**  
Homossexuais podem ser condenados à morte



**MARROCOS, EGITO, PAQUISTÃO, LÍBANO**  
Manter relações homossexuais é crime passível de prisão

Fontes: Diversidade Sexual na Educação (Ministério da Educação / Unesco), Grupo Gay da Bahia (GGB), International Gay and Lesbian Human Rights Commission (IGLHRC) e International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association (Iglta)

Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/o-mapa-da-homofobia-no-mundo.html> Acesso em 19 jun. 2015

**TEXTO II**

*A homofobia, que ainda não é considerada crime no país, provocou pelo menos 216 assassinatos de janeiro até o dia 21 de setembro deste ano, de acordo levantamento do Grupo Gay da Bahia, que, na ausência de informações oficiais sobre uma prática que não é discriminada nos boletins de ocorrência, é referência sobre o tema no país. Segundo o grupo, em 2013 o número de assassinatos chegou a pelo menos 312 — o que corresponde a uma morte a cada 28 horas.*

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/no-brasil-homofobia-matou-ao-menos-216-em-2014-14087682> Acesso em 19 jun. 2015

**TEXTO III**

Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/28476-charges-setembro-2014#foto-437530> Acesso em: 19 jun. 2015

**TEXTO IV**

*Mais da metade dos 513 deputados que assumem a Câmara a partir deste domingo (1º) é favorável a transformar em crime a prática da homofobia (discriminação contra homossexuais). Levantamento do G1 indica que 261 (50,8%)*

apoiam a punição a quem praticar ato discriminatório; 136 (26,5%) são contra; e outros 116 (22,6%) não responderam.

A criminalização da homofobia causou polêmica na disputa presidencial no ano passado. Em agosto, um dia após divulgar seu programa de governo, a então candidata a presidente pelo PSB, Marina Silva, retirou o trecho que defendia um projeto em tramitação no Congresso que criminaliza a homofobia.

À época, a assessoria da campanha de Marina informou em nota que o texto inicialmente divulgado não retratava “com fidelidade os resultados do processo de discussão sobre o tema durante as etapas de formulação do plano de governo”.

Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/01/mais-da-metade-dos-deputados-apoia-criminalizar-homofobia.html> Acesso em: 19 jun. 2015

### TEXTO V

A palavra homofobia significa a repulsa ou o preconceito contra a homossexualidade e/ou o homossexual. Esse termo teria sido utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos em meados dos anos 70 e, a partir dos anos 90, teria sido difundido ao redor do mundo. A palavra fobia denomina uma espécie de “medo irracional”, e o fato de ter sido empregada nesse sentido é motivo de discussão ainda entre alguns teóricos com relação ao emprego do termo. Assim, entende-se que não se deve resumir o conceito a esse significado.

Podemos entender a homofobia, assim como as outras formas de preconceito, como uma atitude de colocar a outra pessoa, no caso, o homossexual, na condição de inferioridade, de anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa, ou seja, da heterossexualidade como padrão, norma. A homofobia é a expressão do que podemos chamar de hierarquização das sexualidades. Todavia, deve-se compreender a legitimidade da forma homossexual de expressão da sexualidade humana.[...]

Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/psicologia/homofobia.htm>. Acesso em 01 de agosto de 2018

### TEXTO VI



Disponível em: <http://www.uniaohomofetiva.com.br/2013/10/pesquisa-da-fundacao-perseu-abramo.html>. Acesso em 01 de agosto de 2018.

### TEXTO VII

Os valores fundamentais são aprendidos, em primeiro lugar, em casa: nos exemplos dos pais, nas conversas familiares, nas escolhas feitas a cada dia, em todos os âmbitos: na forma lidar com a própria saúde, o modo de usar o dinheiro, a maneira de lidar com os funcionários, o jeito de ver o trabalho, e assim por diante. No que se refere à homofobia, até simples piadinhas ditas pelos pais, “brincando” com a sexualidade de amigos e conhecidos, podem representar lições implícitas sobre o que

é “normal” ou “fora do padrão”, o que é um comportamento “caricato” e deve ser rejeitado, o que é valorizável ou desprezível.

Isso também acontece na escola. É mais comum do que se pensa que os professores façam chacotas a respeito de gays e, ao mesmo tempo, não se envolvam quando um estudante sofre bullying ou é ridicularizado com apelidos de conotação sexual. Inclusive quando a escola tem a educação para a diversidade no seu projeto pedagógico, na prática, é comum que os conflitos de convivência sejam apagados, em vez de ser tratados abertamente.

Falta preparação dos professores para lidar com situações que serão cada vez mais comuns. Nos estudos de gênero, avançou-se muito nas orientações sobre termos e abordagens, para não reforçar preconceitos com a própria linguagem, o que é pouco conhecido na escola.

Senão, vejamos: sexualidade é “opção” ou orientação? As escolas conhecem a ideia de “identidade de gênero”, que se liga mais à maneira como a pessoa se vê, do que ao órgão sexual com que nasceu? E que tais identidades podem não ser simplesmente binárias? Independentemente de incluir ou não no currículo, os professores devem conhecer a relevância destas questões tanto quanto os avanços na matemática ou na física, para fazer uma educação alinhada à contemporaneidade e com o devido respeito pelos seus estudantes.

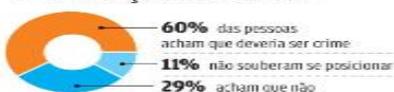
Felizmente, como disse Jean Paul Sartre, “nós não somos o que fazem de nós, mas o que fazemos com o que fazem de nós”. Por mais que vivamos numa cultura marcada por visões radicais – como o atentado de Orlando comprovou de forma dolorosa – pais e escolas podem educar as crianças para pensar fora da caixa e questionar os estereótipos. Só novas mentes, abertas e livres, podem construir um mundo que seja capaz de dialogar e conviver.

Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/lgbt/homofobia-comeca-em-casa-e-na-escola-por-andrea-ramal/> Acesso em: 01/08/2018

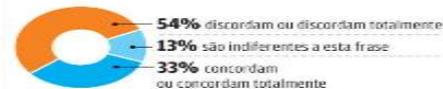
## TEXTO VIII

### O que o Brasil pensa a respeito

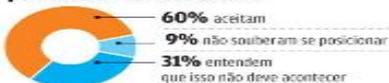
#### Criminalização da homofobia



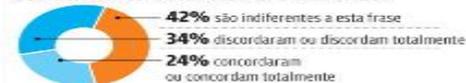
#### “Só é família a união entre homem e mulher”



#### Adoção de crianças por casais homossexuais



#### “O brasileiro vem se tornando menos homofóbico nos últimos anos”



#### “A homossexualidade não é uma coisa natural e deve ser combatida”



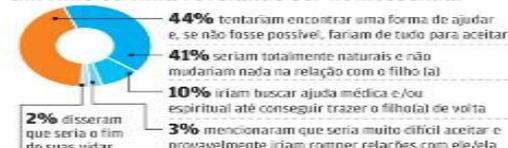
#### “TV não deveria exibir beijos gays e casais homoafetivos”



#### Violência homofóbica



#### Como você reagiria caso tivesse um filho ou filha revelando ser homossexual



Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/correcao-de-redacao/temas/stoodi-homofobia-no-contexto-escolar-brasileiro/> Acesso em 01/08/2018

## Anexo 02: Textos do Aluno A

## Redação Diagnóstica

01	• A homossexualidade não é uma invenção do
02	século XXI, desde (da) época da pré-história
03	há indícios de relações afetivas entre pessoas do
04	mesmo sexo, mas como costamos no século
05	"liberal" esta causa está sendo <sup>todo</sup> mais debatida.
06	1. Por conta de uma sociedade criada em
07	um ambiente conservador e, de muitos vezes,
08	patriarcal, os homossexuais ou a comunidade
09	de LGBT sofrem discriminação e repúdio da
10	maioria da população, o que podemos chamar
11	de homofobia, que é a ódio dos mesmos.
12	• Pesquisas apontam que, no Brasil, a
13	cada 99 horas uma pessoa é morta por conta
14	da sua orientação sexual, sendo uma
15	estatística muito preocupante e que o go
16	verno não cria políticas públicas para
17	resolver o problema. Principalmente a es-
18	timidade conservadora e religiosa gera
19	o ódio na comunidade LGBT.
20	• Para isso medidas são necessários para
21	resolver o problema, como: acolhimento
22	de homossexuais que são abandonados
23	pela sua família, conscientização e campa-
24	nhas a favor da comunidade entre outros
25	medidas.
26	

## Redação Final

01 Atualmente, segundo o jornal G1 a cada 19 horas  
 02 no Brasil, um homossexual é morto ou comete suicídio  
 03 por conta da sua orientação sexual. Nesse sentido, algo  
 04 deve ser feito para alterar essa situação, logo, diversas  
 05 entidades políticas públicas para assegurar e proteger essa  
 06 comunidade contra a homofobia.

07 No mundo, ser homossexual ainda é crime em ma-  
 08 is de 70 países e em 6 pode ser considerada puni-  
 09 mente, além disso 60% dos adolescentes que cometem sui-  
 10 cídio são homossexuais e em média 70% da comunidade  
 11 LGBT (lésbica, gay, bissexuais, travestis e transsexuais)  
 12 já sofreu violência verbal em público.

13 No Brasil, os índices de violência contra essa comu-  
 14 nidade são muito elevados, sendo considerado o país  
 15 com a maior taxa de homofobia no mundo, principalmente  
 16 nas escolas onde jovens que são homossexuais sofrem  
 17 com "piadinhas" e até mesmo violência física. Isso se  
 18 deve ao fato de que na grade curricular das escolas os  
 19 alunos não estudam matérias de diversidade e respeito  
 20 social, além de os professores não terem formação  
 21 para lidar com o assunto em sala de aula.

22 Contudo, medidas são necessárias para reverter o im-  
 23 passe. O poder legislativo deve aprovar o Projeto de Lei 1221  
 24 2006, que criminaliza a homofobia para diminuir o índice  
 25 de violência no país e proteger essas pessoas de violência,  
 26 principalmente nas ruas. Além de o Ministério de Edu-  
 27 cação fornecer livros e palestras para capacitar educado-  
 28 res com o objetivo deles lidarem com este assunto  
 29 em sala de aula, lidando com a homofobia no  
 30 ambiente escolar.

## Anexo 03: Textos do Aluno B

## Redação Diagnóstica

1	Homossexualidade e assuntos referentes à idealização de
2	gêneros geram bastante polêmica atualmente, mesmo que já este-
3	jamos em pleno século XXI, ainda é comum ocorrer com muita
4	freqüência de notícias à respeito de novos casos de homofobia que
5	abrangeem desde expulsão até barbaros assassinatos, e são es-
6	tes que dividem toda uma população há os que apoiam estas prá-
7	ticas violentas e também quem se opõe com todos os recursos.
8	No Brasil, a vida de um homossexual pode ser muito an-
9	tesada nesse país possui o título de noção que mais mata
10	e violenta a população LGBTQ+, isso é alarmante e poron-
11	mos para pensar que estamos à frente de países onde reina
12	a violência como a Índia o que descubro um argumento mui-
13	to comum, que isso ocorreria pelo fato do Brasil ter uma po-
14	pulação muito grande já que a Índia possui mais de 1 bilhão
15	de habitantes, enquanto aqui pouco mais de 200 milhões.
16	Os principais meios onde são frequentes relatos de atos homo-
17	fóbicos são, contraditoriamente, os locais onde deveria haver maior aten-
18	ção com isso, como escolas, grandes empresas e locais de serviço pu-
19	blico (hospitais, delegacias, etc). Este fato faz com que seja comum ca-
20	sos de isolamento por parte dessas pessoas, e que infelizmente
21	ocorrem tendo como resultado o suicídio praticado que vem se
22	torrando comum.
23	Mas o que fazer para reverter essa situação? Bem, o primeiro pen-
24	so seria respeitar nesse país como estado laico, pois a maioria
25	esmagadora de casos de homofobia ocorre por motivos religiosos, além
26	de haver grupos que perseguem inconscientemente homossexuais, como
27	a bancada evangélica, que costumam utilizar seu dinamismo boa parte
28	dos recursos que o governo tenta dar em prol dessa população
29	

## Redação Final

1	Durante a Segunda Guerra Mundial era comum que homossexuais fossem presos e levados às câmaras de gás do então regime nazista não foi somente no período que houve as intensas perseguições à essa minoria, apesar dos esforços dos educadores em tentar, de alguma forma, amenizar este problema, a maioria das pessoas ainda continua com pensamentos ignorantes embasados em regras religiosas que sempre obrigadas a engalhar, como se existisse alguma espécie de verdade absoluta.
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	Alguns anos atrás o mundo foi surpreendido por um ataque terrorista a uma base gay nos Estados Unidos o atirador um extremista islâmico, religião que prega forte perseguição aos homossexuais, a mérito de comportamento e da relação entre pessoas do mesmo sexo e criminalizada na maior parte dos países árabe alguns chegam a cometer crimes de morte como medida preventiva. Também perseguição por isso que os índices de suicídios entre LGBT's seja absurdamente altos, nos Estados Unidos, por exemplo, mais de 60% que tentam tirar sua própria vida são homossexuais.
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	No Brasil, a homofobia ainda não é considerada crime, fato que torna nesse país palco de inúmeros eventos de extrema preconceito.
18	
19	Segundo o Grupo Gay de Bahia em 2013 houve um pelomeno 312 assassinatos de pessoas homossexuais o que equivale a cerca de 1 morte a cada 29 horas.
20	
21	Embora pareça algo assustador, uma parte da população ainda se vê indiferente ao que estas pessoas sofrem.
22	
23	Diante de todos os problemas citados acima percebemos que enquanto não houver palestras, debates, conscientizações, entre outros eventos de respeito ao assunto o número de mortes só vai aumentar. É necessário a união entre os governantes e os educadores para que juntos possam investir em projetos e leis que visem minimizar, a máxima possível o preconceito que tem ocorrido com milhares de vidas ao longo do tempo.
24	
25	
26	
27	
28	
29	O Brasil deve progredir para todos nós somente para alguns.
30	

## Anexo 04: Redações do Aluno C

## Redação Diagnóstica

01	A Namíbia está considerada in duas guias de turismo, mas se que-
02	tando mais do que qualquer outro destino sendo fulgurante pela beleza
03	de. Existem desde "sulista" com "deserto" sempre que falamos, e quando
04	uma de cada de cada, mas as palavras de uma "sulista" com "vale
05	de" ou "famosa" com "deserto", além de. Uma palavra para a sul-
06	ista que não são "sulista" com "deserto" em uma sulista palavra
07	palavra de uma de uma palavra, e sempre sulista em fulgor de
08	uma de cada de cada.
09	Aqui uma dia, a Namíbia é fulgor tanto com a beleza de uma
10	também com a beleza. Da beleza não de que não fulgor, cada sulista
11	de uma de cada de cada, além de. Uma palavra para a sul-
12	ista, uma palavra. Cada palavra sulista, cada palavra sulista
13	quando uma de cada de cada, além de. Uma palavra para a sul-
14	ista, além de. Uma palavra para a sulista, cada palavra sulista
15	de uma de cada de cada, além de. Uma palavra para a sul-
16	ista, além de. Uma palavra para a sulista, cada palavra sulista
17	de uma de cada de cada, além de. Uma palavra para a sul-
18	ista, além de. Uma palavra para a sulista, cada palavra sulista
19	de uma de cada de cada, além de. Uma palavra para a sul-
20	ista, além de. Uma palavra para a sulista, cada palavra sulista
21	A Namíbia é considerada quando uma palavra para a sul-
22	ista, além de. Uma palavra para a sulista, cada palavra sulista
23	de uma de cada de cada, além de. Uma palavra para a sul-
24	ista, além de. Uma palavra para a sulista, cada palavra sulista
25	de uma de cada de cada, além de. Uma palavra para a sul-
26	
27	

## Redação Final

01	A Homofobia está relacionada ao duas questões de natureza social
02	que são relacionadas, porém, em diversidade não aceita. É muito comum
03	um "homem com mulher", assim como desde que se nasce sendo assim, o
04	"homem" ou o "mulher" que usará lá todos aqueles que se relacionam
05	relaciona com uma geração com que tudo se gradua principalmente
06	de quando se trata de um subreitor. Há vários artigos que trata
07	de relacionar a culpa com a homossexual, por exemplo, muitos não
08	relaciona a culpa que um homossexual, o erro de decisão, entre
09	deixar de ser "gradua" que a sociedade não para de ser, mas
10	no.
11	É o mesmo porque há um erro de decisão que, principalmente,
12	homossexual, a para de ser, outros são aqueles relacionados em
13	público, portanto, não mesmo relação que há um homossexual
14	em um ambiente, como por exemplo, a cada dia que se
15	passa. Se cada uma dessas que trata de decisão, uma é homossexual,
16	o caso de um homossexual usava com a justiça, não no
17	país de São Paulo e há uma relação de que um homossexual, se
18	usa, como por conta dos julgamentos, das consequências, de que
19	está, que não é um artigo científico de um homossexual.
20	O "Estado Unidos" é um dos países que aplica os
21	homossexuais, segundo estes os caracteres gays. Como por
22	uma mais política, onde muitos outros países, há um
23	mais. É uma outra política, assim como os homossexuais que não
24	estão no Brasil, assim.
25	Com as novas medidas sobre os homossexuais, há uma
26	de de há graduação com medidas, como por exemplo, há
27	uma regulamentação mais com atitudes dos homossexuais. Há
28	uma um graduação com ajuda de profissionais, como por
29	exemplo, há uma regulamentação, há uma não usavam 100% a
30	hora, mais diminuir.

## Anexo 05: Redações do Aluno D

## Redação Diagnóstica

01	A homofobia é um tema muito citado na sociedade atual, mas
02	mesmo a nível de aceitação atual um preconceito bastante maior em discussões par-
03	tiadas, uma escola é uma mídia geral, uma vez que o preconceito social cir-
04	cula é muito forte, para pessoas de 25 ou mais anos é difícil acompanhar uma
05	mudança, e não muitos não conseguiram, mas quais não são obrigatórios.
06	Para entender uma questão temos que saber o que é o preconceito
07	socialmente é dita um padrão de sociedade, família ou até de nível de uma
08	função, e porque o heterossexual não é muito um certo nível padrão? por
09	que ele diverge em um de seus pilares e heterossexualidade, tudo para o de-
10	tan e macho da família padrão, ou seja um homem e uma mulher, daí surgem
11	em conflitos, discriminação e preconceito.
12	É realmente um preconceito, muito devido ao fato de que não percebemos
13	valor para um preconceito que ele está errado, por que biologicamente falando ele
14	está praticamente certo.
15	Desde a razão de sua crítica sua argumentação rival e não naturalmente um
16	canal homossexual não reproduz, mas a biologia é capaz de no futuro
17	com a avanço científico talvez mudar isso.
18	

## Redação Final

1 A homofobia é um tema muito discutido na sociedade atual, mas  
 2 nos assim os casos de homofobia persistem no Brasil, o que por sua  
 3 vez é um problema já que varias pessoas podem sofrer agressões físicas ou  
 4 verbais, para além de viver com o risco de ser julgado pelas outras pessoas,  
 5 o mesmo já causou a morte de pessoas como Alan Turing que na época  
 6 estava em meio a WWII, onde mesmo ele tendo feito inúmeras conquistas a  
 7 guerra foi condenado a castração química.

8 Ver então que a homofobia afeta de forma direta ou indireta a todos;  
 9 ainda no contexto de Alan Turing, se o mesmo não tivesse contribuído com  
 10 progresso tecnocientífico a qual ele fez parte a Alemanha Nazista poderia  
 11 de ter ganhado, mesmo tendo ele contribuído através do desenvolvimento  
 12 de uma copia da encriptadora alemã Enigma para qual permitiu de-  
 13 cifrar todos os codigos encriptados pela maquina, ele foi a mandado  
 14 governo inglês condenado por sua sexualidade.

15 No Brasil há muito ocorre casos de pessoas que cometem suicidio me-  
 16 diante a agressões sofridas, ou mesmo se isolam do resto da sociedade,  
 17 onde por não haver uma lei que criminalize a homofobia os que ocorre que mu-  
 18 lher não são punidos, e que isso por consequencia que os mesmos não medem  
 19 as causas de suas ações, levando a mais homofobia; varias são os fatores  
 20 que levam a esses casos, como por exemplo a religião em especial a musulmana  
 21 que lidera ranking de homofobia sendo até crime.

22 Mediante a esses fatos, percebe-se que o estado venha a intervir dire-  
 23 tamente nessa questão, com leis, a qual até já existe o projeto restando ser  
 24 aprovado pelo congresso; através de palestras de conscientização apoiadas  
 25 pelo poder da lei, implementada a população brasileira, espera-se diminuir  
 26 os casos de homofobia, mas o primeiro resultado seriam de meios a longo prazo  
 27 e quem sabe seja reduzido a zero.

28

## Anexo 06: Redações do Aluno E

## Redação Diagnóstica

01	A homossexualidade significa presença em natureza de
02	homossexual ou heterossexualidade. Segundo pesquisadores
03	esse termo foi usado pela primeira vez no EUA em
04	1950 e se difundiu pelo mundo com muita rapidez
05	depois. Podemos definir a homossexualidade como uma espécie
06	de "modo inercial" do homossexual na sociedade atual.
07	O termo pode ser entendido como um processo
08	de ação, é habitual que um homossexual tenha modo
09	de enfrentar a sociedade com modo de enfrentar a so-
10	ciiedade. Exatamente melhor a presença de ação, ele vem
11	da sociedade como um ato de estar o homossexual
12	em um nível de inferioridade, e esse ato é múltiplo
13	dos pontos homossexuais.
14	Não tem em uma sociedade homossexual, onde o que
15	não era e ainda não é usado, é que vai logo não
16	é uma espécie sexual muito menos uma classe, muitas
17	vezes, até em uma sociedade sexual de forma biológica
18	em um mesmo contexto.
19	É fundamental a conscientização da sociedade, pois não
20	é nada, pois, de que depende para homossexualidade
21	por causa de cultura. A sociedade tem que passar a per-
22	ceber que propõe ou aceita diferenças e importante face-
23	qu岸mente trazer uma melhor compreensão no relaciona-
24	mento de ser, religião e um mesmo contexto. Porém há
25	para esse ato, sociedade com muitos atos idênticos.
26	
27	

## Redação Final

01 Segundo pesquisas, o termo homofobia foi usado pela primeira  
 02 vez no EUA em 1940 e só se difundiu pelo mundo em média  
 03 de 20 anos depois. Estudos apontam que um grande nível  
 04 de heterossexuals também vive em um nível de 15 a 34 anos. Por  
 05 meio disso podemos concluir que a homofobia na sociedade atual  
 06 é um fato bem preocupante. Buscando "medo irracional" ao homossexual  
 07 é lamentável que um homossexual tenha medo de enfrentar  
 08 a sociedade por medo de estereótipos da mesma. Nos dias de hoje não  
 09 só a sociedade mostra isso, como já visto também em TVs, revistas,  
 10 jornais, jornais, jornais e principalmente nos vídeos sociais. Se po-  
 11 dermos pensar em termos de cada três pessoas que têm preconceito du-  
 12 ras pensam problemas, onde o homossexual está presente incluindo  
 13 nesse número. Nos estudos também não poderia deixar de ser elen-  
 14 do, como tem muitos pesquisas onde em 40 estudos basicamente, pro-  
 15 fessores que são LGBT podem ser identificados, eu vejo, muita das vezes  
 16 a própria homofobia, eu outros tipos de preconceito vem da sociedade.  
 17 O que deve ser levado em consideração é que ser gay nunca  
 18 foi, nem é, uma opção sexual, muito menos uma ideologia e é por  
 19 isso mal entendido que o homossexual é estigmatizado em um nível  
 20 de inferioridade. Na obra cinematográfica "Meu" a protagonista tem  
 21 uma assilação pessoal por ter afetos homossexuais sendo rejeitada  
 22 por grande parte da sociedade, gerando nela grande insegurança.  
 23 Levando em consideração o alto nível de homofobia, algo para  
 24 solucionar o problema deve ser feito. O que vem produzindo  
 25 para os homossexuais e pessoas homossexuais, como a participação  
 26 do governo juntamente com os estados por meio de políticas tanto no  
 27 meio acadêmico quanto no social, trazendo especialistas da área  
 28 para trabalhar com a finalidade de minimizar a homofobia, conscienti-  
 29 zando o homossexual de que todos devem ser respeitados em sua  
 30 são principalmente as diferenças, sendo homossexual ou não.

## Anexo 07: Redações do Aluno F

## Redação Diagnóstica

01	A homofobia é algo que inesperadamente vem sendo propa-
02	gada nos últimos anos, mesmo a maioria das pessoas
03	percebendo que usar termos chulos como "viadinho", "gauzão"
04	ou até mesmo "mulherzinha", é algo muito homofóbico mes-
05	mo sem a intenção de ofender ao LGBT, juntamente com
06	o avanço da tecnologia, a consciência das pessoas para
07	com a sexualidade das pessoas foi se tornando cada
08	vez mais lucida, assim fazendo as pessoas terem conhe-
09	cimentos sobre a comunidade LGBT para poder criar opi-
10	niões mais concretas sobre o assunto.
11	O lugar mais comum para que ocorra a homofobia
12	é a internet, pois é um lugar no qual não se tem a
13	necessidade de mostrar o rosto como em uma conversa
14	cara a cara por exemplo, por isso não é difícil achar
15	homofóbicos no youtube por exemplo, pode ser no face-
16	book com uma certa facilidade. O maior problema
17	da homofobia é o fato de diversas pessoas inocentes
18	aparecerem na rua ou sofrerem agressões verbais
19	tanto na internet quanto cara a cara (mesmo que
20	raramente nestes casos).
21	Porém, mesmo com tudo isso, ainda é bem fácil
22	achar "ex-homofóbicos" na internet mesmo, ou tam-
23	bém achar líderes religiosos com sérias opiniões homofó-
24	bicas contra pessoas inocentes.
25	

## Redação Final

01	Atualmente, a homofobia tem se propagado muito,
02	pois, esta classe LGBTQ+ está tentando ocupar seu devido
03	lugar na sociedade, ao mesmo tempo que as pessoas
04	que cresceram com a mente fechada para as "coisas
05	novas" estão criando algo chamado conservadorismo
06	ou masculinidade tóxica (referente a um pensamento preconcei-
07	toso e machista na maioria das vezes, na qual senti-se in-
08	ferior as praticas determinadas após por achar coisa de "mu-
09	lherzinha" ou até mesmo coisa de "gay")
10	Um melhor aprofundamento neste tema leva à descobertas
11	de algumas informações, como que 27% dos homossexuais e bis-
12	sexuais declaram sofrer ou ter sofrido preconceito no ambiente
13	escolar, ou que 60% dos professores admitem não ter base para
14	lidar com a diversidade sexual, fazendo assim, com que diver-
15	sas pessoas desistam dos estudos por não se sentirem aceitas
16	naquela meio escolar.
17	Uma prova de que os homossexuais estão cada vez mais tomando
18	do seu lugar na sociedade, é que em 2006 a revista Time elegeu
19	o quadrinho "Fun Home", uma HQ que conta as experiências da
20	autora que é homossexual, como primeiro lugar entre os cem
21	melhores livros do ano.
22	Levando em consideração que a homofobia tem origem no
23	ambiente familiar, as escolas poderiam criar movimentos para
24	ensinar as crianças que ser diferente é o que faz o ser humano
25	especial, utilizando de aulas brincadeiras a fim de promover a interação
26	social das crianças, assim fazendo com que elas cresçam sem muito preconcei-
27	to com relação à diversidade sexual, passando assim a repensar
28	antes de julgar por sexualidade, religião, raça, dentre outros
29	motivos que a sociedade atual levara como um tabu.
30	

## Anexo 08: Redações do Aluno H

## Redação Diagnóstica

1	A Homofobia é um problema bem antigo, que ganhou
2	muita força nos dias atuais, não constantemente fo-
3	lode sobre de Homofobia, mas, se que seria Homofobia?
4	Ela é um tipo de não aceitação de diferente, sendo se
5	diferente seria a famosa teoria de Freud.
6	Esse problema acontece em vários aspectos como
7	Religião, família, sociedade e etc. Mas porque aconte-
8	ce? Acredito que seja por medo, medo de cometer
9	em sociedade, que se estava a tanto tempo comimen-
10	do com aquela forma, aceitar a mudança tão repen-
11	tina dessa forma.
12	Esse tipo de não aceitação traz consigo vários efeitos
13	colaterais, diferença de comportamento, atos de violência
14	e até mesmo agressão, tanto verbal quanto física. En-
15	tre todos a mais comum, infelizmente é a agressão
16	contudo concluo então que para esse problema há
17	uma solução por mais pequena que seja ela está
18	lá, mas é como sempre dizem a sociedade precisa
19	evoluir, ou então esse problema só vai aumentar
20	e causar mais estragos
21	

## Redação Final

01 A Homofobia não é um problema tão antigo, ela não  
 02 era tão comum na sociedade, mas que essa forma de per-  
 03 ceito ganhou muita força nos dias atuais. O mundo está  
 04 tão acostumado com a internet que não enxerga ou tem  
 05 dificuldade de aceitar o novo e para lidar com isso os  
 06 processos que sofrem com isso tem a comunidade LGBT.  
 07 Além dessa comunidade LGBT, tem também outras que-  
 08 ras de novas formas de preconceito homossexual, mas imp-  
 09 ortante para sempre funciona. Nos Estados Unidos, 80% dos  
 10 estudantes LGBT, sofrem alguma discriminação racial dos demais  
 11 63% rebaixamentos homossexuais por parte dos professores e  
 12 as administrações da escola, 28% dizem a escola e 19%  
 13 não últimos de agressão física. Como podemos notar, esses  
 14 são números absurdamente altos, que mostram que as es-  
 15 colas não estão aptas a lidar com essa situação.  
 16 O Brasil é o país que mais mata por homofobia, isso é  
 17 esse porque não é considerada crime no país, em uma pes-  
 18 quisa feita com os pais brasileiros sobre a criminalização da  
 19 homofobia, 29% dos pais disseram que acham que  
 20 não deveria ser crime. Em alguns países como Arábia Sal-  
 21 dita ao homossexual é considerado crime e tem como pena  
 22 a morte.  
 23 Nessa forma, os estudos poderiam trazer mais Palestras  
 24 de conscientização e fazer um Relatório sobre Profes-  
 25 sores e alunos para que esse assunto não se torne tão  
 26 comum nos estudos. O governo não só do Brasil, mas de  
 27 outros países poderia tornar homofobia um crime, onde a pe-  
 28 na que fosse paga partindo seria devidamente puni-  
 29 da, mas de maneira adequada, isso seria realizado atrá-  
 30 vis de sistemas de vigilância bem rigorosa.

## Anexo 09: Redações do Aluno I

## Redação Diagnóstica

1	A homofobia, é um tipo de preconceito que desde o prin-
2	cípio vem acompanhando a evolução humana, porém só tem tido
3	maior conhecimento e debate a pouco tempo.
4	Por fugir dos "padrões" conhecidos e imposto pela sociedade, na qual a
5	maioria julga ser o correto, relacionamento formado apenas com homi-
6	e mulheres. Pessoas que assumem ser homossexual vem sofrendo bastantes
7	preconceitos, muitas vezes, do meio social na qual convivem ou de des-
8	conhecidos que não aceitam a escolha de outras pessoas e se acham
9	no direito de intervir na opinião alheia e muitas vezes chegam a
10	agredir.
11	As pessoas que realizam esse tipo de preconceito, muitas delas, tem
12	sua opinião formada pela religião, por dizerem que "Deus" não acha
13	correto essas outras formas de relacionamentos. Outros são por terem
14	crecido aonde a convivência familiar, passa de geração essa ideia
15	de "modo padrão", aonde outras pessoas que assumem ser homo-
16	sexual fogem desse padrão.
17	Em pleno século XXI não se era pra existir este tipo de com-
18	portamento que dizem a respeito de intervir na opinião alheia queren-
19	do ditar o certo ou o errado no modo de agir perante essas ideias.
20	O modo na qual cada ser humano cuidar de sua vida e aceitar
21	a diferença existente entre os mesmos, poderiam assim evitar brigas e
22	violências, não só no quesito sobre assumir seus gostos, como em
23	outros que também levam muitas vezes a morte.
24	

## Redação Final

1 A homofobia é um tipo de preconceito que tem como  
 2 uma atitude menosprezar o homossexual, baseada no domínio  
 3 da lógica heteronormativa, colocando como padrão da sociedade a  
 4 heterossexualidade. Este tipo de preconceito é um problema por ocasi-  
 5 onar uma discriminação relacionada a pessoas que se relacionam  
 6 com outras do mesmo sexo, fazendo com que as mesmas sofram  
 7 tanto agressões verbal quanto física.

8 Por não ser um crime no país, a homofobia causou pelo menos  
 9 216 assassinatos de janeiro até o dia 23 de janeiro deste ano, e relacio-  
 10 nando ao Canadá, os homossexuais de 15 a 34 anos têm de quatro  
 11 a sete vezes mais riscos de cometer suicídios, o que torna este número  
 12 elevado, já que são dados obtidos apenas em um país. É esta prá-  
 13 tica, muitas vezes, se inicia dentro de casa com "piadinhas" dos pais  
 14 que diversas vezes são levadas como "brincadeiras" com o intuito de  
 15 chamar a atenção e preconceito e se prolonga a lugares públicos e privados,  
 16 de forma mais complexa, como agressões verbais e físicas podendo  
 17 levar a morte dependendo da intensidade.

18 Por falta de empatia das pessoas entre si, que não aceitam a  
 19 diferença que cada vez mais nos rodeiam, ser homossexual é crime  
 20 em pelo menos 70 países e com isso vemos a gravidade dos países  
 21 impostos pela sociedade, pela não aceitação do incomum, diferente para  
 22 uns que para outros são totalmente normais.

23 Diante disso, a homofobia é um preconceito a qual a própria  
 24 sociedade vem ocasionando problemas relacionados a conduta hu-  
 25 mana. Sendo como objetivo amenizar o índice de suicídios ou mortes  
 26 poderiam ser relacionadas, digo escolas, palestras de conscientização em  
 27 escolas com a presença de psicólogos, poderia se tornar crime, rela-  
 28 cionando leis pelo poder legislativo. É principalmente as pessoas deve-  
 29 riam se autoconscientizar e ter mais empatia uns pelo os outros, o  
 30 que facilitaria as questões futuras a não prática.

## Anexo 10: Redações do Aluno J

## Redação Diagnóstica

01	A homofilia está muito presente na sociedade na qual
02	vivemos hoje, e isso é um problema, muitas vezes as pessoas
03	não entendem a gravidade de estar sendo homofílico, porque
04	para quem tá passando por isso é depressivo e não é
05	resaudável com o outro. Na sociedade atual as pessoas críti-
06	cam muitos umas as outras com nenhum propósito, só por
07	delechar mesmo, sem finalidade. Temos que ter empatia para
08	com o outro, pois isso pode acontecer na minha família
09	e pode até mesmo eu não saber reagir de tal forma que
10	seja mais adequada para lidar com essa situação.
11	A homofilia está muito presente nos idosos, mas tem
12	deem nos adolescentes, os idosos vem daquela família tra-
13	dicional onde esse tipo de ação não faz parte do cotidiano
14	deles, já os adolescentes alguns deles são muito homofíli-
15	cos, mas facultados e até mesmo na escola são críticos.
16	Eu acho que as pessoas não deveriam agir de tal ma-
17	neira, porque isso diz respeito a vida daqueles duas
18	pessoas envolvidas, muitas vezes as pessoas são assim
19	por serem de familiares do interior e que não aceitam tal
20	tipo de coisa.
21	Uma solução para esse problema é que parem de pre-
22	ocupar com a vida do outro e vivam a sua, que muitas
23	não tá lá essas coisas, mais você não repara, por estar
24	preocupado com o outro.
25	

## Redação Final

01 A homofobia vem aumentando, que é praticada por  
 02 uma série de pessoas que tem suas opiniões e de sua  
 03 forma se recusam a aceitar o próximo, mais ainda se  
 04 ele for diferente dos outros seres humanos. Segundo pers-  
 05 quisitas dizem que nos países gays moram de 20 a  
 06 25 pessoas seres legais, e quem vai lá para matar  
 07 são os homofóbicos, que de maneira nenhuma querem  
 08 aceitar as escolhas dos outros. Os homossexuais sofrem  
 09 muito com essas críticas e ao mesmo tempo a sua mais  
 10 série e algumas dessas pessoas chegam à morte. Seria  
 11 essencial que muitas pessoas tentassem deixar esse  
 12 preconceito de lado, até porque essa escolha é da pessoa  
 13 que tem livre arbítrio para poder escolher o que quer  
 14 fazer e com quem quer ficar, muitos vezes os pais  
 15 temem essas situações por conta dos seus filhos ficam  
 16 com medo da criança ser e achar que aquilo é a  
 17 certa, mas é aí que entra a parte dos pais que é vigiar  
 18 e que as crianças estão assistindo e se honrando, muitos  
 19 revelam sobre tal situação que muitas pessoas não gostam  
 20 e acaba que perdem audiência com isso. A redução para  
 21 esse problema seria amenizado se tivessem palestras nas  
 22 escolas e que fossem convidados profissionais da área  
 23 da segurança pública, psicologia, professores que poder-  
 24 iam fazer uma conscientização para serem alunos, para  
 25 que isso mude os pensamentos deles, que eles possam ser  
 26 bons estudantes enquanto estão na adolescência para que  
 27 possam ter uma qualidade de vida melhor, para depois  
 28 irem a pensar em namoro e outras coisas. Essas pale-  
 29stras mudariam o muito os pensamentos de muitos ado-  
 30 lescentes e homossexuais.

## Anexo 11: Redações do Aluno K

## Redação Diagnóstica

O homofobia é o ato de preconceito contra a  
 homossexualidade ou o homossexual. Pode a  
 palavra fobia é uma espécie de medo irracional  
 ela não está questionada a muito tempo. O  
 homofobia é, muito ou ser homossexual é crime?  
 Isso vai depender muito de pessoa por  
 pessoa e também do ensinamento que ele  
 teve em casa, na escola, e no trabalho.  
 Isso quem gera mais problemas, já  
 que em alguns países ser homossexual é crime e em  
 alguns o fato é a morte. No Brasil, pesquisas com  
 ele, que é na escola e até tem de homofobia  
 onde 87% de comunidade escolar e pais tem algum grau  
 de homofobia e 60% dos professores afirmam  
 não ter boa para lidar com a diversidade sexual.  
 O que também é muito questionado é que o ho-  
 mofobia ainda não é crime e por isso muitas mortes  
 onde em 2014 de janeiro até setembro houve mais  
 de 216 assassinatos por homofobia. Já estamos em um  
 mundo bem desenvolvido, por isso quem que isso é  
 errado, e não importa quem está certo e sim a  
 liberdade de expressão e expressão.  
 Um método que se deveria ser tomado é  
 transformar a homofobia em um crime e ter  
 políticas de conscientização pública, elaboradas por  
 ONGs e o poder legislativo onde teria apoio do governo  
 e das escolas fazendo palestra e distribuição de  
 livros e campanhas nas mídias como internet e jornais,  
 televisão e etc. Por que devemos no mundo com  
 respeito por o livre expressão sexual.

## Redação Final

01 O homofóbico é o ato de preconceito contra a  
 02 homossexualidade ou o homossexual. Onde a  
 03 palavra fobia é uma espécie de meditação,  
 04 ela vem vindo questionada a muito tempo. O  
 05 homofóbico é, mesmo ou ser homossexual é crime  
 06 isso vai depender muito de pessoa por  
 07 pessoa e também do ensinamento que ele  
 08 teve em casa, na escola, e no trabalho.  
 09 Isso quem gera os piores problemas, já  
 10 que em alguns países ser homossexual é crime e em  
 11 alguns a pena é de morte. No Brasil, pesquisas constata-  
 12 m que é na escola o ato de homofóbico  
 13 onde 87% dos estudantes sabem e pais tem algum grau  
 14 de homofóbico e 60% dos professores dizem  
 15 não tem base para lidar com a diversidade sexual.  
 16 O que também é muito questionado é que o ho-  
 17 mofóbico ainda não é crime e ferrou muitas mortes  
 18 onde em 2014 de janeiro até setembro gerou mais  
 19 de 216 assassinatos por homofóbico. É estomacal em um  
 20 mundo bem desenvolvido, pois sabem que isso é  
 21 errado, e não importa quem está certo e sim a  
 22 liberdade de opinião e expressão.  
 23 Um método que se deveria ser tomado é  
 24 transformar o homofóbico em um crime e ter  
 25 política de conscientização pública, elaborada por  
 26 ONGs e a partir legislativo onde teria apoio do governo  
 27 e das escolas fazendo palestras e distribuição de  
 28 livros, e campanhas nas mídias como internet e jornais,  
 29 televisão, etc. Para que acessem no mundo com  
 30 respeito para a livre opinião sexual.

## Anexo 12: Redações do Aluno L

## Redação Diagnóstica

01	Um fato bastante aborrecido hoje em
02	dia é a questão dos homossexuais e
03	peçoas que fazem parte do grupo LGBT
04	por mais que isso não seja um fato
05	tão atual pois ganhou muito popula-
06	-ridade por volta dos anos 70 prin-
07	-cipalmente nos Estados Unidos. Com
08	isso, surgiu a homofobia que se
09	principalmente deriva do medo de ser
10	-homossexual, que cada vez mais nos
11	deixou esta ideia usada como um
12	preconceito contra os mesmos.
13	As pessoas, tanto antigamente quanto
14	hoje, sabem que já houve muita violência
15	contra esse determinado tipo de pessoas
16	que aderiram ao homossexualismo. Alguns
17	em nome até mesmo da igreja e a
18	medo que suas vidas poderiam ser
19	e "casaltes" fossem afetadas com
20	essa nova onda e por isso, determi-
21	-naram a homofobia. Existem tipos
22	de homofobia e já foi observada que
23	à pior delas levou a morte de pessoas
24	botadas em questão. Principais motivos
25	como a intolerância e o respeito.
26	É certo a se fazer e hoje se sabe que
27	o ser humano está tendo seus primeiros
28	contatos com o mundo, não que isso
29	deve de levar ao país e a escola a im-
30	-plantar a ideologia de diferenças e sim o respeito

## Redação Final

01	Em meio ao contexto social de homofobia, é
02	notável o crescimento de alguns grupos que são
03	considerados por eles mesmos como "minorias",
04	e fortalecimento do grupo LGBT, visto também
05	a repressão ao mesmo caracterizada pela
06	homofobia, que em sua forma distorcida sig-
07	-nificaria medidas homofóbicas que se vivem
08	no terreno de um problema à medida que há
09	qualquer tipo de violência contra uma pessoa.
10	No livro "Olex Straglavé", percebemos um pro-
11	-cesso de ideias homofóbicas de próprio pro-
12	-tagonista que tenta provar para si mesmo
13	que não tem nenhum tipo de gosto pelo "sexo
14	oposto"; aprende assim com que ele recebe sua
15	homossexualidade por muito tempo durante
16	o filme. Retomas no filme também estereótipos
17	como o da família tradicional.
18	Outro fator que contribui para o abando-
19	-mento de cidadãos cada vez intolerantes é
20	a falta de importância que se dá ao
21	LGBT recebe do governo pois ainda há depu-
22	-tados que preferem não criminalizar as
23	práticas homofóbicas.
24	Como forma de oposição à essa realidade, a
25	sociedade por meio de ações socio-culturais in-
26	-centua a conscientização contra qualquer forma
27	de discriminação qualquer cidadão, com palestras, re-
28	-uniões e até mesmo a educação familiar na
29	escola. Isso possibilita a ordem e o respeito mútuo
30	entre os diferentes grupos culturais no presente atual.

## Anexo 13: Redações do Aluno M

## Redação Diagnóstica

1	Hoje em dia o número de homossexuais vem
2	aumentando e junto a isso vem o crescimen-
3	to dos homofóbicos, ou seja, aqueles que são
4	contra as pessoas que se sentem atraídas pelo
5	mesmo sexo. A homofobia é um grande problema
6	na sociedade, tão grande que chega a causar mor-
7	tes de jovens, na maioria das vezes.
8	Durante muito tempo tinha-se apenas
9	uma visão de casal, aquele formado por
10	um homem e uma mulher, quando o
11	índice de homossexualidade foi crescendo se
12	tornou difícil a compreensão da sociedade
13	a essa situação, principalmente os pais que
14	são os que tem que dar apoio aos filhos
15	no momento. Com isso, muitos jovens ficam
16	com medo de assumir sua homossexualidade
17	de ser criticado por alguém ou que seus pais
18	não os entendam e os expulsam de casa.
19	A melhor solução para esse problema é
20	deixar de lado nossas diferenças, deixar de
21	lado os fatos que nos impedem de viver
22	em harmonia com o próximo, isso nos
23	trazaria cidadãos melhores.
24	

## Redação Final

1 A homofobia é a aversão as pessoas que se  
2 sentem atraídas por outras do mesmo sexo. Na atuali-  
3 dade, o número de homossexuais vem crescendo e junto  
4 a isso o número de homofóbicos também. A homofobia é  
5 um grande problema que chega a causar mortes de jo-  
6 vens na maioria dos casos.

7 Durante muito tempo, a sociedade tinha apenas  
8 uma visão de casal, um casal ideal, aquele forma-  
9 do por um homem e uma mulher. Ser homossexual  
10 é crime em mais de 70 países, a homofobia já pro-  
11 vocou pelo menos 216 assassinatos de janeiro até  
12 setembro do ano de 2015, de acordo com o levantamento  
13 do Grupo Gay da Bahia. Com o início de homossexuali-  
14 dade aumentando, se tornou difícil a compreensão de  
15 partes da sociedade, devido a isso, os jovens tem  
16 medo de assumir e ser julgados. Na França, a chon-  
17 ce de um homossexual acabar com a própria vida  
18 é treze vezes maior que um heterossexual.

19 A opressão contra os homossexuais não quer  
20 dizer somente a violência, mas também a reinvindi-  
21 cação de seus direitos. Em junho do ano de 2015, a  
22 Suprema Corte do Estados Unidos aprovou a união  
23 civil homossexual, o que é um grande avanço já que  
24 os EUA é uma grande potência e influencia outros  
25 países,

26 Sendo assim, medidas devem ser tomadas, o Poder  
27 Legislativo deveria aprovar o Projeto de Lei 722 de 2006, assim  
28 criminalizando a homofobia, palestras com psicólogos e nós tam-  
29 bém devemos fazer a nossa parte compreendendo e respeitando.  
30 Só assim o país estará assegurado da homofobia.

## Anexo 14: Redações do Aluno N

## Redação Diagnóstica

01	A Homofobia está virando um tema muito
02	abordado ultimamente, em nossa sociedade vemos
03	muitas coisas sobre este tema. O que seria a Homof-
04	obia? De acordo com o que sei, a Homofobia
05	é uma não aceitação no entendimento de gênero, ou seja
06	uma pessoa que seja do gênero masculino e que mu-
07	da para o feminino, bem como também existem
08	palavras "transfóbicas", que tem algum tipo de ac-
09	usum (ou em outras palavras a preconceito) sobre
10	a pessoa que possa ter mudado o seu gênero.
11	Essa ainda não é muito comum em países de Hom-
12	ofobia em nossa mídia social, muitas coisas chegam
13	à mente pois a pessoas que aceitam. Hoje está tam-
14	bem muito comum em países começaram em
15	nossa própria família, também na escola, na
16	internet por meio de redes sociais de comunicação
17	mais usadas e etc. As pessoas Homossexuais
18	hoje perde se dizem que não tem lugar em
19	nossa mídia social por conta de outros que
20	são Homofóbicos. Como já tenho dito antes, po-
21	denho gerar morte de pessoas que muitas vezes
22	são inocentes.
23	Em minha opinião todos nós devemos
24	aceitar tudo pelas do país que é, assim tem-
25	do uma sociedade mais "transmissexuado", poror-
26	do com esse preconceito existente

## Redação Final

01 A homofobia na sociedade atual está sem-  
 02 uns dos grandes problemas mundial, pela a-  
 03 não aceitação da mudança de gênero de uma  
 04 certa pessoa. Em dados observamos que o índice  
 05 de criminalidade é muito alto contra o hom-  
 06 osexual, sendo a morte o principal crime.  
 07 Em mais de 70 países o homossexual é co-  
 08 nsiderado um crime, entre eles pelo menos seis  
 09 deles tem uma pena de morte para o ser ho-  
 10 mossexual, logo tem o injustiça em nossa  
 11 sociedade pois o homofóbico não é considerado  
 12 um criminoso.

13 Apesar ser considerada como uma certa  
 14 "batalha" essa briga pelos direitos dos homo-  
 15 sexuais, não é pois todos temos direitos de sa-  
 16 mos o que quiser. Em novelas, séries e etc, é mu-  
 17 lto comum vermos retratando sobre o tema foi  
 18 que é o que está sendo mais repornado hoje  
 19 em todos os lugares.

20 Como conclusões sobre isso podemos dizer  
 21 que colocar palestras, aulas e outros sobre  
 22 as dentro das escolas com profissionais  
 23 na área ou até mesmo pessoas que foi sepa-  
 24 ram por conta da homofobia, para que com  
 25 isso prevaleça o respeito que toda pessoa  
 26 deve ter na sociedade e assim que dimi-  
 27 nuar o índice de mortes, agressões verbais  
 28 e físicas, pois essa acaba ao pouco com  
 29 nossa sociedade e começando o trabalho  
 30 de agora com esse ser para o futuro próximo.

## Anexo 15: Redações do Aluno O

## Redação Diagnóstica

01	A homofobia tem como significado a rejeição ou
02	avermelhação do homossexual e do transexualidade. A presença
03	da homofobia na sociedade atual traz muito ódio, me-
04	dis, intolerância e vários outros sentimentos, e portanto
05	é considerada um assunto polêmico por todos aqueles
06	que não aceitam ou suportam a opção sexual de outro.
07	Atualmente a homofobia está em todos os lugares,
08	até mesmo em religiões e culturas. Ela não é suportada
09	por uma boa parte da sociedade e por isso as per-
10	soas se veem no direito de protestar, até como
11	se presenciam, porém até mesmo muitas pessoas se
12	protegem o indivíduo ou elas ficam muito próximas com
13	a acusação verbal se fosse praticada por outro indivíduo.
14	Existem grupos formados para que todos um
15	pequeno grupo tenham seus direitos totalmente iguais, pois
16	ninguém é melhor ou superior ao outro, um exemplo de
17	grupo é o LGBT (lesbian, Gay, Bissexual, Transsexual e
18	Transgêneros) ao qual já conseguiu a igualdade em
19	muitos casos como no caso o casamento gay, lida-
20	do em qualquer igreja ou cartório. A homofobia é
21	presente na religião também, por que existem muitos
22	religiosos, católicos, judeus que não se aceitam por homossexual
23	A luta por ambos estes para a eliminação
24	da homofobia é um grande objetivo, portanto é funda-
25	mental que a sociedade se conscientize e deixe de
26	verder de se presenciar a ódio, evitando as diferenças
27	e suportando a vontade de qualquer indivíduo.
28	

## Redação Final

01 A Homofobia tem como significado a rejeição de pessoas  
 02 ao homossexual e ao homossexualismo, que possui um grande  
 03 conflito na sociedade atual. A presença de atualmente traz uma  
 04 visão de emoções negativas como o ódio, o medo, a insegurança e  
 05 até a própria agressão, sendo fatores não considerados como praxe  
 06 este praticado por pessoas que não competem a orientação sexual  
 07 de indivíduos que podem ter uma orientação diferente de padrão.  
 08 Atualmente, a presença da homofobia é um todo em lugares  
 09 e locais, até dentro da religião e cultura. O homossexual não  
 10 é respeitado por uma enorme parte da sociedade, pessoas se  
 11 acham superiores a eles e no direito de agredir na forma  
 12 verbal e física. O indivíduo fica traumatizado e mais de 60% dos  
 13 adolescentes tentam o ato de suicídio. A prática desses atos  
 14 ofensivos podem começar um caso, na sociedade na rua e pode  
 15 ser levado para o nível da vida da vítima que sofre.  
 16 Foram formados grupos para mostrar que a homofobia não  
 17 é uma doença e não torna uma pessoa inferior a outra, citando  
 18 como exemplo o grupo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Tran-  
 19 svestidos e Transgêneros) que já conseguiu a igualdade em vários países  
 20 como o casamento igualitário e outros, pois ali na religião  
 21 os muçulmanos, católicos, judeus e outras religiões assumem possuir  
 22 uma orientação sexual diferente do padrão homem e mulher.  
 23 Diante disso, percebe-se que o caminho para a eliminação da  
 24 homofobia é muito longo, para isso a própria sociedade deve mudar  
 25 suas orientações em todos os lugares como forma de campanhas  
 26 e palavras que mostrem o contrário que os homofóbicos pensam  
 27 e além disso, a capacidade de mostrar a força que a sociedade  
 28 tem e todos devem ser unidos e unidos em um só.  
 29 Esse respeito ajudará todos a viver um país e harmonia dentro  
 30 da sociedade atual e para a geração futura.

## Anexo 16: Redações do Aluno P

## Redação Diagnóstica

1	A homofobia é um tema bastante falado hoje em dia, mas
2	para debatermos sobre esse tema temos que primeiro conhecê-lo,
3	então o que seria a homofobia? A homofobia é o preconceito
4	em relação a pessoas que se relacionam com outras do mesmo
5	sexo, é a não aceitação, e essa não aceitação gera uma onda de
6	conflitos na nossa sociedade, como por exemplo, as pessoas tenta-
7	rem impor o que é certo ou o que é errado, sabemos que vive-
8	mos em um mundo que as pessoas não aceitam as diferenças,
9	que têm medo daquilo que foge do padrão imposto pela própria socie-
10	dade.
11	Muitas das vezes nos deparamos com notícias chocantes de que
12	uma pessoa homossexual foi assassinada, por exemplo, e é apartir
13	daí que percebemos esse preconceito, sem contar que não tem um lugar
14	específico para acontecer esse tipo de preconceito, isso pode acontecer
15	na escola, na rua e também em redes sociais, onde é mais comum
16	vermos esse tipo de prática, e é apartir desse preconceito que começam
17	aparecer outros problemas, como, depressão, suicídio, entre outros.
18	Então o que fazemos para que esse problema não afete
19	tanta a sociedade? Talvez a solução seria tentar entender os
20	dois lados da sociedade, tentar mostrar que devemos aceitar as
21	diferenças, tentar explicar que esse tipo de situação não é por
22	escolha, mas porque as pessoas se descobrem, e por outro lado
23	tentar fazer com que essas pessoas entendam que o que temos
24	de certo é a bíblia onde fala que Deus criou o homem e
25	a mulher, e o estilo familiar "normal" é esse para seguir,
26	então o que realmente solucionaria seria conversar.
27	

## Redação Final

1 O termo homofobia surgiu nos Estados Unidos em meados dos  
 2 anos 70 e, a partir dos anos 90, teria sido difundido ao redor  
 3 do mundo. O termo significa: a repulsa ou o preconceito contra  
 4 o homossexual. O real significado da palavra fobia denomina  
 5 uma espécie de "medo irracional" ou seja o medo mais, porém,  
 6 esse "medo" pode acarretar sérios problemas a última, como  
 7 depressão, e em casos mais graves, um suicídio, por exemplo fogen-  
 8 do com que as pessoas também mede de revelar sua própria i-  
 9 dentidade. Geralmente as pessoas tratam essa situação como uma  
 10 doença, em caso de adolescentes dizem que é a convivência com  
 11 amigos, ou tratam como medos.

12 Com uma novela apresentada na Rede Globo, retratava  
 13 justamente as dificuldades que essas pessoas enfrentam por  
 14 assumir que são homossexuais, o personagem da trama  
 15 era uma adulta que com o passar do tempo foi se descobrin-  
 16 do, ela se achava estranha naquele corpo não gostava de se  
 17 anunciar como garotas da idade dela e então tomou a inicia-  
 18 tiva de querer ordenar os seus e foi aí que começou todo o  
 19 sofrimento, sua mãe não queria aceitar na rua as pessoas tinham  
 20 preconceito, até que a mesma saiu de casa, sofreu para encontrar  
 21 um emprego, por conta da aparência, sua mãe a levou para psicolo-  
 22 gos, até que no final todos aceitaram a sua opinião real diferente.

23 Diante da problemática apresentada, sabemos que não é tão fácil de  
 24 se resolver, mas também não é impossível, assim como na trama  
 25 apresentada, a solução seria o acompanhamento com psicólogos, claro  
 26 que tenha que ter o apoio do governo e da família, para que ocorra  
 27 palestras de conscientização, assim todos estarão sendo ajudados,  
 28 tanto a família como as pessoas que sofrem com algum tipo de  
 29 preconceito, consequentemente diminuiria o número de suicídios,  
 30 o número de pessoas com depressão.

## Anexo 17: Redações do Aluno Q

## Redação Diagnóstica

01	O tema liberdade se trata de um assunto mui
02	to discutido nos dias de hoje, a homofobia trata-se
03	de gêneros sexuais em que não são totalmente
04	aceitos na sociedade (a opção sexual em que você
05	escolhe ela não é mais aceita, então fica mais
06	que um conflito entre algumas pessoas. Uma
07	pessoa que se você nasce homem, você tem que
08	ser homem e se você nasce mulher, você tem
09	que ser mulher. Mas algumas pessoas não
10	pensam assim e com isso acaba ocorrendo esse
11	conflito entre a sociedade e as pessoas que fazem
12	essa opção sexual, (além das consequências)
13	As pessoas optam por outra opção sexual não
14	por que elas querem, mas sim porque ela se
15	identifica melhor daquele jeito e algumas pessoas
16	da sociedade não aceitam isso, e as pessoas se
17	embarçam com essa discussão na sociedade,
18	até mesmo os pais não aceitam seus filhos se-
19	jam optados por outra opção sexual, por saberem
20	que seus filhos, saberiam com essa decisão
21	Na minha opinião, as pessoas não escolhem
22	ser assim, mas sim é a vida em que ela se
23	identifica mais não é fácil assumir isso para
24	a sociedade, justamente por ela criar esse conflic-
25	to, eles sabem que se eles assumirem ter outra
26	opção sexual, eles sofrem na sociedade, por
27	um tipo de preconceito e com um certo modo de
28	maldade entre as pessoas dessa sociedade, em-
29	tão não são todos as pessoas que tem essa
30	coragem de assumir a sua opção sexual.

## Redação Final

01 O Homofobia na sociedade é um assunto muito discutido nos  
 02 dias atuais, a sociedade é muito rigorosa. A orientação sexual  
 03 das pessoas deve ser aceita, portanto, deve ser aceita. Porém, existe  
 04 um conflito dentro da sociedade, alguns pensam quando nasce  
 05 homem, tem que manter homem, não algumas pessoas não pen-  
 06 sam assim e com isso ocorre essas coisas conflitantes de  
 07 acordo com os grupos aqui da Bahia, após um levantamento de  
 08 informações, em 2023, os números de assassinatos chegaram a pelo  
 09 menos 314 assassinatos, e que responde a uma morte a cada  
 10 28 horas, e isso é o que mais choca a nossa população.  
 11 No passado dizem que a orientação sexual que desejamos e a que  
 12 ela se identifica melhor. Algumas pessoas, não aceitam isso, e se  
 13 incomodam com essa diversidade, inclusive no país. Por outro lado,  
 14 os números de adolescentes que tentam suicídio e não fazem  
 15 suicídio é de aproximadamente 60% dos que tentam suicídio.  
 16 Com isso, mesmo no Brasil que não é considerado pelo país  
 17 da sociedade, não existem regulamentações, aproximadamente 27% dos  
 18 homossexuais e bissexuais declaram sofrer ou ter sofrido por  
 19 preconceito no ambiente escolar. É muito comum que os professores  
 20 façam chacotas e comentários de homossexuais.  
 21 Portanto, vemos que existem muitos casos de Homofobia, di-  
 22 to dia a dia, e devemos já trabalhar na implementação de leis que cri-  
 23 minalizem essas ações. Também de políticas não apenas, algu-  
 24 mas pessoas já temem a conscientização de que é a Homofobia,  
 25 e temem as diversas mudanças para ela, e temem a capacidade  
 26 de de agir. Já por mais de cem anos e até mesmo por mais  
 27 de transformação, ainda existem problemas não existiam mais  
 28 dentro da sociedade atual, e as pessoas temem consciência  
 29 que se que elas fizeram já o certo e se fazer, consequente-  
 30 mente os números de suicídios diminuiriam.

**Anexo 18: Redações do Aluno R**  
Redação Diagnóstica

01	Desde o século passado que o número de pessoas que se
02	revelam homossexuais vem aumentando, cada vez mais. E
03	junto com isso é cada vez mais comum as ocorrências
04	de homofobia no meio social, seja por redes sociais, ou
05	em escolas, ou em lugares públicos, etc. Até mesmo no
06	ambiente familiar é comum as ocorrências desse tipo de caso.
07	Uma pesquisa revela que, atualmente, cerca de 80% das
08	pessoas que participam da sociedade LGBT - lésbicas, gays,
09	bissexuais, transsexuais - nunca ou já passaram por algum
10	tipo de preconceito. Muitas pessoas, digamos que, uma boa
11	parte da sociedade, já aceita o fato dos homossexuais
12	viverem normalmente entre nós. Porém, muitas pessoas ainda
13	julgam muito essa questão, tanto adolescentes quanto
14	pais de famílias, pois muitos ainda têm em mente aque-
15	le ideal familiar de que uma família só pode ser consti-
16	tuida por um homem e uma mulher.
17	Muitos casos de homofobia acabam resultando em agres-
18	sões, e no pior dos casos em morte, seja por homicídio
19	ou até mesmo um suicídio. Uma pesquisa feita pelo Grup-
20	po de Gays da Bahia mostra que só no Brasil, em
21	um certo ano, houve mais de 500 mortes relacionadas
22	a esses tipos de casos.
23	Portanto, para acabar mais com esses casos, cabe
24	as ONGs, os governos das cidades etc, desenvolverem
25	projetos para serem aplicados nas escolas, no estado
26	e em vários outros locais, para conscientizar as pessoas
27	pois é preciso respeito para viver em uma sociedade
28	melhor.
29	

## Redação Final

01	Desde os séculos passados que o número de pessoas que se re-
02	velam homossexuais vem crescendo, e, junto com isso é cada vez
03	mais comum as ocorrências de homofobia na sociedade atual, se-
04	ja por redes sociais, ou em escolas, lugares públicos, até mesmo no
05	ambiente familiar. Contudo, esse é um dos grandes problemas no
06	nosso cotidiano, o fato das pessoas não respeitarem e/ou acei-
07	taxarem o próximo.
08	Uma pesquisa revela que, cerca de 80% das pessoas que par-
09	ticipam da sociedade LGBT passam ou já passaram por algum con-
10	strangimento ou algum tipo de preconceito. Modernamente, a homo-
11	fobia ainda não é considerada um crime, entretanto, em al-
12	guns países ser homossexual pode te levar até mesmo a con-
13	denação de morte. Só no ano de 2013, no Brasil, ocorreram
14	cerca de pelo menos 312 assassinatos, sem contar, é clara,
15	com outros que não foram relatados, com isso podemos con-
16	cluir que ainda há um grande contingente que tem aversão
17	a eles.
18	Muitos dos casos de aversão a homossexuais resultam em
19	morte, tanto por homicídio quanto por suicídio. No mundo, cer-
20	ca de mais de 60% dos adolescentes que cometem suicídio
21	são do grupo LGBT, e com isso, pode-se perceber que as
22	pessoas são muito rígidas e preconceituosas quando se trata
23	dessas pessoas. Muitas vezes a rejeição vem do próprio am-
24	biente familiar, e assim, os filhos ficam mais inseguros
25	e com medo.
26	levando em consideração os dados obtidos, cabe as
27	ONGs e grupos socioculturais desenvolverem projetos (campanhas,
28	palestras, etc) contra a homofobia, com profissionais nas ár-
29	as de psicologia, segurança pública, etc para conscientizar
30	as pessoas sobre o determinado assunto.

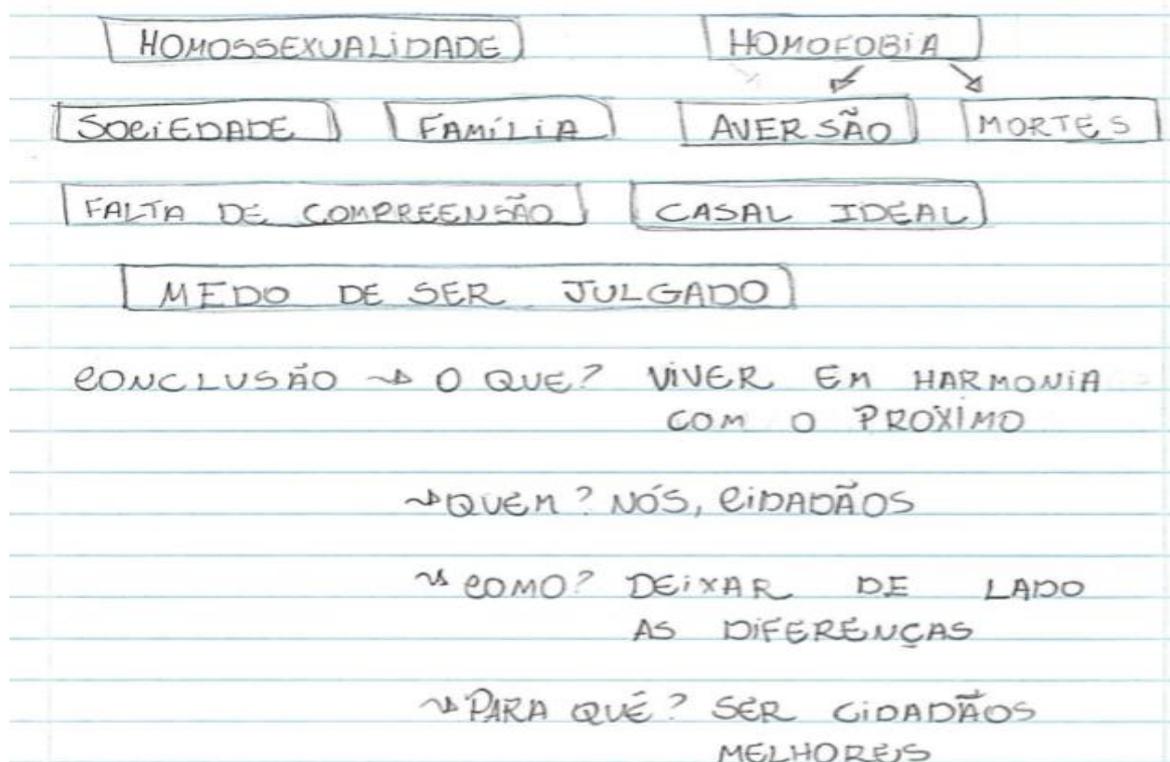
**Anexo 19:** Redações do Aluno S  
Redação Diagnóstica

01	QUANDO OUVIMOS FALAR EM HOMOFOBIA NA SOCIEDADE
02	ATUAL JÁ VEM NA NOSSA CABEÇA UMA IMAGEM DE PROBLEMA
03	E PRECONCEITO DE UMA SOCIEDADE. EVIDENTEMENTE A POPU-
04	LACÃO NEM CRESCENDO E JUNTO DELA APARECEM VARIEDADES
05	DE OPINIÕES INCLUINDO O RACISMO, PRECONCEITO E AS DISCRI-
06	MINAÇÕES. A HOMOFOBIA REJEITA A HOMOSSEXUALIDADE (PES-
07	SOAS QUE TEM OPÇÃO SEXUAL DIFERENTE DA HETERO).
08	HOJE EM DIA TEMOS UMA POPULAÇÃO BASTANTE RIGORO-
09	SA EM QUESTÃO DE PADRÕES DE SOCIEDADE (EX: SER MAGRO,
10	ALTO, CABELO GRANDE E ENTRE OS PADRÕES TEMOS UM PADRÃO
11	SEXUAL HETERO (HOMEM E MULHER) MAS EXISTEM PESSOAS
12	CONSIDERADAS "GAY" E QUEM NÃO SEGUE ESSES PADRÕES
13	AS VEZES SOFREM PRECONCEITOS (RECEDEM XINGAMENTOS, A-
14	PELIDOS DESCONFORTANTES E ATÉ MESMO SÃO VÍTIMAS
15	DE VIOLÊNCIA) POR SEREM DIFERENTES.
16	PODERIAMOS MELHORAR O CONVÍVIO SOCIAL SE RES-
17	PEITASSEM OS AS OPINIÕES DOS OUTROS, TANTO EM ATI-
18	TUDES COMO TAMBÉM EM RELAÇÕES SEXUAIS, POIS QUEM
19	SOMOS NOS PARA DIZER QUE O QUE ELE FAZ É ERRA-
20	DO? TUDO SE RESOLVE COM O RESPEITO.
21	

## Redação Final

01	NO JORNAL G1 FOI CONFIRMADO QUE A CADA 19 HORAS UM MEMBRO
02	DA COMUNIDADE LGBT É MORTA OU SE SUICIDA POR PRECONCEITO
03	DE OUTRAS PESSOAS SOBRE A SUA ORÇÃO SEXUAL. ADDEMOS CHEGAR
04	A CONCLUSÃO DE QUE O PRECONCEITO ESTÁ SE TORNANDO UM FATO
05	GRAVE, PRINCIPALMENTE A HOMOFEBIA E ISSO TORNA UMA IN-
06	FLUÊNCIA COMUM PARA A NOVA GERAÇÃO E AFETANDO OS DE MAIS.
07	COM ISSO, CONSTATAMOS QUE AS CRIANÇAS IRÃO VER ISSO COMO
08	UMA SITUAÇÃO DE NORMALIDADE. A INFLUÊNCIA POLÍTICA ES-
09	TA PIORANDO, POIS, EM "MAIS DE 70 PAISES O HOMOSSEXUALIDADE
10	É CONSIDERADO CRIME E EM 6 DELES, É CONSIDERADO PENA
11	DE MORTE" DE ACORDO COM A UNESCO É CLARO. OS PADRÕES
12	DA SOCIEDADE (MAGRO, ALTO, LOIRO...) VEM TRAZENDO PADRÕES,
13	DESESTIMULANDO QUEM ESTÁ FORA DELES, 90% DA POPULAÇÃO
14	DIFERENCIADA DOS PADRÕES SÃO DISCRIMINADAS E SOFREM PRE-
15	CONCEITOS POR SUAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS.
16	DEVIDO AS DIFERENÇAS, PRECONCEITOS E A BAIXA POPULA-
17	RIDADE DE ALGUMAS PESSOAS, SURGE A VIOLÊNCIA QUE É
18	MAIS COMUM PARA MEMBROS DA COMUNIDADE LGBT QUE SÃO
19	PESSOAS COM ORIENTAÇÃO SEXUAL DIFERENTE DO HETERO. ELAS TEM
20	MEDO DE ASSUMIREM COMO REALMENTE SÃO E VEREM EM
21	SUA PRISÃO INTERNA E NÃO VIVEM EM LIBERDADE, CAUSANDO DE-
22	PRESSÃO, TIMIDEZ, BAIXO ESTIMA E ENTRE OUTROS.
23	DITO ISSO, PERCEBEMOS QUE PRECISAMOS DE MELHORIAS QUE
24	PODEM COMEÇAR COM O GOVERNO, CRIANDO UMA LEI QUE AJUDE
25	OS HOMOSSEXUAIS E OUTROS MEMBROS DA COMUNIDADE
26	LGBT E NÃO AO CONTRÁRIO, POIS ELAS TEM O DIREITO DE
27	SEREM PROTEGIDOS ASSIM COMO OS DE MAIS. COM ESSE PROJETO
28	NÓS PODEMOS FAZER UMA MELHORIA DE INTERAÇÃO COM
29	ESSAS PESSOAS E PODEMOS ENFIM MELHORAR, SE TIVER MUI
30	COOPERAÇÃO DE TODOS.

Anexo 20: Quadro tópico feito por estudantes citados na pesquisa  
Aluno M



## APÊNDICES

### Apêndice 01- Aula 1.1. A estrutura do texto



#### **ASSUNTO: A ESTRUTURA DO TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO**

Assim como qualquer texto, deve ter início, meio e fim. No entanto, cada uma dessas partes deve seguir alguns critérios:

Introdução (1º parágrafo)	Deve apresentar o TEMA + a TESE	<ol style="list-style-type: none"> <li>1- Mesmo quem não saiba antecipadamente qual o assunto que você abordará, ao ler a sua introdução, o leitor deverá identificá-lo (TEMA).</li> <li>2- Tentar responder internamente a pergunta: por que essa é a minha posição diante dessa situação? (TESE)</li> </ol>
Desenvolvimento (2º e 3º parágrafos)	Problematização e argumentação	<ol style="list-style-type: none"> <li>1- Mostrar porque o assunto abordado representa um problema para a sociedade.</li> <li>2- Quais são as informações que fundamentam a minha tese? (pesquisas, dados, teorias, citações...)</li> </ol>
Conclusão (4º parágrafo)	Proposta de intervenção	Tentar apontar a solução para o problema, apresentando: O que vai ser feito? Quem vai fazer? Como vai fazer? Para que isso deve ser feito? Escolher um desses elementos citados e apresentar um detalhamento.

**Vamos ler a redação abaixo, tentando identificar a estrutura acima colocada?**

*Na obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, o realista Machado de Assis expõe, por meio da repulsa do personagem principal em relação à deficiência física (ela era “coxa), a maneira como a sociedade brasileira trata os deficientes. Atualmente,*

*mesmo após avanços nos direitos desses cidadãos, a situação de exclusão e preconceito permanece e se reflete na precária condição da educação ofertada aos surdos no País, a qual é responsável pela dificuldade de inserção social desse grupo, especialmente no ramo laboral.*

*Convém ressaltar, a princípio, que a má formação socioeducacional do brasileiro é um fator determinante para a permanência da precariedade da educação para deficientes auditivos no País, uma vez que os governantes respondem aos anseios sociais e grande parte da população não exige uma educação inclusiva por não necessitar dela. Isso, consoante ao pensamento de A. Schopenhauer de que os limites do campo da visão de uma pessoa determinam seu entendimento a respeito do mundo que a cerca, ocorre porque a educação básica é deficitária e pouco prepara cidadãos no que tange ao respeito às diferenças. Tal fato se reflete nos ínfimos investimentos governamentais em capacitação profissional e em melhor estrutura física, medidas que tornariam o ambiente escolar mais inclusivo para os surdos.*

*Em consequência disso, os deficientes auditivos encontram inúmeras dificuldades em variados âmbitos de suas vidas. Um exemplo disso é a difícil inserção dos surdos no mercado de trabalho, devido à precária educação recebida por eles e ao preconceito intrínseco à sociedade brasileira. Essa conjuntura, de acordo com as ideias do contratualista John Locke, configura-se uma violação do “contrato social”, já que o Estado não cumpre sua função de garantir que tais cidadãos gozem de direitos imprescindíveis (como direito à educação de qualidade) para a manutenção da igualdade entre os membros da sociedade, o que expõe os surdos a uma condição de ainda maior exclusão e desrespeito.*

*Diante dos fatos supracitados, faz-se necessário que a Escola promova a formação de cidadãos que respeitem às diferenças e valorizem a inclusão, por intermédio de palestras, debates e trabalhos em grupo, que envolvam a família, a respeito desse tema, visando a ampliar o contato entre a comunidade escolar e as várias formas de deficiência. Além disso, é imprescindível que o Poder Público destine maiores investimentos à capacitação de profissionais da educação especializados no ensino inclusivo e às melhorias estruturais nas escolas, com o objetivo de oferecer aos surdos uma formação mais eficaz. Ademais, cabe também ao Estado incentivar a contratação de deficientes por empresas privadas, por meio de subsídios e Parcerias Público-Privadas, objetivando a ampliar a participação desse grupo social no mercado de trabalho. Dessa forma, será possível reverter um passado de preconceito e exclusão, narrado por Machado de Assis e ofertar condições de educação mais justas a esses cidadãos.*

*Isabella Barros Castelo Branco*

## Apêndice 02- Check List

**CHECK LIST:**

CONFIRA ABAIXO ALGUMAS DICAS ANTES DE POSTAR A SUA REDAÇÃO:

COMPETÊNCIA 01- Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.	
0	Demonstra desconhecimento da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.
1	Demonstra domínio precário da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, de forma sistemática, com diversificados e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
2	Demonstra domínio insuficiente da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, com muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
3	Demonstra domínio mediano da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita.
4	Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.
5	Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizem reincidência.

**01) Confira se utilizou a crase de maneira adequada. Veja algumas regras:**

- A crase é proibida:
  - diante de verbos (Começou a sorrir);
  - diante de um “a” no singular precedida de palavra no plural (Eu sempre vou a festas);
  - antes de pronomes de tratamento como V.Exa., você, Sua Excelência (Assisti a Vossa Excelência pela televisão);
  - proibida a crase diante de pronomes pessoais do caso reto e oblíquo (Fizeram menção a ti e a mim);
  - antes de palavra masculina (Prometi ajuda a João);
  - diante de pronome indefinido (Desejo um feliz natal a todos);
  - diante de artigos indefinidos (Assisti a uma luta excepcional);
  - diante de palavras masculinas (Meu sofá cheirava a vinho);
  - quando as horas estiverem antecedidas das preposições para, desde e até, naturalmente o artigo não receberá o acento indicador de crase (Ele decidiu ir embora, pois estava esperando **desde as 10h**);

\* A crase é facultativa:

-antes de nome próprio feminino (Emprestei o livro a Bianca/Emprestei o livro à Bianca);  
-antes do pronome possessivo feminino (Emprestei o livro à sua irmã/ Emprestei o livro a sua irmã);

• A crase é obrigatória:

-antes dos pronomes de tratamento senhora e senhorita (Enviei um convite à senhorita);  
-indicação pontual de número de horas (Às duas horas chegamos);  
-as expressões **à moda de e à maneira de** (Escreve à (**moda de**) Alencar);  
- **nas expressões adverbiais femininas**: Chegaram à noite (expressão adverbial feminina de tempo); Caminhava **às pressas** (expressão adverbial feminina de modo); Ando **à procura** de meus livros (expressão adverbial feminina de finalidade);

## 2) Confira se as palavras estão acentuadas corretamente:

\* Monossílabo tônico terminado em A, E, O (pá, pé, pó);

\* Oxítona terminada em A, E, O, EM, ENS (sofá, chalé, cipó, ninguém, parabéns);

\* Paroxítonas podemos nos lembrar da frase; UM XIRUPS NÃO L(Ê) DITONGO, ou seja, UM (álbum), X (fênix), I (júri), R (revólver), U-s (bônus), PS (bíceps), N (hífen), Â (órfã), ÃO (órfão), L (túnel), e DITONGO (história);

\* Proparoxítonas: todas são acentuadas (pirâmide).

## 3) Já conferiu se o verbo está devidamente flexionado para concordar com o seu sujeito?

. Sujeito composto antes do verbo - Quando o sujeito é composto e vem antes do verbo, esse verbo deve estar sempre no plural.

Exemplo:

Maria e José conversaram até de madrugada.

. Sujeito composto depois do verbo- Quando o sujeito composto vem depois do verbo, o verbo tanto pode ficar no plural como pode concordar com o sujeito mais próximo.

Exemplos:

Discursaram diretor e professores.

Discursou diretor e professores.

. Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes-Quando o sujeito é composto, mas as pessoas gramaticais são diferentes, o verbo também deve ficar no plural. No entanto, ele concordará com a pessoa que, a nível gramatical, tem prioridade.

Isso quer dizer que 1.<sup>a</sup> pessoa (eu, nós) tem prioridade em relação à 2.<sup>a</sup> (tu, vós) e a 2.<sup>a</sup> tem prioridade em relação à 3.<sup>a</sup> (ele, eles).

Exemplos:

Nós, vós e eles vamos à festa.

Tu e ele falais outra língua?

## 4) Já conferiu se existe relação entre as classes de palavras? Elas estão concordando entre si?

. Adjetivos e um substantivo- Quando há mais do que um adjetivo para um substantivo, os adjetivos devem concordar em gênero e número com o substantivo.

Exemplo:

Adorava comida salgada e gordurosa.

. Substantivos e um adjetivo- No caso inverso, ou seja, quando há mais do que um substantivo e apenas um adjetivo, há duas formas de concordar:

. Quando o adjetivo vem antes dos substantivos, o adjetivo deve concordar com o substantivo mais próximo.

Exemplo:

Linda filha e bebê.

. Quando o adjetivo vem depois dos substantivos, o adjetivo deve concordar com o substantivo mais próximo ou com todos os substantivos.

Exemplos:

Pronúncia e vocabulário perfeito.

Vocabulário e pronúncia perfeita.

Pronúncia e vocabulário perfeitos.

Vocabulário e pronúncia perfeitos.

### 5) Confira o emprego correto de palavras A/ HÁ/ À:

A (artigo – A professora saiu) / HÁ (verbo haver – Há muito mistério envolvido) / À (junção do artigo a com a preposição a – Entreguei a revista à Maria);

### 6) Usos indevidos de maiúsculas e minúsculas:

A letra maiúscula é obrigatória em:

- começo de frases ;
- nomes de países, continentes e outras áreas geográficas grafados com letra inicial minúscula;
- nomes de eventos e acontecimentos históricos grafados com letras iniciais minúsculas (“Segunda Guerra Mundial”, “Proclamação da República”, “Guerra de Canudos”, “Reforma Protestante”, “Idade Média” etc.)
- “Constituição Federal” ou “Constituição da República Federativa do Brasil” grafado com letras iniciais minúsculas;
- “Estado”, como sinônimo de conjunto das instituições que controlam uma nação.

### 7) Não esqueça das vírgulas!

\* Não separe sujeito e predicado por vírgula: “As religiões afrobrasileiras, sofrem muita intolerância”;

\* Não separe verbo e objeto: “ As liberdades que temos de escolher o que vestir, o que usar, que religião seguir, são graças às conquistas que tivemos ao longo dos anos e com isso, fez com que tenhamos hoje, os direitos e deveres de verdadeiros cidadãos”.

\* Não separe conjunção subordinativa (mormente o “que” e oração subordinada: “Com base no tema que nos foi proposto entendo que, todo indivíduo tem a liberdade de escolher a sua religião”.

\* Não separe locução conjuntiva e seu complemento: “Ainda que, o Brasil possua uma enorme variedade de religiões, acontece de alguém desrespeitar a religião do próximo”. Mas se a frase apresentasse uma oração intercalada, não estaria errada: “Ainda que, no nosso país, haja uma enorme variedade de religiões, acontece de alguém desrespeitar a religião do próximo...”.

\* Isolamento de aposto: “Essa concepção arcaica de superioridade de determinada religião é considerada crime de ódio pois fere a liberdade de escolha do outro, uma vez que, de acordo com o artigo 5, todos são iguais perante a lei”. (aposto deve ser isolado por vírgulas)

\* Não esqueça da vírgula nas enumerações: “No Brasil há muitas religiões: a católica, a evangélica, a islâmica, a judaica”.

### 8) Utilização dos pronomes pessoais:

\* Cuidado com o uso de pronome que funciona como objeto direto no lugar do objeto indireto ou vice-versa: “Com o intuito de ser respeitado na sua crença por aqueles que **lhe** criticam”. O correto seria “por aqueles que o criticam”.

\* Uso de pronome pessoal do caso reto no lugar do oblíquo como complemento de verbos transitivos diretos: “A sociedade muda, mas o homem pronomes oblíquos átonos em início de frase (exemplo: Te pergunto se você acha essa situação correta).  
m vê **ela** como imutável”.

\* Pronomes oblíquos átonos em início de frase: “**Te** pergunto se você acha essa situação”.

Lembre-se: palavras que indicam negação (“não”, “nem”, “nunca”, “ninguém” etc.) e os pronomes relativos (“que”, “quando” etc.) atraem para perto de si o pronome oblíquo átono. Exemplos: “A intolerância **que se** verificou naquele caso foi revoltante. / A violência, **quando nos** é mostrada sem censura, revolta mais do que aquela contada sem imagens”.

### 9) Cuidado com a imprecisão vocabular:

<b>acerca de</b> (a respeito de) “Discutimos acerca de medidas eficazes a serem tomadas”	<b>a cerca de</b> (aproximadamente) “A empresa fica a cerca de dois quilômetros.”
<b>afim</b> (semelhante) “Os dois diretores têm ideias afins”	<b>a fim de</b> (com o objetivo) “Entrou na empresa a fim de trabalhar muito”
<b>onde</b> (usa-se com verbos que indicam estaticidade, permanência) “Onde aquele funcionário mora?”	<b>aonde</b> (usa-se com verbos que indicam movimento) “Iremos aonde for preciso”.
<b>à medida que</b> (à proporção que, conforme) “A opinião dos funcionários mudava à medida que as eleições se aproximavam.”	<b>na medida em que</b> (porque, uma vez que) “Na medida em que foi constatado o erro, o projeto foi refeito”.
<b>ao encontro de</b> (em direção de) “Será produtivo trabalharmos juntos, pois suas ideias vêm ao encontro das minhas”.	<b>de encontro a</b> (sentido contrário) “Toda argumentação feita por ele foi de encontro aos interesses dos funcionários”.
<b>perca</b> (forma verbal do verbo perder) “Não perca de vista seus ideais”.	<b>perda</b> (substantivo) “Todos sentiram a perda do amigo”.
<b>ratificar</b> (confirmar) “A data da reunião foi ratificada”.	<b>retificar</b> (corrigir) “Gostaria de retificar o nome do candidato”
<b>abaixo</b> (advérbio-embaixo) “Os termômetros registraram cinco graus abaixo de zero”	<b>a baixo</b> (locução adverbial- oposição a de cima) “Eles puseram o escritório a baixo.”
<b>a menos de</b> (ideia de tempo futuro, quantidade ou distância aproximada) “O diretor falou a menos de vinte funcionários”.	<b>há menos de</b> (há dá ideia de tempo decorrido, pode ser substituído por faz) “A última eleição ocorreu há menos de dois anos”
<b>a nível de</b> (nivelamento) “Aquela cidade fica a nível do mar”.	<b>em nível de</b> (em relação a) “Percebem-se muitas diferenças sociais em nível de Brasília”.
<b>em vez de</b> (no lugar de-substituição ) “Em vez de comparecer ao trabalho, teve de ir ao médico”.	<b>ao invés de</b> (ao contrário de-oposição) “Ao invés de baixar, o preço do combustível sempre sobe”.
<b>esse</b> (pessoa ou objeto que está um pouco afastado de quem fala) “Essa blusa não ficou bem em você”.	<b>este</b> (pessoa ou objeto próximo de quem fala) “Esta é uma excelente obra literária”.
<b>porque</b> (para explicar) “Eu sei porque ele não quis vir”.	<b>porquê</b> (substantivado) “Gostaria de saber o porquê de tanta indelicadeza”
<b>por que</b> (em perguntas no começo da frase) “Por que você trouxe esta caixa?”	<b>por quê</b> (perguntas no final da frase) “Você não gosta de ir à praia? Por quê?”

### COMPETÊNCIA 02-

Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.

1	Apresenta o assunto, tangenciando o tema, ou demonstra domínio precário do texto dissertativo-argumentativo, com traços constantes de outros tipos textuais.
2	Desenvolve o tema recorrendo à cópia de trechos dos textos motivadores ou apresenta domínio insuficiente do texto dissertativo-argumentativo, não atendendo à estrutura com proposição, argumentação e conclusão.
3	Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.
4	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.
5	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo.

#### 1) Quais são as informações que está trazendo ao seu texto e quais são as fontes?

##### Cuidado com:

- \* argumentos limitados a afirmações pessoais sem qualquer fundamentação teórica (repertório pessoal)
- \* utilização de textos motivadores (baseados nos textos motivadores). Os textos motivadores servem para dar um direcionamento para o desenvolvimento da sua tese. Não é aconselhado “copiar” trechos uma vez que estes não serão contabilizados no total de linhas nem utilizados na avaliação da redação.

##### Procure:

\*utilizar-se de argumentos legitimados por diferentes áreas – Geografia, Sociologia, Filosofia, Política, Cultura, Artes, Literatura, entre outras – (repertório sociocultural). O uso do repertório sociocultural fará com que você atinja uma maior nota na competência II.

Porém, pode ser avaliado também quanto ao seu uso, sendo considerado:

- \* uso superficial do repertório sociocultural quando não está articulado à discussão proposta pelo participante;
- \* uso produtivo do repertório sociocultural quando é possível perceber essa articulação.



Citação de autores reconhecidos pelas áreas de conhecimento;  
Contextualização histórica por meio de fatos e momentos históricos reconhecidos;  
Apresentação de reportagens ou pesquisas (desde que apresentadas as fontes ou detalhadamente descritas).

### COMPETÊNCIA 03-

Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

0	Apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista.
1	Apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista.
2	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista.
3	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista.
4	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista.
5	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista.

Para que o seu texto cumpra o papel de ser uma redação bem redigida, que exista progressão textual é importante que se enquadre a algumas exigências, tais como:

- Que nenhum enunciado seja inútil por trazer somente informação já contida nos anteriores.
- Que cada enunciado acrescentado ao texto tenha conexão com o anterior, de modo que nenhum deles fique solto ou isolado dos demais.

Que todos os enunciados se direcionem rumo ao alvo escolhido pelo enunciador, ou seja, não se percam ao longo do texto.

### COMPETÊNCIA 04-

Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

0	Não articula as informações.
1	Articula as partes do texto de forma precária.
2	Articula as partes do texto, de forma insuficiente, com muitas inadequações e apresenta repertório limitado de recursos coesivos.
3	Articula as partes do texto, de forma mediana, com inadequações, e apresenta repertório pouco diversificado de recursos coesivos.
4	Articula as partes do texto com poucas inadequações e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
5	Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.

Na Competência IV, em linhas gerais, deve-se utilizar um repertório de recursos coesivos e diversificados, utilizando-os de maneira adequada.

1) Para fazer a ligação entre as ideias e parágrafos, é importante que se faça bem a escolha das palavras que irão interligá-los. Abaixo, segue um quadro com sugestões:

Operadores que <b>somam</b> argumentos em favor de uma mesma conclusão	E, também, ainda, nem, não só, mas também, tanto, como, além de, além disso
Operadores que indicam o argumento <b>mais forte</b> de uma escala a favor de uma determinada conclusão	Até, até mesmo, inclusive
Operadores que deixam <b>subentendidos</b> a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes	Ao menos, pelo menos, no mínimo
Operadores que <b>contrapõem</b> argumentos orientados para conclusões contrárias	Mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, embora, ainda que, posto que
Operadores que <b>introduzem uma conclusão</b> com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores	Logo, portanto, por isso, por conseguinte, em decorrência
Operadores que <b>introduzem uma justificativa</b> ou explicação relativamente ao enunciado anterior	Porque, porquanto, já que, pois, visto que, como
Operadores que estabelecem relações de <b>comparação entre elementos</b> , visando a uma determinada conclusão	Mais (do) que, menos (do) que, tão, quanto
Operadores que introduzem argumentos <b>alternativos</b> que levam a conclusões diferentes ou opostas	Ou...ou, quer...quer, seja...seja
Operadores que introduzem no <b>enunciado conteúdos pressupostos</b>	Já, ainda, agora
Operadores que funcionam numa escala orientada para a <b>afirmação de totalidade</b>	Muitíssimo, muito, bastante, pouquíssimo, bem pouco, pouco

#### COMPETÊNCIA 05-

Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

0	Não apresenta proposta de intervenção ou apresenta proposta não relacionada ao tema ou ao assunto.
1	Apresenta proposta de intervenção vaga, precária ou relacionada apenas ao assunto.
2	Elabora, de forma insuficiente, proposta de intervenção relacionada ao tema, ou não articulada com a discussão desenvolvida no texto.
3	Elabora, de forma mediana, proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
4	Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
5	Elabora muito bem proposta de intervenção, detalhada, relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.

### 1) Você está apresentando no seu texto uma ação que interfira no problema em questão?

Você terá que apresentar 4 elementos:

- Agente: quem executa a ação (quem?).

Agentes considerados elementos nulos (que não são considerados):

1. Alguém, ninguém, alguns, uns, uns e outros;
2. Nós (oculto ou não), alguns de nós;
3. Verbo no imperativo.

- Ação interventiva: a ação proposta para intervir no problema (o que deve ser feito?).

Ações que são consideradas como elementos nulos (que não são consideradas)

1. É/faz-se necessário (ter/tomar) consciência / é importante se conscientizar / precisam por a mão na consciência / precisa conscientizar as pessoas etc.
2. Temos que prestar atenção / é preciso ficar atento;
3. É preciso ter mais tolerância;
4. Respeitar uns aos outros/nos respeitar como pessoa;
5. Precisam amar/respeitar o próximo / se tornar pessoas melhores;
6. Deve-se viver em harmonia / adotar uma postura sem preconceitos.
7. Devemos ter o direito de...

- Modo/Meio: a maneira ou o recurso pelo qual se executa a ação (por meio do quê?/ como?).
- Detalhamento: uma justificativa, uma explicação, uma exemplificação, uma especificação, ou a postura que se adota com relação à ação interventiva e/ ou ao modo/ meio de execução. Pode ser expresso, por exemplo, por orações/estruturas explicativas, justificativas e de exemplificação e por adjuntos adverbiais de modo.
- Efeito: o objetivo/ a finalidade/ a consequência/ a conclusão previstos ou alcançados (para quê?).

## Apêndice 03 – Refletindo sobre os Temas



## AULA 01

## ASSUNTO: REFLETINDO SOBRE OS TEMAS

ANO	TEMÁTICA DA REDAÇÃO
2018	Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet
2017 PPL	Consequências da busca por padrões de beleza idealizados
2017 - 2ª Aplicação	Caminhos para combater o racismo no Brasil
2017	Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil
2016	Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil
2015	A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira
2014	Publicidade infantil em questão no Brasil
2013	Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil
2012	Movimento imigratório para o Brasil no século 21
2011	Viver em rede no século 21: os limites entre o público e o privado
2010	O trabalho na construção da dignidade humana
2009	O indivíduo frente à ética nacional
2008	Como preservar a floresta Amazônica: suspender imediatamente o desmatamento; dar incentivo financeiros a proprietários que deixarem de desmatar; ou aumentar a fiscalização e aplicar multas a quem desmatar.
2007	O desafio de se conviver com as diferenças
2006	O poder de transformação da leitura
2005	O trabalho infantil na sociedade brasileira
2004	Como garantir a liberdade de informação e evitar abusos nos meios de comunicação
2003	A violência na sociedade brasileira: como mudar as regras desse jogo
2002	O direito de votar: como fazer dessa conquista um meio para promover as transformações sociais que o Brasil necessita?
2001	Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em conflito?
2000	Direitos da criança e do adolescente: como enfrentar esse desafio nacional
1999	Cidadania e participação social
1998	Viver e aprender

QUAIS SERIAM OS POSSÍVEIS TEMAS A SEREM ABORDADOS? PORQUE VOCÊ ACHA QUE SERIAM RELEVANTES?

## Apêndice 04 – Como identificar a Tese

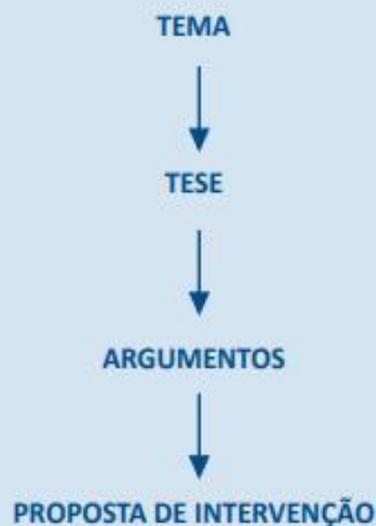


## AULA 02

**ASSUNTO: IDENTIFICAR A TESE**

A Cartilha do Participante do Enem ressalta que:

A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade. Nessa redação, você deverá defender uma **tese** – uma opinião a respeito do **tema** proposto –, apoiada em argumentos consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. Você também deverá elaborar uma **proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto** que respeite os direitos humanos.



Fonte: Cartilha do Participante (MEC, 2018)

1) Vamos entender como a tese é apresentada no texto?

Maria Fernanda Gurgel – Ceará

*Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, há 45 milhões de indivíduos portadores de alguma deficiência no País. Apesar do amplo contingente populacional e dos avanços nos direitos dessa camada da sociedade, esses brasileiros não dispõem de uma inclusão educacional plena, sobretudo os surdos. Esse cenário desafiador demanda a adoção de medidas mais eficientes por parte do Poder Público e de instituições formadoras de opinião a fim de garantir uma melhor qualidade de vida aos deficientes auditivos*

*De fato, o acesso à educação pelos indivíduos surdos é assegurado pela Constituição de 1988 e pelo mais recente Estatuto da Pessoa com Deficiência. No Brasil, entretanto, há uma discrepância entre o que é defendido por tais instrumentos jurídicos e a realidade excludente vivida por essa população. Esses indivíduos sofrem, diariamente, com a escassez de materiais didáticos adaptados e com a insuficiente formação de profissionais, que, muitas vezes, são incapazes de oferecer uma educação em Libras. Além disso, grande parte dos brasileiros desconhece tais legislações, o que dificulta a inclusão plena dos deficientes auditivos e evidencia uma atuação negligente do Estado.*

*Ademais, de acordo com o pensador Vygotsky, o indivíduo é fortemente influenciado pelo meio em que está inserido, o que ressalta a importância de certos setores da sociedade, a exemplo de famílias e escolas, na formação cidadã dos brasileiros. Mesmo com essa ampla relevância, diante da persistência de atos discriminatórios contra os surdos no âmbito escolar, como a recusa de matrícula, a segregação em turmas especiais e o bullying, fica evidente o desrespeito que tipifica como crime qualquer comportamento intolerante contra os portadores de necessidades especiais, incluindo os surdos.*

*Portanto, a fim de garantir a devida formação educacional dos deficientes auditivos, cabe ao Poder Público, por meio da destinação de mais recursos ao Instituto Nacional de Educação de Surdos, garantir uma melhor capacitação dos professores e uma maior disponibilização de materiais adaptados, além de promover informes educativos, mediante as redes sociais, sobre a existência do Estatuto da Pessoa com Deficiência. Ademais, cabe às escolas garantir, por meio de palestras para os pais de alunos, o devido incentivo de amplos diálogos entre os membros do núcleo familiar, possibilitando uma reflexão quanto ao respeito às diferenças no âmbito domiciliar desde a infância.*

2) Agora é a sua vez. Identifique no texto a tese:

Maria Juliana Bezerra Costa – Ceará

*Em razão de seu caráter excessivamente militarizado, a sociedade que constituía a cidade de Esparta, na Grécia Antiga, mostrou-se extremamente intolerante com deficiências corpóreas ao longo da história, tornando constante inclusive o assassinato de bebês que as apresentassem, por exemplo. Passados mais de dois mil anos dessa prática tenebrosa, ainda é deploravelmente perceptível, sobretudo em países subdesenvolvidos como o Brasil, a existência de atos preconceituosos perpetrados contra essa parcela da sociedade, que são o motivo primordial para que se perpetue como difícil a escolarização plena de deficientes auditivos. Esse panorama nefasto suscita ações mais efetivas tanto do Poder Público quando das instituições formadoras de opinião, com o escopo de mitigar os diversos empecilhos postos frente à educação dessa parcela social.*

*É indubitável, de fato, que muitos avanços já foram conquistados no que tange à efetivação dos direitos constitucionais garantidos aos surdos brasileiros. Pode-se mencionar, por exemplo a classificação da Libras - Língua Brasileira de Sinais- como segundo idioma oficial da nação em 2002, a existência de escolas especiais para surdos no território do Brasil e as iniciativas privadas que incluem esses cidadãos como partícipes de eventos - como no caso*

*da plataforma do Youtube Educação, cujas aulas sempre apresentam um profissional que traduz a fala de um professor para a língua de sinais. Apenas medidas flagrantemente pontuais como essas, contudo, são incapazes de tornar a educação de surdos efetiva e acessível a todos que necessitam dela, visto que não só a maioria dos centros educacionais está mal distribuída no país, mas também a disponibilidade de professores específicos ainda é escassa, além da linguagem de sinais ainda ser desconhecida por grande parte dos brasileiros.*

*No que tange à sociedade civil, nota-se a existência de comportamentos e ideologias altamente preconceituosas contra os surdos brasileiros. A título de ilustração, é comum que pais de estudantes ditos "normais" dificultem o ingresso de alunos portadores de deficiência auditiva em classes não específicas a eles, alegando que tal parcela tornará o "ritmo" da aula mais lento; que colegas de sala difundam piadas e atitudes maldosas e que empresas os considerem inaptos à comunicação com outros funcionários. Essas atitudes deploravelmente constantes no Brasil ratificam a máxima atribuída ao filósofo Voltaire: "os preconceitos são a vazão dos imbecis".*

## Apêndice 05 – Quadro Tópico



## AULA 03

**ASSUNTO: ARTICULANDO AS IDEIAS**

Ajuda no desenvolvimento da habilidade de reconhecer a organização de ideias nos textos. Identifica-se o tópico central e a partir dele, os subtópicos.

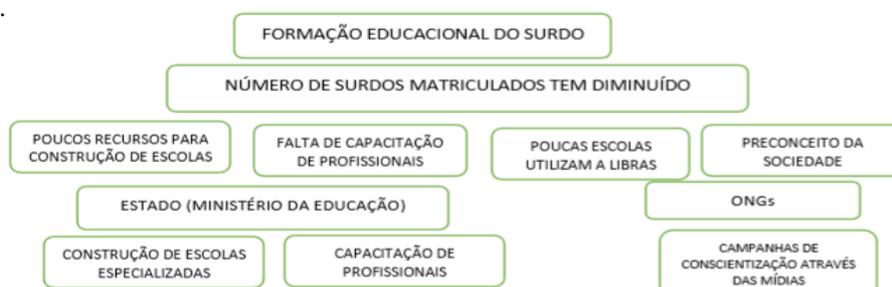
**Exemplo 1: Yasmin Lima Rocha, do Piauí (Redação nota 1000 – Enem 207)**

*A formação educacional de surdos encontra, no Brasil, uma série de empecilhos. Essa tese pode ser comprovada por meio de dados divulgados pelo Inep, os quais apontam que o número de surdos matriculados em instituições de educação básica tem diminuído ao longo dos últimos anos. Nesse sentido, algo deve ser feito para alterar essa situação, uma vez que milhares de surdos de todo o país têm o seu direito à educação vilipendiado, confrontando, portanto, a Constituição Cidadã de 1988, que assegura a educação como um direito social de todo o cidadão brasileiro.*

*Em primeira análise, o descaso estatal com a formação educacional de deficientes auditivos mostra-se como um dos desafios à consolidação dessa formação. Isso porque poucos recursos são destinados pelo Estado à construção de escolas especializadas na educação de pessoas surdas, bem como à capacitação de profissionais para atenderem às necessidades especiais desses alunos. Ademais, poucas escolas são adeptas do uso de libras, segunda língua oficial do Brasil, a qual é primordial para a inclusão de alunos surdos em instituições de ensino. Dessa forma, a negligência do Estado, ao investir minimamente na educação de pessoas especiais, dificulta a universalização desse direito social tão importante.*

*Em segunda análise, o preconceito da sociedade com os deficientes apresenta-se como outro fator preponderante para a dificuldade na efetivação da educação de pessoas surdas. Essa forma de preconceito não é algo recente na história da humanidade: ainda no Império Romano, crianças deficientes eram sentenciadas à morte, sendo jogadas de penhascos. O preconceito ao deficiente auditivo, no entanto, reverbera na sociedade atual, calcada na ética militarista, que considera inútil pessoas que, aparentemente menos capacitadas, têm pouca serventia à comunidade, como é caso de surdos. Os deficientes auditivos, desse modo, são muitas vezes vistos como pessoas de menor capacidade intelectual, sendo excluídos pelos demais, o que dificulta aos surdos não somente o acesso à educação, mas também à posterior entrada no mercado de trabalho.*

*Nesse sentido, urge que o Estado, por meio de envio de recursos ao Ministério da Educação, promova a construção de escolas especializadas em deficientes auditivos e a capacitação de profissionais para atuarem não apenas nessas escolas, mas em instituições de ensino comuns também, objetivando a ampliação do acesso à educação aos surdos, assegurando a estes, por fim, o acesso a um direito garantido constitucionalmente. Outrossim, ONGs devem promover, através da mídia, campanhas que conscientizem a população acerca da importância do deficiente auditivo para a sociedade, enfatizando em mostrar a capacidade cognitiva e intelectual do surdo, o qual seria capaz de participar da população economicamente ativa (PEA), como fosse concedido a este o direito à educação e à equidade de tratamento, por meio da difusão do uso de libras. Dessa forma, o Brasil poderia superar os desafios à consolidação da formação educacional de surdos.*



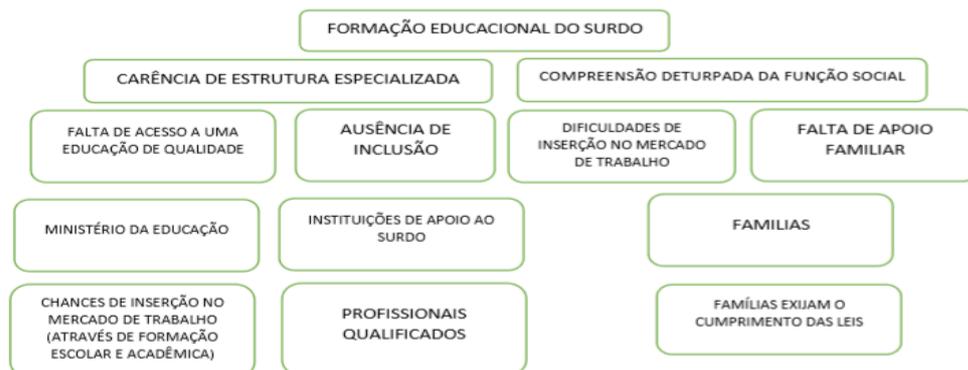
**Exemplo 2: Alan de Castro Nabor, de Alagoas (Redação nota 1000 – Enem 207)**

*Sob a perspectiva filosófica de São Tomás de Aquino, todos os indivíduos de uma sociedade democrática possuem a mesma importância, além dos mesmos direitos e deveres. No entanto, percebe-se que, no Brasil, os deficientes auditivos compõem um grupo altamente desfavorecido no tocante ao processo de formação educacional, visto que o país enfrenta uma série de desafios para atender a essa demanda. Nesse contexto, torna-se evidente a carência de estrutura especializada no acompanhamento desse público, bem como a compreensão deturpada da função social deste.*

*O filósofo italiano Norberto Bobbio afirma que a dignidade humana é uma qualidade intrínseca ao homem, capaz de lhe dar direito ao respeito e à consideração por parte do Estado. Nessa lógica, é notável que o poder público não cumpre o seu papel enquanto agente fornecedor de direitos mínimos, uma vez que não proporciona aos surdos o acesso à educação com qualidade devida, o que caracteriza um irrespeito descomunal a esse público. A lamentável condição de vulnerabilidade à qual são submetidos os deficientes auditivos é percebida no déficit deixado pelo sistema educacional vigente no país, que revela o despreparo da rede de ensino no que tange à inclusão dessa camada, de modo a causar entraves à formação desses indivíduos e, por conseguinte, sua inserção no mercado de trabalho.*

*Além disso, outra dificuldade enfrentada pelos surdos para alcançar a formação educativa se dá pela falta de apoio enfrentada por muitos no âmbito familiar, causada pela ignorância quanto às leis protetoras dos direitos do deficiente, que gera uma letargia social nesse aspecto. Esse desconhecimento produz na sociedade concepções errôneas a respeito do papel social do portador de deficiências: como consequência do descumprimento dos deveres constitucionais do Estado, as famílias – acomodadas por pouca instrução – alimentam a falsa ideia de que o deficiente auditivo não tem contribuição significativa para a sociedade, o que o afasta da escolaridade e neutraliza a relevância que possui.*

*Logo, é necessário que o Ministério da Educação, em parceria com instituições de apoio ao surdo, proporcione a este maiores chances de se inserir no mercado, mediante a implementação do suporte adequado para a formação escolar e acadêmica desse indivíduo – com profissionais especializados em atendê-lo -, a fim de gerar maior igualdade na qualificação e na disputa por emprego. É imprescindível, ainda, que as famílias desses deficientes exijam do poder público a concretude dos princípios constitucionais de proteção a esse grupo, por meio do aprofundamento no conhecimento das leis que protegem essa camada, para que, a partir da obtenção do saber, esse empenho seja fortalecido e, assim, essa parcela receba o acompanhamento necessário para atingir a formação educacional e a contribuição à sociedade.*



3) Tente construir um quadro tópico a partir da redação abaixo:

*No convívio social brasileiro, parte considerável da população apresenta alguma deficiência. Nessa conjuntura, grande parcela dos surdos, em especial, não tem acesso a uma educação de qualidade, o que fomenta maior empenho do Poder Público e da sociedade civil, com o fito de superar os desafios para a efetiva inclusão desses indivíduos no sistema educacional.*

*Sob esse viés, muitos deficientes auditivos encontram dificuldades para acessar o Ensino Fundamental, Médio ou Superior, visto que diversas instituições de ensino carecem de uma infraestrutura adaptada a esses indivíduos, como intérpretes da Libras durante as aulas. Tal panorama representa a violação da Constituição Federal de 1988 e do Estado da Pessoa com Deficiência, os quais são mecanismos jurídicos que asseguram o acesso à educação como um direito de todos os deficientes. Isso atesta a ineficiência governamental em cumprir prerrogativas legais que garantem a efetiva inclusão dos surdos na educação.*

*Ademais, em muitas instituições de ensino, deficientes auditivos ainda são vítimas de xingamentos e até de agressões físicas por parte de outros alunos, ações que caracterizam o bullying. Nesse contexto, o filósofo iluminista Voltaire já afirmava: “Preconceito é opinião sem conhecimento”. Tal máxima, mesmo séculos depois, comprova que atos intolerantes são, em geral, consequências de uma formação moral deturpada, a qual não privilegiou princípios, por exemplo, a tolerância e o respeito às diferenças como essenciais para a convivência harmônica em uma sociedade tão heterogênea. Desse modo, verifica-se a ineficácia de famílias e escolas em desestimular, rigorosamente, qualquer ação de caráter discriminatório contra surdos.*

*Portanto, a fim de garantir que surdos tenham pleno acesso à formação educacional, cabe ao Estado, mediante o redirecionamento de verbas, realizar as adaptações necessárias em todas as escolas e as universidades públicas, como o oferecimento de cursos gratuitos que capacitem profissionais da educação para se comunicarem em Libras e a contratação de mais intérpretes da Libras para atuarem nessas instituições. Outrossim, famílias e escolas, por meio de, respectivamente, diálogos frequentes e palestras, devem debater acerca da aceitação às diferenças como fator essencial para o convívio coletivo, de modo a combater o bullying e a formar um paradigma comportamental de total respeito aos deficientes auditivos*

## Apêndice 06: Iniciar uma argumentação



## AULA 04

**ASSUNTO: INICIAR UMA ARGUMENTAÇÃO**

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e Argumentar*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

**• DEFININDO O PONTO DE VISTA**

Podemos ver um fato sob diferentes ângulos. Se o assunto é a escassez de água, podemos desenvolvê-lo abordando a perspectiva da responsabilidade das autoridades governamentais ou da própria população. Também pode-se relatar os impactos na economia, na mudança dos hábitos da população. Ao definir o ponto de vista, o melhor é apresentá-lo nas primeiras linhas esclarecendo sobre o que será desenvolvido nos próximos parágrafos.

Exemplo 1:

*“Você é um fotógrafo que viaja ou um viajante que fotografa”? Esse é um questionamento que o profissional Haroldo Castro ouve com frequência e responde com desenvoltura: “Acho que sou os dois.” [...]*

Fonte: YURI, Débora. “Fotógrafos especializados em turismo dão dicas de fotografia de viagem”. *Folha de S. Paulo*. Turismo, 12 fev. 2015, F1.

**• APRESENTANDO FATOS**

O fato apresentado pode ser um dado preciso que podemos ter acesso através de leituras, assunto veiculado na TV, rádio ou nas mídias sociais. É uma importante estratégia pois pode sustentar a reflexão ou a argumentação, valendo como uma prova.

Exemplo 1:

*A revisão do número de mortes em ruas e estradas brasileiras ao longo de 2013 mostra que o trânsito do país está mais violento do que se supunha. De acordo com os novos dados do Sistema Único de Saúde, houve 42,3 mil vítimas de acidentes fatais naquele ano, quase 2.000 a mais do que sugeria a estatística preliminar.*

Fonte: EDITORIAL. “Batalha em trânsito”. *Folha de S. Paulo*. Opinião, 15 jul. 2015, A2.

Exemplo 2:

*A Justiça da Alemanha realizou nesta semana o que pode ter sido o último julgamento de um colaborador do regime nazista. O contador Oskar Groning, hoje com 94 anos, foi condenado à prisão por cumplicidade na morte de judeus nos campos de extermínio de Auschwitz, nos quais mais de um milhão de pessoas perderam a vida*

Fonte: EDITORIAL. “Resta o espanto”. *Folha de S. Paulo*. Opinião, 18 jul. 2015, A2

**• FAZENDO UMA DECLARAÇÃO INICIAL**

É feita uma afirmação ou negação logo no início que será justificada ou fundamentada em seguida.

Exemplo 1:

*Desde a Antiguidade, filósofos e juristas debatem temas espinhosos como o conceito de justiça, a função da pena e a possibilidade de haver leis injustas. Nunca chegaram a uma conclusão definitiva.*

Fonte: EDITORIAL. "Justiça sub judice". Folha de S. Paulo. Opinião, 22 ago. 2015, A2

#### Exemplo 2

Hoje em dia, organizamos nosso pensamento para que ele possa ser comunicado por meio de alguns meios modernos de comunicação: telefone-fixo ou celular, interfone, e-mail, WhatsApp, Skype, Facebook e outros tantos.

Fonte: MAUTNER, Anna Verônica. "Outros jeitos de se comunicar". Folha de S. Paulo, Tendências/Debates. Opinião, 28 jun. 2015, A3

- **CONTANDO UMA HISTÓRIA**

Contar uma história no início do texto é uma boa estratégia, no entanto, é necessário que traga elementos que dizem respeito ao tema tratado e que propiciem o desenvolvimento de ideias ao longo do texto.

#### Exemplo 1:

*Angustiado com o subdesenvolvimento de seu país, um economista de vinte e poucos anos aventurou-se pelas terras inóspitas do norte. Deparou-se com uma população paupérrima, primitiva, quase pré-histórica, entregue a rituais de xamanismo. Máscaras, tambores, mantos misteriosos cobertos de amuletos: uma longa noite tribal se estendia ante os olhos daquele rapaz. Ele não estava na Amazônia nem na Polinésia, mas sim entre os Komî, povo que habitava os confins setentrionais da Rússia e da Finlândia. O ano era 1889, e o economista logo iria desistir de sua profissão para se tornar pintor. Tratava-se de Wassily Kandinsky (1866– 1944), pioneiro e teórico da arte abstrata.*

Fonte: COELHO, Marcelo. "Primitivos ao norte". Folha de S. Paulo. Ilustrada, 15 jul. 2015, C8

#### Exemplo 2:

*Há algumas semanas, havia um pedágio na estrada da cidade de Santa Leopoldina (800 habitantes), na região serrana do Espírito Santo. Jovens pediam dinheiro aos motoristas para ajudar a pagar a viagem das trigêmeas Fábria, Fabiele e Fabíola Loteiro ao Rio. Filhas de pequenos agricultores da zona rural próxima a Vitória, elas iriam a uma cerimônia no Theatro Municipal para receber as medalhas de ouro e prata que conquistaram na 10ª Olimpíada de Matemática das Escolas Públicas.*

Fonte: GASPARI, Elio. "As meninas de Santa Leopoldina". Folha de S. Paulo. Poder, 26 jul. 2015, A10.

- **ESTABELECENDO A RELAÇÃO ENTRE TEXTOS (INTERTEXTUALIDADE)**

Sempre que lemos ou ouvimos algo, estamos compondo o nosso repertório, a nossa bagagem textual. Quanto mais textos conhecermos, mais isso se reflete nas nossas produções.

#### Exemplo 1:

*A história recente do Egito pode ser vista como uma variação sombria da máxima expressa no romance "O Leopardo", de Giuseppe Tomasi di Lampedusa: "Se queremos que tudo permaneça como está, é preciso que tudo mude". Nos últimos anos, tudo mudou no país árabe. Em alguns aspectos, entretanto, em vez de as coisas permanecerem como estavam, ficaram ainda piores.*

Fonte: EDITORIAL. "Retrocesso no Egito". Folha de S. Paulo. Opinião, 18 ago. 2015, A2

- **LANÇANDO PERGUNTA(S)**

Quando o assunto é argumentar, tão importante quanto responder é saber perguntar. Essa é uma grande estratégia para o início do texto pois ela irá orientar as respostas que virão ao longo do texto.

#### Exemplo 1:

*Heterogeneidade cultural, diversidade étnica, pluralidade ideológica – São Paulo abriga inúmeros diferentes tipos de pessoas, grupos e estilos. E qual é, afinal, o produto de tantas diferenças?*

Fonte: João Marcelo Elias. Atividade escolar, 2º ano. São Paulo: Colégio Móbile, 2014.

Exemplo 2:

*Num momento histórico em que jornais, revistas, rádio, TV e internet são acessíveis a qualquer pessoa, o monopólio informativo da escola deixou de existir. Cada criança ou jovem pode buscar sozinho as notícias que deseja, quando e onde deseja. Isso quer dizer que não há mais lugar para os mestres, que as escolas não têm mais a função social, como querem alguns?*

- **ESTABELECENDO COMPARAÇÕES**

Comparar pressupõe estabelecer semelhanças e diferenças e chegar a uma conclusão. Podemos fazer uma comparação quando queremos salientar as semelhanças. Ou podemos deslocar o foco da argumentação para as diferenças.

Exemplo 1

*Engana-se quem acredita que Recife, a Veneza brasileira, e a Veneza verdadeira guardam em comum apenas coincidências urbanísticas e geográficas, já que são cidades formadas por um conjunto de ilhas, cercadas de água e ligadas por belas pontes. A sétima arte também une as duas. Em Veneza, acontece um dos mais prestigiados festivais de cinema do mundo, o badalado Festival Internacional de Veneza. A história do evento começa ainda nos anos 1930, durante a 18ª edição da Bienal de Veneza, um evento que tinha como objetivo fomentar todos os tipos de arte: música, pintura e a nascente arte do cinema. Em Pernambuco, a produção cinematográfica local teve seu primeiro grande impulso mais cedo, ainda nos anos 1920, com o chamado Ciclo de Recife.*

Fonte: “Veneza e Recife: cidades ligadas pelas águas e pelo cinema”. *Radar executivo*. Recife, dez. 2014/jan.2015

Exemplo 2

*A cultura é a única coisa que diferencia o ser humano dos outros animais. Enquanto esses já nascem instrumentalizados para suportar o clima e o meio ambiente (ursos, focas), construir casas (joão-de-barro, abelhas), defender-se dos inimigos por armas ou mimetismo (tubarão, linguado), o ser humano vem ao mundo incapaz de sobreviver sem a proteção dos pais e sem a aprendizagem social, que, em bom português, pode ser chamada de cultura.*

Fonte: PINSKY, Jaime. Bens culturais para todos? *O Brasil tem futuro?* São Paulo: Contexto, 2006, p.79.

- **APRESENTANDO UMA DEFINIÇÃO**

Certamente você já se deparou com um texto que começa com a definição de uma palavra, expressão ou termo técnico. No processo argumentativo, a definição ocorre porque talvez o leitor desconheça o termo em questão e, na dúvida, é melhor esclarecer.

Exemplo 1:

*Bullying é o comportamento agressivo, intencional e repetido contra alguém por conta de alguma característica ou situação peculiar. É um desequilíbrio de poder que afeta sobretudo crianças e adolescentes em escolas e em outros ambientes de convivência, mas que também inferniza a vida de adultos.*

Fonte: CARVALHO FILHO, Luis Francisco. “Crianças, crueldade e justiça”. Folha de S.Paulo. Cotidiano, 1º ago. 2015, B2

Exemplo 2:

*Em inglês, diz o Webster, o verbo “to peak” significa adquirir forma aguçada, aguda, afiada. Vem do substantivo “peak” – o pico de uma montanha, o pináculo, o mais alto grau de excelência. Enfim, “to peak” seria atingir o máximo possível. Para as revistas inglesas de música pop, é a melhor colocação que uma canção atingiu nas paradas.*

Fonte: CASTRO, Ruy. “O Brasil já picou”? Folha de S. Paulo. Opinião, 21 fev. 2015

## • INVENTANDO UMA CATEGORIZAÇÃO

Inventar uma categoria é uma estratégia próxima ao modo de definir um termo, porque, se inventamos algo, é preciso dizer o que significa, se quisermos ser compreendidos. No começo de uma argumentação, a categoria nova chama a atenção pelo ineditismo, além de constituir um elemento-chave no movimento argumentativo.

Exemplo 1:

*A Academia de Ciências dos EUA acaba de publicar dois amplos relatórios sobre o que existe de mais próximo da alquimia nos nossos tempos: **a geoengenharia**. Trata-se de uma ideia de que com a tecnologia atual é possível fazer intervenções diretas sobre o clima da terra, corrigindo o que for preciso.*

Fonte: LEMOS, Ricardo. “Os geoengenheiros estão chegando”. *Folha de S. Paulo*. Tec, 27 jul. 2015, A17.

Exemplo 2:

*Conforme se exagera na publicidade política, há o candidato falso, o eleitor falso, o partido falso e, agora, até o “falso eleitor falso”. Gestos aprendidos, convicções postiças, promessas produzidas conforme o receituário das pesquisas de opinião: nada disso é estranho a qualquer campanha eleitoral. Também são mestres, os marqueteiros, na composição do cenário televisivo, seja o da simpática ruazinha popular, seja o do moderno gabinete de trabalho [...] Tudo isso era conhecido. O que não se sabia e a reportagem publicada ontem (25) por esta Folha apresentou vários exemplos do fenômeno é que existem modos ainda mais baratos, e mais falsos, de promover a fotogenia eleitoral. A campanha precisa de uma jovem mãe afrodescendente? De uma quarentona animada de classe média? De um idoso em boas condições de saúde? Não é mais necessário contratar modelos especializados para um cartaz de candidato. Uma empresa americana, a Shutterstock, disponibiliza cerca de 40 milhões de fotos para todos os gostos, todas as candidaturas, todos os problemas e todas as soluções que interesse complementar.*

Fonte: EDITORIAIS. “Rostos de aluguel”. *Folha de S. Paulo*, 26 set. 2014.

## • ENUMERANDO CASOS COMO EXEMPLIFICAÇÃO

A exemplificação é utilizada com o objetivo de fazer o leitor rememorar fatos ou acontecimentos que giram em torno de um tema em discussão., mostra também a relevância do assunto discutido.

Exemplo 1:

*Torcedores racistas imitam sons de macacos quando certos jogadores negros tocam a bola. Na semana passada, a vítima foi o atacante Tinga, do Cruzeiro, pela torcida do peruano Real Garcilaso. Em 2013, foi o marfinense Touré, do inglês Manchester City, pela do russo CSKA. Ainda em 2013, foi o italiano de pais ganenses Balotelli, do Milan, ante a do Inter – antes disso, na Croácia, os torcedores locais já lhe tinham jogado bananas. Em 2012, o brasileiro Juan, então de Roma, ante a do também italiano Lazio. [...]*

Fonte: CASTRO, Ruy. “Fim da infância”. *Folha de S. Paulo*. Opinião, 21 fev. 2014.

## • OBSERVANDO A MUDANÇA NA LINHA DO TEMPO

Uma estratégia para iniciar uma argumentação é apresentar como certo conceito foi sendo remodelado ao longo do tempo.

Exemplo 1:

***Ao longo da história**, a noção de cultura teve distintos significados e matizes. Durante muitos séculos foi um conceito inseparável da religião e do conhecimento teológico; na Grécia, esteve marcada pela Filosofia e, em Roma, pelo Direito, enquanto no Renascimento foi confirmada sobretudo pela Literatura e pelas artes. **Em épocas mais recentes**, como no Iluminismo, foram a ciência e os grandes descobrimentos científicos que deram o principal viés à ideia de cultura. [...] Em todas as épocas históricas e até a nossa, em qualquer sociedade concreta havia pessoas cultas e incultas e, entre esses dois extremos, pessoas mais ou menos cultas ou mais ou menos incultas. [...] **Em nosso tempo** tudo isso mudou. A noção de cultura estendeu-se tanto que, embora ninguém se atreva a reconhecê-la de maneira explícita, se desvaneceu.[...]*

Fonte: LLOSA, Mario Vargas. Breve discursos sobre a cultura. In: MACHADO, Cassiano Elek (org.). *Pensar a cultura*. Porto Alegre: Arquipélago, 2013, pp.12-3.

## Exemplo 2:

*A primeira Revolução Industrial aconteceu no Reino Unido no final do século 18 com a mecanização da indústria têxtil. Nas décadas seguintes, em vez de construir coisas apenas com as mãos, espalhou-se pelo mundo o uso de máquinas. A Segunda Revolução Industrial começou nos Estados Unidos no início do século 20 com a linha de produção em série, na chamada Era da Produção em Massa. Vivemos agora uma nova revolução na indústria, amparada pela cultura e tecnologias digitais, que tem como um dos importantes catalisadores as impressoras 3D. E, acredite, você ainda vai ter uma. Com preços cada vez mais acessíveis, uma máquina dessas é capaz de imprimir objetos tridimensionais. A técnica mais comum é a que deposita e cola, layer a layer, grãos minúsculos de algum material, como plástico, cerâmica, vidro ou metal.*

Fonte: REQUENA, Guto. "Terceira Revolução Industrial". *Folha de S.Paulo*. Imóveis, 28 ago. 2013.

## Apêndice 07 – Desenvolver uma argumentação



### **ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER A ARGUMENTAÇÃO**

- **FAZENDO PERGUNTA E APRESENTANDO RESPOSTA**

Quem desenvolveu o assunto acerca do tema “Por quê os venezuelanos protestam?” desenvolveu um projeto de dizer na forma de pergunta e de resposta para explicar, justificar porque ocorrem os protestos na Venezuela.

Exemplo 1:

*A insegurança é um motivo de protesto porque virou um dos países mais perigosos do mundo. As pessoas têm medo de sair de suas casas. Foram registrados 24.000 assassinatos em 2013. O desabastecimento é um motivo de protesto porque está cada vez mais complicado conseguir alimentos, medicamentos e até mesmo os artigos para higiene pessoal. Os índices de desabastecimento estão subindo constantemente. A corrupção é motivo de protesto porque ela está presente dentro de quase todas as esferas do governo. A intimidação governamental é motivo de protesto porque o governo exige que seus funcionários participem das manifestações oficiais sob ameaça de serem demitidos. [...]*

- **LEVANTANDO O PROBLEMA – APONTANDO A SOLUÇÃO**

Uma variação do modelo apresentado anteriormente é aquele que se organiza em torno de problema – solução. Não basta levantar problemas, é preciso apontar soluções.

Exemplo 1:

*[...] Enquanto isso, em terras anglo-saxônicas o debate sobre o impacto da onda vindoura de robôs para questões como o trabalho e a desigualdade fica cada vez mais forte. Vale ler a última edição da revista “Foreign Affairs”, que faz um ótimo balanço da discussão. Nela, Daniela Rus, professora de Inteligência Artificial do MIT, afirma que assim como os 80 consolidaram a ideia de cada um ter seu “computador pessoal”, a próxima década vai ser do “robô pessoal”. Os professores Erik Brynjolfsson e Andrew McAfee, também do MIT, alertam sobre a possibilidade de que os robôs possam fazer com que o trabalho humano fique tão obsoleto quanto o dos cavalos. [...] Qual a solução proposta para o problema? Maior presença do Estado na economia. Erik e Andrew propõem que o Estado torne-se acionista em frotas robóticas do futuro. Os dividendos obtidos a partir delas seriam distribuídos para a sociedade como um todo. Uma espécie de “Bolsa Família” robótica, para mitigar desemprego e desigualdade. [...]*

Fonte: LEMOS, Ronaldo. *Folha de S. Paulo*. Tec, 13 jul. 2015, A21.

- **INDICANDO ARGUMENTOS FAVORÁVEIS X ARGUMENTOS CONTRÁRIOS**

Este modelo pressupõe a utilização de tópicos ou assunto controverso, razão pela qual se pressupõe o levantamento de argumentos favoráveis e contrários para a tomada de posição, a defesa de um ponto de vista.

Exemplo 1:

*O cigarro eletrônico pode ser uma forma menos maligna de lidar com a dependência de nicotina. Inalar a fumaça liberada na combustão do cigarro é o mais mortal dos comportamentos de risco, no Brasil. Não é*

*de hoje que os fabricantes procuram uma forma de administrar a nicotina, sem causar os malefícios da queima do fumo nem tirar o prazer que o dependente sente ao fumar. E, acima de tudo, sem abrir mão do lucro obtido com a droga que provoca a mais escravizadora das dependências químicas conhecidas pela medicina. [...] Na literatura médica, entretanto, as opiniões são divergentes.*

#### *1. Os detratores*

*A demonstração de que fumantes passivos correm mais risco de morrer por ataque cardíaco, derrame cerebral, câncer e doenças respiratórias deu origem à legislação que proibiu o fumo em lugares fechados, providência que beneficiou fumantes e abstêmios. Especialistas temem que esse esforço da sociedade seja perdido, quando os cigarros eletrônicos forem anunciados em larga escala pelos meios de comunicação. [...] Os Centers for Disease Control, nos Estados Unidos, revelam que embora o consumo de cigarros tenha caído, entre 2011 e 2012, o de eletrônicos duplicou. Não existe padronização na quantidade de nicotina vaporizada pelas diferentes marcas de eletrônicos; nem controle de qualidade. Os testes mostram que alguns conseguem liberar o dobro ou o triplo de nicotina, em cada tragada. [...]*

#### *2. Os defensores*

*Consideram que o cigarro eletrônico se enquadra nas chamadas estratégias de redução de riscos, semelhantes às de distribuição de seringas pelos usuários de drogas injetáveis, adotadas como medida de prevenção à Aids. Há quem acredite que ao lado de outras formas de administrar nicotina sem utilizar combustão (chicletes, pastilhas e adesivos), os dispositivos eletrônicos têm potencial para se tornar um dos maiores avanços na história da saúde pública. Para eles, o vapor de nicotina inalado através de um cigarro eletrônico mimetiza as experiências prévias do fumante, sem deixar de estigmatizar o cigarro comum. [...]*

Fonte: VARELLA, Draúzio. "O cigarro eletrônico." *Folha de S. Paulo*. Ilustrada, 8 fev. 2014. (Site Drauzio Varella).

### • **TECENDO COMPARAÇÃO**

Podemos recorrer à comparação para identificar pontos próximos ou distantes entre dois elementos e, com base nisso, manifestar a nossa posição sobre o assunto.

#### Exemplo 1:

No texto abaixo, as ideias de Platão e Sartre sobre o amor são confrontadas no desenvolvimento da argumentação para a defesa da tese: o homem tem ânsia de amar e o faz de diferentes maneiras, mas é incapaz de definir o que é o amor.

*Ama-se muito – a muitos. Se tão presente na sociedade, o amor se faz contraditoriamente incapturável. Ou, se capturado, faz-se indefinível. O homem tem ânsia de amar e o faz de diferentes maneiras. É, entretanto, incapaz de definir um conceito para esse sentimento. De onde vem o amor? Segundo Platão, da necessidade de se sentir completo – de encontrar a “alma gêmea”, a “metade da laranja”; alguém predeterminado. Sob tal ponto de vista, amar não refletiria identidade – pouco importariam gostos, desejos e escolhas. Sartre, pensador existencialista, vai de encontro à ideia do amor platônico. Para ele, a existência humana precede sua essência e, assim, cada um é agente da sua própria identidade – não há predeterminações. [...]*

Fonte: ELIAS, João Marcelo da Silva. "Amor, substantivo abstrato". *Escola Móbile*, 2º ano ensino médio, nov. 2014.

### • **RECORRENDO À EXEMPLIFICAÇÃO**

A enumeração de exemplos pode servir para provar uma posição ou opinião pessoal. Trata-se de uma estratégia argumentativa de caráter didático que muito pode contribuir para a defesa de um ponto de vista.

*Para um amante incorrigível de livros, viciado mesmo, terminar a leitura de uma obra de qualidade provoca sensações contraditórias de satisfação e ansiedade. Afinal, acabado o livro, como sobreviver sem*

*aquele companheiro capaz de transformar horas de espera em alegres momentos? Emplacar dois livros bons, em sequência, é um feito que pode ser comemorado e deve ser compartilhado. O primeiro deles é a biografia de um dos grandes pintores do século XX, Marc Chagall, escrito por Jackie Wullschlager, responsável pela crítica de arte do jornal Financial Times, de Londres (Chagall, Editora Globo, 735 páginas). Dito isso, poderia parecer que se trata apenas de uma biografia artística, mas é muito mais. A parte histórica imbricada com a vida do pintor, começa a oferecer um cuidadoso e afetivo panorama da Rússia pré-revolucionária, a partir da cidade de Vitebsk, onde nasceu Chagall. [...]*

*O outro livro é um produto editorial bem diferente, embora com surpreendentes semelhanças no conteúdo. Enquanto o primeiro tem uma publicação esmerada, plena de ilustrações, o segundo é uma edição formalmente modesta, publicado pela expressão popular, e tem como título apenas a letra K. O autor, Bernardo Kucinsku, jornalista e professor da USP, participou do governo Lula e teve uma irmã “desaparecida” no regime militar. [...]*

Fonte: PINSKY, Jaime. *Por que gostamos de história*. São Paulo: Contexto, 2013, p.71.

## Apêndice 08 – Uso dos conectivos



## AULA 07

ASSUNTO: CONECTIVOS

Os operadores argumentativos são estruturas linguísticas que têm por função também ressaltar a força argumentativa dos enunciados e o sentido para o qual apontam. Podem indicar relação de causa, consequência, conclusão, oposição, finalidade, soma de ideias, entre outros.

Principais operadores argumentativos:

- Operadores que somam argumentos: e, também, ainda, não só... mas também, além de..., além disso..., aliás. Exemplo: Além de ser muito inteligente, é ótimo professor.
- Operadores que indicam conclusão: portanto, logo, por conseguinte, pois, consequentemente... Exemplo: João tira notas baixas e trata mal os professores, portanto não é um bom aluno.
- Operadores que indicam comparação entre elementos a fim de uma conclusão: ..que, menos...que, tão...como. Exemplo: Vamos colocar Luísa no lugar de Joana, uma é tão competente quanto à outra.
- Operadores que indicam causa/explicação: porque, que, já que, pois, por causa de... Exemplo: Estou triste, pois não fui bem na prova.
- Operadores que indicam oposição/ideias contrárias: mas, porém, contudo, todavia, no entanto, embora, ainda que, posto que, apesar de... Exemplo: Gabriel fez um bom trabalho, mas não foi aprovado.
- Operadores que indicam o argumento mais forte de um enunciado: até, mesmo, até mesmo, inclusive, pelo menos, no mínimo. Exemplo: João era muito ambicioso; queria ser, no mínimo, o presidente da empresa onde trabalha.
- Operadores que indicam uma relação de condição entre um antecedente e um consequente: se, caso. Exemplo: Se você não for ao médico, não melhorará.
- Operadores que indicam uma relação de tempo: quando, assim que, logo que, no momento em que... Exemplo: Assim que você chegar, me ligue!
- Operadores que indicam finalidade/objetivo: para, para que, a fim de... Exemplo: Eu estudo a fim de passar no vestibular.

1) Analise o uso dos conectivos abaixo e tente preencher corretamente as lacunas, baseado na intenção de quem escreve:

- Pedro vai trabalhar, ..... precisa de dinheiro. (**explicação/causa**)
- Pedro vai trabalhar ....., receberá um salário. (**conclusão**)

- Pedro vai trabalhar, ..... viajará no fim de semana. **(oposição)**
- Pedro vai trabalhar ..... ganhar dinheiro. **(finalidade)**

para- portanto- mas- pois
---------------------------

- 2) Texto CLOZE. Baseado no seu repertório coesivo, complete as lacunas de maneira que as ideias se interliguem.

Maria Fernanda Gurgel – Ceará

*Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, há 45 milhões de indivíduos portadores de alguma deficiência no País. \_\_\_\_\_ do amplo contingente populacional e dos avanços nos direitos dessa camada da sociedade, esses brasileiros não dispõem de uma inclusão educacional plena, \_\_\_\_\_ os surdos. Esse cenário desafiador demanda a adoção de medidas mais eficientes por parte do Poder Público e de instituições formadoras de opinião \_\_\_\_\_ garantir uma melhor qualidade de vida aos deficientes auditivos.*

*\_\_\_\_\_, o acesso à educação pelos indivíduos surdos é assegurado pela Constituição de 1988 e pelo mais recente Estatuto da Pessoa com Deficiência. No Brasil, \_\_\_\_\_, há uma discrepância entre o que é defendido por tais instrumentos jurídicos e a realidade excludente vivida por essa população. Esses indivíduos sofrem, diariamente, com a escassez de materiais didáticos adaptados e com a insuficiente formação de profissionais, \_\_\_\_\_, muitas vezes, são incapazes de oferecer uma educação em Libras. \_\_\_\_\_, grande parte dos brasileiros desconhece tais legislações, o que dificulta a inclusão plena dos deficientes auditivos e evidencia uma atuação negligente do Estado.*

*\_\_\_\_\_, de acordo com o pensador Vygotsky, o indivíduo é fortemente influenciado pelo meio em que está inserido, o que ressalta a importância de certos setores da sociedade, a exemplo de famílias e escolas, na formação cidadã dos brasileiros. Mesmo com essa ampla relevância, diante da persistência de atos discriminatórios contra os surdos no âmbito escolar, como a recusa de matrícula, a segregação em turmas especiais e o bullying, fica evidente o desrespeito que tipifica como crime qualquer comportamento intolerante contra os portadores de necessidades especiais, incluindo os surdos.*

*\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ garantir a devida formação educacional dos deficientes auditivos, cabe ao Poder Público, por meio da destinação de mais recursos ao Instituto Nacional de Educação de Surdos, garantir uma melhor capacitação dos professores e uma maior disponibilização de materiais adaptados, \_\_\_\_\_ promover informes educativos, mediante as redes sociais, sobre a existência do Estatuto da Pessoa com Deficiência. \_\_\_\_\_, cabe às escolas garantir, por meio de palestras para os pais de alunos, o devido incentivo de amplos diálogos entre os membros do núcleo familiar, possibilitando uma reflexão quanto ao respeito às diferenças no âmbito domiciliar desde a infância.*

- 3) Identifique o uso dos conectivos intraparágrafos e interparágrafos, tão importantes para a avaliação da competência IV do Enem.

Maria Juliana Bezerra Costa – Ceará

*Em razão de seu caráter excessivamente militarizado, a sociedade que constituía a cidade de Esparta, na Grécia Antiga, mostrou-se extremamente intolerante com deficiências corpóreas ao longo da história, tornando constante inclusive o assassinato de bebês que as apresentassem, por exemplo. Passados mais de dois mil anos dessa prática tenebrosa, ainda é deploravelmente perceptível, sobretudo em países subdesenvolvidos como o Brasil, a existência de atos preconceituosos perpetrados contra essa parcela da sociedade, que são o motivo primordial para que se perpetue como difícil a escolarização plena de deficientes auditivos. Esse panorama nefasto suscita ações mais efetivas tanto do Poder Público quando das instituições formadoras de opinião, com o escopo de mitigar os diversos empecilhos postos frente à educação dessa parcela social.*

*É indubitável, de fato, que muitos avanços já foram conquistados no que tange à efetivação dos direitos constitucionais garantidos aos surdos brasileiros. Pode-se mencionar, por exemplo a classificação da Libras - Língua Brasileira de Sinais- como segundo idioma oficial da nação em 2002, a existência de escolas específicas para surdos no território do Brasil e as iniciativas privadas que incluem esses cidadãos como partícipes de eventos - como no caso da plataforma do Youtube Educação, cujas aulas sempre apresentam um profissional que traduz a fala de um professor para a língua de sinais. Apenas medidas flagrantemente pontuais como essas, contudo, são incapazes de tornar a educação de surdos efetiva e acessível a todos que necessitam dela, visto que não só a maioria dos centros educacionais está mal distribuída no país, mas também a disponibilidade de professores específicos ainda é escassa, além da linguagem de sinais ainda ser desconhecida por grande parte dos brasileiros.*

*No que tange à sociedade civil, nota-se a existência de comportamentos e ideologias altamente preconceituosas contra os surdos brasileiros. A título de ilustração, é comum que pais de estudantes ditos "normais" dificultem o ingresso de alunos portadores de deficiência auditiva em classes não específicas a eles, alegando que tal parcela tornará o "ritmo" da aula mais lento; que colegas de sala difundam piadas e atitudes maldosas e que empresas os considerem inaptos à comunicação com outros funcionários. Essas atitudes deploravelmente constantes no Brasil ratificam a máxima atribuída ao filósofo Voltaire: "os preconceitos são a vazão dos imbecis".*

*Urge, pois, a fim de tornar atitudes intolerantes restritas à história de Esparta, que o Estado construa mais escolas para deficientes auditivos em municípios mais afastados de grandes centros e promova cursos de Libras a professores da rede pública - por meio da ampliação de verbas destinadas ao Ministério da Educação e da realização de palestras com especialistas na educação de surdos -, em prol de tornar a formação educacional deles mais fácil e mais inclusiva. Outrossim, é mister que instituições formadoras de opinião - como escolas, universidades e famílias socialmente engajadas - promovam debates amplos e constantes acerca da importância de garantir o respeito e a igualdade de oportunidades a essa parcela social, a partir de diálogos nos lares, de seminários e de feiras culturais em ambientes educacionais. Assim, reduzir-se-ão os empecilhos existentes hoje em relação à educação de surdos na Nação e formar-se-ão cidadãos mais aptos à empreender a necessidade de respeito a eles, afinal, segundo o filósofo Immanuel Kant: "O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele".*

## Apêndice 09 – Concluir uma argumentação

**ASSUNTO: CONCLUIR UMA ARGUMENTAÇÃO**

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e Argumentar*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

- **ELABORANDO UMA SÍNTESE**

Exemplo 1:

*Ao final de 20 meses de negociação, Irã, Estados Unidos, Rússia, China, Reino Unido, França e Alemanha anunciaram nesta terça-feira (14) um acordo para limitar o programa nuclear persa. O acontecimento histórico pode enfim desarmar um impasse internacional que se arrasta há duas décadas. [...]*  
***Embora ainda precise passar pelo teste da realidade, o acordo – assinado por todos os países do Conselho de Segurança da ONU e pela Alemanha – cria possibilidades de controle do programa nuclear iraniano e representa óbvio avanço em uma região já deflagrada. Seus signatários deram um passo importante para superar um impasse que já durou tempo demais.***

Fonte: EDITORIAL. “O acordo, enfim”. *Folha de S. Paulo*. Opinião, 15 jul. 2015, A2.

- **FINALIZANDO COM UMA SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA**

Exemplo 1:

*Quase uma em cada dez pessoas, em todos os países, apresenta transtornos da saúde mental, segundo a Organização Mundial da Saúde. Entretanto, somente 1% dos profissionais da saúde atua na atenção a este delicado tema.*  
***[...] a OMS elaborou um plano de ação aos seus países-membros, para ser desenvolvido nos próximos cinco anos. Entre as propostas, uma delas seria aumentar em 20% a cobertura dos serviços especializados em distúrbios mentais severos, incentivar a promoção e prevenção da saúde mental.***

Fonte: ABRAMCZYK, Julio. “O Atlas da saúde mental da OMS”. *Folha de S. Paulo*. Saúde + Ciência, 18 jul. 2015.

- **FINALIZANDO COM REMISSÃO A TEXTOS**

Uma estratégia que revela erudição e elegância é fazer uma citação a textos ou a seus autores, sob forma de citação direta ou indireta.

Exemplo 1:

*O determinismo genético, a crença de que todas as características do organismo são ditadas pelo código do DNA, sofreu um golpe. Estudo com filhos de sobreviventes do Holocausto mostrou que marcas de vivências traumáticas passaram à geração seguinte sem interferência de sequências genéticas.*  
***[...] Não estamos diante de uma mudança de paradigma científico, como diria Thomas Kuhn, mas da descoberta de mais complexidade num fenômeno que a imagem popular da genética acredita ser simples e unidirecional – genes fazem proteínas que determinam todas as características do organismo. É um pouco mais complicado do que isso.***

Fonte: EDITORIAL. “Traumas herdados”. *Folha de S. Paulo*. Opinião, 29 ago. 2015, A2.

- FAZENDO UMA PERGUNTA RETÓRICA

Exemplo 1:

*Na sua maior parte, os usuários de drogas ilícitas estabelecem padrões de consumo que os caracterizam como usuários ocasionais ou recreacionais, a exemplo do que se observa com o álcool e com outras drogas legalizadas. Apenas uma minoria se torna dependente. Para quem se torna dependente, seja a droga lícita ou ilícita, as consequências são desastrosas e o sofrimento é intenso. Mas a empatia que temos com o sofrimento do dependente e de seus familiares e a nossa preocupação com o fato de existirem pessoas envolvidas com drogas não nos autorizam a considerar todo o usuário um dependente. [...]*

***A dependência de drogas não se resolve por decreto. As medidas totalitárias promovem um alívio passageiro, como um “barato” que entorpece a realidade. Porém, passado o seu efeito imediato, etéreo e fugidio, surge a realidade, com sua intensidade avassaladora...***

***Assim, qual seria a lógica para fundamentar a retirada dos usuários das ruas, impondo-lhes internação compulsória?***

Fonte: XAVIER DA SILVEIRA, Dartiu. “Dependência não se resolve por decreto”. Folha de S. Paulo. Opinião, 25 de jun. 2011.

## Apêndice 10 – Proposta de Intervenção – Parte 1



## AULA 08

**ASSUNTO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Leia com atenção o texto abaixo e ajude o candidato a fazer a proposta de intervenção

Maria Fernanda Gurgel – Ceará

*Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, há 45 milhões de indivíduos portadores de alguma deficiência no País. Apesar do amplo contingente populacional e dos avanços nos direitos dessa camada da sociedade, esses brasileiros não dispõem de uma inclusão educacional plena, sobretudo os surdos. Esse cenário desafiador demanda a adoção de medidas mais eficientes por parte do Poder Público e de instituições formadoras de opinião a fim de garantir uma melhor qualidade de vida aos deficientes auditivos.*

*De fato, o acesso à educação pelos indivíduos surdos é assegurado pela Constituição de 1988 e pelo mais recente Estatuto da Pessoa com Deficiência. No Brasil, entretanto, há uma discrepância entre o que é defendido por tais instrumentos jurídicos e a realidade excludente vivida por essa população. Esses indivíduos sofrem, diariamente, com a escassez de materiais didáticos adaptados e com a insuficiente formação de profissionais, que, muitas vezes, são incapazes de oferecer uma educação em Libras. Além disso, grande parte dos brasileiros desconhece tais legislações, o que dificulta a inclusão plena dos deficientes auditivos e evidencia uma atuação negligente do Estado.*

*Ademais, de acordo com o pensador Vygotsky, o indivíduo é fortemente influenciado pelo meio em que está inserido, o que ressalta a importância de certos setores da sociedade, a exemplo de famílias e escolas, na formação cidadã dos brasileiros. Mesmo com essa ampla relevância, diante da persistência de atos discriminatórios contra os surdos no âmbito escolar, como a recusa de matrícula, a segregação em turmas especiais e o bullying, fica evidente o desrespeito que tipifica como crime qualquer comportamento intolerante contra os portadores de necessidades especiais, incluindo os surdos.*

<b>Quem?</b>	
<b>O quê?</b>	
<b>Como?</b>	
<b>Para quê?</b>	
<b>Detalhamento</b>	

Maria Juliana Bezerra Costa – Ceará

*Em razão de seu caráter excessivamente militarizado, a sociedade que constituía a cidade de Esparta, na Grécia Antiga, mostrou-se extremamente intolerante com deficiências corpóreas ao longo da história, tornando constante inclusive o assassinato de bebês que as apresentassem, por exemplo. Passados mais de dois mil anos dessa prática tenebrosa, ainda é deploravelmente perceptível, sobretudo em países subdesenvolvidos como o Brasil, a existência de atos preconceituosos perpetrados contra essa parcela da sociedade, que são o motivo primordial para que se perpetue como difícil a escolarização plena de deficientes auditivos. Esse panorama nefasto suscita ações mais efetivas tanto do Poder Público quando das instituições formadoras de opinião, com o escopo de mitigar os diversos empecilhos postos frente à educação dessa parcela social.*

*É indubitável, de fato, que muitos avanços já foram conquistados no que tange à efetivação dos direitos constitucionais garantidos aos surdos brasileiros. Pode-se mencionar, por exemplo a classificação da Libras - Língua Brasileira de Sinais- como segundo idioma oficial da nação em 2002, a existência de escolas especiais para surdos no território do Brasil e as iniciativas privadas que incluem esses cidadãos como partícipes de eventos - como no caso da plataforma do Youtube Educação, cujas aulas sempre apresentam um profissional que traduz a fala de um professor para a língua de sinais. Apenas medidas flagrantemente pontuais como essas, contudo, são incapazes de tornar a educação de surdos efetiva e acessível a todos que necessitam dela, visto que não só a maioria dos centros educacionais está mal distribuída no país, mas também a disponibilidade de professores específicos ainda é escassa, além da linguagem de sinais ainda ser desconhecida por grande parte dos brasileiros.*

*No que tange à sociedade civil, nota-se a existência de comportamentos e ideologias altamente preconceituosas contra os surdos brasileiros. A título de ilustração, é comum que pais de estudantes ditos "normais" dificultem o ingresso de alunos portadores de deficiência auditiva em classes não específicas a eles, alegando que tal parcela tornará o "ritmo" da aula mais lento; que colegas de sala difundam piadas e atitudes maldosas e que empresas os considerem inaptos à comunicação com outros funcionários. Essas atitudes deploravelmente constantes no Brasil ratificam a máxima atribuída ao filósofo Voltaire: "os preconceitos são a vazão dos imbecis".*

<b>Quem?</b>	
<b>O quê?</b>	
<b>Como?</b>	
<b>Para quê?</b>	
<b>Detalhamento</b>	

## Apêndice 11 – Proposta de intervenção – Parte 2



## AULA 09

**ASSUNTO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

*“O quinto aspecto a ser avaliado no seu texto é a apresentação de uma proposta de intervenção para o problema abordado. Por isso, a sua redação deve apresentar uma tese sobre o tema, apoiada em argumentos consistentes, e uma proposta de intervenção para o problema abordado. Considerando seu planejamento de escrita, ou seja, seu projeto de texto (avaliado na Competência 3), sua proposta deve ser coerente em relação à tese desenvolvida no texto e aos argumentos utilizados, já que expressa sua visão, como autor, das possíveis soluções para a questão discutida. Além disso, é necessário, ao idealizar sua proposta de intervenção, respeitar os direitos humanos, ou seja, não romper com os valores de cidadania, liberdade, solidariedade e diversidade cultural.”*

*Cartilha do Participante, Enem 2018, p.24*

1) **Consegue identificar neste texto os 5 elementos importantes para a proposta de intervenção, avaliada na competência V do Enem?**

Quem?	
O quê?	
Como?	
Para quê?	
Detalhamento	

Maria Fernanda Gurgel – Ceará

*Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, há 45 milhões de indivíduos portadores de alguma deficiência no País. Apesar do amplo contingente populacional e dos avanços nos direitos dessa camada da sociedade, esses brasileiros não dispõem de uma inclusão educacional plena, sobretudo os surdos. Esse cenário desafiador demanda a adoção de medidas mais eficientes por parte do Poder Público e de instituições formadoras de opinião a fim de garantir uma melhor qualidade de vida aos deficientes auditivos.*

*De fato, o acesso à educação pelos indivíduos surdos é assegurado pela Constituição de 1988 e pelo mais recente Estatuto da Pessoa com Deficiência. No Brasil, entretanto, há uma discrepância entre o que é defendido por tais instrumentos jurídicos e a realidade excludente vivida por essa população. Esses indivíduos sofrem, diariamente, com a escassez de materiais didáticos adaptados e com a insuficiente formação de profissionais, que, muitas vezes, são incapazes de oferecer uma educação em Libras. Além disso, grande*

parte dos brasileiros desconhece tais legislações, o que dificulta a inclusão plena dos deficientes auditivos e evidencia uma atuação negligente do Estado.

Ademais, de acordo com o pensador Vygotsky, o indivíduo é fortemente influenciado pelo meio em que está inserido, o que ressalta a importância de certos setores da sociedade, a exemplo de famílias e escolas, na formação cidadã dos brasileiros. Mesmo com essa ampla relevância, diante da persistência de atos discriminatórios contra os surdos no âmbito escolar, como a recusa de matrícula, a segregação em turmas especiais e o bullying, fica evidente o desrespeito que tipifica como crime qualquer comportamento intolerante contra os portadores de necessidades especiais, incluindo os surdos.

Portanto, a fim de garantir a devida formação educacional dos deficientes auditivos, cabe ao Poder Público, por meio da destinação de mais recursos ao Instituto Nacional de Educação de Surdos, garantir uma melhor capacitação dos professores e uma maior disponibilização de materiais adaptados, além de promover informes educativos, mediante as redes sociais, sobre a existência do Estatuto da Pessoa com Deficiência. Ademais, cabe às escolas garantir, por meio de palestras para os pais de alunos, o devido incentivo de amplos diálogos entre os membros do núcleo familiar, possibilitando uma reflexão quanto ao respeito às diferenças no âmbito domiciliar desde a infância.

Maria Juliana Bezerra Costa – Ceará

Quem?	
O quê?	
Como?	
Para quê?	
Detalhamento	

Em razão de seu caráter excessivamente militarizado, a sociedade que constituía a cidade de Esparta, na Grécia Antiga, mostrou-se extremamente intolerante com deficiências corpóreas ao longo da história, tornando constante inclusive o assassinato de bebês que as apresentassem, por exemplo. Passados mais de dois mil anos dessa prática tenebrosa, ainda é deploravelmente perceptível, sobretudo em países subdesenvolvidos como o Brasil, a existência de atos preconceituosos perpetrados contra essa parcela da sociedade, que são o motivo primordial para que se perpetue como difícil a escolarização plena de deficientes auditivos. Esse panorama nefasto suscita ações mais efetivas tanto do Poder Público quando das instituições formadoras de opinião, com o escopo de mitigar os diversos empecilhos postos frente à educação dessa parcela social.

É indubitável, de fato, que muitos avanços já foram conquistados no que tange à efetivação dos direitos constitucionais garantidos aos surdos brasileiros. Pode-se mencionar, por exemplo a classificação da Libras - Língua Brasileira de Sinais- como segundo idioma oficial da nação em 2002, a existência de escolas especiais para surdos no território do Brasil e as iniciativas privadas que incluem esses cidadãos como partícipes de eventos - como no caso da plataforma do Youtube Educação, cujas aulas sempre apresentam um profissional que traduz a fala de um professor para a língua de sinais. Apenas medidas flagrantemente pontuais como essas, contudo, são incapazes de tornar a educação de surdos efetiva e acessível a todos que necessitam dela, visto que não só a maioria dos centros educacionais está mal distribuída no país, mas também a disponibilidade de professores

*específicos ainda é escassa, além da linguagem de sinais ainda ser desconhecida por grande parte dos brasileiros.*

*No que tange à sociedade civil, nota-se a existência de comportamentos e ideologias altamente preconceituosas contra os surdos brasileiros. A título de ilustração, é comum que pais de estudantes ditos "normais" dificultem o ingresso de alunos portadores de deficiência auditiva em classes não específicas a eles, alegando que tal parcela tornará o "ritmo" da aula mais lento; que colegas de sala difundam piadas e atitudes maldosas e que empresas os considerem inaptos à comunicação com outros funcionários. Essas atitudes deploravelmente constantes no Brasil ratificam a máxima atribuída ao filósofo Voltaire: "os preconceitos são a vazão dos imbecis".*

*Urge, pois, a fim de tornar atitudes intolerantes restritas à história de Esparta, que o Estado construa mais escolas para deficientes auditivos em municípios mais afastados de grandes centros e promova cursos de Libras a professores da rede pública - por meio da ampliação de verbas destinadas ao Ministério da Educação e da realização de palestras com especialistas na educação de surdos -, em prol de tornar a formação educacional deles mais fácil e mais inclusiva. Outrossim, é mister que instituições formadoras de opinião - como escolas, universidades e famílias socialmente engajadas - promovam debates amplos e constantes acerca da importância de garantir o respeito e a igualdade de oportunidades a essa parcela social, a partir de diálogos nos lares, de seminários e de feiras culturais em ambientes educacionais. Assim, reduzir-se-ão os empecilhos existentes hoje em relação à educação de surdos na Nação e formar-se-ão cidadãos mais aptos à empreender a necessidade de respeito a eles, afinal, segundo o filósofo Immanuel Kant: "O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele".*

## **2) Agora, tente identificar os 4 elementos da proposta de intervenção e mais o detalhamento:**

*Na antiga pólis de Esparta, havia a prática da eugenia, ou seja, a segregação dos denominados "imperfeitos", como, por exemplo, os deficientes. Passados 2000 anos, o preconceito contra esse grupo ainda prevalece socialmente e afeta, principalmente, a área da educação. Nesse contexto, os surdos são grandes vítimas da exclusão no processo de formação educacional, o que traz desafios e a busca por autonomia e pela participação de pessoas com essa deficiência no espaço escolar brasileiro.*

*Para o filósofo francês Voltaire, a lei essencial para a prática da igualdade é a tolerância. Porém, nas escolas, onde as diferenças aparecem, essa característica não se concretiza. Nesse ambiente, a surdez se torna motivo para discriminação e para o bullying, contrariando o objetivo da educação de elevar e emancipar o indivíduo, como defende o sociólogo Paulo Freire, idealizador da educação brasileira. Dessa forma, os surdos, segregados, encontram um alicerce frágil, para alcançar o desenvolvimento de seus talentos e habilidades. Além disso, nota-se que as instituições escolares não oferecem suporte adequado para os deficientes auditivos.*

*Com isso, a independência e a participação desses indivíduos são comprometidas, o que acentua as desigualdades. Essa ideia se torna paradoxal quando comparada à Declaração Universal dos Direitos Humanos e à Constituição Federal (1988), documentos de alta hierarquia, comprovando a necessidade de incluir e assistir a população surda nos processos educacionais brasileiros.*

*Portanto, conclui-se que deve-se tomar medidas que incluam os surdos na educação, assegurando o desenvolvimento desse grupo. As escolas devem, então, promover a*

*assistência a esses deficientes, por meio da disponibilização de voluntários que dominem a linguagem de Libras, principal forma de comunicação da população surda, com o objetivo de inserir as pessoas com essa deficiência nas salas de aula, facilitando também o aprendizado. A mídia deve, ainda, mostrar, com exemplos, a igualdade que deve prevalecer no ambiente escolar, acabando com o preconceito e com o bullying. Com essas medidas, a eugenia social será minimizada e os deficientes auditivos serão incluídos nos processos educacionais brasileiro.*